

Ana Sóh
Elissande Tenebrarh

DISSOLUTO

*“Ele estava preso entre o céu e o inferno,
e somente ela poderia libertá-lo.”*





Dissoluto

ANA SÓH E ELISSANDE TENEBRARH

Dissoluto

Capa: Dri K. K.

Revisão: Deborah A. A. Ratton

Diagramação Digital: Kacau Tiamo

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

Antes de iniciar a leitura é necessário dizer que para escrever o livro as autoras elaboraram uma pesquisa sobre o assunto, tendo ainda ajuda de profissionais para compreender melhor sobre Millicent.

Este é o primeiro livro da trilogia The Underwood's, sendo a primeira parte da história de Millicent e Savi. O próximo livro intitulado Dissoluto-Para sempre, será lançando em breve.

Sem mais delongas, nós, Ana e Elissande, desejamos a você uma ótima leitura.

Um menino de angústia, agora, ele é um homem de alma

Negociado em sua miséria para a vida solitária da estrada

Moving On-Asking Alexandria

SUMÁRIO

[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Quatorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesseis](#)
[Capítulo Dezesete](#)
[Capítulo Dezoito](#)
[Capítulo Dezenove](#)
[Capítulo Vinte](#)
[Capítulo Vinte e Um](#)
[Capítulo Vinte e Dois](#)
[Capítulo Vinte e Três](#)
[Capítulo Vinte e Quatro](#)
[Capítulo Vinte e Cinco](#)
[Capítulo Vinte e Seis](#)
[Capítulo Vinte e Sete](#)
[Capítulo Vinte e Oito](#)
[Capítulo Vinte e Nove](#)
[Capítulo Trinta](#)
[Capítulo Trinta e Um](#)
[Capítulo Trinta e Dois](#)
[Capítulo Trinta e Três](#)
[Capítulo Trinta e Quatro](#)
[AS AUTORAS](#)

Capítulo Um

Os gritos e as comemorações em volta das mesas de jogos encham meus ouvidos de maneira instantânea assim que coloco os pés no The Underwood's. Senti falta disso, da agitação desse lugar. Há uma energia aqui, que me move e me incita; isso é bom.

Percorro a fila de jovens que esperam por sua vez para apostar nas roletas e sigo para uma porta à direita, onde posso ter um pouco de tranquilidade. Sinto os olhares e sussurros às minhas costas, provavelmente estão curiosos a respeito de mim. É sempre dessa forma. Já estou acostumado com isso, então não me importo, apenas ignoro.

Assim que entro no minúsculo escritório sem janelas, encontro Ethan com sua aparência impecável, exibindo uma camisa engomada e um penteado à base de gel. Ele está sentado atrás da mesa abarrotada de papéis, muitos dos quais não faço a mínima ideia do que sejam.

Não posso deixar de rir com a visão diante de mim. Porra! Nós realmente somos irmãos? Às vezes, em momentos como este, pergunto-me como podemos ser tão diferentes um do outro, mas na verdade a resposta está diante de meus olhos: Ethan é a cópia perfeita de nossa mãe, conservador, reservado e tímido. Eu, o filho mais velho, sou bem diferente; já fui corrompido pelo mundo e todas essas coisas que dizem de um cara como eu.

— Sua excursão finalmente acabou? — Ethan pergunta, mal tirando os olhos do documento que tem em mãos.

— Espero que esteja perguntando por ter sentido saudades — respondo, jogando-me no velho sofá amarelo que está ao lado de um armário. Puxo um cigarro do bolso da jaqueta e levo aos lábios, sempre seguido pelo olhar inquisidor de meu irmão mais novo. Acendo-o com o isqueiro de prata que recebi de Morgan e inspiro uma grande tragada. O efeito é imediato. Sinto todos os pensamentos se aquietarem, automaticamente, em meu cérebro, liberando uma sensação de tranquilidade.

— Como eles estão?

Com o cigarro preso entre os dedos, fito Ethan através da fumaça.

— Mamãe tem passado horas no abrigo e fez amizade com uma nova vizinha ortodoxa. — Deleito-me com mais algumas tragadas, enquanto penso se continuo a falar sobre o que vi. — Morgan quer vender a casa.

Ele deixa o papel sobre a mesa e arregala os olhos em minha direção.

— Ele o quê?

Dou de ombros.

— Nós brigamos. Parece que o velho não se deu conta de que não está sozinho. Mamãe me

contou que ele a está pressionando para que deixe as meninas. Ele pretende morar no campo — explico, jogando o que restou do cigarro na lixeira ao lado.

Ethan solta um suspiro e passa a mão pelo rosto. Está nervoso e irritado, exatamente como eu.

— Não entendo por que você insiste em chamar nosso pai pelo nome — expressa com um olhar perdido.

Sinto um nó na garganta.

— Você sabe o motivo — recordo-o entre dentes.

Meu irmão levanta de sua cadeira e caminha até onde estou, parando em minha frente de braços cruzados.

— As coisas... o passado não é importante, Savi — ele começa, e eu me coloco de pé rapidamente, encobrindo-o com meu tamanho.

Eu o encaro, meu corpo tremendo.

— Não seja um filho da puta, Ethan! Não quero ouvir seus conselhos sobre minha vida — rosno próximo ao rosto dele. Não posso abrir espaço para que ele venha com suas ponderações e pesares. Não há mais tempo para isso.

Vejo uma gota de suor escorrer pela testa de Ethan e percebo que fiz novamente. Eu o afugentei. Controlo minha raiva e dou um passo para trás, afastando-me dele.

— Você foi convidado para almoçar com a mamãe no próximo domingo — conto, procurando uma rota de fuga para a situação.

Felizmente meu irmão tem o bom senso que não tenho, pois logo recupera sua compostura e, com um gesto sutil, seca o suor do rosto.

— Liguei para ela hoje à noite — diz, caminhando até a mesa, retirando um envelope pardo de dentro de uma pasta.

Ele me entrega, e eu olho para o objeto em minhas mãos sem compreender.

— É o perfil da nova garçonete — explica. Eu continuo olhando para o envelope ceticamente, e ele continua. — Nós conversamos sobre isso na semana passada. Depois da saída de Loren, precisávamos de outra mulher no lugar dela.

— Ah, sim. Mais um problema de reposição de pessoal. — Empurro o envelope de volta para ele.

— Não vai olhar? — ele pergunta franzindo a testa, como se o fato de eu não analisar se a mulher sabe ou não equilibrar uma bandeja fosse realmente importante.

— Confio na sua escolha. — Sorrio debochado.

Ethan se exaspera e joga o envelope sobre a mesa.

— Eu não posso fazer isso sozinho, Savi — ele reclama. — Fico trancado o dia todo nesse

maldito escritório, enquanto você... O que você faz mesmo?

— Cale essa boca, Ethan — falo devagar, pois não quero começar uma briga.

Ele solta uma gargalhada irônica, que nunca ouvi antes. O que está acontecendo com esse idiota?

— É fácil se esconder atrás do passado, não é?! — grita.

É demais. Se eu não deixar essa sala neste momento, irei socá-lo e não lembrarei, sequer um segundo, que temos o mesmo sangue.

Dou as costas a Ethan e vou até a porta.

— Você não pode simplesmente fugir de suas responsabilidades, irmão. — Ouço a voz dele atrás de mim, mas não respondo.

Deixo o escritório e entro no frenesi do bar. A música está alta, e as pessoas estão espalhadas por todo o salão, segurando seus copos de cerveja e uísque. Uma mulher ruiva, de vestido preto e curto, aproxima-se de mim, seus lábios vermelhos curvados em um sorriso sedutor.

— Gostei das tatuagens — ela grita em meu ouvido. O cheiro de álcool é forte e me faz pensar no quanto ela bebeu.

Examino seu corpo de cima a baixo, notando as curvas perfeitas e as coxas torneadas. O salto alto chama minha atenção; é algo que muito me excita.

Sorrio para ela.

— Posso apresentar você a cada uma delas — falo, já a segurando pela cintura fina, atraindo-a para mais perto do meu corpo. Ela joga a cabeça para trás e ri, seus cabelos se espalhando nos ombros como um mar de fogo.

— Podemos começar nossa exploração? — A ruiva lambe os lábios e olha para baixo, diretamente para minha virilha.

Caralho! Ela é direta. E é exatamente assim que gosto. Já posso imaginar todas as formas como irei fodê-la. Quem imaginaria que a noite iria terminar tão bem?

Pego-a pela mão e começo a arrastá-la por entre as pessoas. Há um quarto nos fundos do bar, onde poderei ter horas agradáveis com ela sem que sejamos interrompidos.

O lugar está lotado, pois é sábado, dia de maior movimento. Por isso, preciso empurrar algumas pessoas para conseguir passar pela multidão. Ela continua me seguindo, tropeçando em algumas cadeiras.

Quando estou próximo das mesas de bilhar, sou obrigado a desviar de um garoto bêbado que se debruça sobre uma cadeira, suas pernas mal o suportando. Sorrio com a imagem. Já fui como ele. Quando era muito jovem, a primeira vez em que bebi em uma festa, eu me senti tão mal que pensei ter vomitado até meu estômago. A sorte do garoto, e a minha, é que no dia seguinte tudo passa.

— Vá com calma! — a mulher berra ao meu lado, prendendo os pés ao chão.

Eu paro também e me volto para ela no exato momento em que alguém entra em minha frente. Sem poder evitar, acabo colidindo com uma menina, que cai de joelhos no chão. A bandeja com bebidas que ela carregava se espalha no chão, causando um barulho estridente. Os copos se estilhaçam pelo piso, jogando bebida para todos os lados. A garota, ainda de joelhos, começa a juntar os cacos de vidro e os colocar sobre a bandeja.

— Alguém virá ajudá-la — eu grito. — Está machucada? — pergunto no mesmo tom.

Ela não olha para mim, continua concentrada no que está fazendo. Percebo pequenas gotas de sangue em suas mãos, que tremem freneticamente.

— Olhe para mim! — grito mais alto ainda, pois talvez ela não esteja me ouvindo. Porém a garota não dá sinais de resposta; provavelmente, a música alta a impede de me ouvir.

Irritado por ter sido interrompido e por ter colidido com essa garçonete, coloco minha mão sobre seu ombro.

— Não me faça de idiota, menina! — falo.

Ao sentir meu toque, ela finalmente olha para cima e, então, encontro um par de olhos azuis fitando-me assustados.

Inferno! Ela não é uma menina. É uma mulher. Muito bela.

— Savi! O que está acontecendo aqui? — Ouço a voz de Ethan e percebo que ele está a alguns passos de distância. Ao ver a mulher caída no chão, meu irmão corre até ela. — Millie! — Ele a segura pela cintura e a ajuda a ficar de pé.

A mulher está assustada nos braços de Ethan, olhando para todos os lados, como se estivesse perdida.

— O que você fez a ela? — Vejo a fúria nos olhos dele, o que é realmente estranho.

— Esbarramos um no outro — respondo sem me importar.

Várias pessoas deixaram de jogar a agora estão nos encarando, alguns chegando mais perto para ouvir o teor da conversa.

—Você está bem, Millie? — Ethan pergunta à loura, segurando seu rosto, para que o olhe diretamente.

A garota apenas chacoalha a cabeça concordando.

— Ela não sofreu dano algum — contesto.

— Fique longe dela, Savi. Não encoste um único dedo em Millie — Ethan adverte e conduz a garçonete para fora da multidão.

Fico parado, tentando entender tudo o que aconteceu. Procuro pela mulher ruiva e percebo que ela já não está mais aqui. Sem saber muito bem o que fazer, saio do bar por uma porta lateral, diretamente para um beco.

Subo em minha moto e prendo o capacete na cabeça. Em poucos minutos, estou seguindo pelas ruas de Seattle.

Capítulo Dois

Tento, em vão, concentrar-me em meu próprio rosto refletido no espelho embaçado. Como sempre, esperava que um banho fosse melhorar meu aspecto, aliviar o mal-estar. Dessa vez, eu estava totalmente enganado. Minha cabeça está a ponto de explodir e somente a claridade da luz do sol que entra pela janela é capaz de fritar meu cérebro. Arrasto-me até a cozinha, apertando a toalha em volta da minha cintura. Abro a geladeira, procurando desesperadamente por alguma coisa para comer. Apesar de saber quais seriam as consequências de beber em jejum, parece que fui idiota o suficiente para não comer ontem à noite, enquanto estava me divertindo com a morena atraente.

Como é o nome dela mesmo? Sheyla? Lauren?

Minha cabeça lateja com o esforço por recordar o nome da mulher, mas isso não é relevante. Algo que não posso esquecer é o belo corpo do qual me aproveitei muito. Ela era boa. Ficava deliciosa de joelhos em minha frente enquanto me chupava.

Solto um gemido de frustração.

Se eu não tivesse ficado tão bêbado, poderia lembrar algo mais do que a cor de seus cabelos. *Mas qual o problema nisso?* Mulheres como ela sabem exatamente o que querem, compreendem que é apenas sexo casual e que, na manhã seguinte, não encontrarão ao seu lado o homem com quem foderam. Esta é a regra. Pego um prato de macarrão, coloco no micro-ondas e me apoio ao balcão, esperando a comida ficar pronta.

Tive muita sorte em entrar naquele clube de *stripers* na noite passada. Isso depois de atravessar a cidade procurando por algo que não fazia ideia do que era. Talvez eu precisasse apenas transar, extravasar a raiva acumulada em meu corpo.

Ethan foi um idiota fodido. Meu irmão mais novo, com seu jeito extremamente correto, sempre consegue me irritar. Tomamos conta do The Underwood's há três anos. Dirigir uma casa noturna não é o que eu gostaria, mas isso se tornou uma obrigação quando Morgan decretou que Ethan e eu deveríamos assumir os negócios. Ele sempre soube que minha vida era outra, mas, com toda sua autoridade e ignorância, conseguiu me fazer deixar tudo para trás com o intuito de honrar o negócio da família. Para meu irmão, foi a realização de um sonho; para mim, uma queda ao inferno.

Tenho vivido no inferno há anos, mais precisamente, nove anos. Morgan, desde a noite em que tudo aconteceu, jamais foi o mesmo. Ninguém, nunca mais, foi o mesmo.

O micro-ondas apita e eu retiro a tigela com o macarrão. Vou para o sofá e ligo a TV. Começo a comer, enquanto assisto a um jogo do Seahawks.

Quando *aquilo* ainda não havia acontecido, minha família se reunia para assistir aos jogos do

Seattle. Minha mãe cozinhava para todos nós e depois se sentava ao meu lado, comentando cada detalhe imperceptível para a maioria das outras pessoas, mas que, para uma pessoa detalhista como ela, era fundamental. Normalmente eu acabava brigando com Ethan, porque sempre o considerei um inútil. Mesmo com os desentendimentos, porém, era um tempo bom.

Um tempo que jamais voltará.

Assim que termino de comer, desligo a TV e volto para o quarto. Confiro a hora no celular e vejo que, dentro de uma hora, o bar irá abrir. Visto-me rapidamente, pego a chave da moto e o capacete. Hoje quero estar lá antes do chato do meu irmão caçula.

Chego à frente do bar e estaciono minha amada *Melody* — uma *Harley Davidson* que comprei há alguns anos atrás — ao lado de uma bicicleta rosa, com um cesto branco, que parece ter saído diretamente dos anos 80.

Balanço a cabeça e bufo. Minha vida anda uma droga, irrita-me com facilidade e, às vezes, nem eu mesmo me suporto.

Com passos largos, entro no bar e, para minha sorte, está tudo calmo. Apenas uma música dos Guns N' Roses, *Patience*, toca ao fundo e, por algum motivo, certa paz me atinge. Caminho até o balcão e cumprimento Lorenzo, um de nossos funcionários.

— E aí, chefe! — cumprimenta animado.

— Oi, Lorenzo — digo, desanimado.

— Hum... Estou vendo que hoje não é um de seus melhores dias — diz enquanto coloca algumas bebidas no freezer.

— Estou com uma dor de cabeça dos infernos! — reclamo e ele sorri.

— A noitada foi boa então... — Solta uma gargalhada, fazendo-me sorrir fraco.

— Digamos que foi interessante. — Pisco e dou a volta no balcão. Pego uma cerveja gelada e, quando dou meia-volta, esbarro em alguém.

— *Desculpa!* — digo apressadamente. Logo a reconheço. É a garota que derrubou a bandeja no chão ontem à noite, enquanto eu tentava sair com aquela ruiva gostosa. Esse ser simplesmente estragou meus planos.

A garota mal me olha, muito menos me cumprimenta. Depois pega um pano e sai em direção às mesas.

— Essa garota tem problema? — pergunto indignado. Lorenzo para imediatamente o que estava fazendo e me olha com a testa franzida.

— Sim, ela tem. O Ethan não te contou? — pergunta.

— Contou o quê? — Encaro-o.

— Espero não perder o emprego... — resmunga baixo e se debruça no balcão. — Ela é muda.

— O quê?! — Quase me engasgo com a cerveja.

— Muda. Mudinha. Mas, pelo pouco que sei, não é de nascença. Parece que ficou assim na infância — cochicha.

— O Ethan só pode estar louco! — rosno e sinto minha cabeça latejar novamente.

— Millicent é uma boa moça, Savi. Inteligente, prestativa... Por incrível que pareça, está dando conta disso tudo. Fazia tempo que eu não tinha uma ajudante tão eficiente. — Lorenzo pega a caixa de bebidas, que agora está vazia, e sai de trás do balcão. — Vou levar isso aqui para o depósito — diz e caminha em direção à porta dos fundos.

Com a garrafa de cerveja nas mãos, viro a banquetta para observar a tal Millicent, mas, para a minha surpresa, ela já não está mais limpando as mesas. Não está mais ali. Franzo a testa e, quando endireito meu banco para frente, Millicent surge ao meu lado, pegando-me de surpresa. Sem expressar reação alguma, ela tira a garrafa de cerveja da minha mão, coloca um copo de água a minha frente e, ao lado, um comprimido branco.

Devo estar com uma cara de babaca, pois fico sem entender nada. Perguntar não vai adiantar, porque a garota simplesmente não fala.

— É para você tomar o remédio — a voz calma de meu irmão invade o ambiente.

Millicent dá um passo para trás, enquanto Ethan fica ao meu lado e dá tapinhas em meu ombro.

— Você está com uma cara péssima, irmão. Millie quer que você tome esse remédio e fique melhor.

Penso durante alguns segundos e encaro-o. — Desde quando você entende de pessoas mudas? — abaixo o tom de minha voz para que ela não me escute.

— Tome esse remédio de uma vez e vamos conversar lá dentro — Ethan responde brandamente e sai caminhando em direção ao escritório.

Para que a garota não perceba a tensão, relutantemente, coloco o comprimido dentro da boca e, com um único gole de água, engulo-o. Em seguida, aceno com a cabeça agradecendo o remédio. Millicent apenas me encara e depois sai dali rapidamente, deixando-me ainda mais confuso. Respiro fundo e vou direto para o escritório. Preciso ter uma conversa séria com meu irmão.

— Você perdeu seu maldito juízo? — pergunto assim que entro no pequeno escritório.

Ethan levanta o olhar e solta os papéis que, até então, estava lendo. Logo se ajeita em sua cadeira giratória, parecendo inquieto.

— Como? — pergunta simplesmente.

— Por que você não me contou que contratou uma funcionária muda? Aliás, por que você

contratou uma funcionária muda? — Aproximo-me da mesa.

— Ah, Savi... — Ele balança a cabeça negativamente. — Você e sua mania de ignorar tudo ao seu redor.

Franzo a testa e me apoio sobre a mesa.

— Do que exatamente você está falando? — minha voz sai rouca.

— Ontem, eu tentei te contar sobre Millicent. Você apenas ignorou e disse que confiava em mim para escolher os funcionários do bar. Você nem quis ler o currículo dela quando tentei te mostrar. Você é um desinteressado! — diz com um olhar sinistro.

Eu não me abalo. Abaixo o tronco e aproximo meu rosto ao dele.

— Vá para o inferno, Ethan! Eu nunca quis cuidar dessa merda toda.

— Então por que está tão preocupado com a Millie? — pergunta, pegando-me de surpresa.

— Não estou preocupado com essa garota, eu nem a conheço! — respondo, batendo as mãos na mesa, para extravasar a raiva.

— Então me explique — Ethan pede.

— Ela é apenas uma garota, Ethan. Uma garota muda. MUDA! — aumento a voz. Respiro fundo e encaro-o. — Aqui está sempre cheio de marmanjos... Como ela vai trabalhar sem poder falar? E se alguém se aproveitar dela? Você já parou para pensar se... — Sou interrompido.

— Ah, já entendi. — Meu irmão fica em pé e sai de trás da mesa.

— Entendeu o quê? — pergunto.

Ethan cruza os braços sobre o peito e me encara. — Você está preocupado com o que aconteceu.

Por um instante, fico sem reação diante do que ele me diz.

— Ethan... — rosno, sentindo meu sangue ferver.

Nós nunca falamos do passado. Nas poucas vezes em que tentamos, brigamos feio. Eu não gosto de relembrar o meu maior pecado, mas Ethan tenta, de todas as formas, ajudar-me a superar. Eu não quero e nem preciso da ajuda de alguém. Não quero superar. Quero sentir a dor, pois isso é a única coisa que mereço nessa maldita vida.

— Não vai acontecer, Savi. Estou sempre de olho nela — diz.

— Isso não é o suficiente! — digo entre dentes.

— Ela precisa do emprego e nós precisamos de uma ajudante para o Lorenzo. Você está sendo ignorante e, se não parar, pensarão que você é uma merda de um preconceituoso — diz.

— Você sabe que eu não sou preconceituoso! — digo e ele concorda.

— Sim, eu sei. Na verdade, eu sei o real motivo para a sua reprovação, Savi. Mas as demais pessoas não sabem, e elas vão te julgar.

— Foda-se! Fodam-se todas elas! Eu não me importo! — Dou meia-volta e caminho em direção

à porta.

— Isso não é verdade, Savi. Se no fundo você realmente não se importasse, não teria vindo até aqui questionar a contratação de Millie.

Paro diante do que ele me diz, e as lembranças invadem minha cabeça. O silêncio é esmagador e a vontade que eu tenho é de quebrar esse bar inteiro, incluindo o idiota do meu irmão. Ethan sempre tenta ver tudo pelo lado bom. O problema é que eu não tenho esse lado. Eu simplesmente sou um abismo obscuro, profundo e sem volta.

Em silêncio, abro a porta e saio do escritório. Preciso sair daqui, preciso urgentemente sair de dentro dessa merda.

Com passos rápidos, saio do bar sem olhar para os lados. Preciso respirar.

Já do lado de fora, fumo três cigarros, um atrás do outro, só assim eu me acalmo. Minha vontade é subir em minha moto e sumir desse lugar, mas fiquei muitos dias afastado e sei — mesmo que muitas vezes Ethan não admita — que meu irmão precisa de ajuda.

Respiro fundo algumas vezes e balanço a cabeça. Hoje é domingo, teremos bastante movimento. É hora de deixar o drama de lado e cuidar dessa merda.

Antes de entrar no bar novamente, percebo que a dor de cabeça passou. Então me lembro do gesto da nova funcionária, de me dar um analgésico, e balanço a cabeça.

Seja o que Deus quiser... Se é que existe um.

Capítulo Três

O Lugar em que preciso ir fica fora da cidade e o percurso até lá dura quase uma hora. É o tempo necessário para que eu seja consumido por pensamentos os quais gostaria de evitar.

Durante a noite, antes que eu pudesse finalmente dormir, considerei o quanto Ethan está agindo errado. Sempre o considerei um idiota, sim, mas contratar aquela garota que mal compreende o que é dito o situa um nível acima em meus conceitos de idiotice.

Não, não tenho nada contra a pobre garota. Porém é óbvio que não é uma boa ideia mantê-la em um lugar cheio de homens desesperados para foder qualquer mulher que estiver pela frente, bêbados que mal sabem o caminho de casa. Filhos da puta!

Ela será uma presa vulnerável para eles, e nem mesmo Ethan será capaz de protegê-la.

Percebi ontem, enquanto meu irmão me dizia que ficaria tudo bem, que a garota era uma bomba-relógio jogada em nossos braços. É apenas uma questão de tempo até que algo inevitável aconteça. O problema é que já vi isso antes, já presenciei o quão terrível é.

O vento frio bate de encontro a meu peito e, mesmo com a grossa jaqueta de couro, sinto minha pele arder. Mas não é uma sensação ruim. É a pura liberdade.

Ultrapasso dois carros e acelero mais um pouco, passando pela ponte nos limites da cidade. À minha direita, em um conversível preto, uma morena de óculos escuros e seios enormes sorri para mim. Mesmo com o capacete, sorrio para ela, que se agita ao volante. Nossa breve interação acaba logo, assim que ela entra em um desvio à direita.

Eu continuo meu caminho, agora com minhas mãos congelando pelo frio cortante, que me castiga mesmo através das luvas.

Estaciono minha moto em frente a uma construção de pedras vermelhas. Tiro o capacete, as luvas, a jaqueta e deixo tudo junto de Melody.

Encaro o símbolo encrustado na entrada da casa, uma pena grande e branca, ao lado da palavra *Angel*, gravada em letras cursivas, exatamente como escolhi.

Sinto a velha sensação de aperto em meu peito. Sempre acontece quando venho aqui. Mas é preciso. É minha obrigação, eu devo estar aqui. Encontro minha mãe sentada em uma poltrona na recepção. Ela me vê, sorri e corre para meus braços.

— Você demorou — reclama ao se separar de mim. Suas mãos acariciam meu rosto e ajeitam meu cabelo. — Savi, você está com olheiras!

Sorrio, beijando seu rosto.

— Também senti saudades de você, mãe.

Caminho ao lado dela pelos corredores, enquanto várias crianças passam por nós correndo e rindo umas atrás das outras. Uma delas, uma menina de cabelos cacheados, para ao meu lado e arregala seus olhinhos para mim.

— Você é um gigante? — ela pergunta de boca aberta.

Ergo as sobrancelhas, divertindo-me.

— Na verdade, acho que você é uma anã — digo contendo um sorriso.

Ela franze a testa e nega com a cabeça.

— Não sou uma anã. Você é um gigante. Eu queria ser como você — ela diz, fazendo beicinho.

Olho para minha mãe, procurando consentimento e ela sorri concordando.

— Você gostaria de ser gigante também? — pergunto à menina.

Seus olhos se iluminam de repente.

— Eu posso?

— É claro. — Ajoelho-me em sua frente e minha mãe a coloca em meus ombros. — *Me dê suas mãos* — indico quando vejo que ela está tentando se segurar em meus cabelos. — Pronta?

— Sim! — grita ansiosa.

— Cuidado, Savi, acho melhor irmos para o parque, pois não quero que vocês se machuquem — minha mãe diz, preocupada com a garota e, pelo que sei, comigo também.

Levo a menina até o parque, onde outras crianças brincam penduradas nos balanços e gangorras. Todas elas olham fascinadas para a amiga trepada em meus ombros.

Paro debaixo de uma árvore de folhas pequenas, já avermelhadas devido ao outono.

— Eu alcanço as folhas! — A menina se estica, arrancando um punhado de folhas e jogando para o alto. Ouço sua risada, e isso me faz rir também. — Estou tão alta! — comemora batendo palmas.

Nosso passeio acaba quando minha mãe nos avisa que o lanche das crianças será servido. A menina desce de meus ombros diretamente para os braços de minha mãe, que, depois de um beijo estalado em seu rosto, faz com que ela corra para a cozinha.

— Beth é uma boa menina — ela diz, enquanto observamos a criança sumir junto às outras.

— Sim — concordo. — Como ela veio parar aqui? — questiono curioso.

Minha mãe suspira, ajeitando os óculos redondos no rosto. Ela ainda usa seus cabelos, agora grisalhos, presos em um coque no alto da cabeça, a saia social e suas sapatilhas. Continua a mesma, nada mudou desde que deixei sua casa, anos atrás.

— A mãe de Beth tinha problemas com a polícia. Foi presa várias vezes por transportar drogas pesadas. As duas moravam em um subúrbio em Vancouver, uma casa caindo aos pedaços, eu mesma fui até lá. — Tomou um momento, seus olhos ficando úmidos. — Beth era uma garotinha assustada,

estava escondida atrás do sofá, abraçada a uma almofada. Quanto à mãe, não voltava para casa há duas noites. Os vizinhos ouviram seu choro e ligaram para a polícia.

— E o pai da menina?

— Era violento com as duas. Quando chegou ao abrigo, Beth tinha marcas nas mãos e nas coxas, estava muito traumatizada. Mal nos deixava tocá-la — sua voz ficou fraca.

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago ao pensar em algo.

— Ela...? Ele a machucou de outras formas? — pergunto, porque preciso saber e, Deus, desejo que a resposta seja não.

Minha mãe segura minhas mãos, olhando para elas; suas lágrimas caindo em minha pele.

— Não aconteceu, filho. Deus não permitiu que esse monstro fizesse tal coisa — conta, e eu posso soltar o ar preso em meus pulmões. — Mas há muitas outras meninas que não tiveram tanta sorte, Savi. No último mês, recebemos mais três mulheres e entre elas há uma que eu quero que você conheça.

— A senhora sabe que eu não gosto de me envolver com os pacientes, mãe — contesto. Mal consigo olhar para essas mulheres e crianças sem que sinta vontade de arrancar meu próprio coração.

Um sorriso discreto desliza nos lábios de minha mãe, e ela me conduz para uma sala mais afastada. Paramos em frente a uma porta fechada e logo sei onde estamos.

Engulo em seco.

É claro que sei da existência desse lugar, eu mesmo liberei para que fosse construído, orientado por minha mãe. Mas nunca me permiti vir até aqui, ver com meus próprios olhos. Nunca tive coragem.

Dirijo um olhar duro à minha mãe e me viro para sair, mas ela me impede, suas mãos presas em meu braço.

— Por favor, Savi — pede, com a voz embargada.

Não suporto vê-la chorar, porém também não suportarei entrar nessa sala.

— Eu não posso. — Desvencilho-me de suas mãos e saio andando a passos rápidos pelo corredor sem olhar para trás.

Vou até a sala de livros, onde professoras voluntárias se dispõem a dar aulas às crianças e às mulheres que necessitam de algo para libertar sua mente. No início, achávamos que não haveria pessoas dispostas a ajudar, mas parece que o ser humano é capaz de nos surpreender. Fomos contemplados com algumas pessoas que se ofereceram para nos auxiliar, entre elas, a doutora Lúcia, uma psicóloga do Texas que oferece consultas, duas vezes na semana, às mulheres do abrigo.

Sento em um sofá amarelo, forrado de almofadas coloridas, onde as crianças podem assistir TV. Fico em silêncio, encarando os bichos de pelúcia espalhados pelo chão, até que percebo um

movimento em meu lado esquerdo.

— Oh, desculpe. Eu não o vi. — Uma menina, ainda muito jovem, está parada num dos extremos de uma mesa. Carrega dois livros de capa vermelha nos braços, mas o que realmente me chama a atenção é sua grande e saliente barriga arredondada.

— Não se preocupe. — Endireito-me no sofá, sentando corretamente, e meus olhos não se desviam da menina. — Eu me chamo Savi. Qual o seu nome? — pergunto, e ela fica em silêncio, suas mãos apertando nervosamente os livros. A maioria das mulheres que estão aqui é como ela, não vê um homem há meses e, quando vê, treme de medo. Pergunto-me como nós homens podemos nos tornar monstros dessa forma, a ponto de repelir seres tão próximos a nós.

— Mariah — a jovem conta por fim, seus olhos apavorados.

— Está há muito tempo aqui, Mariah?

Ela considera por um momento.

— Três meses. — Sua mão desce para a barriga. — Meu filho nascerá aqui — confia.

— Eu sinto muito.

Surpreendo-me ao vê-la sorrir.

— Eu o escolhi. Meu pequeno bebê mudará minha vida. — Seus dedos magros fazem círculos na barriga. — Disseram-me que eu poderia escolher não tê-lo, mas como eu poderia ser capaz de fazer isso? Ele é meu filho — diz emocionada.

Não sei o que responder. Fico feliz ao ver que mais duas mulheres entram na sala, indo diretamente até onde Mariah está, e aproveito a oportunidade para sair sem ser visto.

— Estas são as contas dos últimos quatro meses. — Minha mãe me entrega a pasta com os papéis. — Desculpe-me, Savi, mas eu realmente preciso fazer isso — ela diz pesarosa.

— Eu sei. — Encaro o conteúdo em minhas mãos e penso no que farei. As contas do abrigo superam o que eu tinha imaginado e, apesar de o bar apresentar bons lucros, não sei se serei capaz de cumprir com o que os credores cobram.

— Talvez... possamos conseguir mais tempo — pondera minha mãe.

— Eu vou dar um jeito — afirmo e sei que sim, farei o que for preciso.

Despeço-me de minha mãe, e ela beija meu rosto, dizendo — como sempre — que minha barba está cada vez maior, que devo cortá-la. Beijo seu rosto e digo que volto no próximo mês.

Respiro aliviado ao perceber que minha mãe não falou de Morgan. Foi algo que pedi duramente e, depois da milésima vez, ela respeitou meu pedido. Morgan é meu pai, e todos dizem que nos parecemos muito, mas isso não é verdade. Ele me abandonou na hora em que mais precisei, e eu não faria isso com um filho, por mais que eu mereça o pior de todos os sentimentos existentes.

Não tenho a mínima vontade de voltar para casa e, por isso, sigo para um píer que fica a oeste. Há um lago de pesca com diversos barcos à vela e eu estaciono minha moto próximo à grama. O dia nublado e as espessas nuvens sobre a água me deixam com um humor ainda pior. Ao que parece, simplesmente não consigo deixar os problemas para trás. O passado, a cada passo que dou, a cada lugar em que vou, retorna para meu assombrar. Pergunto-me se é assim que os castigos recaem sobre as pessoas, trazendo à tona o que de pior aconteceu, fazendo com que, a cada maldito dia, você se recorde do fato em uma sequência de pesadelos tão reais que doem em sua pele.

Alguns pássaros marinhos revoam sobre a água à minha frente. Passo a mão pelos cabelos e pelo rosto, procurando um alívio nem que seja momentâneo.

Sei que um homem adulto, com seus mais de vinte e oito anos, exatamente como eu, deve saber o que fazer e que caminho seguir. Então por que me sinto tão perdido?

Pego minha carteira de cigarros e, após fumar alguns, enquanto observo tudo ao meu redor, subo na moto e volto para casa. Hoje é segunda-feira, o único dia em que não abrimos o bar.

Capítulo Quatro

Ontem, quando cheguei a minha casa, tomei algumas doses de uísque até apagar. Acordei no meio da madrugada, após um pesadelo horrível que tive com as meninas que conheci no abrigo — Beth e Mariah. Pulei da cama, tomei um banho, mas não voltei a dormir. Meu maldito sono desapareceu, e eu vi — mais uma vez — o dia clarear. Após alguns resmungos e palavrões, decidi levantar e tomar café.

O futuro é apenas consequência de nossas ações do passado.

Gosto dessa frase, principalmente neste momento em que estou quebrando a cabeça, procurando alguma solução para resolver os problemas do abrigo. Sempre odiei dinheiro e status. Só em pensar que, devido a toda essa merda, o trabalho do abrigo corre risco de acabar, fico doente. Não fisicamente, mas de espírito, de alma; apesar de que minha alma perdi há muito tempo, desde que cometi o pior erro de minha vida. É por isso que devo e vou lutar pelo abrigo, nem que precise vender tudo o que tenho, e farei isso sem pensar duas vezes.

Quando termino de tomar meu café — forte e puro —, escuto batidas à minha porta. Ao abri-la, encontro Ethan, todo sorridente e animado, enquanto estou tendo uma merda de início de dia.

— O que você quer? — pergunto nada educado. Às vezes a alegria de Ethan me irrita.

— Bom dia para você também, maninho. — Sorri e entra.

— Só se for para você!

Ethan se vira para me encarar. — Bebeu de novo? — Franze a testa. — Isso precisa parar, Savi. — Pronto. Agora ele me chamou pelo nome e vai tentar bancar o irmão mais novo, porém mais correto, da família.

— Veio para me encher o saco? Porque hoje eu não acordei de bom humor e com muito saco para aguentar os seus sermões.

— E quando você levanta de bom humor? A última vez, que eu me lembre, faz mais de nove anos. — Ele cruza os braços.

— Ethan... — rosno e dou meia-volta, indo para o banheiro escovar os dentes.

— Savi, você precisa esquecer o passado definitivamente e seguir em frente, irmão. Até quando pretende viver seus dias amargamente?

Escovo os dentes e jogo água fria em meu rosto enquanto o ouço. Isso tem que acabar. Ethan precisa saber que viverei assim até o fim de minha vida, e não existe nada nem ninguém que possa fazer ou mudar algo. Eu errei e tenho que pagar. Eu preciso sentir a dor para lembrar o quanto pequei nessa vida.

— Savi, eu...

Abro a porta com força e empurro Ethan contra a parede do corredor, fazendo-o me encarar nos olhos.

— Cala essa boca! Cala essa maldita boca! — grito, e vejo que Ethan engole a seco.

— Savi, por favor, o que está acontecendo com você? — sua voz sai fraca, então percebo que ainda estou prensando-o contra a parede. Solto-o e dou um passo para trás.

— Desculpe... — digo e caminho até a sala. Acendo um cigarro e fico na janela, olhando tudo ao redor, mas sem prestar atenção em nada.

— É a Millie? É por isso que está bravo comigo? — sua pergunta me faz amaldiçoar-me. Eu não estou bravo com ele, e toda essa merda que estou vivendo não tem nada a ver com essa garota.

— Não tem nada a ver com ela, Ethan — respondo.

— Então diga o que está acontecendo com você! Pelo amor de Deus, Savi! Sou seu irmão, eu me preocupo com você. Quando você se dará conta disso?

Sinto um aperto no peito ao ouvi-lo. Eu adoro meu irmão caçula e daria a minha vida por ele. Mesmo que nesses últimos anos eu tenha me mantido afastado, sempre o amei e será assim para o resto de minha vida, por mais que eu não saiba demonstrar meu sentimento por Ethan.

— Ethan, é que... — Respiro fundo. Odeio falar sobre meus problemas.

— Sim? — ele me incentiva a continuar.

— É o abrigo. Estamos a ponto de fechar a única coisa que me mantém centrado. Se não arranjar o dinheiro até o fim deste mês, eu... — suspiro — eu não sei o que farei.

— Se quiser, posso te emprestar uma grana. Só me diga de quanto precisa, que...

— Isso não vai adiantar, Ethan — interrompo-o. E no próximo mês? Como será? Não posso viver cada dia com essa angústia, como se logo tudo aquilo fosse acabar.

— E o que você está pensando em fazer?

Jogo o resto do cigarro no cinzeiro ao lado da janela e encaro meu irmão. — Venderei a minha parte do bar.

Ethan arregala os olhos, parece não acreditar no que acabo de lhe dizer. — O quê? Não... Não! Eu não vou deixar! — aumenta o tom de voz, parecendo levemente irritado e indignado.

— É um direito meu, você não pode ir contra isso.

— Deve haver outra maneira! — diz, inconformado.

— Não há. — Balanço a cabeça.

— Nosso pai ficará louco quando souber sobre a sua decisão.

— Eu não me importo. Morgan não manda mais naquele maldito bar desde que o passou para o nosso nome. — Caminho até o pequeno bar que há na sala e me sirvo de uma dose de uísque.

— Você vai acabar se matando ainda, de tanto uísque e cigarro que consome! — Ele leva as mãos à cabeça e suspira.

— Deus te ouça... — Pisco, levanto o copo e tomo a dose de uma só vez.

Ethan balança a cabeça negativamente.

— Olha, hoje ainda é terça-feira, a semana mal começou, então relaxe e pense melhor. Não fale ainda para o pai sobre o que pretende fazer, não faça nada de cabeça quente. Estou aqui para colaborar e não será a primeira vez que te ajudo no abrigo. Então, por favor, pense muito bem antes de tomar qualquer decisão.

Não respondo. Apenas acendo outro cigarro e volto a olhar para fora da janela. Mil pensamentos invadem minha cabeça, e eu já não sei mais o que pensar. Só sei que preciso, de qualquer maneira, lutar pelo abrigo, nem que para isso eu tenha que desafiar Morgan ou quem quer que seja.

— Promete? — Ethan pergunta, arrancando-me de meus pensamentos.

— Tudo bem — respondo para tranquilizá-lo. Ethan caminha até mim e bate levemente em minhas costas.

— Se quiser, pode ficar em casa hoje. Eu me viro sozinho no bar, nas terças não costuma dar muito movimento — diz e caminha até a porta.

— Não, eu estou bem. Às quatro em ponto estarei lá — digo e ele concorda.

— Tchau, Savi. — Abre a porta e vai embora.

Permaneço imóvel durante algum tempo e mais alguns pensamentos me atormentam durante o dia. Quando abri o abrigo, com a ajuda de minha mãe, prometi a mim mesmo que defenderia aquilo com a minha própria vida se precisasse. Fiz um juramento e o cumprirei lealmente. Devo isso àquelas meninas e, principalmente, devo isso a mim mesmo. Por mais que eu não ache o suficiente, essa é a maneira que encontrei para tentar pagar pelos meus pecados. Encontrarei alguma forma de quitar as dívidas do abrigo e continuar ajudando essas meninas que tanto precisam de ajuda e de pessoas que se importem com elas. Por mais que eu quase nunca apareça lá, sempre me mantenho informado de tudo o que está acontecendo. Minha mãe é a grande responsável por manter aquilo de pé, e eu serei eternamente grato a ela.

O trânsito de Seattle faz com que meu percurso até o The Underwood's leve mais tempo do que eu planejava. Isso não é de todo ruim, porque acabo usando o tempo para pensar um pouco. É estranho, nunca estive tão consciente das coisas ao meu redor quanto agora. Tecnicamente isso é algo bom. Sei da importância do abrigo e também do bar. A verdade é que aquele lugar me move e me alimenta. Sua energia me carrega e, por mais que apenas a ideia do que farei seja esmagadora, honra

e dignidade são maiores para mim.

Deixo Melody no estacionamento em frente ao bar, ao lado da Mercedes de Ethan, o que é um belo contraste para os olhos. O clássico e o moderno. Sorrio com o pensamento sobre o quanto meu irmão mais novo é excêntrico, em tudo na verdade. É assim desde a adolescência, quando eu tentava arrastá-lo para as festas proibidas, e ele insistia que não deveríamos ir. Apenas uma vez consegui persuadi-lo a me acompanhar. O resultado foi seu primeiro porre e a perda de sua virgindade.

Ele precisa me agradecer por isso. Beatriz era uma garota de peitos grandes e tenho certeza de que ele foi bem feliz naquela noite.

— Vê-lo sorrir é como ver o cometa Halley — ouço Lorenzo comentar assim que entro no bar.

Ignoro seu comentário e sigo para a cozinha, atrás do balcão. Teresa, nossa cozinheira mexicana, está vestindo o avental, e eu me coloco atrás dela, amarrando a tira do apetrecho em sua cintura.

— *Gracias*, Savi — ela agradece, sorrindo sedutoramente.

— Agradeça-me com café, Teresa — digo em tom de deboche, e ela corre para preparar uma enorme xícara, que logo deposita em minhas mãos.

— Precisa de mais alguma coisa, querido? — pergunta fazendo biquinho.

— Não, Teresa. Apenas isso. — Para provocá-la, pego sua mão e deposito um pequeno beijo em seus dedos. Ela ri com o gesto.

Com a xícara de café em mãos, volto para o salão principal do bar.

— Ei, cara, pode me dar uma mão aqui? — Lorenzo me chama com a voz engasgada. Está na entrada do bar com duas grades de bebidas oscilando em seus braços.

Deixo meu café no balcão e vou até ele. Seguro uma das grades e carrego até o bar. Nada mais excitante do que carregar excesso de peso para alimentar os músculos, ainda mais quando se está de ressaca.

— Onde está o Enrico? — pergunto, limpando o rastro de suor que se acumulou em minha nuca pelo pequeno esforço. Enrico é espanhol, mas foi adotado e trazido para Seattle ainda muito novo.

Lorenzo abre uma garrafa de água e, depois de vários goles longos, suspira.

— Algo sobre entregas, Ethan sabe melhor que eu. — De repente, seus olhos passam sobre meus ombros, e ele sorri. Começa a acenar freneticamente, fazendo sinais com os dedos.

Viro-me na direção em que ele está olhando e encontro Millicent, parada na entrada do bar, sorrindo e acenando de volta. Quando ela percebe que a estou fitando, desvia o olhar e segue na

direção da sala dos funcionários.

— O que foi isso? — não consigo evitar a pergunta.

Lorenzo franze a testa, sem entender.

— Millie é uma boa garota. Estou tentando me tornar seu amigo.— diz, dando de ombros.

A garota volta para o salão, agora vestindo um avental branco com o símbolo do The Underwood's. Tem os cabelos loiros presos em um coque e, sabe-se lá por que, no calor que está fazendo, está usando uma camiseta de mangas longas.

— Tenho mais duas grades de bebidas no furgão. Pode me ajudar, ou prefere continuar olhando para o nada? — Lorenzo bate em meu ombro, e eu saio do bar bufando. Somente na porta de saída, encontro novamente a garota, abraçada a várias toalhas de mesa. Ignoro-a e sigo meu trabalho. A garota é realmente estranha.

Capítulo Cinco

Aos sábados o The Underwood's está sempre mais movimentado. Normalmente, nesse dia, abrimos mais cedo, para poder preparar tudo para a noite. Apesar de ser frequentado por uma classe de homens que anda, de certa forma, à margem do que é considerado correto, eu e Ethan concordamos que o bar precisa de regras. Quando ele estava nas mãos de Morgan, as coisas eram um pouco diferentes, já que a maioria dos clientes ainda estava fora das grades. Com o esforço e a dedicação de Ethan, o lugar manteve sua essência, mas agora não precisamos nos preocupar se seremos presos por algo.

Admito que meu irmão seja bom nisso. Sua inteligência, apesar de me irritar um pouco, levou-o a um caminho brilhante, principalmente pelo fato de ele ter se formado em uma das maiores universidades do estado. Em primeiro lugar. Enquanto eu, é claro, estava pelo mundo. Nós nos encontrávamos no feriado de Ação de Graças, quando eu era arrastado para casa por minha mãe. Não havia conversas, apenas comíamos e, na manhã seguinte, eu me despedia deles e voltava para o mundo.

— Savi, você pode ajudar a Millie com aquelas mesas? — Enrico aparece ao meu lado, apontando para a garota, que está se esforçando para arrastar uma mesa de madeira.

Eu gostaria de perguntar a Enrico por que ele mesmo não a ajuda, mas desisto, porque não quero que todos pensem que estou de mau humor. Não que eu realmente me importe com tal coisa, apenas estou tentando me manter na linha.

Quando chego perto de Millicent, ela para o que está fazendo e dá um passo para trás, esperando por algo.

— Vim ajudá-la — digo sem olhá-la, já me abaixando para erguer a mesa.

Sinto um pequeno toque em meu ombro e paro o que estou fazendo. É a garota quem está me tocando e, antes que eu possa perguntar qualquer coisa, ela tira minhas mãos da mesa, fazendo gestos confusos de cujo significado não faço a mínima ideia. — O que foi? — pergunto e então me dou conta de que ela não irá me responder.

Merda!

Bufo irritado.

Ao perceber minha exasperação, Millicent franze a testa e revira os olhos. Acabo achando engraçado, porque parece que ela sabe exatamente o que estou pensando.

Ora, seu idiota, ela é muda, não burra — repreendo-me mentalmente.

Ela se aproxima de mim e, com um gesto de desdém, chuta a perna da mesa, que

estranhamente se inclina para a direita. Então eu percebo o que está tentando me dizer.

— Está quebrada — digo ceticamente, feito um completo idiota.

Millicent dirige-me um olhar superior o qual me deixa curioso e um tanto constrangido.

Empurro a mesa para um lado, para que possa ser consertada mais tarde. Grito por Teresa, que aparece correndo, limpando as mãos no avental.

— Diga a Lorenzo que leve esta mesa para os fundos, cuidarei dela amanhã. — Olho para Millicent. — E quanto a ela, precisa de um novo uniforme, de preferência sem camisas de mangas longas.

Caminho de volta para o centro do bar, mas, ao passar por uma mesa de bebidas, deparo com alguém que não vejo há muito tempo.

— Você não é bom em dar ordens, Savi — Morgan diz ao levar aos lábios um copo de tequila, o qual entorna em um único gole.

Todos os meus músculos se contraem em alerta, e minha cabeça lateja terrivelmente. Depois de tanto tempo, ali está ele; parado em minha frente, com seu costumeiro sorriso zombador, o mesmo que foi, várias vezes, motivo de dor para mim. Evitei este momento o máximo que pude, fugi como um garoto medroso, abdiquei de momentos com minha mãe para simplesmente não encontrá-lo, mas eis que o destino agiu colocando-o ante mim.

— Isso é um dom apenas seu. O que quer aqui? — pergunto, cruzando os braços.

Seu sorriso se alarga, e ele faz um leve brinde com o copo.

— Onde está Ethan? — É claro que ele está aqui por meu irmão. Tenho vontade de rir da situação.

— Terá que esperar para vê-lo.

— Imagino que ele deva estar trabalhando. Seu irmão carrega esse bar nas costas. — Suspira exageradamente. — Enquanto você se diverte com as funcionárias. Nada muda, não é?!

Aperto meus dentes, a raiva queimando em meu corpo.

— Vou avisar Ethan que você está aqui. — Passo por ele, indo para o escritório, mas paro quando o ouço gargalhando.

— Você continua exatamente o mesmo, Savi. O filho que mais se parece comigo. Engulo em seco.

— Não sou seu filho — falei lentamente, porque quero que ele compreenda isso.

Ele vacila, o sorriso se dissolvendo em segundos, e, por um momento, vejo seu rosto se retorcer. Já vi essa reação diversas vezes, porque já passamos por isso, tivemos a mesma conversa da última vez, e o resultado não foi bom.

— Sua mãe insistiu que eu viesse até aqui, mas eu estava certo. Somente Ethan vale a

pena — sua voz está trêmula e, quando olho seu rosto, percebo que está segurando-se para não perder o controle.

De canto de olho, percebo que Millicent está parada junto de Teresa observando a cena. Imagino o quanto isso parece errado para elas, um pai e um filho conversarem dessa forma.

— Não precisa mais se preocupar, Morgan. Venderei minha parte do bar — cuspo para ele irritado.

Seus olhos se arregalam e ele avança um passo.

— O que diabos você acabou de dizer? — grita e, de repente, Ethan aparece correndo, vindo do escritório.

— Pai? O que está fazendo aqui? O senhor não me avisou que...

— Vim ver como as coisas estavam por aqui e seu irmão, como sempre, conseguiu me irritar — Morgan interrompe Ethan.

— Eu faço o que quiser com a minha parte do bar, Morgan. Ela é minha! MINHA! — Não desvio o olhar, ele não me intimida mais.

— Eu não vou deixar você acabar com o que eu construí durante a minha vida. — Ele se aproxima e fica bem próximo ao meu rosto, mas não me mexo, eu mal respiro.

Após alguns segundos, bato meu ombro contra Morgan e saio pisando duro até o escritório. Não costumo me importar com o que os outros pensam sobre mim, mas dessa vez não quero que vejam essa cena nada amigável entre meu pai e eu.

— Savi! Não me dê as costas! — Morgan, seguido por Ethan, segue-me até o pequeno escritório.

— E por que não? Por você ser o meu pai? — pergunto com ironia.

— Sim, porque eu sou o seu pai! — ele aumenta a voz.

— Que merda de pai você é! — Dou um soco forte na mesa, que treme toda.

— Você acha mesmo que eu deveria aceitar o que você fez? Acho que você deve repensar quem é o merda aqui! — Suas palavras me atingem. Morgan conseguiu me afetar violentamente. Ele nunca, nem nas outras discussões, havia tocado nesse assunto. Sinto meu sangue gelar e ferver ao mesmo tempo.

— Pai, por favor... — Ethan o segura e se coloca entre nós. — Vocês precisam parar com essa guerra todas as vezes em que se veem! Mamãe está cansada de ficar entre vocês dois, e eu também, porra! — meu irmão diz, surpreendendo Morgan com sua explosão repentina.

— E por que você quer vender a sua parte do bar, Savi? — Morgan pergunta, desviando-se do passado. Melhor para ele.

— Não te interessa o motivo. Eu quero vender e ponto final — respondo rispidamente.

— Savi, *facilita*, cara, por favor... — Ethan franze a testa e me adverte.

— Aposto que tem a ver com aquele abrigo. — Morgan arrisca e acerta o palpite, mas não dou o braço a torcer.

— Não se meta na minha vida! — digo.

— É o abrigo, não é? Sua cara me diz tudo, Savi. Você tenta se sentir menos culpado mantendo aquele abrigo. Mas as coisas não funcionam assim, porque nada vai apagar o que você fez.

— Pai, pelo amor de Deus! — Ethan pede desesperado.

— Eu vou vender a nossa casa, para que sua mãe e eu possamos morar longe daqui, no interior. Foi por isso que passei o bar para o nome de vocês antes do tempo. Mas o que adiantou? Sua mãe vive enfiada dentro daquele abrigo, tentando compensar a minha falta de compaixão com meu próprio filho. Eu quero a minha mulher ao meu lado novamente, porque estamos velhos e precisamos viver o resto de nossas vidas em paz. Enquanto você está por aí, fodendo com alguma vagabunda, fumando e bebendo como um louco, a sua mãe está cuidando do abrigo que você criou e onde mal põe os pés! — Morgan joga tudo em minha cara, e ele não deixa de ter razão, devo admitir.

— CHEGA! — grita Ethan, de repente, exasperado. — Pai, vá embora, por favor. Depois a gente conversa, mas vá embora. E você — aponta em minha direção — não saia daqui até eu voltar.

Ethan sai do escritório acompanhando Morgan até fora do bar. Minha pulsação está a mil por hora e meu coração parece que vai explodir, tamanha a onda de emoções que acabei de sentir. Ódio, revolta, medo, arrependimento, solidão. Eu sou um cara completamente fodido. Mais fodido do que imaginava ser.

Não espero Ethan voltar. Saio do escritório rapidamente e vou para o depósito, descontar toda a raiva contida. Chego chutando algumas caixas e quebrando várias garrafas de bebidas no chão e contra a parede. Preciso disso, senão sou capaz de matar alguém, tamanha a raiva que estou sentindo.

Após fazer a maior bagunça, pego um litro de uísque e sento, encostando-me contra a parede. Abro a garrafa e dou um longo gole. Minha cabeça está confusa e a vontade que tenho agora de é de sumir do mapa.

Depois de beber alguns goles, escuto um barulho de passos sobre os cacos de vidros. Viro minha cabeça lentamente e vejo Millicent no meio do depósito, um pouco assustada e olhando diretamente para mim.

— Saia daqui, eu limpo tudo isso sozinho depois — digo e ela não se move. Parece pensar, por alguns segundos, e depois caminha em minha direção. — O que você... — começo a falar, mas ela coloca um dedo sobre a minha boca.

Millicent se agacha, tira a garrafa de minha mão e joga todo o líquido no chão, em nossa frente. Fico sem reação diante de sua ousadia e não sei ao certo o que pensar. Ela retira um lenço seco e passa em meu rosto, que está suado devido ao calor da bebida e à tensão vivida momentos antes.

— Olha aqui, menina...

Millicent coloca o dedo sobre a minha boca novamente. Em seguida, fica em pé e afasta-se, entrando numa salinha pequena. Sai de lá, um momento depois, com uma vassoura, e a entrega a mim assim que me ergo.

Ela abre um sorriso tímido assim que pego a vassoura de sua mão. Com a testa franzida, e antes de eu conseguir falar qualquer coisa, Millicent sai do depósito e me deixa sozinho em minha confusão.

Capítulo Seis

Termino de limpar a bagunça que fiz no depósito e agora me sinto mais calmo. Levo a vassoura até o “quartinho da bagunça” e, antes de sair, vejo um frasco de remédio de tarja preta em cima do balcão. Eu nunca fui curioso, muito menos me interessei pela vida dos outros, mas dessa vez a vontade de saber para que serve a medicação, e principalmente de quem é, toma conta de mim. Alguém a esqueceu aqui, e eu quero saber quem foi.

Pego o frasco e vejo escrito na bula que o medicamento é usado no tratamento de estresse e depressão. Quem aqui desse bar está depressivo ou algo assim? Ninguém parece ser louco. O único que tem sérios problemas internos e pessoais sou eu, mas nunca precisei de um psicólogo e tratamentos a base de medicação controlada.

Quando penso em colocar o frasco novamente em cima do balcão, sinto a presença de alguém entrando no quartinho; logo vejo que se trata de Millicent. Ela franze a testa, ao ver o frasco em minhas mãos, e o toma de mim rapidamente. Então chego à conclusão de que o remédio lhe pertence e de que ela não gostou de saber que eu sei disso.

— Desculpe, estava aqui em cima e eu só queria... — Millicent dá as costas para mim e segue até o armário dos funcionários. Antes de guardar o frasco em sua bolsa, pega dois comprimidos e os toma. Somente então percebo que ela carregava consigo uma garrafa com água.

— Então esse remédio é seu... — Eu não pergunto, apenas confirmo o que acabo de ver.

Millicent fica de frente para mim e sua expressão não é nada amigável. Ela apenas balança a cabeça lentamente confirmando que o remédio é seu. Antes de sair do quartinho, caminho rapidamente e seguro seu braço. A garota precisa saber que isso não interfere em nada, porque, apesar de tudo, quero o bem de todos os funcionários do bar.

— Não se preocupe. Se quiser, seu segredo será muito bem guardado — digo na tentativa de fazer sumir a tensão que se formou aqui.

Ela concorda, com um sorriso fraco, e, por um segundo, imagino ter visto seus olhos brilharem com lágrimas contidas. Então Millicent tira o braço de minha mão e sai, praticamente correndo, deixando-me ainda mais confuso ao seu respeito.

Afinal de contas, quem é Millicent?

Como sempre, o sábado é muito movimentado e os ganhos do bar vão às alturas. Isso é bom, na verdade é muito bom, pois, se vou vendê-lo, é preciso que seja bem-visto no mercado. Só assim conseguirei um preço justo e satisfatório pela minha parte.

Pelo resto da noite, não conversei com Ethan. Achei que ele fosse vir falar comigo, encher o meu saco e torrar a pouca paciência que tenho, mas não. Meu irmão simplesmente se trancou dentro daquele escritório e quase não saiu de lá. Eu o vi apenas duas vezes, circulando pelo bar, mas, em nenhuma dessas ocasiões, dirigiu-se a mim. Parece que realmente está bravo, pude sentir toda a raiva e mágoa em sua voz. Ele nunca havia gritado com Morgan, nunca. Admito que me surpreendi ao presenciar sua atitude. Mas também reconheço que passamos do ponto, Ethan teve toda razão ao se estressar conosco.

— *¿Qué estás pensando, muchacho?* — Teresa se aproxima e me serve um pouco de uísque.

Teresa é bonita e sensual. No auge de seus quarenta anos, não deixa a desejar em nada; corpo e disposição de vinte, cabeça e responsabilidade de quarenta anos. Há quem diga que ela é uma mulher perfeita. Eu mesmo já provei de seus encantos.

— Nada que seja importante — respondo mentindo sobre meus reais tormentos.

— *No me engañas*, Savi. — Aproxima-se e passa a mão em meu rosto.

— Quando você fala em espanhol, eu fico louco — digo, desviando o assunto.

Teresa sorri maliciosamente e sua mão desce em minhas coxas. Em seguida, percorre minha virilha e, mesmo que seja por cima da calça jeans, sinto algo lá embaixo latejar.

— Já faz um tempo desde a última vez... Foi antes de você sumir por mais de um mês. — Agora ela fala a minha língua, mas eu realmente estou a fim de comê-la e não conversar sobre mim.

— Quando eu te pegar de quatro, em cima do sofá, lá no quartinho, quero que gema e fale safadezas em espanhol; quero ver a sua língua enrolando, igualzinho quando me chupa. — Terminado de tomar meu uísque, e os olhos de Teresa arregalam com a luxúria crescendo entre nós.

— *Sí...* — responde e se afasta.

Teresa segue para o depósito e, após eu verificar se todos ainda estão distraídos atendendo os clientes que ainda não foram embora, sigo-a até o quartinho. Ao entrar, vejo que ela já tirou o avental e caminha até mim, enlaçando seus braços em meu pescoço.

— Precisamos ser rápidos — digo e, em seguida, ela me beija com fogo e tesão; devora a minha boca com verdadeira vontade.

Levanto-a em meus braços e a coloco de quatro no sofá velho de cor marrom. Rapidamente, ergo sua saia até a cintura e deslizo a mão em seu traseiro grande.

— Em espanhol, não esqueça — lembro-a e abaixo a minha calça até os joelhos.

— *Sí...* — sussurra enquanto pego uma camisinha em minha carteira e a coloco em meu pau, que está duro como uma pedra.

— Vai ser rápido e forte, apenas para matarmos a saudade... — digo em seu ouvido assim que entro dentro dela. Teresa está quente e úmida, pronta para mim.

Com estocadas fortes, entro cada vez mais fundo nela, que geme e fala coisas sem nexo; sua voz está carregada de desejo. Com uma mão, acerto-lhe uma palmada forte e, com a outra, agarro seus longos cabelos negros, deixando-a a minha mercê.

— *Más profundo...* — ela pede que eu vá mais a fundo, e eu faço sua vontade. — *Más, más...* — sua voz fica aguda e sei que ela está prestes a gozar, assim como eu.

— Na próxima vez, colocarei meu pau no meio dos seus seios. O que acha? — pergunto, quase gozando ao imaginar a cena que acabo de descrever.

— *Sí*, Savi... Ah! — Ela se contorce e seu corpo treme. Em seguida, minha tensão some e eu gozo freneticamente.

Teresa deixa seu corpo cair sobre o sofá e respira com dificuldade. Minhas pernas amolecem, mas tiro o preservativo e levanto minha calça. Enrolo a camisinha numa sacola plástica e a jogo dentro da lixeira, ao lado do balcão. Em seguida, Teresa levanta e arruma sua saia no devido lugar. Quando se aproxima para me dar um beijo, a porta abre rapidamente.

É Millicent.

A garota para imediatamente e fica como uma estátua. Acho que ela sabe o que aconteceu aqui. A aproximação de Teresa e o cheiro de sexo nos entrega. Com o rosto vermelho como um pimentão, ela fecha a porta, deixando-nos novamente sozinhos.

— Droga! — digo e Teresa se afasta.

— Será que ela contará ao Ethan? — ela volta a falar minha língua.

— Tenho certeza de que não — respondo calmamente, mas, estranhamente, sentindo-me um idiota.

— Certeza? Como sabe? Ela trabalha aqui há pouco tempo, não sabemos quase nada dela — ela diz e prende os cabelos num rabo de cavalo.

— Ela não tem cara de alguém que faz fofoca.

Teresa concorda e respira fundo.

— Até porque ela é muda, coitada — diz e vem até mim. Depois de me dar um “selinho”, caminha até a porta. — Foi bom matar a saudade, querido. — Sorri, abre a porta e vai embora.

Fico parado durante algum tempo e, por algum motivo desconhecido, sinto-me mal pelo fato de Millicent ter nos pegado quase no flagra. Ela parece ser uma boa moça, essa perversão não faz seu o estilo dela, que ficou completamente sem jeito ao nos ver aqui. Assim que a adrenalina diminui, saio do quartinho e volto para o salão do bar.

Já não há mais ninguém aqui, os clientes já foram todos embora. Apenas um bêbado chato insiste em ficar, mas Enrico já está colocando-o para fora.

— Algum problema? — pergunto ao me aproximar dos dois.

— Nenhum, não é mesmo? — Enrico pergunta ao bêbado.

— Já estou indo, *me* solta! — ele diz com a língua enrolada e sai andando torto para fora do bar.

— Deixe que eu me assegure de que ele vai embora mesmo — digo e Enrico concorda, indo ajudar Teresa a limpar a cozinha.

Acompanho o homem fora do bar, então vejo Millicent jogando algumas sacolas de lixo na grande lixeira ao lado do estacionamento.

— Gracinha... — o bêbado mexe com Millicent, quando passa ao seu lado. A garota faz uma careta de puro pavor e caminha rapidamente em direção ao bar.

— Desgraçado! — sussurro e em seguida a detenho, antes de entrar no bar. — Não quero mais que você jogue o lixo. Passarei essa função para um dos rapazes, pois é perigoso uma moça ficar aqui de madrugada.

Ela concorda e abre um sorriso tímido. Parece agradecida.

Entramos juntos no bar, e ela vai limpar as mesas como sempre faz. Millicent é muito centrada e dedicada aos seus afazeres. Isso me deixa, de certa forma, satisfeito, por mais que eu realmente não saiba nada dela, como lembrou Teresa há pouco tempo atrás.

— Lorenzo, não quero que Millicent e nenhuma outra mulher jogue o lixo de madrugada, entendeu?

Lorenzo concorda franzindo a testa. — Tudo bem, mas... Aconteceu algo? — pergunta.

— Aquele bêbado que Enrico colocou para fora mexeu com ela — respondo e ele me encara com brilho nos olhos.

— Ficou preocupado, é? — indaga, e eu sei que essa pergunta tem uma segunda intenção.

— Sim, eu me preocupo com todos os funcionários, principalmente com as mulheres. Deus me livre de um desses bêbados idiotas fazer algo contra uma funcionária... Eu não sei se você sabe, mas vocês são responsabilidade minha e de Ethan enquanto trabalham — explico.

— Calma, eu só perguntei... — Ele ergue as mãos em defesa. — Nenhuma mulher levará o lixo para fora na parte da noite, pode ficar tranquilo — diz.

— Obrigado — agradeço.

— Savi, pode vir aqui um minuto? — a voz do meu irmão invade o ambiente, então o vejo na porta do escritório.

— Claro! — respondo e caminho ao seu encontro. Assim que entro no escritório, ele fecha a porta atrás de si e se senta em sua cadeira giratória. Eu sento em outra cadeira, do outro lado da mesa.

— Savi, farei uma viagem amanhã e preciso que durante essa semana você tome conta do bar sozinho.

Franzo a testa e me sinto perdido. Ele não me disse nada sobre isso antes. Como decidiu viajar de uma hora para outra? E, pelo que parece, está inquieto e preocupado.

— Vai para aonde? Você não me disse nada. Aconteceu algo? — pergunto, achando tudo estranho.

— É uma viagem de negócio, nada de mais. Apenas visitarei um fornecedor.

— Ah... — digo fingindo acreditar em sua resposta. Em todos esses anos, mesmo Ethan sendo todo certinho, nós nunca fomos visitar fornecedor algum.

— Tudo bem para você? — pergunta e eu concordo.

— Tudo — respondo e fico de pé. — Mais alguma coisa? — pergunto e Ethan balança a cabeça.

— Não, Savi. Apenas isso. Cuide bem do bar enquanto eu estiver fora.

— Vou cuidar — tranquilizo-o. — Agora vou ajudar o pessoal lá no salão, estão cansados, hoje foi um dia movimentado — digo e saio do escritório.

Tem alguma coisa estranha acontecendo.

Capítulo Sete

Hoje é domingo, o que para mim, normalmente, não é nada muito significativo, porque é sempre a mesma coisa. Não sei explicar o porquê de hoje eu me sentir diferente. Estranhamente, dormi bem, não tive pesadelos. Uma daquelas noites raras em que, ao acordar, tenho vontade de gritar para o mundo que estou bem.

Eu estou bem.

Uma das poucas coisas ruins em morar sozinho é o fato de que, em algum momento, você precisa organizar sua própria bagunça. Para minha sorte, sou extremamente organizado, então gasto pouco tempo nas tarefas domésticas. Aproveito o resto da tarde para cuidar de Melody, o que requer um tempo extra. Enquanto estou sentado na garagem, verificando algumas peças da moto e ouvindo uma rádio qualquer no celular, alguém aparece em minha frente.

— Existe uma porta — digo, erguendo o olhar para o homem.

— Ah, sim. Ela estava aberta, aliás. — Evan sorri debochado.

Eu fico de pé, limpo minhas mãos sujas de óleo na calça e o cumprimento.

— Achei que estivesse no México. — Aponto para seu rosto e rio. — Envelheceu o suficiente para ser meu pai, Evan.

Ele bufa e soca meu ombro. Rio mais ainda, satisfeito por voltar a vê-lo. Evan é o mais próximo que tenho de um amigo. Na verdade, nós nos conhecemos há vários anos, ainda adolescentes. Na ocasião ele levava uns socos de um cara mais velho. Não, eu não entrei na briga para defendê-lo; apenas assisti e o ajudei a ficar de pé quando tudo terminou.

Desde então nos tornamos algo bem próximo de amigos. Evan é uma boa pessoa, apesar de já ter estado na prisão por duas vezes simplesmente por desacatar autoridades.

Ele estava ao meu lado quando tudo aconteceu, anos atrás. Eu esperava que fosse me julgar ou dizer que eu era um cara fodido, mas Evan me deixou sozinho, permitiu que eu convivesse com meus próprios erros e, somente depois, voltou.

— Eu estava. Mas as coisas começaram a ficar chatas. — Ele me olha e levanta as sobrancelhas. — Na última vez em que o vi, você não estava tão... há quantos anos você não faz a barba, Savi?

— Também senti sua falta, Evan. — Dou as costas a ele e volto a me concentrar em Melody.

— Eu ainda não citei seu cabelo, cara. — Evan fica de frente para mim e, pela primeira vez, percebo o quanto ele está diferente. É uma sensação estranha, sinto-a em minha garganta.

— Savi, o que houve com você? — ele pergunta e reconheço a velha preocupação em sua voz. — Apenas conversamos algumas palavras, mas, mesmo assim, não posso reconhecê-lo. É Morgan?

— Que tal uma cerveja? — ofereço.

Evan revira os olhos como se ainda fosse aquele adolescente que conheci há anos.

— Também estou com fome. E, por favor, nada de tacos — diz, irritado, ao começar a subir as escadas para o apartamento.

— Denise era legal. Sabia o que fazer com a boca, e eu me refiro exatamente a isso que você está pensando, cara. — A risada de Evan me faz rir também; é bom poder tê-lo novamente aqui. — É, foi realmente uma pena ela ter sido deportada.

— Você podia ter ido atrás dela — sugiro, após um gole em minha cerveja.

— Não, Savi. Era só diversão, cara. Sempre foi. E você? — Ah, ele quer saber sobre mim.

— Sou gay.

Evan arregala os olhos para mim e se afasta para o outro lado do sofá.

Não consigo evitar o sorriso que se estende em meus lábios e, ao perceber meu jogo, Evan solta uma exclamação:

— Filho da puta! Eu quase acreditei! — dispara e então começa a gargalhar.

Bebo um longo gole da cerveja e espero enquanto Evan continua a rir.

— A cerveja no México é horrível — comenta, franzindo a testa. — Mas em compensação as mulheres são... — Ele para de repente. — Você não me respondeu, Savi. Há alguma mulher?

Dou de ombros.

— Nenhuma em especial. — Deixo a garrafa de cerveja de lado e vou para a cozinha adjacente à sala. — Preciso ir para o bar. Quer ir junto?

— Não vai dar, cara. Combinei de encontrar minha irmã. — Pega a jaqueta e bebe um último gole de cerveja. — Ela teve um filho, sabe. E eu preciso vê-los. — Seu rosto se endurece, e sei o que está passando por sua cabeça. A irmã de Evan, desde que me recordo, é viciada em álcool. Ele lutou para resgatá-la do vício, mas, quando ela mesma desistiu, deixou-a. Em realidade, sei que meu amigo está aqui para ajudá-la, voltou pela família.

— Nós nos veremos em breve? — pergunto, enquanto o levo até a porta.

— Eu voltei para ficar. — Ele faz um gesto com a cabeça e caminha pelo corredor, mas, quando está quase descendo as escadas, vira-se e aponta o dedo para mim. — Você precisa foder, Savi. — Antes que eu possa responder, desaparece pela escada, rindo como o louco que é.

Sim, por favor, eu preciso foder. Ele está certo e, mesmo tendo feito sexo com Teresa na noite passada, sinto que preciso de mais, que falta algo... Talvez conhecer uma pessoa nova?

Começo a pensar na possibilidade, enquanto estou indo para o banheiro — depois de um banho, irei para o bar.

— Contarei ao Ethan sobre seu atraso — Lorenzo me espeta, assim que entro no escritório. Encaro-o por alguns segundos.

— E o que faço com a informação de que você não estava doente no dia em que faltou? — Entrecerro os olhos em sua direção.

— Seu senso de humor vai de mal a pior, Savi — ele reclama de cabeça baixa.

— Suas piadas são as melhores, Lorenzo. Tenho certeza de que, se você se esforçar apenas mais um pouco, logo terá um quadro fixo no programa da Oprah. — Puxo a cadeira e sento, para enfim começar a ler os papéis que Ethan deixou.

— Você acha? Realmente? — pergunta esperançoso. Ergo os olhos para ele com uma expressão cética. — Você é mau, cara.

— Lorenzo, você entende de contabilidade? — Preciso perguntar, mesmo sabendo a resposta. — Caso entenda, sente-se e me ajude. Se não, volte para seu trabalho. Ele não diz nada, apenas abre a porta e sai.

Eu fico sozinho, tentando entender toda a quantidade de números, estatísticas, gráficos de vendas e fornecedores... Essa é a parte de Ethan. Desde o começo, sabíamos exatamente o que cada um faria. Eu cuidaria da parte do público, das aparências, dos contatos; meu irmão se dedicaria à contabilidade, que era sua atividade preferida, e, quando digo isso, estou incluindo sexo na lista.

Pelo que consegui entender dos resumos que ele deixou separados, o The Underwood's anda muito bem. Isso é apenas um bônus quando se tem um cara inteligente administrando-o. Oh, sim, eu realmente admito que Ethan é inteligente.

Ingeri três xicaras de café, no intervalo de uma hora em que tentei entender o gráfico sobre a compra das bebidas, e, no final, acabei desistindo. Deixei tudo em cima da mesa — antes organizada — de Ethan e saí para o bar.

Não há tantos clientes como previsto para um domingo, mas o barulho da música é alta, e os homens estão gritando feito loucos, já começando a ser afetados pelo álcool.

— Água — peço a Lorenzo quando chego ao bar. Ele põe uma garrafa em minha frente, e eu bebo enquanto observo a interação das pessoas. Há uma dúzia de mulheres aqui hoje, a maioria delas acompanhadas. Do lado oposto de onde estou, vejo Millicent, com seu uniforme e suas blusas de mangas compridas, servindo uma mesa onde estão dois homens enormes. Um deles pisca para ela, e outro diz alguma coisa que a faz ficar vermelha, mas a jovem logo termina de servi-los e sai em disparada. Questiono-me ainda se foi uma boa ideia contratar essa garota para servir mesas.

— Consegui fazer o trabalho que Ethan pediu? — pergunta Lorenzo, ou melhor, grita.

Faço um gesto indicando que não.

— Conheço alguém que pode te ajudar. — Ele bate em meu ombro para que eu preste atenção nele.

— Quem?

— Tome conta do bar. Eu já volto. — Lorenzo joga o pano que tem nas mãos para mim e mergulha no meio das pessoas.

Um homem todo vestido de preto e com apenas uma mecha de cabelo na cabeça encosta-se ao balcão do bar. Há uma mulher ruiva junto dele, e eu a reconheço como a mesma que me interessou há alguns dias. Quando me vê, ela sorri, correndo os olhos em mim. É estranho, mas, diferente da outra vez, não a desejo. Aliás, com a luz refletindo sobre sua figura, posso ver que não é tão bonita quanto imaginei.

— Dois uísques — o cara pede, e eu os sirvo rapidamente.

O sujeito oferece um copo a ela e a conduz, cercando-a com o braço, de volta para uma mesa.

Lorenzo volta, logo em seguida, puxando Millicent pelo braço. Ela está um pouco confusa, e eu também não entendo nada.

— Millie é ótima com contas.

— É? — pergunto curioso.

Ela confirma, balançando a cabeça.

Que escolha eu tenho?

Nenhuma.

— Vamos até o escritório — convido-a.

Ela segue atrás de mim e, quando entra, fecho a porta do escritório, abafando de repente o barulho.

Ela arregala os olhos para mim.

— Há um sistema de isolamento acústico nesta sala — explico.

Millicent então entende e respira aliviada.

— Eu não sei o que fazer com estes números. — Mostro a ela alguns papéis, notas e os malditos gráficos.

Seus olhos percorrem rapidamente o conteúdo, e ela sorri quando chega ao final. Senta-se na cadeira que está em frente a minha e procura por algo em cima da mesa.

— Do que precisa?

Ela faz um gesto com a mão simulando que está escrevendo.

Ah, sim, claro. Um lápis.

— Aqui. — Entrego-lhe, e nossos dedos se chocam. Eu me assusto ao perceber que está

completamente gelada. Não digo nada a respeito, apenas sento-me em meu lugar e a observo, enquanto ela rabisca as folhas de papel.

— Você quer usar a calculadora? — pergunto e Millicent balança a cabeça negativamente. — Tudo bem... — sussurro.

A garota não desvia os seus olhos dos papéis e, em questão de minutos, sorri alegremente ao terminar e me entregar as folhas.

— Já? — pergunto surpreso, então ela confirma sorridente. — Obrigado — agradeço com sinceridade. — Você não imagina o quanto me ajudou.

Millicent fica em pé e continua a sorrir alegremente; parece feliz por ter me ajudado. Ela definitivamente parece ser uma boa moça e, pelo pouco que vi, é muito inteligente também.

Timidamente e toda desajeitada, ela sai do escritório. Sua timidez e discrição me deixam ainda mais curioso.

Capítulo Oito

Segunda-feira. Fico deitado na cama durante alguns minutos, até criar coragem para levantar. Nada contra esse dia; na verdade, acho uma besteira as pessoas reclamarem das segundas-feiras. Para mim, todos os dias são exatamente iguais; a única diferença é que não abrimos o bar nesse dia. Mas hoje teremos uma exceção, pois um grupo de motoqueiros alugou o bar para fazer uma festa fechada. Sim, isso mesmo... Em plena segunda-feira. Não tivemos como recusar, pois eles pagaram um bom preço, e o dono da festa, que é o aniversariante, é um de nossos melhores clientes. Ele frequenta o bar desde que meu pai criou tudo isso aqui. O nome dele é George Collin, um milionário divorciado por sete vezes e com alguns filhos espalhados pelo mundo. No auge de seus sessenta anos, apesar de sua idade, ele é um homem cheio de energia e disposição. Às vezes até demais.

Após ir ao banheiro, sigo o mesmo ritual de todos os dias. Preparo meu café, forte e puro, ascendo um cigarro e fico olhando o movimento da cidade através da grande janela que há em minha sala. Algumas pessoas correm, outras passeiam com cachorros, crianças ou até mesmo sozinhas. Eu queria ter essa disposição. Mas essa animação e vontade de levantar, saindo correndo por aí não faz parte de mim. Prefiro observar, tomando um café forte ou um bom uísque.

Estou tão absorvido pelos meus pensamentos, que quase não escuto meu celular tocar. É Ethan.

— O que você estava fazendo que demorou tanto para atender? — pergunta. Acho estranho sua abordagem. Nem me deu bom dia, coisa que ele sempre faz e cobra de minha parte também.

— Estava pensando... — respondo e ele suspira.

— Como se saiu sem mim ontem? — Sinto o sorriso em sua voz, meu irmão está de volta.

— Muito bem se quer saber — digo e, pela primeira vez, sinto orgulho de mim em relação ao bar.

— Gostaria de estar hoje aí e ajudar na festa do George — diz.

— Seria mais fácil com você, mas por sorte temos funcionários bons no que fazem. Eles estão animados, pois sabem que ganharão um extra por trabalharem hoje.

Ethan ri.

— E como está Millie? — sua pergunta me pega de surpresa. Ele realmente gosta dessa garota.

— Hum.. Eu acho que está bem. — Dou de ombros. — Ela não é de falar muito, não é?

— Mesmo que ele não possa me ver, disfarço um sorriso.

— Idiota! — Ethan diz e, em seguida, o silêncio se instala entre nós.

— Ela me ajudou a resolver umas contas ontem.. — decido contar e quebrar o gelo.

— Ah, é? — pergunta.

— Sim, ela é muito inteligente — admito.

— Sim, ela é. Às vezes me ajuda também, quando estou com muitos afazeres no bar.

Sabe, Savi, eu estava pensando que, talvez, você devesse tentar estudar a linguagem de sinais ou, quem sabe, leitura de lábios. Millicent consegue se comunicar dessa forma.

— E por que eu faria isso? — pergunto irritado. Estudar sinais... Leitura de lábios? Que loucura é essa?

— Temos que oferecer boas condições de trabalho a ela, Savi. Estou me esforçando para ajudá-la. Já consigo compreender as palavras quando ela move os lábios. Não é difícil. Tente pesquisar na internet, irmão.

Não respondo. Ele provavelmente está certo, mas realmente não quero perder meu tempo com algo que não me é importante. Decido ignorar.

Penso por um segundo se devo ou não perguntar o real motivo de sua viagem. Sua desculpa esfarrapada não colou. Por mais que, nos últimos anos, tenhamos ficado distantes um do outro, eu o conheço muito bem. Quando decido perguntar, a campainha toca insistentemente.

— Bem, vou desligar, estão tocando a campainha.

— Tudo bem! Até quinta-feira, Savi. — Desligamos e eu caminho até a porta.

— Já vai, calma! — grito e me surpreendo ao ver que se trata de minha mãe.

Ela está como sempre. Um coque no alto da cabeça, os óculos de grau no rosto, saia até os joelhos e uma blusa fina de lã que lhe dei há uns quatro anos atrás.

— Mãe, está tudo bem? — Ela me abraça e eu fecho a porta.

— Eu soube da sua briga com seu pai. Savi... — Ela se afasta, seus olhos já estão chorosos. — Quando isso vai parar?

— Em breve, mãe. Eu vou vender minha parte no bar e, assim, pagarei todas as dívidas do abrigo, livrando-me de Morgan para sempre. — Minha resposta a pega de surpresa.

— Eu achei que fosse mentira do seu pai. Você realmente quer vender a sua parte?

— Sim, quero. Eu preciso, mãe. Assim, poderei contratar alguém para ajudar a tomar conta do abrigo; não quero mais que carregue um fardo que é meu.

— Você é meu filho e eu faria qualquer coisa por você — diz, já não conseguindo segurar as lágrimas. Isso esmaga meu coração.

— Então, assim que eu vender minha parte do bar, pagar todas as dívidas do abrigo e contratar alguém para administrá-lo, quero que se afaste de lá. Quero que vá viver a sua vida com Morgan. Não quero que fique presa a algo que compete a mim carregar.

— Filho, tudo que eu faço é com amor. Eu adoro aquele lugar e...

— Eu sei e serei eternamente grato por isso, mãe — interrompo-a. Mas Morgan disse algo que é verdade: o erro foi meu, então sou eu quem deve pagar por isso e não a senhora!

— Seu pai não sabe o que diz! Ele está mais preso ao passado do que você, Savi! Mas eu sou a sua mãe e nunca vou te deixar sozinho, nunca! — Ela se aproxima e passa a mão pequena em meu rosto. Seu toque acalma meu coração, mas, mesmo assim, eu me afasto.

— No fim, acho que ele tem razão ao me odiar tanto — digo e caminho até a janela. — Fiquei sabendo que vão vender a casa.

— Ele não te odeia, porque, no fundo, sabe o bom homem que você é, meu filho. Eu acredito em você, sempre acreditei e sempre vou acreditar! E, bem, sobre a casa, seu pai mal sabe o que está fazendo, é claro que não permitirei que ele se desfaça do meu lar.

Viro-me para ela, que caminha até mim e me dá um leve beijo no rosto, abrindo a porta para sair.

— Eu te amo, filho. — Sai e fecha a porta atrás de si.

Não consigo falar nada, simplesmente não consegui dizer o quanto a amo e o quanto sou grato por tê-la como mãe. Se não fosse por ela, talvez, eu já teria cometido uma baita besteira em minha vida.

Balanço a cabeça e acendo outro cigarro. Hoje é segunda, mas o dia será longo.

— Hoje o dia promete! — Lorenzo diz animadamente, enquanto abastece os freezers com muitas cervejas.

— Nem me fale! Dançarinas? Esse senhor Collin sabe dar boas festas mesmo! — Enrico comenta entusiasmado.

— E aí, Savi, está animado para ver as dançarinas? — Teresa surge ao nosso lado e sorri maliciosamente.

— Eu ainda não sei se isso dará certo, mas George pagou muito bem para que permitíssemos que ele trouxesse dançarinas em sua festa — respondo.

— É sério que você não está animado para ver as dançarinas? — Lorenzo pergunta com a testa franzida. Se eu fosse mais novo, com certeza já estaria duro só em pensar em mulheres rebolando em minha frente.

— Evitem pensar com a cabeça de baixo, vocês estarão trabalhando, não esqueçam —

digo, ignorando sua pergunta.

Millicent aparece e seu rosto está levemente corado. Será que escutou a resposta que dei a Lorenzo? Droga! Às vezes é difícil segurar a língua e esse é um dos motivos por que acho que Millicent não deveria trabalhar aqui. Isso aqui não é ambiente para ela.

— Oi, Millicent — cumprimento-a e ela não esboça reação alguma.

— Millie, acabei de fritar alguns bolinhos de queijo e sei que você adora. Quer provar?

— Teresa a pega pelo braço e a arrasta para a cozinha. Eu respiro aliviado.

— Hoje ela não está num bom dia — Lorenzo diz.

— Aconteceu algo? — pergunto curioso.

— Deve ser TPM. Mulheres têm essas frescuras... — Enrico diz e solta uma gargalhada.

— Bem, vamos continuar o trabalho, pois logo mais receberemos o magnata em nosso estabelecimento.

— Tomara que role umas boas gorjetas — Lorenzo diz animadamente e continua a guardar as cervejas, enquanto Enrico leva as caixas vazias para fora o depósito.

— Meus ouvidos vão estourar! — Lorenzo grita perto de mim, e eu sorrio para ele, satisfeito. Está tocando Def Leppard e o volume alto, junto com a melodia agitada de Let's Get Rocked, faz o bar parecer um verdadeiro show de rock dos anos 90.

Estou perto do bar, observando tudo que acontece à minha volta. Está lotado e, quando eu digo lotado, quero dizer que as pessoas mal podem se mover aqui dentro sem se esbarrar umas nas outras. Mas simplesmente não posso reclamar, porque dificilmente o The Underwood's recebe uma festa tão grande como esta. George exigiu quantidades exorbitantes de bebidas caras, além de cigarros e, claro, as dançarinas. Sim, há mulheres seminuas espalhadas pelo bar, dançando em volta do aniversariante, que não hesita em abraçá-las e beijá-las despudoradamente. O que estou dizendo? Eu mesmo faria isso. Não hoje, claro, porque, estranhamente, os últimos dias têm sido confusos para mim. Jamais passei por uma situação assim, em que nada me parece realmente interessante. É tão somente difícil de explicar. O sexo selvagem com Teresa foi bom, mas não me saciou.

— Precisamos de mais vodca — informo a Lorenzo, apontando para as mesas onde os copos já estão vazios novamente.

Ele deixa o que está fazendo e leva duas garrafas de bebida até Enrico, para que ele possa distribuí-las entre os convidados, homens de quase dois metros de altura, vestindo couro e usando barbas enormes. Eu rio, porque acabo de me descrever também.

Pego minha garrafa de água e tomo um longo gole, um pouco inconformado em não poder beber outra coisa. Regras do meu irmão mais novo; nada de bebidas durante o trabalho,

principalmente eventos como este, que, aliás, não acontecem todos os dias. Mesmo Ethan não estando aqui para me fiscalizar, minha consciência fala mais alto. Claro que, em dias comuns, dou um jeitinho e tomo algumas doses de uísque; ninguém é perfeito.

Algumas horas se passam e os funcionários trabalham a todo vapor. Estamos cansados, mas o lucro será incrível. Em um raro momento de folga, saio para fumar um cigarro fora do bar e sentir um pouco do vento em meu rosto. Apesar de tudo, eu adoro este lugar. Este bar.

Quando retorno, percebo que um homem caminha até o corredor que dá acesso ao depósito. Estreito os olhos para ver quem é o sujeito, mas tenho certeza de que não o conheço, então decido segui-lo. Ele precisa saber que somente funcionários podem entrar no depósito.

Ao chegar, não o vejo. Então escuto o barulho de uma garrafa caindo no chão. Entro em estado de alerta e sigo os ruídos. Quando caminho alguns passos e espio através de uma das grandes prateleiras, vejo o homem prensar alguém contra a parede. Eu me aproximo mais para ver quem é a outra pessoa, pois esta se debate contra ele.

Millicent!

Vejo o sujeito passar a mão na lateral de seu corpo. Millicent aperta os olhos com força e continua contra a parede, como um animal encurralado.

Porra! O que ele está tentando fazer com ela?

Meu sangue ferve. Avanço para cima do cara e não enxergo mais nada. Vou matar esse desgraçado!

Capítulo Nove

Eu o atinjo primeiro, socando seu queixo, jogando-o para longe de Millicent, que se afasta assustada. Depois disso, não a vejo mais, já que estou ocupado demais tentando matar aquele homem.

Avançando sobre mim, empurrando-me contra a parede, o cara consegue socar meu rosto, que arde como o inferno, e sinto que há sangue caindo em minha camisa. Idiota! Ele ri de mim, mostrando os dentes, como se fosse um animal selvagem. Os músculos de meus braços se contraem, e sei que é o ódio que estou sentindo. Equilibro-me novamente sobre meus pés e, lentamente, caminho até ele, porém quando estou próximo o suficiente para alcançar seu pescoço, Lorenzo aparece em minha frente.

— Savi, já chega!

— Eu vou matá-lo! — aviso, empurrando Lorenzo para o lado.

— Não, não vai. Você não precisa fazer isso. — Ele segura meu braço, e eu o encaro. Lorenzo está suado, o cabelo bagunçado e, se posso dizer, muito assustado. Então percebo o que estou fazendo. Procuo Millicent, pois quero ter certeza de que ela está bem. Eu a encontro parada no mesmo lugar, encostada à parede, com os olhos arregalados, os braços em volta do próprio corpo.

— Solte-me, Lorenzo — ordeno, agora olhando para frente, para o cara que continua rindo. O maldito está bêbado. Lorenzo hesita em me soltar, mas eu o empurro para o lado. — Fique aqui com Millicent — digo para ele, que logo vai até a garota.

Não tenho dificuldade em segurar aquele homem pela camisa e finalmente arrastá-lo até a porta do depósito que sai para a rua. Ele se debate, tentando se soltar, mas eu prendo seu braço atrás de suas costas e, como um débil animalzinho, ele é enxotado.

— Eu achei que ela fosse uma das dançarinas — diz, sua voz tão trôpega quanto suas pernas. — Ela tem os seios macios. — Sua risada e seu bafo atingem meu rosto, e tenho o impulso de bater sua cabeça contra a parede ou então vomitar, ambos na mesma intensidade. — Gostaria de tê-los provado. Você já fez? A garota é muda, não pode gritar, você sabe o que estou querendo dizer.

Quando consigo sair para a rua escura, eu finalmente faço o que meus instintos pedem: seguro o homem pelo pescoço e o jogo contra a parede úmida, forçando seu peito com meus braços. Fico cara a cara com ele, surpreendendo-me ao perceber, com a ajuda da pouca iluminação, quão velho ele é. Não percebi antes porque estava cego de ódio.

— Não, eu não sei. — Aperto a garganta dele, fazendo-o ofegar. — Não quero mais vê-lo aqui, entendeu? Se eu descobrir que voltou ao bar ou encontrou a garota novamente — coloco

meu rosto quase colado ao seu, intimidando-o —, não terei pena de lhe ensinar algumas coisas — e então o solto, deixando que ele caia na calçada molhada e fria, bem como merece.

Não olho para trás, porque tenho medo de que possa perder o resto de controle que ainda habita em mim. Não quero mais socá-lo, esmurrá-lo ou matá-lo. Não bastaria, não seria suficiente para aquele velho. Nunca é suficiente.

Encontro Lorenzo e Millicent no mesmo lugar. Ele está com o braço em volta de seus ombros, enquanto ela balança a cabeça, concordando com algo. Quando me vê, a garota se solta de Lorenzo e vem me encontrar. Para a poucos passos, observando-me, possivelmente impressionada com tudo o que viu.

— Seu rosto está sangrando, cara — Lorenzo comenta preocupado. Levo a mão até meu olho, e a vejo ficar vermelha pela quantidade de sangue. Solto um palavrão.

— Tudo bem, pode voltar para o trabalho, Lorenzo. — Olho para a garota. — E você pode descansar ou ir para casa. É sua escolha.

Lorenzo volta a trabalhar, mas Millicent continua parada em minha frente, encarando-me. Ergo as sobrancelhas, confuso. Ficamos assim por alguns segundos, até que a garota, parecendo ter perdido a paciência e com um gesto exagerado, pega-me pela mão.

— O que diabos está fazendo? — pergunto, quase grito.

Ela me ignora e continua me puxando, até chegar ao pequeno quarto, no fundo do bar, destinado aos funcionários. Millicent abre a porta e me empurra para dentro, trancando-nos em seguida.

Um pouco confuso, dou conta de que ela acendeu as luzes e de que está parada em frente ao seu armário, fazendo uma verdadeira bagunça lá dentro.

— Você está bem? — Sinto-me um bobo ao perguntar, porque sei que ela não irá me responder.

Millicent enfim parece encontrar o que procurava. Ela bate com força a porta do armário de metal e aponta para o sofá de couro que está em nossa frente. Não sei o que ela está tentando dizer, então franzo a testa, mais confuso do que antes.

Com um suspiro longo, a garota me pega pela mão novamente e dessa vez me empurra para o sofá, onde me sento como ela indica. Millicent se acomoda ao meu lado, com uma pequena maleta branca nas mãos. Como por milagre, eu entendo o que ela está querendo. Quer cuidar do meu ferimento!

— Obrigado, mas não é necessário. Eu estou bem, foi apenas... — interrompo-me ao ver a expressão zangada dela.

Millicent abre a maleta, retirando de lá um vidro com álcool e alguns pedaços de algodão, além

de um curativo. Suas pequenas mãos são ágeis, enquanto ela molha o algodão no álcool e se aproxima de mim. Antes de deixar que o algodão toque minha pele, seus olhos encontram os meus, e eu compreendo o que ela quer dizer. Sorrio. Millicent está me avisando que poderá arder. Por sorte, estou preparado para isso.

Controlo a vontade de xingar quando a porcaria do álcool queima minha pele. A garota não merece ouvir coisas assim, porque ela me parece tão... inocente. Sim, quando a olho, como neste momento em que está tão próxima de mim e que posso ver o quanto seus lábios são rosados e carnudos, tenho a impressão, ou talvez a certeza, de que Millicent é extremamente doce e pura. É fácil perceber, basta olhar para seus olhos tão verdadeiros. Porra! Quando foi que encontrei isso em uma mulher? Não sou um insensível, sei muito bem reconhecer sentimentos em uma pessoa, e esta aqui, esta em minha frente, a completa desconhecida me faz lembrar de paz. É estranho, eu sei, tenho consciência, mas tê-la tão próxima a mim me faz sentir uma pontada em no estômago, mais abaixo... Por Deus! Eu quero beijá-la! Assustado, afasto-me dela, abro um espaço entre nós.

Apesar de que Millicent não demonstra, sinto que percebeu, continua concentrada em seu trabalho. Ela, por fim, coloca o curativo em minha testa e, com um sorriso tímido, levanta. Joga o resto do algodão no lixo e caminha para a porta, deixando-me sozinho.

A festa continuou por mais duas horas, durante as quais achei que fosse surtar. Não é necessário que eu diga que minha cabeça era um aglomerado de massa pulsante, pulando no ritmo da música ainda agitada. Todos queriam saber o que houve no depósito, porque eu estava com o olho roxo e eu já estava cansado de contar a mesma história.

Dei-me por satisfeito quando, às quatro horas da manhã, George finalmente encerrou sua festa. Antes disso, ele subiu em cima de uma mesa e agradeceu — emocionado e embriagado — a todos que estiveram ali. Todos estavam extremamente cansados. Enrico reclamava de dores nas costas, e Teresa dizia que precisava urgentemente de férias. Lorenzo, logo após o último convidado sair, arrastou-se até uma cadeira, onde começou a rir. Ele comentava o quanto tinha gostado das dançarinas seminuas e, claro, da quantidade exorbitante de gorjetas que havia ganhado, além de números de telefone de algumas mulheres. Sempre me assombrou o fato de que Lorenzo nunca se cansava. Era estranho.

Millicent desobedeceu minhas ordens e permaneceu até o fim da festa, dessa vez, ajudando Lorenzo no bar, protegida pelo balcão. Eu não a contrariei, deixei que ela fizesse, porque era óbvio que queria demonstrar que podia continuar, que estava bem. E estava mesmo.

Um pouco antes das cinco horas, eu resolvo que devo voltar para casa. O bar abrirá amanhã e certamente eu preciso de algo para minha cabeça. Quando estou no estacionamento, próximo de

montar em minha moto e sair, percebo Millicent retirando o cadeado de sua bicicleta cor-de-rosa. Aperto o capacete em minhas mãos. Ela vai embora naquilo a essa hora?

— Eu levo você — digo quando chego perto dela.

A garota se assusta, colocando a mão sobre o peito. Eu evito a vontade de rir.

— Você não pode andar sozinha na rua a essa hora — explico e Deus é bom, porque Millicent faz um gesto de cabeça concordando comigo. Ora, onde estão as negações? Surpreendo-me com a facilidade.

— Espere por mim em minha moto, vou apenas pegar outro capacete para você. — Aponto para Melody, e Millicent caminha obedientemente até lá.

Sempre deixo um capacete no depósito, apenas por precaução, porque nunca sei quando posso precisar. E com frequência preciso. Aliás, o que deu em mim para decidir levar essa garota até a casa dela? Por que inferno me importo com ela? Decido ignorar tais pensamentos, já que apenas a ideia de uma discussão com meu inconsciente me parece besteira.

Encontro Millicent com o celular na mão digitando furiosamente. Quando ela me vê, empurra o celular em meu rosto, indicando com o dedo algo na tela. Entrecebro meus olhos para ler, a claridade da tela fazendo meus olhos arderem.

O endereço. Ela escreveu seu endereço no celular. Boa, garota!

— Já andou de moto alguma vez? — Entrego o capacete a ela. Millicent franze a testa e depois faz que não. Subo na moto e dou a partida. — É simples; você apenas precisa segurar em mim.

Espero até que a garota coloque o capacete e, um pouco sem jeito, suba na moto, segurando-se timidamente em mim. Quando tenho certeza de que ela está segura, finalmente saio para as ruas de Seattle.

O bairro em que Millicent mora é simples. E está frio. E eu sou um completo idiota por não oferecer-lhe minha jaqueta; a garota deve estar congelando. Coloco minha mão sobre a dela, que está em minha cintura. Mesmo usando luvas, posso sentir o quanto ela está gelada. Tento aquecê-la com meu toque, esfregando minha mão nas suas. Chegamos a sua casa dez minutos depois. É pequena e tem apenas uma janela.

Millicent desce da moto e espera ao meu lado. Eu retiro o capacete e desço também, pegando o dela e deixando na moto. Um pouco constrangido, acompanho a garota até a entrada da casa. Ela está tremendo e isso me faz sentir mais culpado ainda.

Assim que estamos frente à porta, Millicent para e vira-se para mim. Queria que tivesse mais luz para que eu pudesse vê-la melhor. Seus olhos ficam grandes, focados em mim, e eu estou tão concentrado neles, que mal percebo quando Millicent se aproxima e toca meus ombros, e... *me beija*.

Apenas um selinho, seus lábios úmidos sobre os meus.

Neste momento, por alguns segundos, paro de pensar.

— Millicent... Que se foda!

Envolvo a cintura de Millicent e a puxo para mim, contra meu corpo, acolhendo-a em meus braços. Ela não se afasta, não me empurra. Está com os lábios entreabertos, ofegando, os olhos fechados. Deixo minha mão vagar por seu rosto, sentindo sua pele macia, seus lábios úmidos. Encaixo minha mão em sua nuca e lentamente a puxo para mim. Conecto os lábios de Millicent aos meus.

Porra! Porra! O primeiro contato é leve, apenas um toque, mas depois eu perco o restante do pouco controle que me restava e aprofundo o beijo. Sim, invisto minha língua contra seus lábios, persuadindo-a a se entregar. E ela me aceita. Sem jeito, Millicent abre a boca para mim, enquanto segura-se em meu pescoço. Nossas línguas se encontram, e eu sinto o quanto essa garota é doce. Meu corpo queima, lateja e eu me vejo empurrando-a contra a porta...

Não! Porra! Não posso fazer isso! Afasto-me de repente, dando passos para trás. Millicent está inclinada contra a porta, as mãos nos lábios inchados.

Desculpe, eu não devia... — sussurro antes de ficar de costas e voltar para a moto.

Covarde, um completo covarde.

Mas o que eu deveria fazer? Eu beijei Millicent e, inferno, eu gostei! Queria mais. Senti meu pau latejar e criar vida, desesperado para tê-la. Que tipo de monstro eu sou?

Eu acelero pelas ruas vazias de Seattle, pensando no que me meti.

Nada bom, suponho.

Capítulo Dez

Merda!

Durante todo o trajeto até a minha casa, pensei mil coisas. Em que momento deixei me envolver por Millicent? Até hoje, eu nunca havia sentido nada por ela. Mesmo sendo muito bonita, sua forma angelical é algo que nunca me atraiu. Sempre gostei de mulheres ousadas, que sabem o que querem quando se trata de sexo. Millicent também sabe o que quer, mas ninguém sabe bem o que é.

Assim que entro em casa, coloco os capacetes sobre o sofá e me sirvo de uma dose de uísque. Preciso relaxar e esquecer, apagar de vez o que aconteceu minutos atrás. Um beijo. Um maldito beijo. O beijo mais doce e inocente que já dei em toda a minha maldita vida! Aqueles lábios... Ah, inferno! Algo lá embaixo despertou, o que fez com que eu me sentisse um monstro. Eu não posso ter desejos carnavais por essa garota. Ela simplesmente não faz o meu tipo.

Acendo um cigarro e caminho até a janela da sala. Como sempre, fico olhando para fora. O sol ainda não raiou e não há qualquer movimento lá fora. A única coisa que escuto é a minha respiração ofegante.

Em um momento estranho, o qual eu não poderia descrever, acabo indo até o quarto e pegando meu notebook. Penso duas vezes antes de digitar algo sobre como compreender pessoas mudas no buscador. Há centenas de sites que explicam como fazer e a importância disso. Procuro por algum vídeo ou algo mais rápido. Não posso perder muito tempo fazendo isso.

Conforme leio sobre o assunto, vou me envolvendo e acabo nem percebendo as horas passarem. Noto que, quebrando todos os preconceitos que eu tinha, assisto alguns vídeos para praticar como ler os lábios de uma pessoa. Há alguns momentos em que me pergunto por que estou fazendo isso e a verdade é que não sei. Pode ser que eu realmente queira ajudar essa pobre garota ou talvez seja por pena.

Acordo assustado. Tive alguns pesadelos com Millicent; aquele maldito trepando violentamente com ela, e eu amarrado, sem poder fazer nada. Os dentes amarelos do homem sorriam debochadamente de mim, e ele insistia em dizer o quanto os seios dela eram macios. Eu não conseguia acordar e parece que essa tortura durou horas. E realmente durou. Pego meu celular sobre o criado-mudo e vejo que passa de uma hora da tarde. Dormi bastante, mesmo levando em conta que quando fui me deitar eram quase seis da manhã, pois não costumo dormir tantas horas seguidas.

Assim que consigo me organizar e comer algo, decido encontrar Evan. Preciso falar com alguém, ele é o único disponível e também único amigo.

Não se trata de desabafar sobre sentimentos, mas apenas de tentar tirar esse peso de minha cabeça. Evan sempre esteve presente em situações como esta em que estive um tanto perdido, e ele nunca me julgou, simplesmente franzia a testa e ria como um louco. É disso que preciso.

Depois de mandar uma mensagem para Evan dizendo que irei até o apartamento em que ele está, pego minha jaqueta e desço para a garagem. No elevador encontro uma mulher de meia-idade junto de uma menina que provavelmente é sua filha e não deve ter mais que seis anos. Fico parado próximo à porta, mas mesmo assim posso ouvir um cochicho. Imagino que a criança deva estar perguntando à mãe o que diabos eu sou. Tenho vontade de rir, porque, mesmo morando há um bom tempo aqui neste prédio, as duas provavelmente nunca me viram. Devem estar chocadas.

Quando a porta do elevador abre, eu pulo para fora, caminhando rapidamente até minha moto, que fica estacionada ao fundo da garagem. Faço um singelo carinho em Melody e depois coloco meu capacete, pronto para ir ao encontro de Evan.

Porra! Evan está morando no mesmo bairro que Millicent!

Solto alguns palavrões enquanto subo as escadas para o apartamento de Evan, porque, por conveniência, não há elevadores no prédio. Este bairro fica em uma área mais afastada do centro de Seattle e eu não imaginava que haveria essa estranha coincidência. Por que, inferno?! Estou tentando fugir disso tudo e acabo, por ironia, voltando para o mesmo lugar.

O apartamento de Evan é o último do corredor do sexto andar e, depois que bati três vezes seguidas, ele abre a porta.

— Você realmente está uma merda, cara — diz ao me olhar de cima a baixo.

Ignoro seu sarcasmo e o empurro para o lado, entrando no apartamento.

— Eu preciso de café — resmungo, enquanto me jogo no minúsculo sofá da sala. Sinto algo incomodando em minhas costas e, quando consigo tocar o objeto, vejo que é um sapato feminino vermelho e preto.

Faço uma expressão interrogativa para Evan, e ele dá de ombros.

— Pelo menos eu gasto meu tempo livre fodendo, você não — comenta, indo até a cozinha, que fica ao lado.

De onde estou, posso vê-lo e percebo que há manchas escuras em seus olhos, além de ele estar caminhando um pouco trôpego.

— Eu não sabia que você morava neste bairro — comento.

Evan ri enquanto volta para a sala com uma grande xícara de café nas mãos. Ele me entrega a bebida e se senta ao meu lado.

— Ficarei aqui apenas por um tempo. Não é tão ruim quando você se acostuma com o barulho

dos vizinhos à noite. — Sorri, balançando as sobrancelhas para mim. — No andar de cima há uma morena e... Bem, ela sabe alguns truques interessantes.

Olho para o sapato que joguei no chão e depois para Evan. Ele sorri mais ainda e confirma com a cabeça.

— Fique feliz se seu pau não cair — digo ao beber um gole do café amargo.

— Tudo bem. — Evan se move no sofá, virando-se para mim e apontando o dedo para minha cara. — Você fez alguma merda, Savi. E, pela sua cara, tenho certeza de que é uma das grandes.

Eu não chamaria de merda. Claro que não, nunca chamaria disso, até porque gostei muito de beijar Millicent. O real problema está justamente nisso; eu ter gostado muito e ter quase arrancado sua roupa ali mesmo, onde estávamos. Ela não merece isso.

— Eu beijei uma garota — confesso.

Evan me encara confuso.

— E?

Bufo, irritado por Evan não compreender.

— E eu tive vontade de fodê-la — admito.

— Cara, estou com medo de você. Qual o maldito problema nisso? — ele pergunta, sem entender uma única palavra do que falo, e eu não o culpo.

Bebo mais um longo gole do café, que deve ter sido feito há pelo menos dois dias.

— Millicent é inocente, Evan. Ela me deu um beijo e depois eu a agarrei.

Evan chacoalha a cabeça, confuso. — Ainda não entendo.

Deixo a xícara, agora vazia, ao lado do sofá e passo a mão pelo cabelo, respirando fundo.

— Ela é muda — explico, como se fosse a única justificativa plausível para meu arrependimento.

— Sei. — Evan fica em silêncio por alguns segundos, refletindo sobre algo. — Mas isso não a faz menos mulher do que qualquer outra, faz? Ela é bonita? — pergunta interessado.

— Millicent é... doce. — Sim, eu comprovei isso enquanto a beijava. Doce em seus lábios, doce em sua pele macia. — É tímida e tem uma beleza angelical, nada comparado com as mulheres que já conheci antes, mas tem algo especial.

— Então — levantando, Evan pega o celular e lê alguma mensagem sem importância —, você está fodido assim porque beijou uma garota muda, que é bonita, porque gostou e teve vontade de transar com ela?

Confirmo.

— Sabe, Savi, em todos esses anos em que nos conhecemos, nunca ouvi você dizer algo tão ridículo. — Evan está parado em minha frente, com a mão no queixo, numa pose idêntica à de algum

filósofo antigo. Fascinante! — E mais, a resposta é tão simples, tão lógica, que o estou considerando um retardado, cara.

— O quê? — questiono já perdendo a paciência.

— Estou dizendo, Savi, que você deve combater sexo com sexo! Você não tinha aquela amiga mexicana de peitos grandes?

Ah, sim... Teresa.

— Teresa trabalha no bar — falo pensativo.

— Essa é sua solução. — Evan pega o sapato do chão e o examina atentamente. — Você precisa liberar toda essa energia acumulada, Savi. Algumas horas de sexo serão sua salvação, porque no final tudo se baseia nisso.

Concordo lentamente com a cabeça. Ele está certo. Preciso de sexo. Desejei Millicent ontem apenas porque meu corpo precisava relaxar. É claro, foi isso.

Animado, levanto do sofá e dou um soco no ombro de Evan.

— Valeu, cara!

— Ei, aonde você vai? — ele pergunta quando já estou perto de abrir a porta.

— Foder — respondo simplesmente antes de sair.

¡Hola! Que faz aqui, *muchacho*? — Teresa pergunta quando abre a porta e me encontra do lado de fora.

Estou ofegante, apoiado no batente como se tivesse corrido uma maratona. E é quase isso.

Não respondo, apenas me jogo sobre Teresa, empurrando-a para dentro da casa, fechando a porta com o pé.

— Savi, o que...?

Eu a calo, beijando-a furiosamente, segurando seu rosto entre minhas mãos, invadindo sua boca com minha língua.

Teresa não me impede, não me afasta, e fico aliviado ao saber que ela também quer.

Faço com que ela apoie as costas à parede, o que facilita para que eu comece a arrancar suas roupas. Teresa está usando um vestido “tomara que caia” de malha e eu o puxo para baixo, feliz por ver que ela está sem sutiã. Enquanto começo a puxar sua calcinha, coloco minha boca em seus seios, sentindo-os crescer em minha língua. Mordo com força e ela geme, apertando minhas costas. Faço o mesmo com o outro, até que ela começa a se contorcer.

Forço Teresa contra a parede e desço minha mão até sua abertura. Não tenho tempo, meu desejo e minha ereção estão me matando. Tem que ser rápido. Introduzo dois dedos dentro dela, movendo-os para fora e depois fazendo círculos. Eu a quero pronta para mim. Agora.

— Savi, quero sua boca em mim, por favor — ela suplica.

Eu a ignoro, continuo com minha tortura. Hoje Teresa não terá o que quer de mim, é apenas sexo. Eu preciso disso, não é para ela.

Afasto-me de seu corpo e a puxo pela mão, fazendo-a se apoiar no sofá, ficando de quatro para mim. Sim, é assim que a quero.

Abro o zíper da minha calça e a puxo para baixo, junto com minha cueca. Aproveito para pegar o preservativo e o desenrolo em mim. Não tenho tempo para ficar completamente nu. Com a cabeça do meu pau, acaricio sua vagina, fazendo movimentos leves, sentindo a umidade se espalhar.

— Agora, por favor, Savi... Necessito...

— Calada — gemo ao entrar nela com um empurrão.

Teresa grita com o impulso, e eu começo a me mover. Apoio minhas mãos em sua bunda, apertando com força, enquanto meto fundo e duro, com toda a necessidade que tenho dentro de mim.

O prazer se espalha por meu corpo, e eu preciso de mais. Eu quero mais, quero tudo. Aumento o ritmo e o corpo de Teresa começa a tremer debaixo do meu; ela gritando alto, segurando-se nas laterais do sofá. O suor começa a se acumular em meu peito, em meu rosto e, por um momento, acho que posso explodir. É animal, é doentio e eu continuo a fodendo, como se com aquilo eu pudesse tirar essa coisa de dentro de mim. É minha esperança.

Sinto meu corpo se retrair. Fecho meus olhos esperando pelo momento de minha libertação, porque sei que enfim tudo acabará. Preciso de apenas mais algumas estocadas para enfim gozar, gemendo, quase urrando.

Os segundos seguintes são estranhos, pois continuo dentro de Teresa, esperando minha respiração voltar ao normal.

— Oh, querido, fostes magnífico, Savi. — Ela empurra sua bunda contra meu pau, tentando-me.

Saio de dentro dela, puxando o preservativo e dando um nó firme. Coloco em meu bolso, porque, apesar de gostar de Teresa, não confio em ninguém.

Abotoo minha calça e ajeito meu cabelo.

— Venha tomar um banho comigo, *muchacho* — ela convida sedutoramente. — Quero fazer algo por você, querido.

— Daqui a pouco preciso ir para o bar. — Aproximo-me de Teresa, beijo sua testa e acaricio seu rosto. — E você também.

Ela faz um beicinho, tentando me convencer a ficar, mas eu não caio em seu jogo.

Deixo a casa de Teresa sentindo meu corpo mais leve. Sinto-me bem e por isso decido tomar um banho antes de ir para o bar. Eu poderia ter aceitado o convite dela, seria prazeroso, mas é mais do que preciso hoje.

Subo na moto e volto lentamente para casa, quero apreciar essa sensação de alívio.

O velho Savi voltou.

No fim da tarde, chego ao bar pouco antes de ele abrir. Como não vejo ninguém trabalhando, decido ir até o escritório.

Para minha surpresa, encontro Ethan e Millicent juntos. Meu irmão conversando alegremente com a garota, e ela fazendo gestos para ele.

Quando Ethan percebe que entrei no escritório, para o que está fazendo e sorri para mim.

— Estava com medo de que tivesse abandonado o bar, Savi — ele diz com um sorriso divertido.

Coloco as mãos no bolso, olhando para Ethan, mas o que realmente estou *vendo* é Millicent, que tem a cabeça baixa, evitando qualquer contato comigo.

— Você voltou cedo. Não era para ser amanhã? — pergunto tentando me concentrar.

— Consegui resolver as coisas antes. Como está o bar, e você? — Ethan senta no sofá e indica que eu me sente também. — Não irá cumprimentar a Millie? Não sei se percebeu, mas ela está bem na sua frente, Savi.

Ethan mal chegou e a velha vontade de socá-lo já está de volta.

— Olá, Millicent — falo, olhando bem nos olhos dela, porque quero ver sua reação diante de mim.

Quando me ouve, ela ergue o rosto imediatamente, seus olhos me fitando com tanta intensidade, que meu estômago se retorce. Millicent me encara por um tempo e lentamente abre um sorriso, que logo ilumina todo seu rosto. Em seguida, movimenta levemente a cabeça, como se estivesse me cumprimentando e, por fim, faz alguns gestos para Ethan.

— Claro, pode ir, Millie — ele assente.

A garota sai do escritório, ainda sorrindo, e fico parado me sentindo um bobo.

— Quero falar com você, irmão — Ethan diz. Sim, eu imaginava que ele queria.

Sento ao seu lado, no sofá, esperando pelo que vai dizer.

Ethan está nervoso, eu posso perceber isso, por causa de sua respiração e pelo modo como se mexe no sofá.

— Savi, é sobre o abrigo. — Ele vacila, vendo minha reação.

— Fala logo, Ethan! — quase grito. Estou nervoso, com medo do que pode ter acontecido.

— Acalme-se, Savi. É algo bom. Eu... Eu consegui fundos para o abrigo — ele diz rapidamente, despejando a novidade sobre mim.

Fico olhando para Ethan, tentando compreender o que ele acaba de dizer. Engulo em seco,

sentindo meu coração acelerado no peito.

— Como? — consigo perguntar.

Ethan se inclina para trás, no sofá, relaxando os ombros.

— Eu encontrei Leon, um antigo amigo da faculdade que me devia um favor... — Ele ri, uma risada abafada. — O cara progrediu na vida. Está mais rico do que eu poderia imaginar.

— Que tipo de favor? — e então milhares de coisas pesadas me vem à cabeça. O que Ethan fez?

— Digamos que ele é um dos maiores advogados do estado graças a mim. — Ethan se inclina para perto de mim e, com um sorriso maroto, diz: — Eu o ajudei em suas provas finais.

— Ajudou?

— Sim. E mais alguns favores acadêmicos que, para o nerd que eu era na época, não passaram de brincadeira. Mas então eu encontrei Leon novamente e ele ficou feliz em me ver, tanto que o convenci a ajudar o abrigo com uma boa quantia — explica.

Estou pasmo, olhando para o nada. Meu coração se acalmou, e eu não sei se isso é bom. Sinto-me fraco, com um nó na garganta. O que posso dizer? Ethan fez tudo isso por mim, por nossa mãe, pelo abrigo.

— Eu... — gaguejo porque há muitos, muitos anos não faço isso. Mas eu quero, eu preciso. — Obrigado, Ethan. Você...

— Não agradeça, Savi. — Ele bate em meu ombro. — Somos uma família, irmão. E eu sei o quanto aquele lugar é importante para você.

Ethan levanta do sofá, deixando-me sem palavras, atônito.

— Eu vou falar com Lorenzo e Teresa para abrirmos o bar. Nós nos vemos depois, Savi. — Ele sai do escritório, e eu continuo ali, sem saber direito o que aconteceu.

Capítulo Onze

Quinta-feira. Esta semana está se arrastando, tudo para me ferrar mais ainda. Sim, para me torturar, já que quero que os dias passem rapidamente esperando que, com o tempo, eu pare de pensar em Millicent. Mais uma vez, fui atrás dos encantos de Teresa e ela realmente é talentosa, porém ainda não estou saciado. Algo está faltando, e eu não sei o que é.

Durante o dia, nada de novo aconteceu. Apenas liguei para a minha mãe e lhe contei a novidade; o inesperado e incrível gesto de Ethan. Minha mãe, claro, ficou radiante. Pude sentir a emoção em sua voz e sei que ela chorou, mas dessa vez de felicidade. Ainda continuo convicto de que preciso achar outra pessoa para cuidar do abrigo e tirar esse peso das costas dela, mas dessa vez nada falei, eu não quis estragar o momento. Senti-la tão feliz, como se fosse uma menina, deixou-me um pouco mais tranquilo.

Após desligarmos, vários questionamentos invadiram minha cabeça. Por que Ethan fez isso? Foi por mim ou pelo abrigo? Será que ele não queria que eu vendesse a minha parte do bar, para que eu não sumisse do mapa mais uma vez? Ou será que simplesmente não queria um estranho em meu lugar tomando conta do bar com ele? Gostaria de saber as respostas para essas perguntas. Ethan sempre foi um bom irmão, e acho que está na hora de eu começar a recompensar seus esforços comigo.

Estaciono a Melody no lugar de sempre — ao lado do bar — e, antes de entrar, fumo um cigarro. Caminho alguns passos em direção à entrada e vejo Enrico chegar com Teresa. Às vezes ele lhe dá carona, tanto para vir, como para ir embora do trabalho. Eles moram longe um do outro, mas, mesmo assim, Enrico é gentil e lhe presta esse favor. No fundo, acho que ele gosta dela. Gosta como um homem gosta de uma mulher. Ela é muito bela, qualquer um se apaixonaria fácil, e creio que foi isso o que aconteceu com ele. Mas acho que mexicana não percebeu ou finge que não, porque, assim como eu, quer viver livre, sem compromisso. Temos muitas feridas abertas para nos envolvermos emocionalmente com alguém.

— Savi! — Enrico cumprimenta assim que descem do carro e caminham até mim. Jogo o cigarro em um cinzeiro grande que há fora do bar e aperto sua mão.

— Chefinho... — Teresa enrola a língua, daquele jeito que deixa qualquer homem duro, mas hoje isso não me causa efeito algum. Estranhamente.

— Olá, Teresa — cumprimento, sem muita emoção, e logo a vejo franzir a testa levemente; provavelmente percebeu que não estou disponível para nossas brincadeiras hoje.

De repente, um carro preto entra no estacionamento do bar, com música no último volume. Odeio batidas eletrônicas, meus ouvidos doem terrivelmente com esse som. Nós três olhamos em direção ao carro e, para a nossa surpresa, ou não, Lorenzo sai de dentro dele e acena animadamente para nós. Ele fecha a porta, liga o alarme e em seguida desfila até onde estamos.

— Que porra é essa? — pergunto apontando para o carro.

— Lindo, não é? — diz emocionado. — Com as gorjetas que ganhei na festa do senhor Collin, consegui finalmente juntar o valor que eu precisava para comprar essa belezura. Demorou, mas consegui.

— Belezura? — pergunto ironicamente.

— Está nervosinho, é? — Lorenzo pergunta com as sobrancelhas erguidas.

— Óbvio que não. Você não me viu nervoso ainda, garoto — respondo e bato em seu ombro.

— Na verdade, já vi, sim. Quando você salvou a Millie daquele canalha.

Millicent. Lorenzo tinha que tocar no nome dessa garota que está fodendo com a minha cabeça — penso ironicamente. Por mais que eu a veja no bar, quero evitar falar ou ouvir o seu nome.

— Na verdade, fico feliz que tenha conseguido comprar o que queria, Lorenzo. Você merece — digo e entro no bar, deixando-os para trás, tentando não imaginar a reação deles com o que eu acabo de dizer.

Ethan chega em seguida, quando todos já estão ajeitando tudo para abrir o bar. Ele está radiante e animado, parece realmente feliz. Será que foi por ter me ajudado?

Assim que entra no escritório, sigo-o e fecho a porta atrás de mim. Preciso agradecer da forma certa, já que ontem fiquei sem reação.

— Algum problema, Savi? — Ele continua olhando para os papéis em suas mãos.

Caminho lentamente até a mesa, arranco os papéis de suas mãos e faço algo que há muito, muito tempo não faço; puxo-o para um abraço apertado de irmão mais velho.

— Obrigado! — digo quando nos afastamos. Ethan não esconde a cara de surpresa. Ficamos em silêncio durante alguns segundos. Segundos quase constrangedores.

— Desculpe o meu silêncio, é que... — Franze a testa um pouco perdido.

— Você não esperava isso do monstro do seu irmão — continuo a sua frase, e Ethan faz cara feia.

— Você não é um monstro, Savi. Eu apenas fiquei... surpreso — diz.

— Eu também... — admito e sorrimos um para o outro, como nos velhos tempos.

— E você sabe, apesar de tudo, eu adoro o abrigo. Enquanto puder, sempre ajudarei

aquele lugar. — Ethan senta novamente e me encara nos olhos. — E você também, irmão.

Suas palavras me fazem sorrir largamente, e a quase desconhecida sensação de paz se instala entre nós. Quando estou prestes a sair, Ethan volta a falar.

— Ah, preciso que avise para o pessoal que Millicent não virá trabalhar hoje. Paro bruscamente e viro-me para ele.

— Por quê? — pergunto.

— Ela está resfriada — responde simplesmente e volta a mexer com a papelada sobre a mesa.

Não falo nada. Apenas concordo com a cabeça e saio do escritório incomodado. Por que estou incomodado se, há minutos atrás, estava desejando não falar nela e nem mesmo ouvir seu nome? Eu deveria estar satisfeito em ficar um dia longe dela, sem ver seu jeito doce e inocente de trabalhar, de atender a todos com tanta gentileza e habilidade. Millicent pode ser muda, mas todo mundo a adora e a trata bem. É como se sua deficiência não atrapalhasse em nada.

Caminho até o balcão e jogo-me em um dos bancos. Lorenzo vira-se para mim e parece perceber a mudança em meu humor.

— Algum problema? — pergunta e eu balanço a cabeça negativamente. — Tem certeza? Quase sempre, quando você sai do escritório, você e seu irmão brigam. — Seu comentário me faz sorrir.

— Por incrível que pareça, está tudo bem — respondo e ele volta a organizar as bebidas. — Millicent não virá trabalhar hoje — digo rapidamente e novamente Lorenzo me olha.

— Aconteceu algo com ela? — pergunta preocupado. Ele realmente gosta dela.

— Parece que está resfriada.

Lorenzo respira aliviado.

— Bem, parece não ser grave. Depois eu mando uma mensagem para ela — diz e eu fico em pé.

— Avise Enrico e Teresa sobre isso.

Dou meia-volta e caminho até o escritório novamente. Dessa vez, Ethan me olha quando percebe que entrei.

— Preciso dar uma saída — digo e ele me encara.

— Tudo bem — responde. — Sei que não é da minha conta, mas aonde vai? — pergunta curioso.

— Evan está na cidade e mandou uma mensagem, precisa falar comigo — respondo e ele faz uma careta.

— Aquele seu amigo doido está de volta? — Sua pergunta me faz rir.

— Eu não demoro. Em uma hora estou aqui — garanto e Ethan concorda.

Deixo o escritório, pego meu capacete e saio do bar. Não acredito que farei isso. Sou um maldito

filho da puta.

Chego ao bairro em que Millicent mora. Após dar algumas voltas, criando coragem e me perguntando se devo ou não fazer isso, decido que sim. Se vim até aqui, é porque quero vê-la; ver como está, mesmo sem entender essa urgência repentina.

Estaciono a moto em frente a sua casa, tiro o capacete e respiro fundo. Ainda não anoiteceu, então consigo olhar tudo com atenção e perceber detalhes em que não reparei quando trouxe Millicent de madrugada.

Desço da moto, caminho até a pequena escada e ainda continuo me perguntando se devo ou não fazer isso. Subo lentamente, meu coração quase saindo pela boca, e então, quando decido bater à porta, ela é aberta bruscamente.

Vejo um par de olhos azuis, um pouco inchados e avermelhados. A pele de Millicent está corada e ela está agasalhada dos pés a cabeça. Parece realmente estar mal.

— Millicent, eu... — Não sei o que falar. Estou me sentindo um verdadeiro idiota diante dela. Nem sei por que vim aqui.

Ela fica me encarando durante alguns segundos, parece estar esperando alguma explicação. Penso em um palavrão dos feios, mas guardo para mim. Estou enlouquecendo.

— Olha, se quer saber por que estou aqui, nem eu mesmo sei — digo com sinceridade. Millicent abre um lindo sorriso, então pega a minha mão e me convida a entrar.

E eu aceito.

O espaço de sua casa é pequeno, os móveis são um pouco velhos, mas tudo é muito limpo e organizado. O cheiro desse lugar é doce; e, ao olhar tudo a minha volta, tenho a sensação de aconchego.

Millicent me leva até um sofá, de apenas dois lugares, onde me faz sentar.

— Ethan me disse que você está resfriada — explico, correndo os olhos por seu corpo. Paro minha visão em seus pés. Deus! Ela está usando um par de pantufas em forma de ovelhas?!

A garota percebe meu interesse em sua pantufa exótica e, sorrindo, levanta um pé, aproximando de mim para que eu veja melhor.

— É... Adorável — elogio um pouco contrariado. Vejo os ombros de Millicent tremerem, então percebo que ela está com lágrimas nos olhos, rindo como uma criança. — Você sabe que elas são horrorosas, não sabe?

Ela concorda com a cabeça e, dessa vez, quem acaba rindo sou eu.

Percebo o toque de Millicent em meu braço e vejo que se sentou ao meu lado. Ela puxa um lenço do bolso do agasalho, limpando o nariz e os olhos, dobrando-o com cuidado e devolvendo

ao bolso. Depois me encara, seu rosto parecendo um tomate maduro. Sinto-me culpado, porque é lógico que ela ficou desse jeito por eu ter sido idiota o suficiente para não tê-la agasalhado, enquanto a carregava em minha moto na madrugada fria.

De repente, decido que quero cuidar dela. Na realidade, não apenas decido, sei que quero.

— Você está tremendo, Millicent. — Coloco a mão em seu rosto, sentindo o quanto está quente.

Olho para os lados, pensando nas poucas possibilidades que esse lugar oferece.

— Você tem chá? — pergunto já levantando e indo para a pequena cozinha anexa à sala. Paro e olho para trás, para ver sua resposta. Ela aponta para um armário perto da geladeira e eu vou até lá. Encontro uma caixa de chá de morango e, mesmo não sendo o ideal, sei que irá ajudá-la a se sentir melhor.

Coloco água em uma panela pequena que está sobre o fogão e a deixo esquentar. Aparentemente, Millicent não tem uma chaleira; e nem um micro-ondas.

Apoio-me à parede, esperando a água ficar quente, enquanto isso, aproveito para observar a dona da casa. Ela está sorrindo, olhando para os próprios pés, movendo-os para os lados. Tenho aquela sensação estranha no estômago, a qual se apodera de mim sempre que a vejo. Millicent é um mistério para mim. Queria poder ouvi-la falar, queria que pudéssemos conversar, queria saber como é sua voz. Imagino que seja tão doce quanto ela.

Mas... Lorenzo conversa com ela. Sim, Millicent o responde com gestos. Eu poderia tentar.

Ouçõ o barulho da água e apago o fogo. Coloco o pacotinho de chá em uma xícara de porcelana e o cubro com a água. Espero até que ele fique pronto e levo para a garota.

Sento novamente ao lado de Millicent e coloco a xícara em suas mãos. Ela olha para o chá e franze a testa, sem entender o que se passa.

Ergo seu rosto para que ela olhe para mim.

— Beba.

Ela me obedece, ingerindo vários goles longos de chá, sempre com os olhos grudados nos meus. Eu também não consigo deixar de olhá-la.

Ah, o que você está fazendo comigo, Millicent?

Quando termina o chá, ela deixa a xícara no chão e, um pouco constrangida, olha para as próprias mãos enroscadas em seu colo. Por que ela mudou tão de repente? Quero que olhe em meus olhos, para mim.

Eu toco de forma delicada em seu rosto, porque ela precisa olhar para mim. Quando isso acontece, perco o ar. Seus olhos tão azuis estão assustados.

— Não tenha medo de mim. — Passo o polegar por sua bochecha, fazendo círculos, sentindo o quanto sua pele é macia.

Aproximo meu rosto do seu, encosto minha testa na sua, e ela fecha os olhos.

— Inferno! Eu quero beijá-la, Millicent. — Vejo seus lábios tremarem. Coloco a ponta de meu dedo em sua boca, incitando-a. — Você também quer me beijar? — pergunto e, Deus, o que mais quero é que ela também queira.

Millicent me surpreende ao abrir os olhos e lentamente tocar minha boca com a sua.

E o resto acontece como se já tivéssemos feito isso milhares de vezes.

Seguro-a pela nuca, enquanto invado sua boca com minha língua, porque preciso, preciso dela com urgência. Millicent me corresponde e nós dois nos perdemos.

Sinto o gosto de morango em sua língua, junto com o calor do chá, e é o paraíso. Millicent é tão doce, tão volúvel. Mas, de repente, eu preciso de mais. Preciso senti-la entre meus braços.

Puxo Millicent para meu colo, fazendo-a sentar-se com as pernas abertas sobre mim. No começo ela fica tímida, mal se movendo, mas, quando começo a depositar beijos em seu pescoço e a acariciá-la nas costas, ela finalmente se deixa levar.

— Millie... — sussurro contra sua pele. Porra! Nunca me senti tão duro, tão desesperado para ter uma mulher como quero essa. Eu quero Millicent. Quero estar dentro dela. Desesperadamente.

Ela para o beijo. Coloca suas mãos sobre meu pescoço, curiosa com as tatuagens que cobrem minha pele. Millicent move os dedos, contornando o desenho, mas eu seguro sua mão a impedindo.

— Eu preciso beijá-la novamente. Apenas mais uma vez. Você quer isso, Millicent? — Passo a mão por seus ombros, descendo para seu quadril.

Ela abre bem os olhos e deixa a cabeça cair para trás, seu cabelo loiro sobre seus ombros. Linda e angelical.

Puxo-a de volta para meus braços, e ela envolve meu pescoço com os braços, voltando a me beijar. Quero ficar assim eternamente. Mas não apenas assim, eu quero mais.

Não sei por quanto tempo ficamos daquela forma, tão íntimos, e já tão conhecidos. Os corpos entrelaçados, as línguas dançando juntas. Mas, em algum momento, minha consciência volta a funcionar e vejo que é hora de ir. Já passou mais de uma hora, e preciso voltar para o bar.

Contrariado, beijo delicadamente o rosto de Millicent.

— Eu preciso ir. — Mas não quero.

Ela morde o lábio, constrangida, e se apoia para sair de meu colo. Eu a impeço, prendendo seus quadris.

— Não fuja de mim. — Retiro os cabelos de seu rosto. — Não consigo me manter afastado de você. Sei que é errado, que estou errado, mas... apenas deixe-me conhecê-la melhor — confesso tudo

a Millicent e, diferente do que eu imaginava, não me sinto ridículo por isso.

As mãos de Millicent estão em meu rosto, impelindo-me a olhá-la. A princípio acho que vai me beijar, mas então seus lábios se movem como se estivesse falando. Ela está se comunicando comigo. E eu compreendo. A forma como sua boca abre e fecha... Ela está dizendo sim!

Eu sorrio encantado.

— Preciso voltar para o bar. Ethan precisa de mim. — Levanto do sofá abraçado a ela. Suas pernas enroscadas em minha cintura. Vou até a porta, beijando-a de leve, sentindo mais uma vez seus lábios e seu gosto. Com muito esforço, consigo abrir a porta e colocar Millicent no chão. — Eu voltarei amanhã cedo para ver como você está. Até lá, mantenha-se aquecida e tome alguns analgésicos. — Beijo-a pela última vez antes de lhe dar as costas e ir para a moto.

Millicent continua na porta e, quando estou saindo com a moto, vejo-a acenar para mim.

Dessa vez eu volto para o bar me sentindo diferente. Confuso.

Assim que entro no The Underwood's, uma cena um tanto constrangedora está me esperando. Ou melhor, Evan está me esperando no bar, enquanto bebe uma cerveja. Ethan está ao seu lado e, ao notar que estou de volta, olha-me interrogativamente.

— Olá, Evan — cumprimento meu amigo, evitando olhar para meu irmão.

— Eu estava sem nada para fazer, então decidi ver como está o bar. Vocês fizeram um ótimo trabalho aqui, cara — ele elogia distraído, olhando para o fundo do bar, para Teresa, que está arrumando uma mesa.

— Obrigado. — Atrevo-me a olhar para Ethan.

— O engraçado é que Evan chegou aqui exatos nove minutos depois de você ter saído para ir encontrá-lo, Savi. Não é estranho? — Sim, eu tinha certeza de que meu irmão não ficaria quieto.

— Você foi me encontrar? — Evan pergunta, e eu tenho vontade de arrancar seus dentes um por um.

— Com quem esteve, Savi? — Ethan pergunta.

Eu definitivamente não devo satisfação a absolutamente ninguém, nem mesmo para Ethan. Pretendia responder exatamente isso, antes de uma voz surgir atrás de mim.

— Ele estava comigo. Algum problema com isso? — Porra! Olho para trás e não acredito no que estou vendo!

— Quem é você? — Meu irmão sai de onde está e caminha até a mulher de preto, coberta de tatuagens.

Ela olha Ethan de cima a baixo e depois cruza os braços.

— Evangeline. Amiga do Savi. — Sorri para mim, mas depois volta a encarar Ethan.

Eu respiro fundo. De onde diabos Eva surgiu? Eu não a vejo há muitos anos e definitivamente esperava não vê-la nunca mais.

— Eu preciso de um uísque — digo, caminhando até o bar, completamente atordoado.

— Eu te acompanho. — Eva sorri e pisca para mim, enquanto Ethan fica com cara de bobo olhando para nós dois.

Escuto Evan assoviar e soltar uma gargalhada.

— Esse é o meu garoto. — Ele diz e sorri para Ethan, que continua imóvel.

— Bom te ver, Savi. — Eva se aproxima e pega a dose de uísque que lhe sirvo.

— Já faz muito tempo... — digo e ela balança a cabeça.

— Eu trouxe boas novas, mas primeiro vamos brindar! — Sorri e meu peito dói.

O que ela veio fazer aqui?

Capítulo Doze

Ainda não consigo acreditar que ela esteja aqui. Estou um pouco chocado. Depois de tantos anos, vê-la novamente é como voltar para aquele maldito dia. Eva é uma lembrança ruim. Não, não a odeio. Ela foi uma grande amiga, acredito que a única — fora Evan — que tive durante a vida, e me apoiou quando eu precisei. Acontece que junto dela, ao ver seu rosto que pouco mudou, sentimentos inesperados voltam à tona. Tenho que confessar que sua presença agora, neste momento, inspira-me algo nada bom. Ela não voltou apenas pela velha amizade, eu sei disso.

— Não vai dizer nada, Savi? — pergunta sorrindo por trás de seu copo.

Eu bebo um gole de uísque e olho para Evan, que agora está sentado em minha frente. Meu amigo também está surpreso, posso ver por sua expressão. Ele examina cada detalhe de Eva, e tenho certeza de que também está recordando o que aconteceu.

— Você está velha — digo sorrindo, tentando aliviar um pouco da tensão.

— Sou apenas dois anos mais velha que você, Savi. — Ela olha para Evan e franze a testa. — Eu conheço você?

— Eu era o cara sexy de cabelos loiros que sempre estava ao lado do Savi. — Ele vira a cara para o outro lado e continua a beber.

Eva sorri e revira os olhos.

— Ah, sim, o filho do Axl Rose. — Ela solta uma gargalhada alta.

Rio também, lembrando-me do antigo apelido de Evan.

— Ainda não entendi por que está aqui — falo, olhando novamente para Evangeline.

Ela morde o lábio, olhando para os lados e depois se aproxima de mim.

— Estou aqui pelo passado, Savi — começa, ansiosa. — Eu passei todos esses anos pensando em você, eu sabia que não era apenas o que sabíamos... Savi, eu descobri algo importante.

Meu coração dispara em meu peito.

Olho para os lados e percebo que Evan continua bebendo sem nos dar atenção. Ethan discute algo com Teresa, lançando-me olhares furiosos, enquanto as pessoas começam a entrar no bar. Preciso falar com Eva, mas não aqui. Conheço um lugar em que podemos conversar sozinhos. É evidente que desejo ouvir o que ela tem a dizer, por mais que qualquer maldita lembrança seja ruim. Sei que irá doer, mas, mesmo assim, há algum motivo importante para que Eva esteja aqui.

— Eu não imaginava que você estivesse fazendo tanto sucesso com o bar — ela comenta apontando para a entrada, onde há um aglomerado de homens e mulheres esperando por sua vez de entrar.

— Ethan sabe como administrar este lugar — respondo orgulhoso de meu irmão mais novo.

Eva me olha com um olhar interrogativo, e eu recordo que ela não conhece Ethan.

— Meu irmão mais novo — explico, inclinando a cabeça para onde ele está.

Ela acompanha meu olhar, até encontrar Ethan. Eva o encara por alguns segundos. Olha-o de cima a baixo, tenho certeza de que o está analisando.

Sei muito bem o que ela deve estar pensando.

— Ele é estranho — diz com a testa franzida.

Solto uma gargalhada alta e Eva acaba rindo também.

— Você é estranha — Evan resmunga ao lado, mal olhando para nós.

— Parece que o loiro sexy está de mau humor hoje — Evangeline rebate, fuzilando-o com o olhar.

Ótimo. Era tudo de que eu precisava para dar o fora daqui.

— Precisamos conversar em outro lugar. — Pego a mão da Eva e indico a saída. Ela sorri sedutoramente, apertando minha mão.

Puxo-a em meio às pessoas até encontrar Ethan. Ele está encostado a uma parede próximo às mesas de sinuca, e, assim que nos vê, fecha a cara.

— Vou precisar sair. Volto antes de o bar fechar — digo ainda segurando a mão de Eva, que agora está ao meu lado.

Ethan a olha, examinando cada detalhe dela, e depois faz uma careta, como se tivesse acabado de reprová-la em algum quesito estranho.

— Devo me preocupar? — pergunta, cruzando os braços. — Se não voltar até amanhã pela manhã, eu chamo a polícia.

Encaro Ethan sem entender sua reação. O que há com ele? Qual o problema?

— Gostei do penteado. — Eva sorri, mostrando o cabelo perfeitamente alinhado do meu irmão mais novo. É, também nunca entendi como ele consegue tal feito.

— Suas tatuagens lembram meu primeiro álbum de figurinhas. Era sobre monstros — ele alfineta.

Olho para Ethan e depois para Eva, tentando entender o que está acontecendo bem a minha frente. Eles nem se conhecem, então qual o motivo da implicância?

— Precisamos ir. Tente beber uma cerveja, cara. — Bato em seu ombro. — Ou quem sabe transar — digo no ouvido dele antes de sair.

— Seu irmão é virgem? — Eva pergunta quando já estamos saindo do The Underwood's.

— Ethan é um pouco tímido — conto, mas é um tanto óbvia tal informação.

Caminhamos de mãos dadas, até chegar ao estacionamento e, de repente, uma garota de moletom rosa surge em nossa frente, saindo de trás de um carro. É Millicent. O que ela faz aqui?

Ela para, os olhos arregalados caindo diretamente em minha mão que está unida à de Eva. Seu rosto fica vermelho até a raiz dos cabelos e ela começa a torcer as mãos uma na outra sem saber o que fazer.

— Millicent, achei que estivesse doente. — E está. Pela quantidade absurda de roupa que está usando e pelo avermelhado de seu nariz, fica evidente isso, o que me faz questionar o que inferno ela está fazendo aqui.

Millicent não se move, mas ao menos olha para mim, diretamente nos meus olhos. Isso me desconcerta, porque nem ela mesma sabe a intensidade que exala.

Eva aperta minha mão, uma pista sutil do que devo fazer.

— Eva, essa é Millicent. Ela trabalha no bar. — Limpo a garganta, sentindo-me estranho.

— É um prazer — Eva diz sorrindo.

Millicent sorri de volta, fazendo covinhas aparecerem em suas bochechas vermelhas. Tenho vontade de tocá-la ali, sentir novamente a textura macia de seu rosto.

Concentre-se Savi!

É hora de acabar com isso. Agora.

Para meu alívio, Millicent passa por nós, ao meu lado, e eu preciso evitar a vontade de olhar para trás e vê-la mais um momento. Mas estou com Eva. Não posso ir atrás de Millie, não agora. Terei tempo para isso depois, e com toda certeza farei.

Evangeline tem uma Harley customizada em preto e vermelho. É extremamente chamativa, combina com ela.

Subo em Melody e, antes de colocar o capacete, grito para Eva:

— Siga-me.

— Pode deixar, comandante! — ela responde, prestando continência.

Acelero minha moto e contorno a saída do estacionamento, saindo para a rua em seguida, com Eva atrás de mim.

— Isso vai te matar. — Eva faz cara de nojo quando me vê devorar um hambúrguer recheado com bacon.

— Não sou capaz de sobreviver apenas de salada como você. — Finjo que estou repugnado de sua salada de alface, cogumelos e aspargos.

Ela revira os olhos.

—Tudo bem. Eu admito que esteja morrendo de vontade de morder esse hambúrguer cheio de queijo e... Gordura. — Ela passa a língua pelos lábios, fitando com desejo meu sanduíche.

— A salada, Eva. Coma sua salada — falo, provocando-a.

Ela bufa, cravando o garfo em um cogumelo e levando à boca.

Comemos em silêncio, o restaurante está quase vazio. É um lugar onde os caminhoneiros ou quem precisa comer um lanche rápido vêm, e eu o escolhi precisamente por ser o mais próximo.

Eva brinca com o garfo no prato, distraída. Eu termino de comer e bebo minha cerveja.

— Então, qual o lance com a garota?

Eu não olho para ela.

— Não há lance algum.

— Ela ficou com ciúmes quando nos viu juntos — continua Eva.

— Como você sabe disso? — obrigo-me a perguntar.

Eva apoia os cotovelos na mesa e se inclina para mim.

— Vi o modo como ela olhou para você. Sei muito bem quando uma mulher está interessada em um homem, e você é um cara muito sexy, Savi. É provável que aquela garota goste de você.

Coloco a cerveja em cima da mesa com força, irritado com o rumo da conversa.

— Você disse que descobriu algo.

Eva suspira, desistindo de fazer graça, e eu fico aliviado por isso.

— Savi, eu estava lá naquele dia — sua voz fica mais baixa. — Sei tudo que aconteceu. E, apesar de não ver você desde aquela época, nunca consegui esquecer aquela história. Durante todos esses anos, sempre me perguntei como você poderia ser capaz de ter feito tal coisa, mas você não fez, Savi. — Ela para um pouco, tomando fôlego. — Há dois meses, eu voltei àquela casa. Tudo continua exatamente igual. Rafe ainda mora lá. Eu falei com ele... Perguntei algumas coisas. E eu... Eu descobri algo importante, Savi.

— O quê? — pergunto angustiado.

— Não aconteceu nada, Savi. Você não fez absolutamente nada. — Eva diz rapidamente e em consequência acho que meu coração e meu cérebro para de funcionar.

Deus! O que acabei de ouvir?

Capítulo Treze

Quando acordei, há algumas horas, achei que tudo não passava de um sonho estranho. Mas, depois de um banho e uma xícara de café, consegui perceber que era tudo verdade, que a noite passada realmente tinha acontecido. Precisei ficar algum tempo jogado no sofá, olhando pela janela, para Seattle em seu constante movimento, assimilando aos poucos o que Eva tinha dito.

Ainda estou chocado, sem rumo.

Se Evangeline estiver certa, se ela descobriu mesmo o que me contou, eu vivi os últimos anos em um inferno simplesmente por uma farsa. Deus! Se ela estiver certa, eu sou inocente, não houve crime algum!

Sim, estou perturbado. Assim que Eva terminou de me contar os detalhes do que tinha descoberto, a única coisa que consegui fazer foi sair daquele restaurante. Não hesitei em deixá-la sozinha e nem em impedi-la de me seguir. Eu precisava ficar sozinho para absorver toda aquela merda. Percorri dezenas de quilômetros sem saber para onde ir. Na verdade, em certo momento, tive uma vontade grande de ir até Millicent. Imaginei, sem saber o motivo, que, ao vê-la, ao tê-la perto de mim, mesmo que não pudéssemos conversar, eu iria me sentir melhor. Mas meu bom senso me impediu de ir até ela. Era madrugada, o bar já havia fechado e ela já estava em casa. Eu sabia disso, mas, mesmo assim, desviei e voltei para casa.

Tive uma péssima noite de sono. Fiquei incontáveis horas deitado olhando para o nada. Senti raiva de mim mesmo por isso, mas no fundo senti também um pouco de esperança.

É claro que desejo que tudo isso seja verdadeiro. Seria o fim de meu sofrimento. Finalmente eu poderia voltar a viver. Não quero ser um completo babaca e me alimentar de falsas esperanças, mas, porra! Eu preciso de algo para acreditar!

Mandeí uma mensagem para Eva, dizendo que precisávamos nos encontrar novamente. Ela respondeu dizendo que ficará fora da cidade por alguns dias e que, logo que estiver de volta, virá atrás de mim. Preciso usar esse tempo para pensar no que farei. Preciso de um plano. E preciso também falar com alguém.

Tentei falar com Evan, mas não obtive resposta, o que me leva a crer que provavelmente ele tenha encontrado alguma mulher e transado a noite inteira. Sortudo!

O tão conhecido sentimento que aperta meu peito está de volta essa manhã. Preciso manter minha mente ocupada, desviar os pensamentos que quase me deixam louco.

Tenho uma ideia. Vou até o banheiro e me olho no espelho. Encaro meu reflexo, inspecionando cada detalhe. Há quantos anos não faço isso, realmente me ver e não simplesmente olhar? Reviro o

armário e encontro uma tesoura. É claro que tenho certeza do que farei, não posso aceitar o que vejo no espelho.

Respiro fundo antes de começar a cortar minha barba. Não a corto completamente, apenas a deixo mais curta. Quando termino, olho-me novamente no espelho. Melhor. Esse sou eu, esse é Savi Underwood.

Termino de organizar o banheiro e volto para a sala.

Velho Savi de volta e, por um momento, a velha imprudência de volta também. É por isso que não penso muito quando resolvo pegar as chaves da moto e descer para a garagem e nem mesmo hesito em conduzir diretamente para o bairro de Evan.

Mas é óbvio que não é Evan que quero ver.

É Millicent.

Eu poderia ter me negado, compreendido que não seria certo vê-la, que ela é extremamente inocente para mim e que logo irei corrompê-la, mas há alguma parte em meu cérebro que não entende tais coisas. E, céus, agradeço tanto a essa pequena parte. Não quero deixar de ver Millicent, e não vou.

Estaciono Melody em frente à pequena casa de apenas uma janela. Não há sinal da presença de alguém, tudo está fechado. Paro na porta e vacilo, pensando se vou mesmo fazer isso.

É claro que vou! Golpeio a porta com a mão, de leve, porque não quero assustá-la. Nada.

Bato novamente e dessa vez ouço a porta ser destrancada.

Millicent aparece em minha frente, abrindo a porta lentamente, espiando para fora. Por que diabos ela está trancada durante o dia?

Assim que percebe que sou eu, ela sorri abertamente.

— Queria ver como você estava — falo um pouco perdido.

Ela aponta para dentro da casa, indicando que devo entrar. Procuro em minha mente aquela parte que diz que não devo, mas, como não a encontro, simplesmente entro.

Franzo a testa ao ver a quantidade de livros espalhados pela sala. Eu poderia me perder facilmente no meio de todos esses romances, terror... Ela lê Emily Brontë? Pego o livro de capa dura que deve ser mais velho que eu e o folheio.

— Não imaginei que tivesse uma biblioteca em casa — digo mostrando o livro em minha mão.

Millicent revira os olhos, exasperada. Ela vem até onde estou e pega o livro da minha mão. Coloca-o delicadamente em cima de uma mesa e o cobre com um tecido branco. Deve ser valioso para ela. Quando volta, para em minha frente, fingindo estar interessada em algum livro em especial.

— Millicent — eu a chamo.

Ela se vira para mim, seus olhos grandes e curiosos encontrando os meus.

— Eu pensei que talvez você aceitasse passear comigo — convidado, a ideia surgindo no mesmo momento.

A garota lambe os lábios, pensativa. Olha para os lados, apontando para os livros.

— Prometo que, quando voltarmos, eu a ajudo — comprometo-me. Sim, tenho certeza de que até mesmo organizar livros pode se tornar prazeroso.

Ela pensa mais alguns segundos, até que movimenta a cabeça de cima para baixo, concordando.

Eu deixo o ar preso em meus pulmões voltar a circular. Por um momento, achei que ela não aceitaria.

Ofereço a mão a ela, que a aceita. Pergunto-me se Millicent não precisa de uma bolsa ou do celular, mas ela não faz menção de pegar qualquer coisa, e eu também não digo nada. Hoje, eu a quero somente para mim. Nada entre nós.

Depois de ajudá-la a trancar a porta, levo-a até a moto.

— Tem certeza de que não precisa de um agasalho? — pergunto, preocupado que ela fique doente novamente, e por minha culpa.

Rindo, ela faz que não.

Coloco o capacete e Millicent faz o mesmo.

Sinto suas mãos em minha cintura quando ela sobe na moto. Estou com uma camiseta leve e posso sentir seu toque. É bom e, sim, eu queria suas mãos em outras partes do meu corpo. É impossível não pensar isso e me amaldiçoo profundamente por tal pensamento.

Saio com Millicent pelas ruas do bairro decadente, passando em frente a casas com várias crianças brincando em frente, jogando futebol. Em poucos minutos estamos entrando na região mais afastada do centro de Seattle, indo para o oeste. Sei exatamente onde levá-la.

O rosto de Millicent se transforma quando vê a paisagem em sua frente. Ela sorri encantada, e eu tenho vontade abraçá-la. É difícil resistir quando se tem uma bela mulher em sua frente, mesmo que vestida com moletons, observando os barcos passeando pelo lago azul-escuro.

Escolhi trazê-la aqui pela tranquilidade e porque sabia que assim poderíamos ficar sozinhos. Há um grande gramado, o qual apenas algumas pessoas frequentam. A maioria prefere passear de barco, mas não é isso que faremos hoje.

— *Me dê sua mão* — digo para Millicent, que acorda do transe hipnótico causado pela água.

De mãos dadas, caminhamos por uma parte do gramado. O vento bate no rosto de Millicent, jogando seus cabelos para trás, espalhando-os por seu rosto, e ela ri como uma menina. Paro onde estamos e retiro as mechas que insistem em cobrir suas faces.—Ela para de rir e me encara. Eu a seguro pelo queixo e inalo o perfume de seus cabelos. O perfume é doce, feminino, atingindo-me o

estômago e mais abaixo... Quero Millicent. Quero beijá-la, mas não quero assustá-la.

Aproximo-me mais, com cuidado, e seguro uma mecha de seus cabelos entre os dedos, sentindo a textura aveludada. Seus olhos azuis estão bem abertos, fitando-me com esperança.

— Eu quero beijá-la, Millicent — sussurro no ouvido dela, segurando-a firme entre meus braços.

Eu não avanço, espero por ela, e cada maldito segundo é como a eternidade.

A mão de Millicent toca meu peito e sobe por meu pescoço, até chegar em meu rosto.

Em seguida, ela fica na ponta dos pés e, de olhos fechados, inclina seus lábios para mim, oferecendo-os.

Eu a beijo. Firme, não tão passivo como o primeiro. Este é quente, Millicent sabe o que fazer, e eu sei o que quero fazer. Sua língua é doce contra a minha, morna e agradável; um pouco inexperiente, mas logo está em perfeita sintonia comigo. Seguro sua nuca, deixando sua cabeça cair para trás. Irei devagar, quero aproveitar cada instante. E é o que eu faço. Por mais que sejam apenas minutos, beijar Millicent é como a eternidade. Meu desejo se acumula em minha virilha, desesperado, implorando por libertação. Eu a quero em meus braços, sim, decidi isso há pouco. Eu quero possuí-la, senti-la se apertando ao redor de mim. Preenchê-la e fazê-la gozar comigo.

Afasto-me dela.

Senhor! Estamos em um lugar público, e estou tendo uma ereção tão grande quanto o Obelisco Espacial!

Tomo várias respirações, tentando acalmar a pulsação em meu corpo. Fecho os olhos e deixo que a imagem de Millicent se dissipe. Funciona. Mas quando abro os olhos e a vejo novamente em minha frente, sinto-me um fraco.

— Quero levá-la em um lugar. — Pego-a pela mão outra vez, mas agora pensando em como me livrar desse desejo estranho.

Capítulo Quatorze

— Sei que deveria ser algo melhor, mas foi a única coisa que consegui — explico ao sentar ao lado de Millicent na grama, enquanto lhe entrego um pacote de Oreo.

Como sempre, ela sorri. Parece que está constantemente feliz e isso me surpreende. Nunca convivi com uma pessoa que sorrisse tanto quanto Millicent e isso me agrada.

Ela abre o pacote e retira um biscoito, que oferece a mim. Eu aceito.

— Podemos comer imaginando que estamos em algum restaurante caro. — Mordo um pedaço do biscoito e depois o levo aos lábios dela. — Imagine que está comendo um salmão ou qualquer outra coisa que deseje.

Millicent mastiga de olhos fechados e por um momento tenho quase certeza de que está sendo bem-sucedida em minha ideia. Então ela abre os olhos e empurra um biscoito em minha boca.

— Isso foi golpe baixo — resmungo enquanto devoro o Oreo.

Ela come mais dois biscoitos e fica de pé, limpando os farelos que caíram em sua roupa. Quando nota que a estou olhando, Millicent bufa, fingindo estar irritada.

— Está exatamente igual a uma cuidadora de cães, falta só o cão — comento, mostrando uma mulher que está passando do outro lado do gramado. Ela também está usando moletom e tênis, enquanto passeia com um cachorro preto.

Millicent me olha ceticamente e depois me mostra a língua.

Eu rio perplexo com sua capacidade de me surpreender.

Fico olhando para Millicent e por um momento lembro-me da minha mãe. As duas são parecidas. Não fisicamente, é claro, mas sim no talento que têm de me fazer sorrir, de me fazer sentir bem. Minha mãe iria gostar dela.

Não, não estou pensando em apresentá-las. Não há nada entre Millicent e eu e, por mais que eu a queira, não pretendo apressar as coisas. Tê-la aqui comigo hoje é uma forma de aproximação. Ela é diferente das outras mulheres com que já me envolvi. Nunca antes precisei de mais de dois dias para conseguir levá-las para a cama. Não tinha paciência suficiente para tanto. Mas agora, com Millicent, é diferente, sinto-me na obrigação de não avançar acima de sua inocência.

Posso ser educado e compreensivo quando desejo.

Millicent aponta para frente, onde há uma pequena feira, com algumas barracas de lona.

— Quer ir até lá?

Ela balança a cabeça confirmando e quase a vejo bater palmas de alegria.

Levanto e, sorrindo, indico o caminho. Caminhamos lado a lado, e algumas pessoas passam por

nós. Imagino o que elas devem pensar. Um cara todo tatuado e estranho com uma garota tão delicada?

Eu mesmo me faço essa pergunta. Mas, ora, quem diria?

Millicent fica empolgada quando chegamos à primeira barraca. Há vários objetos, colares, pingentes e mandalas feitas de penas e pedras. O vendedor tem cabelos compridos, que chegam à cintura, usa uma fita de couro na testa e está com uma cara pior que a minha, de quem não dorme há vários dias.

Por segurança, puxo Millicent para a próxima barraca. Quando ela vê do que se trata, seus olhos se arregalam. É uma barraca onde uma mulher oriental faz tatuagens de hena. Expostos em um cavalete de madeira, há vários desenhos para inspiração dos clientes. Millicent examina os desenhos atentamente, interessada em cada um deles.

— Gostaria de fazer uma tatuagem dessas? — pergunto ao lado dela.

Ela para o que está fazendo e abre a boca, sem acreditar. Vejo seus lábios se moverem e formarem a palavra “sim”.

— Já sabe que desenho vai querer?

Millicent confirma, mostrando vários pássaros pequenos saindo de uma gaiola aberta. É a cara dela.

Informo a mulher da barraca que a garota ao meu lado fará a tatuagem. Ela pede-lhe que escolha o lugar e Millicent indica o pescoço, olhando-me, procurando minha opinião. Eu sorrio concordando.

Enquanto Millicent senta na cadeira e a mulher começa a preparar a pele para a hena, meu celular toca em meu bolso.

É Evan.

Olho para Millicent. Não quero atender. Não agora. Mas e se for algo importante? E se esse maluco fez algo errado? Minha consciência me faz apertar o botão aceitar.

— Savi? Cara foi difícil falar com você!

— O que foi, Evan? — falo ríspido, estou sem paciência.

Ouçõ uma risada abafada.

— Calma, cara. Eu só queria saber se você quer sair para comer alguma coisa.

Passo a mão pelos cabelos, exasperado.

— Eu estou um pouco ocupado, Evan. Não vai dar — tento despistá-lo.

— Sem problemas, eu vou até seu apartamento — ele insiste.

Aperto os punhos, desejando socar algo, mas há apenas um poste em minha frente.

— Eu não estou em casa. Tive que visitar minha mãe. — Sim, estou mentindo como um garoto para ele.

A ligação fica muda, e eu acho que ele desligou, mas então ele volta a falar:

— Sabe, cara, sempre fomos amigos e nunca mentimos um para o outro. Achei que seria mais fácil você dizer que estava comendo a garota de moletom rosa do que inventar uma desculpa dessas.

Meu sangue gela.

— O que você está dizendo, cara? — pergunto desconfiado.

— Estou apenas passando, Savi. Não se incomode comigo, aproveite sua garota. Nós nos vemos à noite. Use camisinha, cara — e desliga.

Nervoso, olho para todos os lados, procurando por Evan. Encontro um cara de camiseta vermelha em cima de uma moto acenando para mim. Filho da puta! Ele acelera e some pela rua.

Volto até onde deixei Millicent. A tatuagem é simples e está quase pronta. A garota está sorrindo de orelha a orelha, e isso me deixa mais tranquilo.

Poucos minutos depois, a tatuagem fica pronta e, após pagar a mulher, levo Millicent para perto da água.

— Gostei — elogio quando ela me mostra, pela segunda vez, os desenhos em seu pescoço.

Tenho vontade de beijá-la ali, mas volto a me concentrar. Quero falar com ela.

— Eu terei que levá-la para casa — digo com a voz rouca. Não queria que ela fosse. — Mas quero que você saia comigo novamente. Você já teve um encontro?

Ela faz que não.

— Eu quero levá-la a um lugar especial e depois quero beijar cada parte de você, Millicent. — Acaricio seus braços. — Sinto-me atraído por você e sei que você também sente algo por mim. Quero ir com calma, tenho toda paciência do mundo para tê-la para mim.

Ela me surpreende, jogando-se nos meus braços, abraçando-me com força.

Sem jeito, abraço-a de volta. Seus cabelos caem em volta de mim, seu perfume doce me invade. É tão bom tê-la em meus braços.

— Vou levá-la para casa — falo, ao abraçá-la pela cintura, enquanto caminhamos até a moto.

— Amanhã, seremos somente você e eu. Virei buscá-la às oito. Darei um jeito de sair do The Underwood's sem ser visto. Sei que será difícil, pois sábado é o dia de mais movimento... A nossa sorte é que você está de atestado médico até segunda, então será mais fácil. Você aceita sair comigo amanhã, Millicent?

Sua resposta é sim movendo os lábios.

Eu me perco. Puxo-a para meus braços e a beijo e a abraço. Estamos em frente a sua casa, mas não me importo. Eu poderia carregá-la para dentro e tê-la agora mesmo; quero muito, desesperadamente, mas não farei. Há tempo. E a espera será gratificante.

Despeço-me dela com mais beijos e, enquanto ela acena para mim, caminho para a moto.

Dessa vez volto para casa com outra sensação diferente. Esta é boa. É magnífica. Nem me importo em ainda ter uma longa noite de trabalho no bar.

Preciso de um banho frio para conseguir abaixar a temperatura do meu corpo, abrandar o desejo. Amanhã terei Millicent comigo.

Capítulo Quinze

Estou me sentindo um idiota. E a culpada disso é Millicent.

Queria poder ter a dignidade de dizer que não, mas preciso admitir que estou ansioso para encontrá-la hoje. E o problema está aí. Nunca fiquei esperando por um encontro como estou agora. Na realidade, nunca tive um encontro com uma garota antes. Sempre foi tão fácil, nunca precisei me esforçar para conquistar uma mulher... E tenho pensando que, talvez, seja por isso que minha vida tenha se tornado tão enfadonha. É isso, Millicent despertou minha atenção, desejo-a por ser especial e diferente das outras mulheres. Quando eu poderia imaginar que desejaria uma mulher como ela? Claro, sua mudez é apenas um detalhe, o qual sinceramente não interfere em nada, apesar de eu querer um dia poder ouvir sua voz.

Ethan não está com uma cara boa hoje, o que não é um bom sinal, já que vou fugir do trabalho... Mais uma vez. Só que hoje é sábado, dia de mais movimento. Mas isso não significa nada, pois tenho um encontro com minha garota.

Sim, tenho pensando nela como minha garota. Temo que isso seja um mau sinal.

— Então... Ela é a sua nova distração? — a voz de Ethan surge, então volto à realidade e percebo que estou sentado no sofá do escritório do bar.

— O quê? — pergunto assustado. Não é comum ver meu irmão irritado com algo.

— A tatuada de língua afiada. Ela e você estão... — ele não termina a frase, deixando a dúvida no ar.

Solto uma gargalhada. Gostaria de saber o motivo pelo qual nenhum dos dois foi com a cara um do outro.

— Evangeline? Não! Somos velhos amigos apenas... — respondo e ele levanta suas sobrancelhas grossas.

— Por que será que eu acho que existe mais nessa velha amizade? — Seus olhos me encaram seriamente.

Ah, Ethan... Sim, eu sabia que você perguntaria isso, irmão.

— Nunca transamos, se é isso que está querendo saber — respondo sinceramente.

— Ela parece gostar de você. Quer dizer, dá para perceber pela forma que te olha. — Ethan dá de ombros.

Isto foi estranho. Mais do que eu poderia supor, aliás. O que... O que há com Ethan?

— Ela olha assim para todo mundo, Ethan. É o jeito dela, despojada e livre. — Passo a mão no queixo e penso se devo lhe contar mais ou não. — Ela estava comigo naquela noite.

Ethan, que estava fingindo ler alguns papéis, levanta os olhos rapidamente para mim. Sua expressão é séria e também de surpresa. Acho que ele esperava qualquer coisa, menos isso. Mas essa é a realidade, Eva participou de muita coisa em minha vida; não sei como não aconteceu de Ethan conhecê-la antes, em outra ocasião.

— Ela viu o que aconteceu com você? Quer dizer, ela estava lá? — pergunta nervoso. Isso ainda atinge Ethan, o tom de sua voz demonstra o quanto a lembrança de tudo aquilo o afeta.

— Sim, ela estava. E posso te garantir, foi a principal responsável por eu não ter enlouquecido de vez. — Fico em pé e ele parece confuso. — Ethan, preciso sair hoje novamente. Sei que essa semana estou um pouco ausente, mas realmente preciso ir.

— Você anda muito misterioso, Savi. Não sei se gosto disso e se devo ou não ficar preocupado. — Ele respira profundamente. — Sem você e sem a Millie, será muito corrido aqui, mas... Se realmente precisa ir, daremos um jeito.

— Valeu! — digo e saio do escritório. Só em ouvi-lo falar o nome de Millicent, senti meu peito arder.

Caminho até a cozinha para tomar um pouco de água, pois minha garganta está seca. Será de nervosismo? Teresa sorri quando me vê, seus dentes brancos e alinhados, em contraste com pele morena, tornam-na extremamente sensual.

— Savi, tudo bem? — pergunta; a voz melosa e sedutora.

— Muito bem. — Solto o copo sobre o balcão e caminho até a porta rapidamente, antes que ela se aproxime muito de mim. Teresa franze a testa, não entendendo o meu comportamento.

— Você já reparou como Enrico olha para você? — pergunto, e ela franze a testa. — Deveria prestar atenção ao seu redor, Teresa. — Sorrio, sentindo-me extremamente bem e saio da cozinha.

Vou para fora do bar e sinto o vento soprar meus cabelos. A noite já chegou e está na hora de vê-la. A garota que fodeu com a minha mente. Millicent.

Estou há quinze minutos parado em frente à pequena casa dela. É uma noite quente, de lua clara, assombrando-me sobre meus ombros. Sinto-me bobo por estar parado aqui, enquanto as pessoas passam por mim, provavelmente se perguntando o motivo de o homem estranho e tatuado estar encarando com tanto afincamento essa casinha discreta.

Tenho vontade de gritar para eles e dizer que estou aqui porque estou sem coragem. Merda! Tenho vergonha de mim mesmo. Nunca, absolutamente em nenhum momento da minha vida, fui tímido. Sempre fiz as coisas da minha maneira, sem me importar ou temer nada. E agora estou tentando criar coragem para encontrar a garota que está me abalando.

Ah, aí está a resposta. Millicent me desestrutura. Sei que me sinto reprimido diante dela, porque não quero que pense que sou o louco que aparento ser. E claro estou um pouco assustado com a possibilidade de tê-la esta noite. Sim, estou decidido a ter essa mulher em meus braços.

Chega! Deixo a moto para trás e caminho decidido até a entrada da casa. Bato à porta três vezes e, enquanto espero, percebo quatro vasos de flores dispostos organizadamente, um ao lado do outro, perto do batente. Acho curioso, porque na última vez em que estive aqui não os havia percebido; é algo interessante saber que Millicent gosta de flores. Isso me dá algo para pensar e me faz querer saber mais sobre ela.

A porta é aberta lentamente e vejo um par de olhos me espiando pela pequena fresta.

— Sou eu — digo sorrindo, tentando vê-la melhor.

Meu sorriso some imediatamente quando Millicent escancara a porta.

Olho-a de cima a baixo e repito o trajeto várias vezes. Porra! Minha garganta fica seca com a visão.

Nada poderia me deixar preparado para encontrar Millicent tão bela, usando um vestido verde que cobre até seus joelhos. Ela usa um leve tecido rendado sobre os ombros e eu não entendo o motivo, mas acho fascinante mesmo assim. A cor a deixou tão linda, que eu poderia desistir agora mesmo desse encontro, levá-la de volta para dentro da casa e tê-la em meus braços em poucos minutos. Inferno! Quero tirar esse vestidinho dela e descobrir cada maldita curva!

Fico irritado comigo mesmo, por ter pensamentos tão sujos bem diante de Millicent, mas, por Deus! Eu poderia facilmente beijá-la e colocá-la sobre meu pau...

Respiro fundo, estou com medo de perder o maldito controle. Estou excitado. Tanto que mal sei se consigo aguentar sem beijá-la.

Não, não aguento.

Seguro as mãos de Millicent e me aproximo dela.

Beijo de leve seus lábios, sentindo o quão gelados estão. Apenas deslizo minha boca sobre a dela, sem aprofundar o contato. Não quero forçá-la a nada. Mas então Millicent me surpreende ao insinuar sua língua sobre minha boca, enquanto me enlaça pelo pescoço, puxando-me para mais perto.

— Precisamos ir. — Afasto meus lábios dos seus e começo a beijá-la no queixo, e em seguida no pescoço. Deus! Quero beijá-la mais para baixo...

Antes que meu desejo me conduza a um caminho precipitado, consigo tomar espaço entre nossos corpos. Eu a quero e a terei, mas não aqui, neste momento. Primeiro ela merece uma noite especial.

Ajudo Millicent a fechar a porta e a levo até a moto. Ela está de vestido e é interessante imaginar

o quanto será excitante ter essa garota apertando meus quadris com suas pernas, uma leve insinuação do que realmente desejo fazer com ela.

Assim que Millicent está posicionada, com os braços apertados em volta de mim, ligo a moto e saio pela rua escura.

É, estou saindo com essa garota.

E eu gosto disso.

O restaurante que escolhi para levar Millicent é no mínimo interessante. Levei um par de horas procurando em um site de dicas de locais românticos em Seattle. Sim, eu fiz isso. Quando eu disse que desejava algo especial para Millicent, falava sério e tenho que admitir isso mesmo que encarar essa verdade faça eu me sentir um pouco tolo.

Nós caminhamos até a recepção, onde um homem de terno preto nos indica a mesa que reservei.

Millicent está sorrindo.

Ela admira os detalhes do lugar, algum tipo de assentimento feminino que não compreendo. Sei que está prestando atenção em cada canto do restaurante e, mesmo não entendendo, fico feliz por ela ter gostado.

— Então, Millicent, o que acha de escolhermos? — pergunto mostrando a ela o menu.

Com um gesto elegante, ela começa a escolher os pratos, correndo os olhos pelas linhas e, de vez em quando, desviando-os para mim, sorrindo. Gosto de vê-la desenvolta, à vontade comigo. É assim que desejo tê-la sempre.

— Sabe, eu nunca estive em um restaurante como este — comento e faço uma careta ao ler o nome de um prato que está em francês. — Como posso ter certeza de que não estou pedindo algum tipo de lesma?

Millicent me encara franzindo a testa, mas de repente explode em uma risada alta. Todos em nossa volta nos olham curiosos, e a bela mulher em minha frente, constrangida, coloca discretamente o cardápio em frente ao rosto. Sua risada é tão doce quanto ela mesma.

Ela move os lábios por trás do papel, e eu não tenho dificuldades em compreendê-la.

“Você é um idiota.”

— Não, eu estou certo, e você sabe disso — respondo, erguendo uma sobrancelha para ela. — Vamos lá, senhorita inteligente, qual prato vai pedir? — desafio-a.

Ela revira os olhos, exasperada, e volta a se concentrar no cardápio, mas apenas por alguns segundos. Pouco depois, inclina-se na cadeira e, virando o cardápio para mim, aponta para o nome estranho.

— Isso foi fácil, Millicent. — De repente, o garçom aparece em nossa mesa, de onde retira os menus, e sorri de modo afetado para minha garota, ignorando-me sumariamente.

Isso mesmo, babaca. Olhe para ela e apenas isso. Millicent é minha.

— Desejam pedir? — ele pergunta para mim, finalmente me olhando, e, quando faz, parece assustado.

— O quarto item da terceira coluna para nós dois, também o segundo da primeira e a sobremesa que tem chocolate, por favor — explico ao garçom, porque é evidente que não consigo nem ler o nome de qualquer prato. O homem apenas balança a cabeça assentindo e sai para atender outras mesas. — O que foi? — pergunto ao ver a expressão de Millicent.

“Foie Gras.” — ela forma as palavras. Demoro a compreender o que ela está tentando dizer e é preciso que ela repita o movimento várias vezes.

— A única coisa que posso dizer é que a visão de sua boca dessa forma me agrada muito — brinco com ela.

Millicent balança a cabeça, constrangida.

Ótimo... Consegui deixá-la sem jeito logo no início.

— Tudo bem, vamos apenas esperar a comida — falo tentando aliviar a tensão criada por mim mesmo.

Quando nossa comida chega, mais tarde, Millicent parece ter voltado ao seu estado de alegria anterior. Ela Lambe os lábios ao ver o prato posto em sua frente. Eu, em contrapartida, franzo a testa ao ver a pouquíssima quantidade de comida servida para mim. Isso jamais vai me deixar satisfeito.

Enquanto como, observo Millicent encarar a taça de vinho, com preocupação, e imagino se talvez ela não tenha costume de beber.

— Posso pedir um suco se achar melhor.

Ela desvia o olhar da taça para mim e dá de ombros, bebendo um longo gole do vinho.

— O que achou? — pergunto, curioso com a expressão misteriosa dela.

Millicent devolve o vinho à mesa e suspira. Ela olha para meu rosto e seus lábios agora tingidos pelo vinho se movem lentamente.

“É doce. Eu gosto.”

Engulo em seco ao ver como ela movimenta os lábios e como sua língua passeia por eles, sugando o sabor adocicado do vinho. Movo-me na cadeira, sentindo, de repente, minhas calças apertadas e desconfortáveis.

— Acho que agora vem a melhor parte — falo ao ver o garçom se aproximando de nossa mesa. Ele para ao lado de Millicent e lhe serve um prato com dois grandes pedaços de

brownies de chocolate e sorvete de amora. Ela abre a boca admirada, e a cena me faz imaginá-la como uma criança ao receber um presente.

Millicent prova uma grande colherada de *brownie* com sorvete e fecha os olhos ao sentir o sabor.

— Gostou? — Estou quase deitado sobre a mesa, tentando ficar mais perto dela.

Ela balança a cabeça afirmativamente, devorando mais da sobremesa.

Bebo meu vinho, apreciando a companhia de Millicent e deixando também minha mente viajar para o futuro, mais precisamente no que acontecerá quando sairmos do restaurante.

Deixo o restaurante com Millicent agarrada ao meu braço. Guio-a pelo estacionamento, mas paro antes de chegar à moto. Deixo minhas mãos descerem para sua cintura e a seguro mais perto de mim. Seus olhos grandes estão me fitando com interesse.

— Você está tão linda — eu digo, aproximando meus lábios de sua bochecha. Beijo-a ali, de leve, apenas para que ela sinta o calor. — Quando você abriu aquela porta, achei que estivesse sonhando. — Meu polegar desenha seu lábio inferior, a textura macia sob minha pele. — Quero levá-la para minha casa, Millicent.

Ela beija a ponta do meu dedo lentamente e depois busca meus olhos.

“*Sim.*” — diz antes de se jogar contra mim e me beijar.

Cambaleio para trás, surpreso pela atitude dela, mas feliz com sua decisão.

Permito que ela conduza o beijo, que sua língua morna se enrosque a minha, e que suas mãos puxem suavemente meu cabelo. Sinto seu corpo se aquecer sob minhas mãos e, então, sei que é hora de parar.

— Vamos para casa. — Seguro a mão dela e a levo para a moto.

Acendo as luzes do apartamento tateando a parede. Está tão escuro que não posso ver absolutamente nada. Millicent está atrás de mim, sua mão presa a minha com uma força peculiar.

Quando o lugar está claro, levo-a para dentro. Vejo como está tímida, mal conseguindo me olhar, e isso me faz questionar se o que estou prestes a fazer é certo.

— Quer beber algo? — pergunto, apontando para a mesa de bebidas.

Ela faz que não e então seu olhar cai para um porta-retratos que está em cima do balcão da cozinha. Na foto, há duas crianças, dois meninos; um deles, o maior, segura o outro no colo.

— Ethan e eu — explico.

Millicent se vira para mim sorrindo. Ela movimenta os cabelos com as mãos e aponta para a foto, soltando uma gargalhada.

Eu bufo, entendendo o que ela está dizendo.

— Meu cabelo sempre foi diferente. Você não gosta? — e é estranho, porque eu realmente quero saber o que ela acha.

Millicent cruza os braços sobre o peito e finge estar me analisando. Sinto-me um pouco constrangido com a forma como ela me estuda, como se pudesse ver todos meus malditos defeitos.

“Você é lindo, Savi.” — Os movimentos são tão sutis, que, se eu não estivesse encarando seu rosto, não teria entendido o que significava.

— Millicent... Pelo amor de Deus, preciso beijar você. — Eu avanço para cima dela, minhas mãos voando para seus ombros, enquanto tomo seus lábios com volúpia.

Nada de delicadeza, é urgente, tenso e quente. Apalpo seu corpo, chegando até as curvas de sua bunda, apertando com força e a empurrando contra meu pau dolorido. Ela crava as unhas em meus ombros e abre mais a boca, permitindo mais de si para mim.

Estou louco de desejo. Minhas mãos correm por todo seu corpo, chegam a seus seios pequenos. O mamilo está enrijecido, apontando contra a palma de minha mão, e a sensação, saber que ela está reagindo ao meu toque, é perturbador.

Surpreendo Millicent ao tomá-la em meu colo e a carregar pelo corredor, até chegar a uma porta de madeira branca, que eu chuto com força, fazendo abrir. Com o cotovelo acendo a luz.

— Quero você na minha cama — digo entre beijos.

Seus cabelos estão bagunçados, caindo sobre meu rosto, enquanto a deito na cama, ela debaixo do meu corpo.

Eu a tenho onde a quero. Só preciso... Tê-la nua.

— O vestido. — Seguro o tecido entre os dedos e olho para seu rosto, esperando pelo consentimento. Em vez de responder, Millicent junta suas mãos às minhas e começa a puxar o tecido para cima. Ela está me ajudando.

Quase perco o ar quando vejo a minúscula calcinha que ela está usando. É preta, de rendas transparentes, que fazem contraste com sua pele tão branca.

Puxo o vestido por cima de sua cabeça e sou contemplado com a visão de seus seios desnudos bem diante de meus olhos. São pequenos, mas tão deliciosos e perfeitos, que a única coisa que consigo pensar é em minha boca neles, ou em meu pau sendo acariciado entre eles. Sim, farei isso...

Raspo a ponta do dedo no mamilo rosado, querendo que ela sinta apenas o roçar, nada que ultrapasse a linha de prazer que tenho para ela no momento. Millicent ofega, inclina o peito contra minha mão e quase posso ouvi-la implorar para que eu a toque.

— Quero sentir o sabor deles, Millicent. — Chego mais perto dela e deixo meu hálito a

excitar, obtendo em efeito a pele se arrepiando. Com a ponta da língua, toco o mamilo, pincelando para cima e para baixo, repetindo o mesmo com o outro. — Quer minha boca sugando seus seios, pequena? — pergunto a milímetros da pele dela.

Millicent responde agarrando meu cabelo e me empurrando para seu peito. Encaixo minha boca ao redor de seu seio e sugo com vontade. Uso a língua para brincar com a ponta, deixo pequenas mordidas e chupões pela extensão dos dois. Ela começa a mover os quadris contra mim e a se debater.

Levanto da cama, deixando-a frustrada por não continuar. Tiro minha camisa e jogo para o lado. Retiro o preservativo do bolso da calça e o deixo ao lado da perna de Millicent. Puxo a calça, a cueca e chuto para o lado, sem cerimônia alguma. Millicent fixa seus olhos azuis em meu tórax, então percebo que ela encara a grande pena que há tatuada em meu peito esquerdo. Em seguida, seus olhos se arregalam, como se nunca tivesse visto um homem nu antes...

Sinto uma dor em minha cabeça e me apavoro.

— Você é virgem? — pergunto engasgando.

Ela fica corada rapidamente e, afastando o olhar, balança a cabeça dizendo que não.

Por um lado, sinto-me aliviado ao saber disso, mas há uma parte desconhecida de mim que gostaria de saber que serei o primeiro homem de Millicent. O único a tocá-la.

Descarto a ideia rapidamente, porque isso não é importante. Agora ela será minha!

Volto para a cama e fico de joelhos entre as pernas dela. Passo a palma da mão por suas coxas, fazendo círculos lentos e subo lentamente; a respiração dela se altera completamente.

— Quero tanto fazer isso. — Abaixo minha cabeça sobre o sexo de Millicent e corro o nariz sobre o tecido da calcinha, sentindo seu odor feminino. Porra! É excitante e me faz querer me enterrar nela até as bolas. Engancho meus dedos nas laterais da calcinha e puxo para baixo. Finalmente ela está nua.

Maravilhosa. Seu sexo exposto para mim, liso e rosado como um banquete, o qual morro por comer.

Contorno as dobras de seu sexo com o dedo, desenhando círculos sobre seu clitóris, mas sem exercer a pressão que ela precisa. O corpo de Millicent treme, tentando se livrar do meu toque. Eu a mantenho no lugar, segurando suas pernas abertas. Levo meu dedo à boca e sinto seu sabor salgado em minha língua, voltando em seguida para seu sexo, penetrando-a com dois dedos. Ela abre bem os olhos e morde os lábios. Seus punhos estão cerrados na colcha.

Tão molhada e pronta. Quero vê-la gozar, agora. Eu a fodo com meus dedos, enquanto, com a outra mão, estimo seu clitóris, agora com rapidez, com maestria. Ela arqueia o quadril e fica rígida, meus dedos sendo apertados em seu interior.

Pego o preservativo ao lado e o rasgo. Desenrolo sobre meu pau e me coloco entre as pernas de Millicent. Não dou tempo para qualquer um dos dois pensar, entro nela.

Ela engasga, agarrando-se a mim, e eu não me movo, com medo de machucá-la.

— Millie... — sussurro debruçado sobre ela.

Permanecemos assim, apenas conectados. Eu me controlo tomando várias respirações e, quando noto que ela relaxou, começo a me mover.

Nunca pensei no paraíso antes, mas agora imagino que seja algo semelhante a isso. Sou envolto por suas pernas, cruzadas sobre minhas costas, puxando-me para baixo. Enquanto a estou fodendo, penso que gostaria de poder ouvi-la gritar meu nome quando gozar.

Acelero o ritmo, e meu pênis começa a se contrair. Não ainda. Não sem Millicent.

Coloco meu polegar sobre seu clitóris e volto a estimulá-lo depressa.

Millie inclina a cabeça para trás e geme, um som diferente saindo de sua garganta. Isso faz com que eu me perca. É preciso apenas algumas estocadas para que eu goze, segurando-a pelo quadril.

Saio de dentro dela e me deito ao seu lado. Retiro o preservativo e, depois de amarrá-lo, jogo-o no chão. Envolver Millie pela cintura e coloco-a contra meu corpo. Ela está sonolenta, e eu mal consigo pensar.

Ela deita em meu ombro e suspira. Em pouco tempo, ela está adormecida em meus braços, seu corpo maleável e nu relaxado junto ao meu.

Eu divago a respeito do quanto quero essa garota, do quanto foi incrível estar dentro dela e quando vejo estou piscando, quase dormindo. Antes de fechar os olhos completamente, tenho o vislumbre de cicatrizes nos braços de Millicent, mas o sono logo me transporta para a inconsciência.

Acordo na manhã seguinte ouvindo pancadas na porta. Passo a mão pelo rosto e estico o braço, procurando por Millie. Viro-me para o lado e percebo que a cama está vazia, Millicent não está mais aqui. Talvez seja ela quem está fazendo o barulho.

Ainda com sono, arrasto-me para fora da cama e visto minha calça. As roupas de Millicent não estão aqui, então ela já deve ter levantando, não apenas para ir ao banheiro como tinha chegado a pensar.

Caminho para fora do quarto e espio na cozinha, procurando por Millie. Ela não está. Um pouco preocupado, revisto todos os outros cômodos. E a maldita batida na porta continua.

Abro a porta com força, furioso porque Millicent fugiu de mim. Encontro Ethan parado, com a mão suspensa no ar. Abro a boca para dizer qualquer coisa, mas sou impedido por sua mão, que se fecha de repente e me atinge no rosto.

Filho da puta! Ethan me socou!

Seguro-me na porta e avanço para perto dele.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — ele grita, empurrando-me para dentro do apartamento.

— O que...

— Eu vi — ele me interrompe. — Eu vi a Millie saindo do seu apartamento, Savi. Eu disse para você se manter afastado dela. Vou matá-lo por isso! — ameaça, apontado o dedo para mim.

Eu apenas dou as costas a ele e vou até a mesa de bebidas. Estou completamente fodido, mas isso não tem nada a ver com Ethan, e sim com o fato de Millicent ter fugido de mim.

Algo está errado.

Capítulo Dezesseis

Millicent

Eu fugi dele.

E agora estou me sentindo extremamente mal por isso.

Ao acordar envolta aos braços de Savi, eu me senti apavorada. Tive medo. Mesmo sabendo que aquele homem que me envolvia, com quem eu havia feito amor intensamente, não era *ele*.

Noite passada, Savi me fez muito feliz, mais do que mereço. Sei que ele se esforçou em fazer algo especial, e eu realmente apreciei cada minuto ao lado dele. O problema não é Savi, nunca será. Por mais que ele seja todo tatuado e tenha uma beleza um tanto exótica, é um sujeito incrível; há um homem maravilhoso debaixo daquela casca. Eu sinto isso. O problema sou eu. Quando suas mãos tocaram minha pele, quando sua boca me deu prazer e quando ele se uniu a mim, achei que finalmente estava me entregando a alguém e que nada interferiria.

Sou tão idiota! Não queria sentir isso, não queria ter que continuar convivendo com o medo. O que Ethan pensou ao me ver sair correndo como uma louca do apartamento de seu irmão? Ele nem teve chance de me alcançar, pois corri tão rápido e me escondi no primeiro beco que encontrei pela frente. Após passar a adrenalina, peguei um ônibus e fui direto para casa.

Quando me mudei para Seattle, com a ajuda de Ethan, que me ofereceu o emprego no bar, acreditei que enfim poderia viver normalmente. Acreditei que o maldito passado havia ficado para trás e que o que me reservava o futuro seria maravilhoso. Claro que eu não ambicionava muita coisa, apenas uma vida tranquila, em uma casinha pequena, além de em breve voltar a estudar. Ethan foi tão maravilhoso comigo e foi o primeiro homem em quem consegui confiar em muito tempo. Ainda me recordo de sua última visita, quando eu morava no interior, e que ele, ao lado de minha mãe e de meu pai, contou-me que tinha uma grande novidade. É evidente que fiquei com medo, mas também sabia que precisava sair daquele lugar, afastar-me o máximo que eu pudesse e ter minha própria vida. Era a oportunidade de que eu precisava.

O que eu não esperava nem desejava era encontrar logo, no começo de minha nova vida, aquele homem tão diferente, ao mesmo tempo tão atrativo e intenso. Eu sabia que Ethan tinha um irmão mais velho, lembro-me de quando ele me contava o quanto a relação dos dois era difícil e que fazia alguns dias que Savi havia sumido e não aparecia mais no bar. Porém não imaginei que eu seria tão afetada por sua personalidade forte, por suas atitudes e muito menos que seria surpreendida pela atração que senti ao estar perto dele. Fiquei nervosa quando o vi pela primeira vez, saindo de mãos

dadas com uma morena peituda, pronto para atacar. Foi um verdadeiro fiasco, pois derrubei a bandeja que carregava, assim que nos esbarramos. Não há como esquecer a tensão que senti, muito menos o perfume que ele usava. Seus olhos pregados em mim me marcaram profundamente.

Savi é o único homem que sinceramente tive desejo de beijar. Oh, Deus! Preciso confessar que todas as madrugadas, antes de dormir, fantasiava com seus beijos e seus abraços em mim. Quando ele me beijou pela primeira vez, descobri que eu estava certa; era tão bom quanto eu sonhara.

Sei também que Savi tentou ficar longe de mim, e eu o entendo. Minha condição o assustou. Se ele soubesse quantas coisas eu gostaria de dizer-lhe. Daria tudo para que minha voz pudesse ser ouvida, pois assim poderia dizer o que estou sentindo agora.

Sinto-me mal por ele não saber a verdade, mas eu não posso. Eu não consigo! Tenho vontade de gritar, gritar até que minha voz apareça, porque sei que ele irá me procurar em breve, querendo uma boa explicação.

Ah, Savi... Como farei você entender? Eu sou... Suja.

Ontem à noite fui surpreendida por mim mesma ao chegar à conclusão de que gosto dele. E quando eu digo que gosto, é porque meus sentimentos a respeito de Savi são intensos... Temo que talvez eu esteja me apaixonando por ele. Sim, creio que eu esteja me apaixonando por aquele homem tão diferente de mim.

Tenho medo de que meus sentimentos evoluam e ultrapassem a paixão, porque é evidente que Savi não gostaria de saber que uma garota como eu o ama... Mas isso não acontecerá, pois não permitirei. Lutarei para que nenhum outro sentimento nasça, pois nem sei o que ele sente em relação a mim. Talvez eu seja apenas mais uma em sua lista, que, com certeza, não é pequena. Tenho certeza de que meu antigo terapeuta diria que tudo que está acontecendo agora, esses sentimentos estranhos, estão relacionados com o passado.

Eu não quero que seja isso, não quero que tudo que eu estou sentindo seja apenas um reflexo do passado. Também não quero sentir medo. Não quero entrar em pânico sempre que fecho os olhos, nem me sentir errada quando estiver nos braços de Savi. Se é que teremos mais algum momento juntos... Independente disso, preciso me libertar do passado de uma vez por todas!

É Savi quem me toca, não *ele*.

Tenho vontade de rir ao pensar em como Savi reagiria ao saber que ele foi o primeiro homem a me beijar. Provavelmente ele riria, não é?! Uma mulher que nunca havia beijado, nem mesmo na adolescência; é claro que ele me consideraria estranha. Mas estou feliz por ele ter sido o primeiro. Era assim que eu deveria ter me sentindo quando, ainda no colegial, um garoto me beijasse e depois saísse correndo para contar aos outros?

Ele me perguntou se eu era virgem e naquele momento senti o chão se abrir sob meus pés. Doeu tanto responder aquela pergunta, porque ela era tão complexa, tão... difícil de responder.

Estou tão confusa, tão perdida, que mal sei o que farei agora. Amanhã volto a trabalhar, pois já melhorei do resfriado, mas não sei como o olharei nos olhos. E se ele me procurar, o que lhe direi? Eu simplesmente não sei, nem falar eu posso. Eu não devia ter deixado que ele se aproximasse e muito menos ter permitido que me levasse para seu apartamento.

Deito na estreita cama de solteiro, no meu minúsculo quarto, e abraço uma gorda almofada que ganhei de minha mãe há dois aniversários. Talvez eu devesse voltar para casa. Sentiria falta do meu trabalho, da amizade de Ethan e do pessoal do bar; até mesmo de Teresa, que sei que já teve um longo caso com Savi. Mas assim estaria longe dele.

Aperto tão forte a almofada que, quando me dou conta, estou à beira das lágrimas. Tento me lembrar das palavras de minha mãe, dizendo-me que eu deveria ser forte e que nunca mais alguém iria me fazer mal. Jamais.

É isso. Não fugirei, não posso ser uma covarde exatamente como *ele* foi comigo. *Aquele* maldito não pode arruinar a minha vida mais uma vez.

Capítulo Dezessete

Aperto a bolsa de gelo contra meu queixo e deixo um gemido de dor escapar. Olho para Ethan, que está sentado no sofá a minha frente com uma expressão mortal, e volto a me recostar contra a almofada em que estou escorado.

— Eu deveria cortar suas bolas fora, Savi — ele diz num sussurro.

— Ethan, se você não calar a boca, eu juro que o jogarei pela janela — ameaço.

Ele se irrita e levanta do sofá, as mãos na cintura.

— Você não tem noção do que fez, não é?! Não percebe que Millicent é inocente? Como teve coragem de... — Ele passa a mão pelos cabelos e suspira profundamente. — Não consigo olhar para você, irmão.

Jogo a bolsa no chão e levanto também, mesmo que um pouco zozinho. Não imaginava que Ethan tivesse tanta força.

— É tão difícil entender que tudo que Millicent e eu fizemos foi consensual? Eu não a forcei a nada, Ethan, você me conhece, sabe que eu jamais faria mal a uma mulher. — Pela primeira vez, em muito tempo, estou sendo sincero com meu irmão mais novo. Parece que estou evoluindo.

Ethan balança a cabeça contrariado, seus punhos fechados contra as coxas.

— Eu a vi saindo daqui quase voando, Savi. Ela parecia assustada e estava chorando. Eu mal tive tempo de pensar em ir atrás dela para perguntar o que houve, pois ela correu e sumiu! E você sabe me dizer o motivo de tudo isso? — Ele pergunta quase gritando.

— Não, eu não faço ideia, Ethan. Quando acordei, ela simplesmente não estava mais aqui. — Deixo meus braços caírem junto ao meu corpo. — Olha, cara, eu não fui duro com a Millicent, posso garantir que ela aproveitou muito.

— Meu Deus! Você não consegue manter seu pau dentro das calças, não é Savi?! Estou com tanto ódio de você, que eu poderia quebrar seu pescoço! — diz, apoiando a cabeça na parede.

Algo em meu cérebro entra em descompasso. Será que...? Talvez Ethan goste de Millicent. É possível, pode ser que ele esteja com ciúmes. Sim, é provável, já que foi ele quem deu o trabalho no bar para ela. Apenas pensar nisso me deixa furioso. Saber que meu irmão pode estar interessado nela ou até mesmo que pode ter algo com ela...

Avanço para cima de Ethan e o encaro.

— Você e Millicent... — rosno, deixando que ele entenda o que estou querendo dizer.

Ele ergue a cabeça e me olha com uma expressão perturbada. Nunca o vi tão nervoso, tão diferente do verdadeiro Ethan.

— Você, Savi, é o cara mais idiota que já conheci. — Ele abaixa a cabeça e vejo que toma uma

respiração profunda. — Por que é tão difícil para você entender que está fazendo mal a Millie? Por que não me ouviu dizer para ficar longe dela?

Eu olho para o teto, tentando compreender o que há com Ethan, o que ele quer me dizer. Quero entender também o que aconteceu com Millicent, o que eu fiz de errado para que ela fugisse de mim daquela forma, porque somente o pensamento de que a magoei me faz querer espancar a mim mesmo.

— Preciso ir atrás dela — digo pegando as chaves da moto em cima do balcão da cozinha. Caminho para a porta, mas, antes que eu a alcance, Ethan está em minha frente.

— Você não vai. — Ele coloca a mão em meu peito e me empurra para trás.

— Saia da minha frente, Ethan. Não quero bater em você — aviso, esperando que ele dê um passo para o lado, mas ele se mantém imóvel, duro como uma pedra.

— Não posso permitir que você faça isso, Savi. Perdoe-me, irmão, mas eu não posso — sua voz treme, e acho que ele está em seu limite.

— Inferno que não pode. — Empurro-o para o lado e passo a caminho da porta. Quando seguro a maçaneta sinto um empurrão em meu ombro e logo sou arremessado ao chão.

— Por favor, Savi — ele implora.

Nervoso, eu fico de pé. Estou sentindo tudo em volta girar, a vontade de bater em Ethan é grande e mesmo não querendo isso, acabo indo para cima de meu irmão. Ele não ficará em meu caminho.

— Diga o motivo, Ethan. Abra essa maldita boca e me diga o motivo por que não posso ver Millicent. Eu a tive em meus braços, irmão. Eu gosto daquela garota e a terei comigo. Diga por que devo ficar longe dela! — grito, empurrando-o contra a parede, minha mão sobre sua garganta.

Ethan não tenta reagir, apenas fecha os olhos. Eu pressiono novamente, forçando-o.

— Millicent foi abusada quando criança, Savi — ele diz em um sussurro.

Minha mão cai da garganta de Ethan e eu o solto, dando um passo para trás. O espaço ao meu redor parece distorcido, e eu acredito que talvez possa desmaiar. Apoio-me à parede e fecho os olhos, não acreditando no que acabei de ouvir.

Não pode ser verdade.

— Está mentindo — acuso, tentando fugir da realidade. — Millicent não... Ela... Ethan, como? — pergunto num fio de voz.

Meu irmão está ao meu lado, as mãos massageando o pescoço com as marcas vermelhas de minhas mãos.

— Um amigo da família. Ela era apenas uma criança, Savi. Foram anos... — Ele para e me olha. Faço um sinal para que ele continue. — Conheci o pai de Millicent, há alguns anos, na universidade. Era um professor aposentado, mas que me ajudou muito quando precisei. Nós nos tornamos amigos e eu frequentava sua casa. Ela ainda era adolescente, mas eu já percebia que havia algo errado, porque

a garota entendia tudo quando eu falava e tinha muito medo de mim. Eu suspeitava que... No final, não foi muito difícil descobrir o que realmente havia acontecido, já que toda a vizinhança sabia do escândalo que houve quando tudo foi descoberto. Savi, Millicent não é muda de verdade, ela apenas deixou de falar quando tudo aconteceu.

Tenho medo de que o chão se abra sob meus pés e eu seja engolido por essa dor terrível em minha cabeça. Ainda não quero acreditar que tudo que Ethan disse seja real.

— Agora você me entende, Savi? Vê por que quero protegê-la? — pergunta, fitando-me.

— Eu preciso vê-la, Ethan. Por favor, não me impeça — falo, já de costas, abrindo a porta com força. Espero que ele venha atrás de mim, mas, antes que eu saia, só posso ouvi-lo recomendando que eu tenha cuidado.

Desço as escadas correndo, saltando pelos degraus. Encontro algumas pessoas subindo, mas desvio-me delas rapidamente, mal as reconhecendo. Quando chego à garagem, corro para minha moto. Coloco o capacete e ligo a ignição. Pouco me preocupo com minha própria segurança. Só quero ver Millicent.

Na rua, eu acelero o máximo que posso, desviando dos carros em minha frente. Pego uma rua alternativa onde posso andar mais rápido.

Millie... — Suspiro.

A dor se distende em meu peito, enquanto imagino quão idiota fui com ela. Ontem à noite... Eu deveria ter ido com calma. Eu... Fui um idiota. E tudo que quero agora é segurá-la em meus braços e dizer que tudo ficará bem, mesmo que eu não tenha certeza disso.

Mas por que ela não me impediu? Simplesmente deixou acontecer e foi... maravilhoso!

Eu sei que o certo seria eu me afastar, porque meu próprio passado é terrível, mas simplesmente não posso abandoná-la, mesmo que isso signifique comprometer algo que preso muito; meu coração.

Enquanto estaciono em frente à casa de Millicent, penso no que eu faria com esse filho da puta que a machucou, em como desejo encontrá-lo e fazer com que ele sofra apenas um pouco de tudo que ela sofreu. Ela era apenas uma criança! Mas será que eu sou alguém para julgá-lo? Até alguns dias atrás, eu me achava um monstro também, agora já não sei mais quem eu sou.

A pequena casa está em silêncio, a cortina da janela fechada, e eu bato à porta algumas vezes, esperando que ela atenda.

— Millicent, sou eu. Abra, por favor — grito espancando a porta.

Eu sei que ela está ali dentro, e sei também que não irá me atender. Mas, de toda forma, preciso falar com ela.

Eu falarei com ela.

Tomo distância e empurro a porta com o ombro, forçando as dobradiças velhas, que se movem

um pouco. Tento novamente com mais força, mas nada acontece. Então dou alguns passos para trás e, com toda a minha força, chuto a porta, que se abre violentamente ao receber o impacto. Em seguida, entro na sala, mas ela não está ali. Nem na cozinha.

— Millicent — chamo, avisando que estou próximo.

Há um pequeno corredor com duas portas. Eu abro a primeira e encontro um banheiro. A outra deve ser o quarto. A porta está aberta.

Ouçó um choro baixinho, que me faz arrepiar. Espio dentro do quarto e vejo Millicent embolada na cama, agarrada a um travesseiro. Está de joelhos sobre o colchão. Sabe que estou aqui, já que simplesmente arrebentei a porta da casa. Parecendo sentir minha presença, ela me olha.

Entro no quarto e vou até ela, que se reprime, encostando-se contra a cabeceira da cama. Seus olhos estão assustados, é evidente que está com medo. Medo de mim.

— O que fizeram com você, Millicent? — pergunto, sentindo um carço em minha garganta.

O que fizeram a minha garota?

Capítulo Dezoito

— Por favor, não tenha medo de mim — imploro, num fio de voz.

Millicent passa as mãos em seu rosto, limpando as lágrimas. Aproximo-me de sua pequena cama e sento-me nos pés, com cautela, com medo de sua reação. Mas ela não se afasta. Continua parada no mesmo lugar, com os olhos inchados e vermelhos.

— Ethan me contou tudo, eu... — Respiro fundo. Millicent fecha os olhos e aperta o travesseiro até os nós dos dedos ficarem brancos. — Não fique nervosa, eu o obriguei a fazer isso.

Ela suspira frustrada e me lança um olhar duro. Com certeza está me amaldiçoando por ter obrigado Ethan a me contar toda a verdade sobre ela.

— Admito que mil ideias passaram por minha cabeça. De quem você era, qual era o seu passado, porque vivia vestida com roupas de mangas longas... Mas juro que jamais imaginei que seria tão... cruel. — Seus olhos se tornam vazios, sem emoção.

Então me aproximo mais e, com muita cautela, afasto o travesseiro que ela segura em seu colo. Millicent continua imóvel, com a respiração pesada e tremendo. Ergo as mangas de sua blusa e ela resiste tentando tirar os braços de minhas mãos. Eu a detenho, pois preciso que saiba que estou aqui para ajudá-la a superar.

— Não fuja de mim, Millie. Seu passado não interfere em nada. Nada mudou... Eu te quero mais do que nunca. — Beijo as palmas de suas mãos e deslizo as pontas dos dedos na extensão de seus braços finos e marcados.

Olhar suas cicatrizes me entristece. Sinto-me impotente diante de sua fragilidade. Quero saber mais dela, mais sobre sua história.

— Foi ele que fez isso? — Só de imaginar que, além de molestá-la, ele também a feriu, sinto uma raiva animal crescer dentro de mim.

Millicent balança a cabeça negativamente e puxa os braços para junto do corpo. Ela vira o seu rosto para o lado, parece estar envergonhada de si mesma e não quer me olhar nos olhos. Mas eu não quero e nem deixarei que se sinta assim. Porra! Ela não tem culpa de nada, era apenas uma criança.

— Você sabe que não tem culpa de nada, não sabe? O filho da puta que fez isso com você é o verdadeiro culpado. E eu juro, juro por tudo que há de mais sagrado, um dia encontrarei esse maldito e ele pagará por ter calado a sua voz.

Ela volta a me encarar. Agora seus olhos estão chorosos e isso aperta meu coração.

— *Vem aqui...* — Abro os braços, chamando-a para um abraço, mesmo correndo o risco de ser ignorado, mas ela faz o contrário; aproxima-se e enrosca seus braços em meu pescoço, apoiando a cabeça em meu ombro.

Ficamos assim durante algum tempo. Inalei o cheiro de seus cabelos umas mil vezes. Millicent tem um cheiro diferente, um cheiro próprio. Aos poucos, vai relaxando, sinto seu corpo ficando mais suave e isso me faz sentir um pouco melhor. Não quero que se torture assim. Não como eu fazia até alguns dias atrás. Talvez seja por isso que me sinto tão ligado a ela, pois sei como são os monstros que vivem dentro de nós. Eles nos ferem e nos levam à beira da loucura.

— Eu quero e vou cuidar de você, Millie. Então tente me mostrar o que posso fazer para te ajudar. O que eu posso fazer por você?

Millicent levanta a cabeça e me olha por alguns segundos. Ela abre a boca, solta uma respiração pesada e passa uma das mãos em meu rosto. Aproxima sua boca da minha, surpreendendo-me. Juro que não esperava tal atitude, não depois de tudo. O que passa em sua cabeça?

Seus lábios pouco experientes estão molhados e trêmulos. Sua língua, como sempre doce, invade a minha boca e me deixa em estado de alerta. Metade de mim quer interromper e lhe dar um tempo deixar que ela veja se é isso mesmo o que quer. Mas o meu lado mais primitivo e selvagem quer aprofundar o beijo e possuí-la em sua cama pequena.

Eu não sei o que fazer.

— Millicent... — gemo em seus lábios. — Não quero te magoar, não quero que pense que sou um monstro ou um aproveitador como...

Ela não me deixa terminar. Sua língua invade a minha boca com tanto desespero, que pela primeira vez na vida não sei o que fazer.

Inferno! Farei o que ela quiser.

Millicent monta em meu colo, deixando uma perna em cada lado de minha cintura, enquanto eu continuo sentado. Estamos de frente um para o outro e nossos lábios não se desgrudam. Nossas línguas fazem uma dança frenética e sensual, o que me deixa excitado. E Millicent sente isso. Seus olhos se abrem, com um brilho intenso, ao sentir meu pau duro embaixo dela. Ela solta um longo suspiro, afasta um pouco a cabeça e, acolhendo minhas faces entre suas mãos, diz “quero você agora”, movendo a boca silenciosamente.

Estremeço. Meu Deus! Eu nunca desejei tanto alguém como desejo essa garota. Ethan me pediu para manter distância, mas como eu imaginaria isso? Eu já estava me achando louco o suficiente por me interessar por alguém que não pode falar. Mas descobrir o motivo de sua mudez e me sentir ainda mais atraído por ela, como se eu tivesse que a proteger com a minha própria vida, faz com que eu me sinta... bem.

Sem pensar em mais nada, fico em pé, enquanto Millicent continua com as pernas enroscadas em minha cintura. Minhas mãos descem para a sua bunda assim que a preno contra a parede.

— Eu só farei aquilo que você quiser, Millie. Entendeu?

Ela balança a cabeça rapidamente, para cima e para baixo. Parece ansiosa para sentir meu toque em seu corpo.

Tiro sua blusa e encaro o belo par de seios pequenos em minha frente. Eu poderia facilmente passar o dia inteiro com minha boca neles. Deslizo os meus dedos por seus ombros e desço as tiras de seu sutiã, deixando seus ombros nus. Deposito algumas mordidas em seu pescoço, ombros, até chegar aos seus seios. Sem rodeios, Millicent leva suas mãos para trás de seu corpo e abre o sutiã. Joga-o no chão e volta a me olhar profundamente. Ela arqueia as costas, incentivando-me a tocar seus seios. Isso me deixa louco.

Viro-me e a deito sobre sua cama. Monto sobre ela e abaixo minha cabeça, levando a boca até seus seios, fazendo-a ofegar.

— Seu gosto é bom, Millie. Em todas as partes do seu corpo, seu gosto é maravilhoso — digo como uma oração. Ela fica ainda mais ofegante e geme. Sei que deveria me controlar e não assustá-la, mas, com a intensidade do desejo que sinto, não posso evitar puxar o restante de suas roupas, jogando-as no chão, de qualquer forma, enquanto percorro sua barriga com meus lábios, deixando que minha barba roce em sua pele, fazendo-a se contorcer debaixo de mim. — Quero marcar sua pele com meus beijos, Millicent, porque somente eu a tocarei assim — murmuro, passando a língua por seu umbigo e descendo mais.

Quando finalmente chego onde tanto quero beijá-la, Millicent estremece, agarrando meus cabelos e trançando as pernas ao redor da minha cabeça, incentivando-me a continuar. Eu a adoro com minha língua, sentindo seu sabor feminino, que me enlouquece terrivelmente. Sinto minha ereção crescendo sob a calça e penso que talvez não aguentarei me conter por muito tempo. Aumento as carícias, forçando Millie contra a cama, para que ela não se mova e apenas absorva o prazer. Quando ela chega ao orgasmo, seu corpo se contraindo de prazer, eu rapidamente fico de pé, removendo minhas roupas com pressa, porque a necessidade de estar dentro dela é enorme.

Quando me coloco sobre ela, sussurrando em seu ouvido que eu a quero mais que tudo, sei que realmente tais palavras são reais. Millie ergue o quadril de encontro o meu, seus olhos pedindo com desespero por isso. Por diversas vezes achei, quando transava com alguma mulher, que aquela sensação era a melhor de todas. Como eu estava errado. Isso é prazer, estar dentro dela, sentindo-a se contrair, acolher meu pau dentro dela como se já tivéssemos feito isso centena de vezes. Penetro-a até o fim, sentindo cada pedacinho dela, tão úmida e agarrada a mim. Nossos rostos colados, os olhares perdidos um no outro.

Quero ser cuidadoso, ir devagar, como ela merece. Mas sou fraco e logo perco o controle, movendo-me com avidez, exigindo tudo de nós.

— Porra, Millie, isso é tão bom! — Diminuo o ritmo, querendo que ela aproveite o momento, e é

o que acontece quando Millicent separa os lábios e fecha os olhos, revelando em sua expressão cada gota de prazer que sente. E, inferno, isso é minha perdição.

Millicent agarra os lençóis quando eu acelero as estocadas, e em minha mente posso ouvi-la gritar, gritar por meu nome, chamando-me, enquanto arqueia o corpo como se buscasse fugir de algo. Meu corpo e minha mente me alertam para o que devo fazer e, quando sei que não posso aguentar mais, saio de dentro dela, gemendo alto quando me derramo sobre as cobertas.

— Desculpe, eu deveria estar preparado — falo arfando, minha cabeça inclinada sobre sua barriga. Ela sorri para mim enquanto acaricia meu rosto. — Você está me deixando louco, Millicent, e, por Deus, eu gosto disso — confesso atordoado.

Fico com Millicent envolvida em meus braços por mais alguns minutos, sentindo seu perfume e o calor de sua pele na minha. Percebo que sua respiração fica mais lenta e sei que ela adormeceu.

Preciso voltar para casa, mas de forma alguma quero deixá-la sozinha. Decido que ficarei mais um pouco, porque agora, definitivamente, Millie é minha. Relaxo com ela em meus braços e sinto o sono me vencendo também.

Aperto a mão de Millicent na minha e a olho, tentando ver sua expressão. Quero saber como ela se sente a respeito de tudo isso. Ontem, depois que a tive em meus braços, decidi passar o restante do dia junto dela. Descobri que Millie sabe cozinhar, e ela me obrigou a experimentar uma de suas tortas de abóbora; surpreendi-me ao comprovar que estava bom. Queria levá-la para passear em minha moto, mas ela se negou, explicando, através de gestos e carícias, que desejava ficar em casa. Foi então que aconteceu a coisa mais estranha da minha vida; fui arrastado por Millicent até seu quarto, onde me obrigou a assistir um filme com ela. No começo me senti ridículo, porque nunca tinha feito tal coisa com uma mulher, estar em seu quarto e não transar, mas acabou sendo interessante, ainda mais pelo filme que pouco assisti, concentrado demais nos seios de Millicent encostando em meu corpo. À noite a levei para a cama novamente, onde transamos mais uma vez e tive a sorte de lhe ensinar algumas coisas prazerosas que aprendi pela vida.

Hoje de manhã, quando Millicent acordou, eu já estava de pé, esperando-a, porque havia algo muito importante para dizer. Eu sabia que ela não concordaria, mas, durante as minhas horas de insônia à noite, tinha decidido que não esconderia nosso relacionamento de ninguém, nem mesmo de Ethan, porque Millicent é minha, não importa o que pensem. É claro que ela protestou e até ficou brava, mas a convenci facilmente — usei táticas eróticas para convencê-la de que estaria segura comigo.

Depois de passarmos em meu apartamento para que eu pudesse trocar de roupa e darmos uma volta pela cidade, eu a trouxe até aqui. Estamos em frente ao The Underwood's, e eu me

sinto excitado para ver como será a reação do meu irmão ao ver que desobedeci a sua ordem.

— Você confia em mim? — pergunto olhando em seus olhos.

Ela morde o lábio, pensativa, mas logo sorri chacoalhando a cabeça positivamente.

Dou um pequeno beijo em seus lábios e a conduzo para o bar.

Quando entramos, estranhamente, não há ninguém trabalhando ainda. Apesar de faltarem três horas para a abertura do bar, Enrico e Teresa deveriam estar aqui. Levo Millicent até o balcão e a faço sentar em um dos bancos. Ela me olha com insegurança, evidentemente preocupada com algo.

— Está com medo? — Seguro seu rosto em minhas mãos, maravilhado pela sensação de proteção que cresce em meu peito. Gosto de tê-la assim, cuidá-la. Millicent nega, abaixando a cabeça. Ergo seu queixo, para que ela me olhe. — Está tudo bem, Millie. — Eu a beijo, sentindo o calor úmido de seus lábios contra os meus. Ela suspira e me abraça com força.

— Achei que tivesse me ouvido, irmão. — Ouço a voz de Ethan e, quando me afasto de Millicent, encontro-o parado em frente à porta de entrada, com Eva ao seu lado, olhando-me com uma expressão nada agradável.

Millicent se esconde atrás de mim, segurando-se em minha jaqueta, e eu reajo rapidamente, abraçando-a e a acolhendo em meu peito.

— Você é rápido, Savi. — Eva diz gargalhando alto, olhando para Millicent.

Minha garota se aperta mais contra mim, e eu posso sentir seu coração batendo desesperado.

Não. Millicent é minha e nem mesmo Ethan interferirá nisso.

Capítulo Dezenove

Não entendo o motivo de Eva estar aqui. Nós não abrimos o bar nas segundas-feiras, mas uma vez ao mês é necessária uma grande organização no The Underwood's, que é quando nos reuníamos, Ethan e eu, para conversarmos sobre alguns problemas e novas ideias. O que eu não esperava era que Eva estivesse aqui, ainda mais com meu irmão.

— Sabe, Savi, apesar de tudo, vejo que você gosta de seguir pelo caminho mais difícil — Ethan diz, caminhando até mim, procurando Millicent entre meus braços. — E você, Millie, achei que fosse um pouco mais inteligente.

Ela estremece em meus braços e sinto seu coração acelerar mais uma vez.

— Cale a maldita boca, Ethan — rosno, encarando meu irmão mais novo com tanto ódio, que eu poderia me jogar sobre ele se Millicent não estivesse em meus braços. — Millicent e eu estamos juntos, e você não poderá fazer absolutamente nada para impedir isso. Acho que está esquecendo que o irmão mais velho aqui sou eu.

Ele sorri, os braços cruzados no peito. Esta é uma das poucas vezes que vejo Ethan reagindo assim, sendo sarcástico, amargo, e penso no que pode estar acontecendo com ele. A ideia de que possa estar interessado em Millicent volta a me atormentar, mas logo tento afastar a ideia, porque não quero acreditar em tal coisa.

— Eu sempre fui o mais sensato de nós dois, Savi. Você sabe disso. — Ele olha novamente para Millie e fecha a cara. — Espero que saiba o que está fazendo, Millie, porque quando você souber a verdade, irá doer mais do que você pode imaginar — ele diz e então nos dá as costas, virando-se para Eva. — Bem, ele está aqui. Fique à vontade para falar com meu irmão, álbum de figurinhas ambulante.

Eva revira os olhos com o comentário de Ethan e, enquanto ele caminha de volta para o escritório, ergue o dedo do meio apontando para ele.

— Espero que encontre alguém para tirar sua virgindade, Ethan. Se precisar, eu posso indicar algumas amigas; garanto que elas serão cuidadosas com você — ela diz sorrindo sarcasticamente.

Meu irmão para, antes de abrir a porta, e se volta para ela de cabeça baixa, sorrindo.

— Você não sabe o que diz, Eva — e finalmente entra no escritório.

Há um momento constrangedor, em que Eva fica vermelha, os olhos arregalados, e eu confesso que também estou surpreso pela atitude de meu irmão, que agora mal reconheço.

Limpo a garganta, chamando a atenção de Eva. Ela olha para mim e volta a sorrir, sua expressão se suavizando.

— Precisamos conversar, Savi. — Seu olhar cai sobre Millicent. — Podemos ir para um lugar mais reservado?

Seguro a mão de Millie na minha e sorrio para acalmá-la.

— Vamos até a sala dos funcionários — digo, já puxando minha garota junto, mas, quando vejo que Eva não se moveu, paro e a encaro.

— Não sei se é uma boa ideia que a garota participe da conversa, Savi. É sobre aquele assunto...

— Não tenho nada a esconder de Millicent e acredito que seja hora *dela* me conhecer melhor. — Respiro fundo, tendo certeza de que é isso que quero. Sim, decidi ter um relacionamento verdadeiro com Millie, e isso inclui que ela saiba tudo sobre mim, exatamente como sei sobre ela.

Sem olhar novamente para Eva, conduzo Millicent até a sala ao fundo do bar. Encontro Enrico e Teresa sentados no sofá, muito próximos e íntimos. Quando nos veem, os dois se levantam rapidamente, disfarçando a situação. Indico-lhes a saída e ambos saem, de cabeça baixa, envergonhados. Sorrio satisfeito. Parece que Teresa seguiu meu conselho e isso é bom, porque é evidente a atração que Enrico sente por aquela mulher.

Millicent e eu sentamos no sofá, e Eva vem logo atrás, sentando em uma cadeira de plástico em frente a nós. Sinto meu coração bater depressa, desesperado. Estou com medo. Medo do que Eva dirá e, principalmente, da reação de Millie. A situação é tão irônica, tão que mal posso acreditar no quanto Millicent e eu somos parecidos. O que vai acontecer quando ela descobrir? Irá me deixar?

Eva prende os cabelos em um coque, no alto da cabeça, e solta um suspiro; aquela velha pose de durona que sempre me chamou a atenção está de volta.

— Achei que falaríamos sozinhos, mas, mesmo que a garota esteja ouvindo, vou dizer tudo que sei, Savi.

Eu confirmo com a cabeça e ela continua, receosa:

— Encontrei uma pessoa que estava lá naquele dia e que sabe exatamente o que aconteceu.

Engulo em seco. Não consigo falar para que ela continue, então apenas aceno com a mão.

— Nunca acreditei no que foi dito sobre aquilo, Savi. Eu conheço você e mesmo não estando lá, tive certeza de que era tudo um engano. — Ela lambe os lábios, pensativa. — Essa pessoa que encontrei tem provas concretas de que tudo não passou de uma armação. Você se lembra da Mia?

Franzo a testa, tentando associar o nome a alguma pessoa. Em minha mente vem uma mulher de cabelos loiros, com batom vermelho e seios grandes... Apenas isso.

— Eu estava muito bêbado, Eva. Só me lembro de acordar na manhã seguinte e ser acusado por todos — eu falo, recordando o pavor que senti no momento em que as pessoas começaram a apontar o dedo em minha direção e gritar contra mim.

Olho para Millicent, para ver como ela está reagindo. Surpreendo-me ao notá-la tranquila,

serena, seus olhos bem abertos em direção a Eva, prestando atenção em cada palavra e gesto dela.

— Mia era amiga daquela garota e está disposta a falar a verdade, Savi.

— Como é? — pergunto, inclinando-me para frente para ouvi-la melhor.

Eva sorri, levantando da cadeira rapidamente. Ela me segura pelo rosto e olha nos meus olhos.

— É isso que você ouviu, meu amigo. Ela pode inocentar você — ela fala devagar para que eu assimile cada palavra.

Tiro a mão de Eva do meu rosto e me encosto ao sofá, sentindo minhas pernas fracas. Meu Deus... Meu pesadelo pode acabar. Tudo pode ter sido mentira... Eu sou inocente...

As mãos de Millicent de repente estão em meus ombros, seus olhos especulativos me encarando, a expressão dela confusa. Seguro-a pela lateral do rosto e a puxo para mais perto, beijando seus lábios com paixão, sentindo um pouco de esperança nascer dentro de mim depois de muitos anos. Depois de nove longos e malditos anos.

— Mas há um porém em tudo isso, Savi — Eva nos interrompe, e eu me afasto de Millie. — Mia precisa de dinheiro e só falará a verdade se você pagar.

Levanto do sofá, minhas mãos apertadas em punho.

— Mas que porra...? — grito, indo para cima de Eva, mas, quando me dou conta do que estou fazendo, dou um passo para trás.

— É isso que você ouviu. — Ela caminha de um lado para o outro, as mãos na cintura, e sei que está nervosa como eu. — Eu posso te ajudar, Savi. É por isso que estou aqui. Depois de tantos anos... — Ela volta a olhar para Millie, que está sentada no sofá prestando atenção em nossa conversa. — Você é uma boa pessoa, Savi. Está fazendo escolhas que me assustam, está diferente do que era antes e, mesmo não aprovando tais escolhas, eu gosto de você. — Ao ver a expressão de raiva de Millicent, Eva sorri. — E acho que estou começando a gostar da sua garota. Ela é o oposto de você e me parece que isso vai ser muito interessante.

Passo a mão pelos meus cabelos e olho de Eva para Millicent, achando que finalmente estou ficando louco. Eva está elogiando Millie? É demais até mesmo para mim. Mas agora há um problema maior para resolver.

— Quanto ela quer? — pergunto.

— Dez mil.

Engasgo, abismado com a quantia absurda.

— Não vou dar dez mil dólares para essa mulher! Onde ela mora? Preciso falar com ela, Eva. Irei convencê-la a diminuir o valor. — Empurro a cadeira para longe, fazendo-a cair perto de uma mesa, e me apoio na parede, irritado porque tudo se resume a nada nesse momento. É impossível eu pagar dez mil dólares por uma informação, mesmo que esta seja minha salvação.

Sinto uma mão em meus ombros e quando me viro encontro Millicent próximo a mim. Solto um suspiro e a seguro pela cintura abraçando-a com força, sentindo-me imediatamente melhor ao ter seu calor e seu pequeno corpo contra o meu. Beijo o topo de sua cabeça e puxo os cabelos para o lado.

— Logo falaremos sobre isso, Millie. Direi tudo a você, cada detalhe — sussurro em sua orelha.

— Você sabe que posso ajudá-lo, Savi. — Eva oferece. Sim, eu sei que a situação dela é melhor que a minha, já que passou anos em seu estúdio de tatuagem, trabalhando como uma louca, enquanto eu vagueei por aí. Mas não quero ajuda dela. Quem resolverá isso sou eu.

— Marque um encontro com ela, Eva. Preciso falar com essa mulher. Onde ela está?

Eva dá de ombros.

— Ela mora numa cidade próxima. Vou ligar para ela.

— Faça isso, por favor. O mais rápido possível — falo, fazendo um gesto de cabeça. Ela concorda e então olha para a porta, sabendo que não há mais o que dizer. Antes que ela saia, eu a chamo de volta, e ela me olha. — Obrigado, Eva.

— Cuide bem da garota, Savi. — Ela pisca para mim antes de sair, fechando a porta.

Millicent e eu ficamos sozinhos na sala, os dois em silêncio. Eu ainda estou abraçado a ela e sei que este é o momento em que devo lhe contar tudo. Não posso mentir dizendo que não estou com medo, que não sinto pavor por saber que, ao terminar de me ouvir, ela pode surtar, ir embora e, por Deus, eu a entenderei perfeitamente. Minha Millicent é doce, inocente e bondosa; sei que o que estou prestes a lhe dizer pode ser demais para ela e que tudo pode se acabar neste instante, mas minha consciência e, céus, meu coração também me obrigam a dizer a verdade. É uma nova face de mim mesmo, a qual eu não tinha conhecido ainda. Esse desejo de verdade, de confessar... De me entregar a ela.

É o meu fim, sei disso, mas não posso negar que Millicent está mexendo verdadeiramente comigo, tocando uma parte que nenhuma mulher, nem mesmo a mais desejosa e hábil na cama, conseguiu. Ah... minha garota doce vai me destruir.

Levo Millicent até o sofá e a coloco sentada. Fico de joelhos em frente a ela, entre suas pernas. Inclino minha cabeça em seus joelhos e respiro fundo, tomando coragem. Fico assim durante alguns minutos, enquanto suas pequeninas mãos passeiam por meu cabelo, por meu rosto, por minha barba. Eu relaxo, sentindo-me acolhido. Quando ergo o rosto, encarando-a, finalmente estou pronto para tudo.

— Serei sincero com você, Millicent. — Seguro suas mãos nas minhas e olho em seus olhos. — Não sei se você compreenderá o que vou dizer e nem sei se estará aqui no final, mas preciso falar mesmo assim.

Ela engole em seco, seus olhos azuis assustados, mas mesmo assim confirma, pedindo que eu

continue. Que Deus me ajude!

— Há alguns anos, eu estive em uma festa, onde havia várias mulheres, sexo e muita bebida — começo, vacilando nas palavras. — Eu era jovem e inconsequente, abusei do álcool e consumi uma substância proibida. Não me lembro exatamente das coisas, apenas tenho alguns flashes. Mas havia uma garota que eu beijava e acariciava. Lembro-me de termos ido para um quarto no andar de cima, lembro de que ela tirou a roupa e de que me beijou. E me lembro também de que ela começou a gritar comigo e me esmurrar, vindo para cima de mim. Depois disso tudo se apaga, não consigo me lembrar de mais nada — conto, sentindo um nó em minha garganta. Não consigo encarar Millicent. — Na manhã seguinte, acordei sendo acusado pela garota e pelas amigas dela, todas gritando e me ameaçando. Fui acusado de estuprar a garota, Millicent — confesso, sentindo-me humilhado. — Tenho vivido todos esses anos com a culpa por ter feito mal àquela jovem, mas eu estava tão bêbado, tão drogado e imundo que não me lembro de nada — digo com raiva de mim mesmo. — Eu era tão idiota e não consegui reagir, não podia. Eu... Eu não sei se fiz isso, Millicent. Você consegue entender? Não sei se estuprorei a garota, porque ela não relatou à polícia, alegando estar humilhada. Eu vivo num inferno, Millicent, e conhecer você me fez afundar mais ainda, porque você é boa, é inocente e me dói saber que eu pude... — engasgo, sentindo-me perdido. Ainda estou de cabeça baixa. — Depois do que descobri de você, pensei muitas vezes que Ethan estava certo, e que eu deveria me afastar, ter bom senso e deixar você em paz. Mas eu não posso e não vou. Não deixarei você, a menos que me peça, Millicent. Sei que o que contei é terrível, mas...

Não consigo terminar de falar, porque de repente os lábios de Millicent estão nos meus. Ela está segurando meu rosto entre as mãos e está me beijando com força, sua boca esmagando a minha com fúria. Desnorteadado, não me movo, ainda sem entender a reação dela.

Quando ela se afasta, as mãos ainda me segurando, seus lábios se movem lentamente, e eu me esforço para entender o que ela está dizendo.

“Estou morrendo de medo, mas confio em você, Savi.”

Fecho os olhos achando que estou no sétimo céu. Meu corpo estremece com aquela emoção desconhecida se apertando em meu peito e então, pela primeira vez em muitos anos, tenho vontade de chorar.

Seguro Millicent pelos ombros e a faço deslizar para o chão, para meu colo. Ela se prende ao meu corpo e eu a mantenho perto de mim, meu rosto enterrado em seu cabelo perfumado. Também é a primeira vez, em toda minha vida, que acho que realmente posso me apaixonar por uma mulher.

Isso me apavora.

Capítulo Vinte

Millicent

Savi tem a cabeça encostada em meu peito.

Ele me aperta forte contra seu corpo, suas mãos agarradas aos meus ombros, como se buscasse sua salvação em minha pele. Sei que está assustado e acho que também tem medo.

Acaricio sua nuca tentando acalmá-lo. Ele suspira e deposita beijos em meu pescoço, fazendo-me sorrir, porque, apesar de tudo, acabo de descobrir que Savi Underwood, o irmão mais difícil e rebelde, é apenas um menino. *Meu menino*. E tudo que consigo pensar agora é em cuidar dele, porque sei como é sentir-se vulnerável, à mercê de julgamentos.

— Millicent, toda vez que sinto seu perfume, fico excitado — ele cochicha em meu ouvido e eu não resisto em rir.

Seguro o rosto dele entre as mãos e o obrigo a olhar para meus lábios.

“Beije-me, Savi.”

— Por Deus, é tudo que eu mais quero agora — ele diz, antes de encostar seus lábios nos meus, tomando minha boca com fúria, enquanto suas mãos me seguram pela cintura.

Estou sentada em seu colo e logo começo a sentir o efeito do beijo no corpo de Savi. Eu gosto disso. Remexo meu corpo no dele, e o ouço gemer em meus lábios. Sua língua avança dentro da minha boca, explorando, envolvendo-me e é tão bom beijá-lo. Sim, o único homem que beijei em minha vida.

— Se você continuar a rebolar desse jeito, juro que vou comer você nesse chão, Millicent — Savi diz, ao apertar minha bunda com força, provocando uma sensação estranha em meu corpo. Adoro sua forma bruta de falar e agir. Coisas que, até um tempo atrás, me fariam correr de medo. O que está acontecendo comigo?

Respondo, empurrando-me novamente contra ele. Sim, eu o quero agora mesmo junto a mim.

Olho para a porta com ansiedade e, depois de espiar a reação de Savi, decido que posso surpreendê-lo. Os homens gostam disso, não é? Conto até cinco e tomo coragem para começar a deslizar minha mão por seu peito, puxando a camiseta para o lado e sentindo o calor de sua pele contra minha palma.

— O que está fazendo? — ele pergunta com a voz rouca.

Coloco o dedo sobre seus lábios e o silêncio.

“Estou seduzindo você.”

Ele arqueia a sobancelha e depois sorri sedutor. Seu gesto me aquece, e eu me empolgo em continuar com meu plano.

Seguro os botões da minha camisa e começo a abrir um por um lentamente. Não estou usando sutiã e vejo quando os olhos de Savi se arregalam.

— Espere, Millicent — ele diz de repente, pegando-me no colo e se levantando, correndo para a porta, onde gira a chave na fechadura. — Agora, permita-me que eu continue com o que você estava fazendo. — Savi me carrega até o sofá e me faz ficar de joelhos, para que eu possa ficar próxima a sua altura. Ele segura meu cabelo entre os dedos e inala profundamente, parecendo embriagado; isso desperta uma onda de prazer em minha barriga. — Ethan está no escritório e precisamos ser rápidos, porque não quero que ele nos ouça.

Eu concordo com a cabeça. Também não quero que Ethan nos descubra. Seria terrível que ele soubesse o que estamos prestes a fazer.

Meus pensamentos são desviados quando Savi termina de desabotoar minha camisa e a puxa por meus ombros, expondo meus seios, que, mesmo sendo pequenos e estranhamente, Savi gosta. Ele roça o polegar em um mamilo, devagar, provocando-me, e eu sinto o efeito em meu sexo, que se aperta de desejo.

— Tão sensíveis, Millicent. Seus seios são preciosos — ele elogia, passando para o outro mamilo, atendendo-o com a mesma lentidão de antes.

Eu me inclino para frente, procurando desavergonhadamente por mais. Apoio-me nos ombros de Savi, enquanto ele procura me estimular com a boca, traçando círculos em volta dos meus seios, chupando com tanta força que chego ouvir os barulhos de seus lábios em minha pele. Começo a gemer em seu ouvido, empurrando-me contra ele. Quero mais, muito mais. Quero tudo dele.

— Todo seu corpo deveria ser adorado, Millicent, cada parte dele. Mas eu tenho pressa para estar dentro de você. — Savi puxa minha calça e minha calcinha para fora de minhas pernas, levando junto minhas sapatilhas, deixando-me completamente nua. Ele afasta minhas pernas e dá um passo para trás, para me admirar. Abaixo a cabeça, constrangida. O olhar de Savi está em meu sexo e, mesmo sendo excitante, sinto-me um pouco envergonhada, porque jamais me olharam com tanta adoração e... fome.

Savi se ajoelha em minha frente e, sorrindo, planta um beijo entre meus seios, para depois começar um caminho de beijos e chupões, que descem por minha barriga, diretamente para baixo... Delicadamente, ele abre as dobras do meu sexo e faz movimentos tentadores que me enlouquecem. Inclino a cabeça contra o encosto do sofá e mordo meu lábio, encantada com a intensidade de prazer que esse homem pode me proporcionar com um simples toque.

— Sei que vou para o inferno, mas preciso prová-la novamente, Millie. — Mesmo sabendo do

que ele está falando, nada me prepara para a onda de choque que percorre meu corpo quando sua língua toca meu clitóris.

Jesus! Eu poderia gritar tão alto, que as paredes tremeriam, mas, como não posso, desconto em Savi toda essa energia que me recorre. Começo a ondular meu corpo, quase não me reconhecendo quando começo a deslizar meu quadril sobre seu rosto. Ele solta um gemido, aumentando o ritmo, a pressão e... Céus! Cravo minhas unhas no tecido do sofá e convulsiono sentindo dois dedos me invadindo, elevando o prazer a um estado insuportável. Eu me desmancho sob Savi, contorcendo-me, gemendo e me sentindo no limbo.

Quando os espasmos do meu orgasmo começam a cessar, Savi beija a lateral da minha perna, sorrindo para mim e, com uma ousadia inacreditável, lambe os lábios, sorvendo o líquido do meu corpo. Eu arregalo os olhos, espantada com sua atitude.

— Você precisa saber o quanto é deliciosa, Millicent. — Savi se inclina sobre mim e me oferece seus lábios sua língua espreitando em meus lábios. Eu o beijo com fervor, assustando-me ao sentir um sabor diferente em seu gosto. Ele se afasta e fica de pé, abrindo a calça com rapidez. — Meu pau está tão duro para entrar em você, Millie.

Eu poderia ajudá-lo a tirar a calça, mas ele faz isso tão depressa, que, quando me dou conta, está jogando-a para o lado junto com a cueca. Savi desliza um preservativo por sua ereção, os olhos fixos em mim. Por um momento, eu imagino como seria se eu lhe desse prazer com minha boca... Afasto o pensamento rapidamente, recordando como foi no passado; do inferno que vivi quando...

— Millie, está tudo bem? — ele pergunta tocando meu ombro.

Pisco desconcertada, fazendo um gesto positivo. Crio coragem e toco seu membro, passando a mão por seu comprimento, sentindo como ele está duro e pronto. A respiração de Savi começa a se alterar e então sinto sua mão sobre a minha. Eu paro imediatamente.

— Fique de costas para mim e se apoie no sofá, Millicent — ele ordena, a voz diferente, mais grave.

Eu faço o que ele pede, fico de pé e apoio meus joelhos no sofá, minhas mãos no encosto. Então percebo a posição em que estou e o que irá acontecer. Eu gosto da ideia. Empurro minha bunda para trás, oferecendo meu corpo a ele. Estremeço, quando as mãos de Savi tocam meus ombros e começam a descer, indo diretamente para minha bunda. Ele aperta com força e de repente percebo que me toca *lá*. Engulo em seco percebendo o que é.

— Um dia farei isso com você, Millicent — ele sussurra em meu ouvido, afastando meus cabelos para o lado. Savi empurra sua ereção contra mim e eu respiro fundo, compreendendo suas intenções. — E eu juro pelos céus que você sentirá muito prazer, como nunca sequer imaginou.

Enquanto ainda estou absorvendo a informação, Savi direciona seu membro para minha entrada

e, com um empurrão, entra em mim. Estou molhada, quente e desejosa de mais. Ele também está, posso sentir em sua respiração acelerada.

Seus movimentos começam sutis, as mãos fortes me segurando pelo quadril. Apoio minha cabeça no sofá e desfruto do prazer, imaginando o quão bom fazer sexo é.

— Perdoe-me, mas preciso disso rápido. — A atitude de Savi muda, e ele segura meus cabelos, ao mesmo tempo em que sua outra mão cai para o meio de minhas pernas, estimulando meu clitóris.

Oh, Senhor! Eu não esperava por tudo isso...

Ele me fode com força, velocidade. Eu o sinto até o fim e temo que não suportarei muito. Tenho desejo de gritar, de pedir que ele pare e de continuar, tudo ao mesmo tempo. É contraditório, e eu chego a pensar que posso enlouquecer.

— Se você pudesse ver o quanto está linda desse jeito, Millicent, com meu pau enterrado dentro de você — ele diz entrecortado, empurrando-me para frente, a estimulação em meu clitóris aumentando.

Eu sei o que *ele* diria se me visse assim. — Este é meu pensamento quando me entrego ao ápice do prazer novamente, desta vez sendo embalada pelos braços de Savi, quando ele entra em mim mais algumas vezes e finalmente seu corpo endurece, gozando com um gemido que, se não fosse prazer, seria de dor. Oh, meu homem.

— Está ouvindo isso? — Savi pergunta saindo de dentro de mim e me virando para ver seu rosto.

Balanço os ombros, ainda um pouco grogue.

Ele olha para o próprio corpo e franze a testa, provavelmente compreendendo que não tirou a maior parte da roupa. Savi leva a mão ao bolso da jaqueta e retira o celular. Ele lê algo e então sua expressão muda.

— Ethan quer falar conosco no escritório. Agora — ele diz, virando a tela do celular para mim, e meu coração dispara ao ler a mensagem.

Se sua festa acabou, irmão, espero vocês em meu escritório.

Meu coração se aperta e eu me desespero.

Ah, não... Meu Ethan, não...

Capítulo Vinte e Um

Enquanto caminho pelo corredor, com Millicent ao meu lado, até o escritório do bar, sinto-me exatamente como na época do colegial, quando eu fazia algo errado, do tipo ingerir bebida alcóolica nas dependências da escola, e era levado até a sala do diretor. Foram inúmeras vezes, tantas que já nem me recordo direito. Mas a sensação de caminhar para algo ruim disso eu me lembro muito bem. A única diferença é que Ethan é meu irmão e que quando eu chegar a minha casa não serei punido por meu pai.

— Foi bom Ethan nos chamar. Há muitas coisas que quero dizer a ele — falo para Millie, ao abrir a porta do escritório e espiar lá dentro.

Meu irmão mais novo está em sua mesa, a cabeça abaixada, como sempre concentrado em algum papel importante. Entro com Millicent na sala e, ao nos ver, ele endurece a expressão. Ethan joga a caneta sobre a mesa e se inclina na cadeira para nos ver melhor.

Isso é ridículo. A cena toda é ridícula. Solto a mão de Millicent e vou até Ethan, minhas mãos apertadas na lateral do corpo; eu estou pronto para enfrentá-lo se assim ele quiser.

— Nada de briga, Savi. — Ele ergue a mão, parando-me. — Você percebe o quanto tudo isso é estranho e errado?

— Ethan, eu não vou...

— Eu não estou falando disso — interrompe-me ficando em minha frente. — Millie, você pode nos deixar sozinhos por alguns minutos?

Agarro o pulso de Millicent e olho furioso para Ethan.

— Ela fica — rosno furioso.

Meu irmão sorri desconcertado.

Millie se desvencilha de mim e, depois de um gesto de cabeça e um sorriso sutil, ela sai da sala, deixando-nos sozinhos. Meu coração se aperta quando a porta se fecha e vejo que ela se foi. É o inferno, mas sua presença me deixava mais seguro, e eu realmente queria que Millicent ouvisse tudo isso.

— Provavelmente você deve estar me achando o cara mau da história — Ethan começa ao dirigir-se para o sofá do outro lado da sala. Eu o sigo e sento ao seu lado. — Também deve ter pensado que eu o chamei aqui para dizer coisas ruins — acrescenta e eu não respondo, porque ele sabe que é verdade. — Sabe, Savi, nossa relação sempre foi difícil e parte disso é culpa minha.

— Do que você está falando? — pergunto, encarando-o sem entender.

Ethan encosta a cabeça ao sofá e respira fundo, seus olhos fixos em um ponto a sua frente.

— Eu sempre me senti como se fosse seu irmão maior, Savi. Mesmo na adolescência, quando eu estava descobrindo as coisas e você não estava lá para me ajudar — ele diz sem emoção, e isso me faz sentir um golpe no estômago. Sim, eu não estive lá para meu irmão. Estava muito bem, perdido em festas e mulheres. — Não o estou culpando de nada, eu só quero que entenda que naquele tempo comecei a imaginar que eu deveria ser mais responsável. Nosso pai dizia isso também e, de certa forma, eu acreditei.

O que ele está tentando me dizer?

— Eu fiz muitas coisas erradas, irmão — digo, sentindo-me muito mal por ter que admitir.

Ethan ri baixinho, desiludido.

— Nós dois fizemos, Savi. Sei que posso parecer um completo babaca nessas roupas, preso nesse escritório, mas também fiz coisas que gostaria de remediar, o que é impossível.

— Não é um babaca, Ethan — minha voz trava em minha garganta. Nunca diria isso a ele. Nunca. — Nossa mãe tem orgulho de você. E eu também — confesso inesperadamente.

Ethan me olha com o cenho franzido e então sorri novamente, envergonhado. Por um momento me recordo de quando éramos menores e ele era tímido com as garotas. Esse é meu irmão.

— Está tentando barganhar algo comigo? — ele pergunta desconfiado.

Reviro os olhos, mas acabo sorrindo também.

— Pensei que talvez você...

— Nada feito, seja o que for que pensa em me pedir. — Ethan se espreguiça colocando os pés sobre a mesa de centro e as mãos atrás da cabeça. — Você gosta dela, não é?!

Surpreendo-me com a pergunta inesperada e fico em silêncio alguns minutos refletindo sobre o que responder. Eu gosto de Millicent?

Por Deus! Aquela mulher me desestrutura completamente. Eu enlouqueço com seu cheiro e desejo tocá-la todo momento. Transar com Millicent é fantástico! Beijá-la e abraçá-la é de uma intensidade que eu não tinha experimentado antes.

— Sim — respondo um tempo depois.

— Imaginei. — Ethan balança a cabeça concordando. — Desconfiei disso agora há pouco, enquanto vocês estavam transando na sala dos funcionários.

Limpo a garganta, incomodado pelo comentário.

— Millicent é especial. Por isso, se você a magoar, eu esquecerei que é meu irmão e garanto que arrancarei suas bolas, Savi. Eu juro por Deus que farei isso — ele me ameaça, a voz mortalmente calma.

— Estou de acordo — concordo. Eu faria o mesmo com quem a prejudicasse. É justo.

Aquele silêncio estranho volta e eu começo a encarar os copos de cristal em cima do aparador

na parede em frente.

— Eva me contou algo — falo de repente, lembrando-me do que aconteceu horas atrás.

— Aquela mulher me assusta — Ethan comenta, imitando calafrios.

Ergo uma sobrancelha, curioso com sua atitude a respeito dela.

— Ela o atrai, irmão? — pergunto.

— Meu gosto por mulheres é mais refinado, Savi — responde sem rodeios. — O que ela disse?

Conto o que ela descobriu a Ethan, explicando cada detalhe, e também pedindo a opinião dele no final.

— Eu posso ajudá-lo — diz convicto.

— Você já me ajudou, Ethan. Já me ajudou com o abrigo, e eu não sei se conseguirei devolver tudo de uma vez — admito, nervoso ao recordar da grave situação de alguns dias atrás.

— Millicent sabe sobre o abrigo?

— Não.

— Você deveria levá-la lá.

Sim... Eu deveria. Mas ela estaria preparada para isso?

Minha cabeça viaja nas várias possibilidades. O abrigo é para meninas que foram abusadas como Millie foi, mas a pergunta é: isso poderia fazer mal a ela? Traria velhas e más recordações? Eu não quero lhe causar dor e desconforto, pois ela não merece mais sofrer por isso.

— Savi! — Ethan eleva a voz e eu franzo a testa sem entender. — O seu celular acabou de apitar — diz e eu pego o aparelho, fixando meus olhos na tela.

— Ela conseguiu... — digo para mim mesmo, mas meu irmão acaba escutando.

— Ela conseguiu o quê? E quem é *ela*? — Ethan me encara com olhos curiosos. Não poderei esconder isso dele e nem tenho motivos para tal.

— Eva. — Ao pronunciar seu nome, Ethan faz uma careta feia e engraçada. — Ela conseguiu marcar um “encontro” com a tal da Mia.

Ele levanta as sobrancelhas surpreso.

— Então vamos encontrá-la e dar o que ela quer — ele diz e fica de pé, assim como eu.

— Agradeço sua boa intenção, irmão, mas prefiro ir sozinho. Preciso verificar se tudo isso não passa de um golpe da parte dessa mulher.

Meu irmão concorda, com um suspiro frustrado. — Tudo bem, mas prometa que dará notícias assim que possível?

Balanço a cabeça positivamente, aliviando-o.

— Se quiser, posso ficar e te ajudar. Depois resolvo os meus problemas.

Ethan nega e volta a sentar em sua cadeira giratória. — Pode ir tranquilo, Savi. Hoje só farei

uma reunião com o pessoal e lhes pagarei um bônus pelo bom atendimento e funcionamento do bar.

— Ok! Vou levar Millicent para casa antes e... — Sou interrompido.

— Não se preocupe, irmão. Eu a levo para casa, sem problemas. Vá encontrar essa tal Mia de uma vez, antes que eu mude de ideia e vá junto com você.

— Certo — concordo. Sei que Millie estará em boas mãos, pois compreendi que Ethan a tem como uma irmã mais nova, e eu gosto disso.

Saio do escritório e procuro Millie com meus olhos. Assim que a encontro, quase corro em sua direção e lhe dou um beijo profundo na frente de todos os funcionários.

— Eu preciso ir, depois te conto tudo. Ethan te levará para casa após a reunião, tudo bem?

Millicent concorda, o rosto avermelhado, devido o beijo que lhe dei na frente de todo mundo.

Saio do bar com o coração acelerado. Sinto que algo vai mudar, só não sei dizer se é algo bom ou ruim.

Capítulo Vinte e Dois

Ethan

Depois que Savi sai, chamo os funcionários para uma reunião importante, onde começo explicar algumas alterações na programação do bar. A princípio estranho o fato de que Enrico está direcionando olhares quentes à Teresa, que o corresponde com entusiasmo. Eles estão juntos? Bem, talvez Teresa tenha percebido que meu irmão mais velho não está mais interessado nela. Decido não falar nada a respeito, porque, enquanto relacionamentos pessoais não interferem no trabalho, não há motivo algum para que eu acabe com a festa dos dois. E isso inclui Millicent e Savi.

Ah, sim. Millicent está estranha desde que Savi saiu. Deixou de sorrir e agora mantém uma expressão preocupada. Eu a entendo, estou me sentindo assim também. Mesmo que meu irmão não compreenda, não quero seu mal, de forma alguma. Gostaria muito que ele entendesse que tudo o que faço é para seu bem. Sei que deveria ser ao contrário, ele deveria se preocupar comigo ou pelo menos esse cuidado deveria ser recíproco, mas é complicado.

Prometi a mim mesmo que cuidaria de Savi desde que ele foi acusado de ser um estuprador. É claro que nunca acreditei verdadeiramente nisso. Sim, houve dúvidas passageiras, mas logo foram postas de lado. Claro, foi diferente de meu pai, que nunca teve dúvidas quanto ao caráter do filho mais velho.

Outra parte de minha preocupação com meu irmão é sobre a relação dos dois. Morgan é o homem mais preconceituoso e grosseiro que já conheci e, apesar de ser meu pai e de que o amo, sei o quanto está errado. Errado em julgar Savi, errado em condenar o abrigo que meu irmão tanto lutou para construir buscando redimir-se do que supostamente havia feito e, de certa forma, salvar a própria alma. Penso que, se um dia Savi souber o que realmente tive que fazer para ajudá-lo com o abrigo, provavelmente não me perdoará com facilidade. Eu menti, mas não me sinto mal por isso. Eu simplesmente não suportaria ver aquele lugar fechar. É a vida de nossa mãe, que se dedica àquelas garotas, cuidando-as como se fossem suas filhas, mas, devo admitir, também o fiz por minha própria consciência.

— E a nova encomenda de bebidas, Ethan? — Enrico pergunta, olhando por cima de um caderno, anotando cada nova ordem.

Bebo um pouco de água e confiro, na planilha que fiz mais cedo, a quantidade de bebidas que devemos solicitar. Planejar, calcular e anotar me acalma. Claro, não com a mesma potência de uma boa noite de sexo duro, como tanto gosto, mas é uma opção para quando preciso relaxar.

— Ligue para o fornecedor e peça suficiente para três semanas. Ainda temos um pouco no estoque — informo, virando a página para acompanhar o que ainda tenho para tratar com os funcionários.

Enquanto estou lendo o que está escrito, os cálculos sobre quantidades de alguns tipos de comidas que servimos, Enrico e Teresa cochicham um no ouvido do outro, dando risadinhas infantis. Olho para Millie e vejo o quanto ela está vermelha, possivelmente constrangida pela demonstração de afeto em público. Não consigo imaginar que essa garota doce tenha se envolvido com Savi, tendo em conta que são tão diferentes.

Um pouco mais de uma hora se passou até que eu consegui explicar todos os detalhes que decidi. São decisões simples as quais tenho certeza de que Savi aprovará, apesar de ele não ter participado da reunião.

Quando enfim Lorenzo, Teresa e Enrico saem do bar, Millicent e eu ficamos sozinhos, ainda sentados próximos. Termino de anotar mais algumas coisas e vou para o escritório pegar minhas coisas. Assim que volto, encontro-a segurando sua pequena bolsa perto da saída.

— Vamos? — convido, apontando para fora.

Ela espera que eu tranque o ferrolho do bar e ligue o alarme, observando pacientemente, enquanto confiro tudo três vezes para ter certeza de que está seguro. Millicent segue calada, enquanto vamos até meu carro. Abro a porta para ela, que entra rapidamente.

Quando saímos pela rua lateral ao bar, ligo o som do carro, começando a tocar Michael Bublé. É uma canção leve, uma das minhas preferidas, diferente das que tocam no The Underwood's. Millicent está distraída, olhando pela janela do carro, sequer faz questão de olhar para mim. Isso me incomoda.

— Você sabe que eu nunca quis seu mal, Millie — falo, olhando-a de relance. — Desde que nos conhecemos, tudo que fiz foi para protegê-la. E não pense que eu considero Savi uma pessoa ruim. Eu tinha medo de que ele a magoasse. Você compreende?

Millicent balança a cabeça afirmando, e isso me deixa um pouco mais tranquilo.

— Entrou em contato com sua mãe? — pergunto.

Ela faz um gesto dizendo que não. Não gosto disso. Prometi à mãe de Millie que ela receberia notícias da filha com regularidade, e que a própria Millicent lhe enviaria mensagens. Millie está descumprindo nosso acordo.

Não digo mais nada a ela até que finalmente estacionamos na pequena rua de sua casa. Ainda custo a acreditar que Millie viva em um lugar tão decadente, mas infelizmente ela não permitiu que eu a alojasse em uma casa melhor.

— Savi provavelmente irá ligar para você — digo com as mãos nos bolsos, sentindo-me estranho pela situação.

Ela sorri fracamente, e eu me surpreendo quando segura minha mão. Seus lábios se movem, dizendo-me o inevitável.

“Obrigada, Ethan. Eu gosto de Savi e estou feliz.”

—Vê-la feliz é tudo que quero, Millie — sussurro satisfeito.

Millicent se separa de mim e, com aquele sorriso tímido e encantador, caminha até a porta. Espero até que ela entre e feche a porta; só então me convenço a ir embora.

Estou de volta ao The Underwood's. Estava chegando a minha casa quando percebi que havia esquecido meu maldito celular no escritório e precisei voltar correndo para o bar. Não sei como eu pude ser idiota o suficiente para esquecer algo. Isso nunca acontece. Sempre confiro meus bolsos antes de sair.

Irritado, vou até o escritório e procuro entre as gavetas de minha mesa. Levo cerca de três minutos e meio para conseguir encontrá-lo, sobre o sofá, no outro lado do cômodo. Agora, satisfeito, fecho a porta e saio para o bar, quando infernalmente dou de cara com alguém.

— Pelo amor de Deus! O que você faz aqui? — pergunto assustado. Encosto-me a uma cadeira e respiro fundo.

Eva solta uma gargalhada, e isso serve apenas para me deixar com ainda mais raiva.

— O que você faz aqui? — questiono novamente, enquanto caminho para a saída. Passo por Eva, mas ela não se move.

— Savi não precisava mais de mim. Achei que o bar estaria aberto — ela diz simplesmente.

—Volte amanhã, não abrimos o bar nas segundas, álbum de figurinhas — digo sorrindo, e é uma pena ela não poder ver minha expressão.

Abro a porta e espero que ela me siga, mas Eva continua parada, de costas para mim.

— Sempre me pergunto qual é seu problema, Ethan. Já disse que posso indicar algumas amigas para curar sua virgindade — ela diz debochando.

— Não tenho tempo para seus joguinhos, Eva. Vamos, preciso ir para casa. —Caminho até ela e seguro seu braço, tentando conduzi-la para fora.

— Não sei como você costuma tratar as mulheres, Ethan. Mas saiba que eu não sou qualquer uma. Quando você crescer, vai aprender como tocar uma mulher de verdade — e olhando em meus olhos, puxa o braço para longe.

É o inferno.

Vou para cima dela, empurrando-a contra a parede, segurando seus braços com força. Ela tenta

se soltar, mas sou mais forte e a domino facilmente.

— O que você vai...? — ela pergunta apavorada.

Ah, sim, Eva, é exatamente assim que desejo vê-la.

Sei que ela está assustada, e essa é minha intenção. Porém eu não esperava ser atingido por essa onda de calor em meu corpo, nem por esse desejo louco para beijá-la e... porra! Jogo-me sobre ela, beijando-a com fúria.

Minhas mãos soltam seus braços e vão para sua cintura, segurando-a perto de mim. Coloco meu corpo contra o dela e, quando Eva vai dizer qualquer coisa, eu invado sua boca com minha língua, gemendo ao sentir seu gosto.

Eva, ao contrário do que imaginei, puxa-me para mais perto e me beija de volta. Ficamos como dois loucos, eu me esfregando nela, beijando agora seu pescoço e descendo cada vez mais.

— Pare... — ela murmura, tentando me afastar.

Ao ouvir sua voz, algo volta a funcionar em minha mente, e eu me separo dela rapidamente.

Ela se recompõe, arrumando o cabelo e a roupa sem pressa.

— Você não é tão ruim quanto imaginei, Ethan — Eva diz, apontando para meu peito. — Mas jamais se atreva a me tocar novamente — e depois de me empurrar, sai pisando fundo para fora do bar.

Puxo uma cadeira e me sento. Coloco minha cabeça entre as mãos e suspiro. Como pude fazer uma coisa dessas?

Volto para casa transtornado e vou direto para o banho. Preciso tirar o gosto e o cheiro dela de mim. Eva não faz meu tipo, ela é... estranha. Parece um gubi ambulante e definitivamente não é para mim. Preciso esvaziar a cabeça com um bom banho e depois uma dose de uísque. Vou aguardar qualquer notícia do meu irmão, que, a essa hora, deve estar conversando com a mulher que pode libertá-lo de seus demônios para sempre.

Capítulo Vinte e Três

Savi

Eva tentou me convencer a deixá-la ficar comigo durante a “negociação”. Claro que eu não deixei, o que a fez sair pisando duro daqui, como um furacão. Sou grato por sua ajuda, por ter acreditado em mim em todos esses anos e principalmente por não ter desistido, indo atrás da verdade. Ela é uma boa amiga, com quem terei uma dívida eterna, mas que tem sangue quente. Se a deixasse ficar, sei que voaria para cima da tal de Mia, pois deixou claro a raiva que sente pela garota e por todas as pessoas que tentaram me prejudicar.

Encaro as paredes do restaurante com impaciência, nervoso pelo fato de a mulher estar atrasada. Estou sentado nesta mesa há mais de uma hora, enquanto as garçonetes e clientes me olham como se eu fosse algum tipo de psicopata. Devo mesmo estar com cara de um, porque a raiva e o desejo de acabar logo com isso que estou sentindo deve estar afetando minha aparência já exagerada.

Pego meu maço de cigarros, pela terceira vez desde que entrei aqui, e, sem me preocupar com a gritante placa vermelha que diz que é proibido fumar, uso meu isqueiro para acendê-lo. Enquanto aprecio meu terceiro cigarro, espero também pela possibilidade de ser enxotado desse lugar, mas percebo que ninguém fará isso. Estou sentado junto à mesa mais afastada, longe dos outros clientes, e não vejo mal algum no que estou fazendo, claro, desde que você não considere câncer de pulmão como algo ruim.

Termino meu cigarro em poucos minutos e, quando acho que meu papel de palhaço acabou e decido cair fora daqui, uma mulher alta, de cabelos curtos, aparece caminhando em minha direção. Usa roupas de couro, saltos altos e tem uma postura extremamente dominadora. Não gosto disso.

Ela para em minha frente e me olha dos pés a cabeça, depois sorri com malícia.

— Você é exatamente como Eva — ela diz, puxando a cadeira para se sentar. Não, eu não sou cavalheiro o suficiente para puxar o assento para a mulher que está aqui para me chantagear.

Mantenho-me sério, não devolvo o sorriso. Espero que ela se ajeite em seu lugar, para finalmente falar algo.

— Diga tudo o que sabe — vou direto ao ponto. Não sei o motivo, mas, apenas ao olhar para a mulher, sei que não será bom prolongar a conversa.

— Estou com fome. Pedirei alguma coisa e, enquanto como, darei a você as respostas que tanto deseja. — Ela pega o cardápio e começa a ler atentamente. A cena me faz recordar meu

encontro com Millicent, quando eu a levei naquele restaurante, e o quanto foi gracioso vê-la rindo e se divertindo tão despreocupadamente. — Vou querer salmão e uma salada — diz quando o garçom vem anotar seu pedido.

Quando ficamos sozinhos novamente, ela olha para mim com a expressão interrogativa.

— A propósito, meu nome é Mia.

— Eu sei — respondo rapidamente.

— Achei que fosse me acompanhar — diz, mostrando o cardápio em minha frente.

— Não tenho fome — digo seco. Pego meu celular e confiro as horas, ciente de que não sairei tão cedo desse lugar.

Até que o garçom voltou com a comida de Mia, nós ficamos quietos, ela olhando-se despreocupadamente em um espelho pequeno em sua carteira, e eu contando inúmeras vezes até dez, planejando como farei para conseguir tirar todas as informações dela. É óbvio que esta mulher está aqui para me extorquir, mas não será tão fácil.

— Gostei de suas tatuagens. Elas possuem algum significado? — A mulher se inclina sobre a mesa, mostrando o avantajado decote, tentando criar uma cena sexy.

Sim, elas possuem. Mas nada que ela deva saber.

— Tive uma fase rebelde. — Dou de ombros, não tenho que explicar nada a ela.

— Todos nós tivemos, não é mesmo?! — Mia ri roucamente, um gesto que tempos atrás teria facilmente me incitado a seduzi-la.

O garçom finalmente aparece trazendo a comida de Mia, que faz pouca cerimônia ao começar a comer rapidamente, mas com muita classe. Pergunto-me como estou conseguindo me manter tão sereno, apenas aguardando que ela decida falar, porque obviamente não posso ceder ao meu desejo de sacudi-la pelos ombros e a obrigar a falar tudo que sabe.

— Sabe, quando Eva me procurou, achei que eu devia continuar calada — ela comenta entre garfadas.

— E por que decidiu falar? — pergunto, já sabendo a resposta óbvia.

— Preciso de dinheiro — explica tranquilamente. Bebe um gole de água e limpa os lábios com o guardanapo, seus olhos me examinando. — Não é nada fácil manter o nível de vida que levo, Savi.

Um sorriso sarcástico se insinua em meus lábios.

— Não seria mais fácil adaptar-se à falta de dinheiro?

Mia para por um momento, formulando uma resposta:

— Se isso me torna menos fútil sob sua visão, imagine que estou motivada pela causa de sua inocência, Savi. Sou uma pessoa justa tentando ajudar um homem que não cometeu crime

algum. Consegue visualizar isso?

Franzo a testa, espantado com sua capacidade de ser cínica.

— Prefiro continuar acreditando que você está desesperada por dinheiro e que, quando Eva a procurou, você encontrou em mim uma forma de conseguir o que precisava. Não seremos hipócritas, nós dois sabemos que está aqui apenas para me extorquir — falo devagar, porque quero que ela entenda bem o que penso de toda a situação.

— Gosto de sua sinceridade, Savi. Poucos homens são como você — Mia responde sorrindo. — A maioria está interessada apenas em usufruir do meu corpo sem nada dar em troca.

— Está tentando fazer com que eu sinta pena de você? — pergunto irônico. Conheço exatamente o seu tipo Mia. Durante anos, estive vinculado a esse tipo de mulheres, livres de seu corpo, com uma filosofia de vida baseada em liberdade, mas que estavam presas aos amantes mais do que podiam sequer imaginar.

Ela ajeita os talheres no prato e coloca o guardanapo sobre a mesa. Sua postura está mais fechada, e creio que eu a tenha deixado um tanto nervosa. Isso é bom.

— Não posso negar que obtive o prazer que eu buscava — confessa. — Mas não estamos aqui para falar de prazer, Savi. Eu quero dinheiro e você quer informações. Creio que podemos fazer uma boa troca com o que cada um tem. Mostre-me que está disposto a saber a verdade.

Meu corpo fica rígido de repente. Ela me pegou desprevenido.

— Não verá o dinheiro até que me diga tudo que sabe. — Não deixarei que ela dite as regras desse negócio, porque é evidente que seu desespero por dinheiro a deixará vulnerável a mim.

Mia se move incômoda na cadeira, olhando para os lados antes de enfim dar-se por vencida.

— Tudo bem — admite finalmente. — Eu estava lá naquela noite e vi tudo o que aconteceu — ela começa. — Eu tinha combinado com algumas amigas de irmos à festa, porque fiquei sabendo que haveria bebidas e garotos, tudo que eu procurava na época. Estávamos em quatro amigas, todas animadas e ansiosas por diversão. Eu já havia ido a festas como aquela antes, sabia o que acontecia e como acontecia. Sabia que havia drogas, sexo, e eu gostava disso — confessa, sem nenhum traço de vergonha. — Havia uma garota de nosso grupo que se chamava Jane, era a primeira festa dela e me lembro do quanto ficou excitada ao ver todos aqueles jovens chapados.

— Jane? — questiono, tentando buscar na memória um rosto para aquele nome.

— Jane é a garota que você conheceu naquela noite, Savi.

— Sequer cheguei a saber o nome dela naquela noite — confesso constrangido. — Lembro-me apenas de algumas coisas. Consigo recordar que subimos para o quarto, no andar de

cima, naquela casa.

— Jane conheceu um cara mais velho naquela noite. Ela ficou encantada por ele e jurou que iria conquistá-lo. Eles provavelmente ficaram juntos no começo da noite, eu não tenho certeza. Eu tinha bebido muito, mas consigo me lembrar de Jane eufórica, elétrica, dizendo que havia usado uma droga que a tinha deixado nas nuvens. Eu não dei muita importância porque sabia que era normal. — Ela para um instante, relembando os fatos. — Horas depois, voltei a encontrar Jane e dessa vez ela estava arrasada, porque o cara estava beijando outra bem na frente dela. Ela jurou que iria se vingar dele.

— Se vingar dele? — Eu a interrompo.

— Sim. Jane estava muito alterada. Mesmo bêbada, eu tinha alguma noção do tempo, sabia que era hora de ir embora. Tentei convencê-la, mas foi inútil, então eu a fiz prometer que não iria fazer qualquer loucura. Jane garantiu que iria apenas dançar e beber algo. Acabei acreditando nela.

— Ainda não chegamos ao ponto que me interessa — digo nervoso.

— Esse é o ponto. Foi nesse meio tempo que você a conheceu. — Mia aponta para mim. — Posso me lembrar de sua aparência, não mudou muita coisa. Eu vi Jane e você subindo para os quartos. Ela estava rindo, apoiada em seu ombro, tinha na mão um cigarro de maconha. Você deu drogas a ela, não é?!

— Não consigo lembrar. Possivelmente, mas não tenho certeza.

— Isso não faz muita diferença, porque ela já estava alta — Ela chacoalha a cabeça, parecendo organizar os fatos em sua mente. — Eu também subi para o outro andar e vi quando vocês entraram em um quarto. Pouco depois começaram os gritos de Jane, que fugiu do quarto desesperada. Eu a encontrei e a levei para um lugar afastado, onde ela me contou que tinha sido obrigada por você a praticar sexo sem consentimento.

— Eu tenho certeza de que não fiz isso — afirmo. — Não sei o que aconteceu naquele quarto, só me lembro da garota em cima de mim, gritando. Na manhã seguinte, havia um bando de garotas me acusando de violação.

Mia coloca os cotovelos em cima da mesa e aproxima o rosto de mim.

— Nosso grupo de garotas passou a noite consolando Jane. Apesar de estarmos bêbadas, conseguimos acalmá-la. No início da manhã, quando estávamos mais lúcidas, incentivamos Jane a ir até a polícia, mas ela se negou. Eu era uma das garotas que o acusou, Savi. Apesar de Jane não denunciá-lo, eu estava disposta a fazer isso. Só não fiz porque aquela sua amiga estranha, Eva, tirou você de lá, ela e aquele cara, o que todos chamavam de filho do Axl Rose. — Ela ri, revirando os olhos.

— Ainda não consigo entender como você diz que sou inocente. Acabou de confessar que esteve a ponto de me entregar à polícia. O que você descobriu, Mia? — pergunto, fitando-a.

— Alguns dias depois, Jane me ligou chorando muito. Fui até a casa dela, e lá ela me contou toda a verdade, que naquela noite havia perdido a virgindade com aquele cara mais velho e que se desesperou depois, porque não tinha usado proteção. Os pais de Jane eram rigorosos e nem sabiam sobre a festa. Na verdade, nós duas tínhamos dito a eles que ela dormiria em minha casa.

Minha mente começa a trabalhar rapidamente, juntando os fatos, e a cada segundo acho que estou a ponto de enlouquecer.

— Jane confessou que armou a cena porque temia que seus pais descobrissem que ela não era mais virgem ou, pior ainda, temia que tivesse engravidado. Foi por isso que não relatou o caso à polícia, por medo. Ela só o faria se os pais descobrissem tudo, o que nunca aconteceu.

— Quer dizer que ela armou para mim? Inferno! — praguejo, batendo o punho contra a mesa. As pessoas ao lado me olham assustadas, mas eu as ignoro.

— Ela nem sabia quem você era, Savi. Jane estava desesperada e teria feito isso com qualquer um. Por azar, foi você — Mia explica nervosamente, ajeitando seus cabelos curtos. — Mas isso não importa, porque você não fez nada a ela. Você não a violou, Savi. Você é inocente.

Passo a mão por meu rosto, sentindo o suor se acumular em minha testa. Estou nervoso, meu coração dolorido no peito.

— Como pode dizer que isso não importa? Eu passei todos esses malditos anos atormentado, acreditando que tinha feito mal àquela garota, que eu a tivesse estuprado. Você consegue imaginar isso? Achei que a havia forçado a fazer sexo comigo, eu me senti um monstro, destruí minha família por isso! — exclamo alterado, apontando o dedo a centímetros do rosto dela.

Mia se encolhe assustada.

— Eu realmente sinto muito — sussurra.

Tomo grandes porções de ar, tentando controlar minha respiração, tentando me acalmar. Fecho os olhos por um momento. Tantos anos me sentindo culpado, tantos anos vendo a mágoa no olhar da minha mãe, vendo o ódio nas ações do meu pai...

— O que aconteceu com a garota? — pergunto um tempo depois, mais calmo.

— Jane casou com um rapaz da igreja que o pai frequentava e teve um bebê pouco depois do casamento. Após isso, não mantive mais contato.

— Por que você não me procurou para dizer a verdade?

Mia dá de ombros.

— Até Eva me procurar, eu não sabia quem você era realmente. É claro que preciso de dinheiro, mas saiba que me sinto útil em ajudá-lo — garante.

— Imagino o quanto — digo com a voz carregada de ironia.

Eu permaneço em silêncio, olhando para o nada. Minha mente cheia de pensamentos, de cenas, brigas, decepções. A reação dos meus pais quando contei a eles, quando confessei o que tinha acontecido. O apoio de Ethan, de Eva. A forma como Evan ficou do meu lado, demonstrando ser um amigo leal. Minha decisão em criar o abrigo. As noites insones que tive durante esses anos. Esses malditos nove anos... Meu Deus!

— Está tarde, eu preciso ir — Mia diz segurando a bolsa contra o ombro.

Eu pego o envelope dobrado dentro da minha jaqueta e entrego a ela, que não faz questão de contar; apenas guarda na bolsa rapidamente e se levanta.

— Foi um prazer fazer negócios com você, Savi. — Ela sorri languidamente. — Espero que fique bem.

Não respondo e a vejo sair desfilando em seus saltos, diretamente para a saída.

O garçom chega logo depois e me entrega a conta. Eu pago e saio do restaurante como um zumbi, mal sentindo o chão debaixo dos meus pés.

Eu poderia facilmente me afogar na bebida e aliviar isso que estou sentindo. É o que faria há algum tempo. Mas agora, há um novo vício em minha vida. Há alguém que é capaz de me consumir com um simples toque, e ela será a primeira pessoa a saber da verdade.

Millicent. A minha doce garota.

Capítulo Vinte e Quatro

Eu quase desmonto a porta da pequena casa onde Millicent mora. Durante o trajeto para cá, sorri, chorei — sim, eu chorei —, gritei loucamente, um grito que veio de minha alma. Um grito libertador. Mesmo diante de todas essas emoções, porém, tudo que eu queria era ver Millie; abraçá-la e dizer que sou inocente, que não sou um monstro terrível, como imaginei durante anos. Devo admitir que, mesmo construindo o abrigo, o vazio e a dor ainda moravam dentro de mim. Era como se nada do que eu fizesse, não importando quão bom fosse, bastasse para apagar todo o mal que supostamente eu havia feito. E eu não fiz. Não fiz nada do que aquela garota gritou naquele dia, fazendo com que eu fosse quase linchado vivo. Não fiz nada para merecer as palavras cruéis e a injustiça feita comigo. Eu era inocente.

Agora estou diante da porta da casa da garota que ferrou a minha cabeça, batendo feito um louco, querendo vê-la e tê-la com urgência. Após alguns segundos, a porta se abre rapidamente, e Millie surge, vestida com um pijama do Bob Esponja, o cabelo preso em um coque no alto de sua cabeça. *Deus!* Como pode ser tão linda mesmo vestida assim?

Com o coração acelerado, puxo-a comigo quando entro e fecho a porta. Meus dedos cravam em sua cintura fina, e eu a trago para mim o mais perto possível. Millicent não diz nada, apenas arregala os olhos e abre a boca, como sinal de que aceita ser beijada. E é isso mesmo o que eu faço. Eu a beijo com força, um pouco bruto, e ela geme em meus lábios. Ela gosta do meu jeito duro, ela gosta de mim do jeito que eu sou. Mesmo quando havia a possibilidade de eu ser um monstro, confiou em mim e permaneceu ao meu lado, segurando minha cabeça em seu colo, embalando-me em seu amor.

Amor...

Será que é isso o que ela sente? Paixão? Carinho? Algum afeto? É difícil descobrir. Não pelo fato de ela não falar, mas porque também carrega uma alma ferida, machucada e talvez com danos irreparáveis. Assim como eu, no entanto, ela pode se libertar da dor, e eu a ajudarei, porque nesse instante acabo de perceber que Millie não só ferrou minha cabeça, como meu coração também.

— Millie... — sussurro em seus lábios e ela solta um gemido em resposta. — Eu estou... livre. Livre! — afasto-me um pouco para poder ver sua reação. Millicent me encara com um brilho diferente nos olhos. — Eu não fiz nada, eu... sou inocente.

De repente a vontade de chorar me invade. Mas dessa vez, o choro é diferente, é na presença da mulher mais incrível que eu já conheci na vida. Em outros tempos, eu me acharia um idiota e fracassado ao chorar na frente de uma mulher, ou simplesmente pelo fato de chorar. Não vou

negar, sinto-me um pouco envergonhado, pois nunca havia feito isso antes. Chorei para a minha mãe uma única vez, quando toda a merda aconteceu, há nove anos.

Millicent volta a ficar perto de mim e, com cuidado, passa suas mãos pequenas em meu rosto, secando as lágrimas que caem. Sinto-me frágil e vulnerável, mas, ao mesmo tempo, sinto-me forte. Ela me faz sentir... especial. Uma pessoa completamente diferente.

“Eu sempre acreditei em você!” Seus lábios formam essa frase e, em seguida, um lindo sorriso. Isso me faz sorrir também, a alegria dela é contagiante, impossível não se envolver.

Inesperadamente, Millicent avança sobre mim e me dá um beijo tão urgente quanto o que lhe dei quando cheguei aqui feito um louco. Ela pula em meu corpo e enlaça suas pernas finas em minha cintura, enquanto seus dedos percorrem minha cabeça, agarrando com força meus cabelos. Essa atitude me pega desprevenido, mas, mesmo assim, algo desperta abaixo de minha cintura. Eu não esperava por sexo, mas acho que não existe maneira melhor para aliviar o que estou sentindo e me libertar de uma vez por todas.

Caminho até o quarto de Millicent, carregando-a em meu colo sem deixar os nossos lábios se separarem por nada. Assim que chegamos, solto-a sobre a pequena cama de solteiro e a olho por alguns segundos.

— Você fica linda e sexy mesmo com esse pijama engraçado. — Ela sorri com meu comentário e então fica em pé sobre a cama, retirando o pijama, ficando apenas de calcinha e sutiã.

Millicent solta o cabelo, fazendo com que os longos fios dourados caiam em seus ombros como cascatas, o que a deixa extremamente sexy. Essa visão me deixa completamente duro, impossível não se excitar vendo-a tão desinibida. O que me deixa ainda mais fervoroso de desejo é saber que Millie se sente assim comigo. Ou será que ela teve outros caras em sua cama? A dúvida me deixa perturbado, mas logo me esqueço desse tormento ao vê-la tirar o sutiã e jogá-lo no chão.

Ela se aproxima com cautela, pega minhas mãos e as leva para cima de seus seios pequenos e duros, pedindo que eu os toque. E é o que eu faço. Seguro-os, aperto-os e os levo até a minha boca sedenta. Estou louco para sentir seu gosto novamente e, a cada lambida, faço questão de que ela perceba isso. Sua pele é tão doce. Millicent é doce por inteiro, até mesmo no meio de suas pernas.

Depois que eu acaricio seus seios, ela me puxa contra si e me dá outro beijo devastador. Assim que nossas línguas terminam de dançar loucamente dentro da boca um do outro, Millie me empurra e pula para fora da cama. Em seguida, senta-se sobre o colchão e faz sinal para que eu me aproxime. Eu obedeço, hoje a deixarei comandar.

De repente, seu rosto fica corado e suas mãos passeiam em meu membro duro sobre a calça jeans. Ela abre o zíper, um pouco desajeitada, lançando-me um olhar tímido e ousado ao

mesmo tempo. Em seguida, abaixa minha calça até os joelhos e faz o mesmo com a cueca. Sinto meu coração acelerar e um arrepio atravessar minha espinha só em imaginar o que ela está prestes a fazer.

Com seus dedos nada habilidosos, Millicent pega meu pau, que já está duro como uma pedra, e começa a subir e descer com as mãos em toda sua extensão. Ela morde os lábios, parece pensar em algo importante. Sua expressão pensativa me deixa em estado de alerta. Não quero que ela faça nada por impulso.

— Millie, você não precisa... — eu não consigo terminar de completar a frase. Millicent abocanha meu pau e dá uma chupada que me faz tremer por inteiro. — Ah! — exclamo. É a única coisa que sai da minha boca.

Aos poucos, ela vai enfiando meu pau em sua boca inexperiente, mas que é a melhor boca que já *provei*. Em todos os sentidos. Sua língua, que a cada investida fica mais habilidosa, lambe-me e me chupa, arrancando gemidos e alguns palavrões de minha boca suja. Mas porra! Millicent é muito gostosa!

Quando estou prestes a explodir, dou um passo para trás. Millicent percebe que não quero me derramar em sua boca, mas, mesmo assim, segura forte as minhas coxas e me puxa contra si. Sua boca faminta volta a engolir meu pau e dá várias chupadas fortes. Ela quer que eu goze em sua boca. Inferno! Eu não vou aguentar segurar mais.

— Millie! — rosno, me afastando dela, cambaleando para trás. Eu não poderia, não agora. Seria cedo demais para minha menina.

Reúno todas minhas forças e respiro fundo, encontrando o olhar de Millie para mim.

Depois de alguns segundos, ela se afasta e deita na cama, sorridente, satisfeita por ter me levado em sua boca. Eu arranco toda a minha roupa, ficando nu para ela. Millicent passeia seus olhos por todo o meu corpo, olhando cada tatuagem e novamente encarando a pena que tenho sobre o peito esquerdo.

— Em breve você saberá o significado dessa pena — digo ao deitar-me sobre seu corpo. — Mas primeiro quero senti-la gozando tão forte quanto eu.

Ela arregala os olhos e lambe os lábios, mostrando o quanto está excitada.

Fico no meio de suas pernas e coloco a camisinha, retirando sua calcinha com um puxão duro. Aos poucos vou entrando em sua abertura quente e úmida, fazendo-a se contorcer sob mim. Após algumas estocadas e brincadeiras com seu clitóris pequeno e inchado, Millicent geme alto e crava suas unhas em meus braços, gozando lindamente, deixando sua marca em mim.

Permanecemos deitados na pequena cama durante alguns minutos. Millie está deitada sobre mim, e eu posso sentir todo o seu corpo sobre o meu. Seu pequeno corpo. Corpo que um filho da puta teve coragem de violentar. Esse pensamento me deixa inquieto, pois tudo o que eu queria era fazer justiça

com as próprias mãos. Tenho certeza de que esse cara não violaria mais nenhuma mulher.

Sinto seus dedos tocando meu rosto, e me viro para ver seus lábios.

“Gostei de ter você em minha boca.”

Pelo amor de Deus, Millicent!

Um sorriso desliza em meus lábios, e eu me sinto de repente o homem mais sortudo de Seattle. Caralho, minha garota sabe como me enlouquecer.

— Você me deixou chocado, Millie. No bom sentido, é claro. Penso no quanto você ainda irá me surpreender — comento passeando minha mão por seus ombros.

Ela franze a testa pensativa.

“Há mais coisas no sexo?”

— Muitas — respondo, ainda sorrindo. — Tantas, que a deixaria escandalizada. E eu juro pelos céus que quero fazer tudo isso com você, Millicent. Quero possuí-la de todas as formas possíveis.

As bochechas de Millie ficam coradas, e ela esconde o rosto entre as mãos, exatamente como uma criança faria.

— Não queria assustá-la. — Afasto as mãos dela do rosto e a faço olhar para mim.

“Eu tenho medo, Savi. Não de você, mas de nós. Do que estamos fazendo.”

Essa é a frase mais longa que Millicent, sem emitir som obviamente, já disse e isso me deixa preocupado, porque seus temores refletem os meus. Tenho medo de estar envolvido com Millie. Medo do que ela está sentindo e do caminho por onde estou sendo conduzido com essa relação.

— Nada do que estamos fazendo é errado, Millie. Absolutamente nada. Somos apenas duas pessoas que... — O quê? Como vou resumir nossa relação a ela se mal sei defini-la? — Você confia em mim? — pergunto por fim.

Ela balança a cabeça concordando.

— Então não tenha medo de nada do que fizemos. Acabamos de fazer amor e tê-la em meus braços é maravilhoso. Eu poderia ficar assim a vida toda — digo no ouvido dela e a ouço rir. Depois uma sensação estranha me invade. Eu acabei de falar que fizemos amor?

Millicent segura meu rosto entre suas mãos e me dá um beijo rápido.

“Você precisa ir, Savi.”

— Está me colocando *pra* fora? — Faço uma expressão chocada e ao mesmo tempo divertida.

“Você precisa ver seu irmão.”

Ethan...

Sim! Eu preciso!

Movo-me na cama, sentindo um nó na garganta. Eu prometi que contaria a ele assim que meu “encontro” acabasse. Ethan deve estar me esperando.

— Não quero deixá-la sozinha — falo pesaroso. Na verdade eu pensei, há pouco, na possibilidade de levar Millicent para jantar e em depois passar a noite dando prazer a ela. Mas preciso conversar com o meu irmão. — Eu prometi a ele.

“Jamais quebre suas promessas, Savi.”

— Você me surpreende a cada momento, Millicent. — Eu a puxo para meus braços e a beijo novamente.

Irei até Ethan, mas primeiro preciso ter Millie novamente.

Estaciono Melody próximo à casa de Ethan e caminho ao seu encontro.

Bato à porta e espero. Meu peito está apertado e minhas mãos suando, enquanto penso no que exatamente direi a ele. Mas quando a porta se abre e Ethan aparece em minha frente, tudo some da minha mente.

— Savi? — ele pergunta, olhando-me preocupado.

Eu nada falo, apenas o abraço.

— Sou inocente, Ethan. Sou inocente — sussurro entre soluços.

Meu irmão me aperta com força e ri com vontade.

— Eu sempre soube, Savi. Sempre acreditei em você, irmão.

Afasto-me dele, um pouco constrangido, e limpo algumas lágrimas vergonhosas que escapam dos meus olhos. Inferno! Nunca chorei tanto em minha vida.

— Você por acaso tem uísque nisso que você chama de casa? — pergunto olhando para os lados, a organização perfeita me assustando.

Ethan revira os olhos e bufá, apontando para o sofá branco.

— Ligue a TV. Vou pegar bebidas e comida — e sai para a cozinha.

Faço o que ele diz e sento no sofá. Sorrio pensando que, depois de mais de nove anos, teremos uma noite de irmãos. E eu me sinto feliz por isso.

Sinto-me feliz por ser inocente.

Falta apenas contar a minha mãe e a Morgan, sobre minha inocência.

Capítulo Vinte e Cinco

Pela primeira vez em anos caminho tranquilamente pelo jardim da casa dos meus pais. É noite, e deixei minha moto no começo da rua, porque não queria que eles percebessem minha chegada. Eu desejava apenas caminhar, andar pela vizinhança como fazia quando era adolescente. A noite escura, admito, mexe comigo, faz com que eu me recorde de um garoto bebendo escondido junto aos amigos, enquanto o irmão mais novo o procurava em busca de atenção. Vivi tanta coisa nesse lugar. Ainda posso recordar as discussões com Morgan, quando ele me encontrava bêbado ou, pior ainda, caído pelos cantos depois de passar dias fora de casa. Não esquecerei jamais a imagem de minha mãe me defendendo e prometendo ao marido que o filho desordeiro iria melhorar.

As luzes da casa estão acesas e, pela extensa janela da cozinha, na lateral da casa, posso ver a silhueta de uma mulher caminhando pelo cômodo. Sorrio, ao reconhecer a sombra da minha mãe, seu cabelo preso no alto da cabeça — provavelmente preso por um lenço. Com certeza está usando um de seus aventais de flores amarelas. Apoio-me a uma árvore do jardim e fico observando-a por alguns minutos, percebendo o quanto sinto saudades dela. É claro que a vejo sempre que posso, mas é inevitável dizer que algo mudou nesses últimos anos em nossa relação. E a culpa é minha.

A sombra de Morgan aparece ao lado da minha mãe, tocando seu rosto e seu ombro, saindo rapidamente em seguida. Pouco depois, a porta da frente é aberta e ele sai de casa, caminhando até a garagem. Não me vê, e eu continuo oculto. Espero até que ele sai com o carro, para finalmente decidir entrar em casa.

Penso em entrar diretamente, sem avisar, mas reconsidero rapidamente porque tenho medo de assustar minha mãe, que não gosta de surpresas como esta. Toco a campainha e espero, até que ela atende abrindo a porta devagar.

— Morgan, você esqueceu a chave? Oh... Savi?! — Quando me vê, ela abre um sorriso radiante.

Sorrio também, encantado por vê-la tão linda, vestida daquela forma tão simples. Caminho até ela e a puxo para um abraço. Envolver minha mãe em meus braços e a ergo do chão, seus braços curtos e gordos agarrados ao meu pescoço, enquanto ela ri como uma criança. Estou finalmente abraçando minha mãe; como queria ter feito isso há muito tempo. É tão bom, sinto-me bem, é como se eu voltasse ao passado e fosse aquele garoto novamente.

— Ethan veio com você? — ela pergunta olhando para fora, espiando atrás de mim.

— Apenas eu — respondo segurando suas mãos.

Fecho a porta atrás de mim e nós caminhamos até a cozinha, minha mãe me arrastando pela sala, desesperada para chegar ao seu fogão.

— Seu pai foi ao supermercado comprar vinho para o pato que estou preparando — ela diz e eu faço uma cara de nojo, porque há pouco descobri que, no encontro que tive com Millie, um dos pratos que comemos no restaurante era algum tipo de mousse de fígado de pato. — Você está diferente, filho. É seu cabelo?

— Não, mãe. Meu cabelo está exatamente do mesmo jeito, apesar de eu ter aparado minha barba — digo, enquanto abro a geladeira por puro hábito. Algumas coisas nunca mudam.

Minha mãe corta alguns temperos e tomates na mesa da cozinha, mas seus olhos estão me perscrutando, olhando-me de cima a baixo. Tenho vontade de rir, porque sei o que ela está fazendo.

— Sem novas tatuagens, mãe — falo sorrindo, apontando para meu corpo. Minhas tatuagens nunca foram realmente um problema para minha mãe, uma grande devota religiosa, que sempre aceitou o fato de o filho mais velho ter dezenas de desenhos gravados na pele.

— Ainda estou esperando o momento em que irei ver meu próprio rosto tatuado em seu bíceps, Savi. — Ela dá de ombros. — Ou quem sabe o rosto de alguma garota.

— Talvez Ethan faça uma tatuagem com seu rosto, mãe. Acho que seria mais interessante — brinco, entregando-lhe a panela que me pede.

— Ethan sempre foi muito diferente de você. Ainda tento entender o que houve de errado. — Olho para ela, nós dois sérios, e de repente caímos na gargalhada. — Preciso admitir que seria muito engraçado ver Ethan diferente do que é. Sabe, sempre esperei pela fase rebelde do seu irmão e quando ele terminou o colegial, decidindo logo iniciar a universidade, fazendo todos aqueles cálculos... Bem, foi aí que percebi que tinha criado um filho diferente.

— Diferente? — pergunto franzindo a testa.

— Você sabe do que estou falando, Savi.

— Mãe, eu posso garantir que Ethan não é virgem — digo rindo alto, e ela revira os olhos, segurando o riso. — E pelo que tenho visto, acho que meu irmão mais novo está interessado em uma mulher.

Minha mãe ergue uma sobrancelha, sua curiosidade aumentando.

— Seja quem for, ela terá muito trabalho — pondera calmamente. — E será muito feliz também.

Não digo mais nada sobre o assunto, porque sei que não há nada entre Ethan e Eva, embora seja inegável a energia sexual que há entre os dois. Além do mais, será muito interessante ver duas pessoas tão opostas se envolvendo. Aliás, creio que posso fazer algo sobre isso...

— Seu pai está demorando. — Minha mãe passa por mim e vai até a janela. Ela olha para a rua, observando preocupada a entrada, obviamente nervosa com o iminente encontro entre meu pai e eu.

Possivelmente ela esteja pensando que é melhor que eu vá, como sempre acontece, para evitar me encontrar Morgan e trocar farpas. É o que eu sempre faço e é o que minha mãe está esperando. Mas hoje será diferente.

— Mãe, eu tenho algo para dizer a vocês — minha voz fica mais séria, e ela percebe isso, tanto que para o que está fazendo e começa a prestar mais atenção em mim. — É importante. Ethan já sabe, e ele disse para eu vir aqui — conto.

— Devo me medicar antes de você dizer o que é? — ela pergunta segurando um guardanapo entre os dedos.

Sorrio fracamente, segurando as mãos delas entre as minhas.

— Vou esperar no meu quarto até o jantar ficar pronto — digo mesmo que não alimente qualquer possibilidade de comer aquele pato.

Enquanto minha mãe continua a se movimentar pela cozinha, correndo de um canto para outro, eu subo a pequena escada de madeira até o segundo andar. Vou direto para o final do corredor, onde a porta de maneira descascada continua como a deixei quando fui embora; a fechadura com dois parafusos a menos, retirados com alguns poucos empurrões.

Não me surpreende ver tudo exatamente do mesmo jeito. Os quadros, o armário, as fotos e as revistas, tudo do mesmo modo que deixei. Abro a gaveta do criado-mudo e encontro algumas poucas fotos de Ethan e eu. É curioso ver como nós éramos parecidos, apesar de eu sempre negar tal coisa. Há uma foto onde alguns primos estão juntos, todos vestidos com roupas vermelhas, provavelmente alguma festa de Natal. Eu estou no canto de cara fechada. Não me lembro de meu irmão nessa ocasião, mas possivelmente ele ainda era apenas um bebê. Nas fotos seguintes, Morgan está comigo sobre os joelhos, os dois rindo um para o outro com biscoitos de chocolate nas mãos. Sinto um aperto na garganta ao ver a foto. Ainda me lembro do tempo em que nossa relação era boa. Na verdade, o tempo exato são nove anos. Como foi acontecer isso? Por quê? É óbvio que sinto falta de Morgan, por Deus! Ele é meu pai!

Guardo as fotos dentro da gaveta e a fecho com força, irritado por me sentir mal de repente. Tenho me recordado muito do passado nos últimos tempos e isso aparentemente tem me feito mal.

Pela janela do quarto, vejo uma luz em frente à casa e me dou conta de que Morgan está de volta. Agora ele provavelmente sabe que estou aqui, deve ter percebido minha moto no começo da rua. É estranho, porque estou ansioso para saber o que ele vai pensar ao me vir aqui.

Saio do quarto e caminho pelo corredor, ouvindo a voz da minha mãe perguntando a Morgan se ele encontrou o que ela havia pedido. Desço a escada devagar, prestando atenção no que os dois estão dizendo.

— Sua mãe disse que você estava aqui. — Morgan aparece na sala, os braços cruzados,

encarando-me com a velha conhecida expressão fechada.

— Cheguei há pouco — digo um pouco hesitante.

Minha mãe vem da cozinha até onde estamos. Um sorriso de preocupação em seu rosto.

— Você jantará conosco, Savi? — ela pergunta ansiosa, um fio de esperança em sua voz.

Olho para Morgan e vejo que ele está esperando minha resposta. Há um bom tempo não jantamos todos juntos e não sei como será me sentar com meus pais à mesa de jantar novamente.

— Sim — respondo ao acompanhar minha mãe para a cozinha.

Comemos em silêncio, sem que qualquer um dos três diga uma palavra. Morgan mal levanta os olhos da comida, e minha mãe sorri para mim a cada minuto, esperando que eu diga algo. Quanto a mim, tento não engasgar com o pato servido em meu prato; ainda estou traumatizado com a comida.

No final do jantar, Morgan ajuda a recolher os pratos e levar até a pia. Minha mãe diz que podemos nos sentar na sala, e os três seguem para lá, todos absurdamente desconfortáveis.

— Estou preocupada com o que você tem a dizer, filho — ela fala, ao se sentar ao meu lado, no sofá de camurça. Morgan está sentado em nossa frente, na poltrona já desgastada.

Engulo em seco, criando coragem para começar a contar tudo.

— Há algo que vocês precisam ouvir. — Pego o gravador no bolso da minha jaqueta e coloco em cima da mesa de centro. — Preciso que ouçam até o final — e com uma última olhada para os dois, aperto o botão para iniciar a reprodução.

São minutos, que mais parecem horas, nos quais todos na sala mergulham em um silêncio atordoante, cedendo espaço à voz de Mia explicando os detalhes sórdidos daquela noite. Arrisco um olhar para Morgan e o noto pensativo, talvez assustado. Minha mãe está com as mãos sobre a boca, os olhos arregalados e marejados, quase desabando. A cada revelação que a gravação mostra, minha pulsação acelera, estou nervoso com a reação dos dois. Não sei o que eles dirão e nem se acreditarão.

No final, quando a reprodução do áudio termina, eu recolho o gravador e o guardo de volta na jaqueta. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Morgan se levanta e, sem olhar para mim, sobe a escada rumo ao quarto. Isso me atinge como uma lança, porque definitivamente eu esperava que ele dissesse algo, qualquer coisa, mesmo que fosse para gritar comigo ou, como eu esperava, para dizer que não me odeia. Mas ele não diz nada, não me olha.

Fecho os olhos, sentindo-me como aquele garoto de anos atrás.

— Savi... — Minha mãe toca meu ombro, e, em vez de dizer algo, eu a enlaço pela cintura e a puxo para meus braços. — Ah, filho... Sempre soube da verdade. Sempre — ela diz chorando em meu ombro. Enterro meu rosto em seu cabelo agora solto, sentindo o calor de seu corpo pequeno

contra o meu. Paz e segurança me atingem, fazendo com que alívio percorra minhas veias.

— Eu sou inocente, mãe — sussurro baixinho, acariciando suas costas.

Ela se afasta e segura meu rosto em suas mãos, percorrendo minha barba e minha bochecha com seus dedos. É reconfortante sentir seu toque.

— Dê um tempo para seu pai, Savi. Ele está tendo um choque de realidade, e isso é bom. Confie em mim. — Minha mãe sorri, seus olhos vermelhos de tanto chorar. — Penso que agora você possa recomeçar sua vida ao lado da sua garota, filho.

Franzo a testa ao ouvir o que ela diz.

— Como a senhora sabe de Millicent...? Não me diga que Ethan falou algo? — Bufo, sentindo-me idiota, porque é evidente que meu irmão não perderia a oportunidade.

— Não brigue com seu irmão, Savi. Ele admira e idolatra você. Ele apenas me disse que há uma garota e que você parece gostar muito dela. Isso é verdade? — insiste, procurando olhar nos meus olhos.

Não posso mentir para minha própria mãe.

— Millicent é especial. Ela me aceitou do meu jeito. É bondosa, doce e parece gostar verdadeiramente de mim — confesso me sentindo um pouco envergonhado.

— Você já contou isso a ela?

— Ela foi a primeira a saber — confirmo. — Mas ela sempre confiou em minha versão, mãe. E ela tinha motivos suficientes para não acreditar.

Minha mãe se inclina no sofá e sorri novamente.

— Você parece realmente gostar dela, Savi. Quando eu poderei conhecê-la?

— A senhora quer conhecer Millicent? — pergunto receoso.

— É óbvio! Estou curiosa para saber como é a mulher que conquistou o coração do meu filho mais velho. Espero por esse momento há anos! — diz empolgada, quase batendo palmas.

Controlo o desejo de rir de sua atitude, a qual no passado eu provavelmente teria rejeitado.

— Falarei com ela — garanto, gostando da ideia.

— E o Angels, ela conhece?

Paro por um momento pensando nisso. Não... Millicent não conhece o abrigo.

— Ela não sabe sobre ele — admito.

— Talvez seja a hora de você dar um passo maior e levá-la até lá, Savi. Se está disposto a revelar cada pedaço de si para sua garota, o Angels é seu alicerce, filho.

— Farei isso, mãe. — Sim, farei. Levarei Millicent ao abrigo.

As duas horas seguintes passaram rapidamente na companhia da minha mãe. Morgan não desceu até o momento em que fui embora. Minha mãe e eu conversamos sobre o abrigo, ela explicando-me

algumas novidades e contando sobre necessidades das meninas. A conversa se desenvolveu tranquila, e ela até me convidou para passar a noite ali. Precisei rejeitar, porque planejava, na manhã seguinte, encontrar Millicent para conversarmos seriamente.

Depois de me despedir da minha mãe com um abraço e um beijo, subi em minha moto e, sem pressa alguma, fui para casa. A noite estava tranquila refletindo meus sentimentos.

Liberdade.

Hoje, oficialmente, sou outro homem. Não aquele que foi para uma festa há nove anos, nem aquele que se tornou amargo aos poucos, mas sim um que, ao deitar em sua cama, pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se tranquilo e teve a certeza de que finalmente teria uma noite de sono de verdade. Um homem que, pela primeira vez desde seus nove anos, teve a decência e coragem para fazer uma pequena, mas significativa, prece aos céus, porque sabia que agora era digno de pedir algo.

Capítulo Vinte e Seis

— Precisa de um casaco? — pergunto à Millicent enquanto ela corre de um lado para outro na minúscula casa, procurando por sua bolsa.

Há poucos minutos, quando contei a ela que a levaria para conhecer minha mãe e em seguida um lugar especial, Millicent teve uma reação diferente da que eu imaginava. Ela se agarrou em meus braços e, assustada, perguntou se eu realmente a apresentaria a minha mãe. Rindo, eu confirmei, e acrescentei que as duas seriam boas amigas.

Agora, enquanto a espero, penso que Ethan provavelmente esteja querendo me matar, porque não estarei no bar para ajudá-lo novamente e nem Millie, embora eu pretenda voltar a tempo para estar lá à noite.

"Eu estou bonita?" — Millie para em minha frente e move os lábios apressadamente, de modo quase incompreensível. Graças aos céus ainda tenho estudado como compreendê-la, já que às vezes ela esquece que não sou tão bom nisso e me perco nas palavras.

Seguro-a pelos ombros e a faço ficar parada no lugar. Céus! Ela está tremendo!

— Você está incrível. Na verdade, estou começando a pensar que talvez não seja uma boa ideia sairmos. Poderíamos ficar no seu quarto e... — Ela coloca os dedos sobre meus lábios, interrompendo-me.

"Não vamos fazer amor. Não agora." — repreende-me fazendo uma careta.

— Tem certeza disso? Posso provar que está enganada. Se você me deixar tocar seu corpo e beijá-la... — insinuo tentando puxá-la para mais perto.

Millicent dá um tapa em minha mão e sorri.

"A resposta é não."

Ergo a sobrancelha achando engraçada sua postura. Avanço sobre ela, caminhando devagar. Millie percebe meu plano e se afasta, dando passos para trás.

— Está fugindo de mim, Millicent? — pergunto entrecerrando os olhos. Percebo a respiração dela acelerada, seus olhos bem abertos e atentos aos meus movimentos. Millicent bate as costas contra a parede e, ao notar que está indefesa, começa a morder o lábio, excitando-me terrivelmente. — Será que não consegue perceber que cada gesto seu é capaz de fazer meu sangue ferver? — Coloco minhas mãos nos lados de seu corpo, cercando-a. — É tão difícil perceber que desejo tocá-la todo momento? Quero ter minha boca em você, Millicent — sussurro em seu ouvido, minha barba roçando em sua pele. — Quero enterrar meu pau bem fundo dentro do seu corpo, minha menina. — Estou completamente duro, morrendo para possuí-la.

Millie se contorce contra mim, suas mãos tocando meu peito, e sinto suas unhas serpenteando contra minha camiseta. Beijo seu pescoço, satisfeito ao vê-la se arrepiar com meu toque. Minhas mãos descem para sua cintura, e eu não consigo evitar empurrar meu quadril contra o dela, o fino tecido do vestido que ela usa permitindo um contato delicioso.

— Eu disse a minha mãe que não chegaríamos atrasados, mas isso... — Seguro o seio de Millicent em minha mão, raspando seu mamilo com a unha, maravilhado com a reação desinibida de suas mãos apalpando minha calça. — Deus, isso é covardia.

Com muito esforço eu a deixo livre do meu contato, quase desistindo de nosso compromisso quando vejo que ela está arfando excitada. Respiro fundo e seguro sua mão na minha, decidido a evitar mais uma distração como esta. À noite, sim, farei tudo que desejo com Millie, mas agora realmente precisamos ir.

Como eu imaginava, Morgan não está em casa. Seu carro não está na garagem. Não é uma surpresa e até me sinto mais confortável ao saber que ele não está aqui.

Millicent está nervosa ao meu lado, nós dois parados em frente à porta, ela segurando minha mão como se agarrasse algo sagrado. Olho para ela, buscando tranquilizá-la, e tento um sorriso divertido, porque, de fato, para mim, também é um momento estranho. Nunca apresentei uma garota para minha mãe e, apesar de parecer bobo, sinto-me nervoso também. Quero que Millicent goste de minha mãe.

— Você está atrasado, Savi. — Ao abrir a porta minha mãe sorri largamente, olhando diretamente para Millie. — Oh, você é a Millicent, certo?

Ao meu lado, Millie balança a cabeça assentindo.

De repente, sinto-me o maior idiota do mundo. Porra! Eu não contei a minha mãe tudo sobre Millicent, sobre ela não falar...

— Vamos entrar? — Aponto para dentro da casa, conduzindo minha garota em minha frente.

— Millicent, você quer beber algo? — minha mãe pergunta prestativa, ainda sorrindo de orelha a orelha. Ela espera a resposta de Millie, que olha para mim pedindo ajuda.

— Mãe, Millie não pode falar. Ela...

— Oh, meu Deus! Desculpe... Eu não imaginava. — As bochechas de minha mãe ficam vermelhas, e ela mal sabe o que fazer com as próprias mãos, terrivelmente constrangida. — Eu vou ver a comida na cozinha — diz, desculpando-se e fugindo da sala.

Sinto um toque em meu braço e olho para o rosto de Millicent.

"Gostei de sua mãe. Ela é engraçada e bonita."

— Ela ficou envergonhada. Desculpe, eu devia ter dito a ela antes. — Seguro sua mão na minha e, carinhosamente, deposito um beijo sobre seus dedos, meu olhar fixo no dela. — Acho que terei

que me redimir depois disso — insinuo, passando a língua por seu pulso e subindo para seu braço.

Millicent prende a respiração e puxa a mão do aperto da minha.

"Estamos na sala da casa dos seus pais. Não quero ser expulsa daqui."

— Você se sentiria mais confortável se eu a levasse para o meu antigo quarto? — eu pergunto tentando-a.

"Savi, comporte-se!" — Os lábios de Millicent formam um biquinho adorável e ela vira o corpo para o outro lado, tentando se afastar de mim. Então se levanta e caminha até um armário de madeira, o qual minha mãe usa para guardar seus enfeites e porta-retratos. Millie pega um dos retratos e começa a admirá-lo, sorrindo debochada diante da pose do menino da foto.

— Eu tinha apenas seis anos — falo ao me aproximar dela. — E esse é Ethan. — Aponto para a outra foto, onde o garotinho loiro de oito anos está segurando alguns livros nos braços.

Millicent se vira para mim:

"Você era fofo."

Eu bufo, retirando a foto das mãos dela.

— Um homem não gosta de ser chamado de fofo por uma mulher, Millicent. Tente algo mais sexy, talvez se referir a meu...

— Aí estão vocês! — Minha mãe aparece de repente na sala, interrompendo-me. Ela vai até Millie e a segura pelos ombros. — Vamos, você precisa provar o lombo que fiz — diz quase gritando, provavelmente preocupada que Millicent não ouça bem.

As duas vão para a cozinha e eu sigo atrás, prestando atenção nos comentários da minha mãe sobre seu molho de laranja.

— E depois disso Ethan não conseguiu mais subir em um trem — finaliza minha mãe, depois de longos quinze minutos contando a Millicent como meu irmão mais novo teve trauma de trens depois de perder seu carrinho nos trilhos. Eu devia ter imaginado que ela contaria as histórias de quando éramos crianças, porém não com tantos detalhes.

Millie foi forte e ouviu tudo atentamente, enquanto eu me servia três vezes seguidas com o manjar de framboesa de sobremesa.

É interessante, mas minha mãe, nesse pouco tempo de convivência, já aprendeu a se comunicar com Millicent e, para minha total alegria, as duas estão se dando muito bem; tanto que nesse momento estou me sentindo excluído.

Depois de colocar a louça na pia, fui bombardeado por mais uma hora de conversa entre Millie e minha mãe, que insistiu em continuar o assunto no confortável sofá da sala. Eu me peguei quase

cochilando sobre as pernas de Millicent, cansado do assunto que girava em torno de livros e filmes; às vezes me surpreendia ao ouvir a sonora risada da minha garota.

— Precisamos ir. — Toco o ombro de Millie, chamando a atenção.

Ela olha para mim com tristeza, demonstrando que queria continuar por mais tempo.

— Ainda é muito cedo, filho. Eu estava prestes a mostrar suas fotos de bebê para Millie — minha mãe interfere alegremente.

— Sim, esta é a hora exata de ir. Sem fotos, mãe.

Mais quinze minutos — tempo em que minha mãe correu para a cozinha e preparou um pote com o que havia sobrado do manjar de framboesa — e nós nos despedimos. Com um abraço e um beijo, as duas mulheres se despediram com a promessa de uma nova visita de Millicent.

Minha garota e eu seguimos pelas ruas de Seattle sem pressa alguma, o sol quente e o vento agradável permitindo que desfrutemos no passeio. Leva cerca de meia hora para que finalmente cheguemos ao nosso destino.

Ao descer da moto, Millie olha para o edifício com curiosidade, sem entender o motivo de nossa parada ali. Eu me coloco ao lado dela e a faço olhar para mim.

— Quero que conheça este lugar. Ele é importante para mim, Millicent, e quero compartilhá-lo com você. — Ofereço minha mão para ela, que hesitante a aceita.

Juntos, entramos no *Angels*.

Percorremos os corredores do abrigo, Millie prestando atenção em cada detalhe, ainda sem entender direito do que se trata o lugar. Passamos por uma sala onde há várias meninas, ainda jovens, dançando hip hop. Observamos a cena por um momento, e eu não consigo deixar de sorrir ao ver a alegria das meninas, balançando os braços no ar e, de olhos fechados, movimentando o corpo com liberdade. Quando a música acaba, eu as aplaudo, fazendo com que notem a nossa presença.

— Vamos continuar. — Guio Millicent pelo corredor, passando pela sala de música e a biblioteca.

As voluntárias passam por nós carregando bandejas de comida e cestas de roupas limpas, todas sorrindo discretamente. Cumprimento cada uma com um gesto de cabeça.

— Alyda, podemos entrar? — pergunto para uma das voluntárias, que acaba de sair de uma sala lateral.

— Sim, Savi. Já acabei aqui. Não precisarei voltar dentro de alguns minutos — e, segurando alguns travesseiros, ela abre a porta para nós.

Hesitante, Millicent olha para mim.

— Confie em mim. — Não quero que ela tenha medo.

Conduzo-a para dentro do cômodo repleto de berços e a reação de Millicent é inesperada. Ela

solta minha mão e vai até onde um dos bebês está dormindo tranquilamente e em seguida para o outro, e outro, e assim até recorrer cada berço.

Fico parado no meio do quarto observando minha garota, que olha encantada para aqueles pequenos seres inocentes. Eu sabia que ela iria gostar de conhecer esse lugar. Mesmo vindo aqui poucas vezes, sinto-me em paz ao ver esses pequenos. Eles, apesar de serem resultado de algo assombroso, são anjos inocentes.

Ouçó o choro de um dos bebês que acordou e, quando estou cogitando ir atrás de uma voluntária, vejo Millicent o segurar nos braços, embalando-o com cuidado. O bebê, uma menina vestida com roupas cor-de-rosa, para de chorar instantaneamente, e eu fico paralisado vendo a cena. Millie deita a bebê nos braços e o balança devagar, acariciando sua cabecinha. Poucos minutos depois, ela beija uma mãozinha da criança e a devolve ao berço.

Millicent caminha para mim com os olhos vermelhos, e eu a recebo em meus braços, apertando-a com força contra meu peito.

— Há mais um lugar que você precisa conhecer. — Seco as lágrimas que teimam em cair sobre seu rosto e beijo sua testa.

Saímos em silêncio do berçário, Millicent ainda de cabeça baixa. Sei que ela está cheia de perguntas, e eu também quero explicar tudo a ela.

No final do corredor, abro uma porta de madeira negra e peço para Millie entrar. É a biblioteca. Lá há várias jovens, muitas grávidas, outras com alguma sequela física.

Millicent olha para aquelas jovens e depois para mim, seus olhos se arregalando e sua boca se abrindo em choque. Ela coloca as mãos sobre o rosto e solta um gemido desesperado. Quando ela está a ponto de desabar, seguro-a nos braços e a tiro da sala.

Levo Millicent nos braços até o jardim vazio. As crianças estão em aula e aqui será um bom lugar para conversarmos.

Sento na grama, debaixo de uma árvore alta. Millie está em meus braços, seu rosto escondido em meu peito. Seu corpo treme e eu a ouço soluçar. Ela está desesperada.

Isso me deixa devastado. Minha intenção ao trazê-la aqui era mostrar o quanto aquelas jovens estavam se recuperando, porque minha garota não viu a forma como as vítimas chegaram ao abrigo. Destruídas, sem fê.

— Perdão, Millie. — Acaricio suas costas lentamente, subindo e descendo minhas mãos.

Ela ergue o rosto para mim e, com os lábios trêmulos, pergunta:

"Os bebês... As mulheres... Savi?" — balbucia perdida.

Tomo uma longa respiração antes de começar.

— O abrigo foi construído dois anos depois de tudo ter acontecido. Pensei que eu conseguiria

aliviar um pouco da minha culpa e, de certa forma, salvar minha alma. — Tiro uma mecha de cabelo do rosto de Millicent, procurando inspiração para continuar. — Minha mãe apoiou a ideia, e Ethan me ajudou a iniciar a instalação. Meu pai não concordou e nunca aceitou. Dizia sempre que eu estava apenas piorando a situação. Talvez ele estivesse com a razão, mas no fundo eu sentia que era certo, não por mim, mas por cada uma dessas mulheres. — Engulo em seco diante do olhar de Millie. — As primeiras mulheres que chegaram aqui confirmaram o que eu imaginava; eu estava, sim, fazendo a coisa certa. Tive ajuda de várias pessoas que estavam dispostas a colocar algum sentido na vida dessas jovens. — A mão de Millicent percorre meu rosto e desce para meu pescoço, pousando em meu peito. Sorrio, porque sei que ela está se lembrando da tatuagem da pena. Coloco minha mão sobre a dela. — Sim, eu a tatuei para me recordar do Angels. Sempre levarei esse lugar comigo. Parte da minha vida está aqui, Millie, junto de cada um desses anjos. — Beijo de leve seus lábios úmidos. — E agora você está tatuada em mim também, Millicent — confesso emocionado.

Minha garota fecha os olhos por uns segundos e, quando os abre, está chorando novamente. Ela se ajeita em meu colo e com um suspiro afasta minha jaqueta para o lado. Mesmo sem entender, permito que ela continue.

Millicent ergue minha camiseta e seus dedos inseguros tocam meu peito, minha tatuagem. Então ela faz a coisa mais inesperada, algo que eu jamais conseguiria imaginar; beija minha tatuagem colando seus lábios de leve contra minha pele. Eu fecho os olhos e inclino minha cabeça para trás, maravilhado com a sensação.

Ela não para, beija várias vezes a tatuagem, e eu, a cada segundo, sinto que estou prestes a ser jogado ao inferno. Não é apenas desejo carnal que invade meu corpo, é mais do que isso. É veneração por essa garota, essa mulher que aos poucos, com sua timidez e doçura, foi capaz de tocar cada recanto desconhecido de mim. Desejo e posse percorrem-me, e eu me sinto o homem mais sortudo do mundo.

Rendo-me e seguro o rosto de Millicent entre minhas mãos. Beijo seus lábios com fúria, com paixão, com adoração.

— O que você está fazendo comigo? — murmuro contra os lábios dela. — Estou enlouquecendo por você — confesso resfolegando.

"Leve-me para casa e faça amor comigo, Savi."

Como posso negar?

Não posso.

É assim que faço a nossa visita mais curta, enquanto levo minha garota para casa, desesperado para amá-la mais uma vez.

Capítulo Vinte e Sete

— Jesus! Millicent você vai me matar! — digo a cada nova estocada, extasiado pela entrega de Millie em meus braços.

Ela inclina a cabeça contra o travesseiro e separa os lábios, um som erótico saindo de sua garganta, e suas mãos agarrando e arranhando minhas costas. Estou tão perto, à beira de explodir, mas é com ela que me preocupo, quero que minha garota sinta todo o prazer possível. Quero-a se quebrando sob mim em um orgasmo intenso. Deslizo minha mão até onde nossos corpos estão unidos e com o polegar começo estimulá-la rapidamente.

Começo a sentir Millicent se contraindo ao meu redor, apertando-me e me sugando mais fundo, enlouquecendo-me. Aumento o ritmo em que meu pau a fode, enquanto belisco de leve seu clitóris.

Sim... Venha para mim, Millicent.

Percebo o desespero de Millie, ela cravando suas unhas em minhas costas, e, Senhor, é tão bom! Gemo alto mexendo meus quadris, batendo contra o dela, invadindo-a até o último milímetro.

Completamente minha.

— Isso, meu amor. Deixe acontecer — resmungo entre dentes quando finalmente ela se inclina e geme despidoramente, rendendo-se ao prazer.

As ondas de prazer e alívio de Millicent me estimulam, agora estou à mercê de um orgasmo que me abala. Mordo o lábio para não gritar e busco refúgio nos lábios da minha garota, beijando-a com desespero.

— Foda! — falo contra a pele dela, deixando minha cabeça sobre seus seios, e ela me acolhe, sua respiração acelerada e nossos corpos ainda unidos, suados e exaustos. — Você é muito gostosa, Millie — elogio ao beijar um mamilo ainda endurecido.

Ela suspira e leva as mãos ao meu cabelo para me acariciar. Sou, então, envolvido por aquela já conhecida aura de paz e tranquilidade, o que estranhamente me faz pensar que tudo está no seu devido lugar... Millicent e eu juntos, eu a possuindo, ela se entregando... Exatamente em seu devido lugar.

— Eu deveria ir embora — comento, poucos minutos depois, erguendo a cabeça para fitá-la.

"Pensei que você pudesse ficar aqui."

Sorrio para ela, voltando a sugar seu mamilo, querendo ver sua reação.

— Sim, eu poderia. Mesmo precisando voltar para meu apartamento, creio que será necessário mais algumas sessões de sexo intenso para que eu fique satisfeito. — Movo meu quadril, recordando que ainda estou dentro dela, e os céus são justos, estou a desejando novamente.

"Fique comigo." — ela pede ansiosa.

— Eu não conseguiria deixá-la nem mesmo se desejasse, Millicent — acabo confessando. Somente a vaga ideia de não estar ao lado dessa mulher, deixa-me louco. Na verdade, tenho medo de enlouquecer ao seu lado e, mais ainda, de perder o juízo longe dela. Eu não queria sentir isso, porque realmente me incomoda dar conta de que estou me perdendo nela.

"Quer comer alguma coisa?" — Millicent pergunta movendo os lábios devagar. Há frases que ainda não consigo compreender perfeitamente.

Sim, você!

— Podemos ir para a cozinha. Tenho certeza de que conseguiremos fazer algo. — Beijo seu queixo e, com uma determinação que poucos teriam, saio de dentro dela lentamente.

Enquanto me visto e Millicent vai para o banheiro, penso no quanto é agradável e o quanto me sinto livre com essa mulher ao meu lado. Penso também no que virá a seguir, porque tenho consciência de que ela está esperando algo mais da nossa relação.

E tenho medo porque, sim, eu também estou começando a esperar mais. Muito mais.

Quarta-feira à noite é quando o The Underwood's está tão cheio, que mal podemos nos movimentar sem que esbarremos em alguém. E isso é muito bom.

Por honra e respeito a Ethan, cheguei ao bar mais cedo do que qualquer um poderia acreditar. Andei pensando e acredito que, de certa forma, nesses anos todos estive extremamente ausente do The Underwood's, praticamente deixando meu irmão trabalhar sozinho. Enquanto eu me afogava na autocompaixão e era arrastado cada vez mais para baixo, Ethan ficava responsável por praticamente tudo.

Mal consigo acreditar no quanto estive errado, mesmo pensando que estava no caminho certo. Sinto-me culpado e não é somente pelo bar, porque sei também que Ethan precisou de mim, precisou de um irmão mais velho e eu simplesmente não estava lá.

— Savi... Cara, você pode me ajudar no estoque de bebidas? — Enrico aparece no corredor e se apoia em uma cadeira, ofegando e com a camiseta suada.

— Teresa já chegou? — pergunto, enquanto sigo para o corredor, Enrico caminhando atrás de mim.

Noto que ele não responde imediatamente, provavelmente incomodado com minha pergunta.

— Sim, está na cozinha — diz alguns segundos mais tarde, quando entramos na sala de estoques.

Sim, é provável que todos, inclusive Ethan, já saiba do envolvimento dos dois e, pelo que recordo das regras do bar, isso seria proibido caso interferisse no trabalho. Porém Millicent e eu também estamos juntos e seria no mínimo ridículo dizer que não estamos quebrando as regras.

Depois de ajudar Henrico a mudar as caixas de uísque de lugar, eu o deixo na sala e volto para a frente do bar. Falta uma hora para abrirmos, e todos estão em suas funções, inclusive Millie, que hoje está arrumando as mesas com uma graça que eu não havia percebido antes. Ela está sorrindo e, cada vez que me olha, cora graciosamente. Tenho desejo de rir, porque é fato que nunca antes achei gracioso uma mulher ficar corada. Na realidade, sempre acreditei que fosse um dos inúmeros truques femininos para conquistar um homem, aos quais sempre fui imune, até conhecer Millicent.

Ontem à noite, depois de ajudá-la a preparar macarrão com queijo, o prato mais rápido e simples que conseguimos fazer, eu a carreguei novamente para o quarto e como um louco a fiz minha novamente. Antes, é claro, eu a provei, fazendo dela minha sobremesa. Dessa vez Millicent me surpreendeu, ao me fazer deitar na cama e subir em meus quadris, cavalcando-me como uma mulher selvagem, os cabelos loiros caindo sobre os seios gostosos, e eu tive a visão mais sexy que já pude sequer imaginar; minha mulher me levando em seu interior com fogo, com desejo e loucura. Aquela foi uma das vezes em que voltei a sentir ódio do maldito que a machucou, porque eu desejava infinitamente ouvi-la gritar meu nome quando inclinou a cabeça para trás e gozou intensamente.

— Savi, você pode vir à minha sala? — Ouço Ethan dizer da porta do escritório.

Faço o que ele me pede e, quando entro, fecho a porta, sentando-me no sofá, no outro extremo do escritório.

Meu irmão desiste de se sentar em seu trono magnífico e me segue até o sofá, acomodando-se ao meu lado. Vejo que ele está diferente, parece nervoso e preocupado com algo, mas resolvo esperar pelo que vai dizer.

— Mamãe ligou e contou sobre sua visita. — Ele olha para mim e sua expressão se suaviza um pouco. — Você fez o certo, irmão.

É estranho, mas sinto que não era exatamente isso que Ethan iria me dizer. Tenho certeza de que ele iria falar algo diferente.

— Morgan não disse nenhuma palavra, como sempre — comento suspirando, reclinando-me no sofá.

— Ele está apenas chocado pela verdade — Ethan pondera. — Acredito que em breve irá procurar você, Savi. Nosso pai não é mau e não odeia você. Ele apenas...

— Ele não acreditou em mim, Ethan — eu o corto. Ainda é nítida em minha memória a lembrança de como Morgan reagiu ao saber da história, sua fúria, sua raiva... — Não acreditou no próprio filho.

— Entendo seu ressentimento, irmão. Mas pense pelo lado dele; o filho mais velho vinha tendo problemas com bebida, estava descobrindo as drogas e se provava cada vez mais rebelde. De alguma maneira, na verdade devido aos seus atos, ele foi levado a acreditar que aquilo fosse verdade

— meu irmão diz calmamente, olhando nos meus olhos.

Reflico por um momento, pensando nos argumentos de Ethan.

— Nossa mãe acreditou em mim, você acreditou em mim — digo recordando o apoio que recebi dos dois.

— Savi, talvez você não saiba, mas naquela época eu praticamente venerava você. Eu era jovem e te via como um exemplo do que eu gostaria de ser. — Ethan desvia o olhar para o chão, constrangido por sua confissão. — Eu queria ter seu jeito com as mulheres, ter sua liberdade e coragem. Você era tipo um super-herói, Savi.

— Ethan... — minha voz soa estrangulada.

— Deixe-me terminar. — Ele agora respira fundo e volta a me olhar. *Ethan, o que está acontecendo com você, irmão?* — Apesar do seu comportamento, eu sempre soube de sua inocência, Savi, porque você era meu irmão, meu herói, eu nunca acreditaria naquilo...

Um nó se forma em minha garganta, e eu novamente não sei o que dizer a Ethan. Sua revelação... saber tudo isso sobre ele e como ele se sentia somente faz minha culpa aumentar.

Sei que devo dizer algo, mas não consigo, então a única coisa que faço é puxar Ethan para um abraço, que ele aceita de pronto.

Quando nos separamos, meu irmão limpa a garganta e olha para o relógio, obviamente querendo mudar de assunto.

— Sobre Millie... Quero que saiba que confio em você, Savi. E fico feliz que esteja cuidando dela.

Sorrio satisfeito.

— Eu sei — admito. — Sabe, tenho pensado em viajar com Millicent, levá-la para algum lugar legal — conto.

Ethan me encara desconfiado.

— Você está pedindo ajuda para encontrar um lugar ou está querendo me dizer que você e Millie ficarão alguns dias fora? — pergunta.

Dou de ombros.

— Os dois.

— Bem, respondendo às perguntas; primeiro sugiro que a leve para uma casa próximo ao Monte Rainier, um lugar romântico, íntimo e que tenho certeza que ela irá gostar. A segunda resposta é que estou a ponto de socar sua cara, Savi.

Bem, é o que eu esperava que ele dissesse.

— Mas pela consideração que tenho por Millie, acredito que não haja problema — diz afinal.

Ah, esse é o Ethan que eu conheço.

— E você, irmão, está bem? — pergunto realmente preocupado.

Ethan desvia o olhar e se levanta, caminhando para sua mesa, procurando por algum documento.

— Apenas muito trabalho. Mas pretendo viajar em breve — explica.

Fico de pé e me posiciono em frente a ele.

— Viajar? — Franzo a testa, achando estranho a repentina viagem.

— Sim, mas são poucos dias. — Ele não me olha, finge estar concentrado nos papéis. — Pode conferir se está tudo pronto para abrirmos?

— Claro. — Caminho para a porta e antes de sair olho para Ethan novamente, tendo a total certeza de que algo não vai bem.

Assim que saio do escritório, pego meu celular e envio uma mensagem para Evan dizendo que preciso vê-lo. Há dias não consigo conversar claramente com ele, e tenho coisas importantes para dizer.

Encontro Millicent organizando os copos e taças no balcão; não consigo evitar ir até ela. Ao me ver, ela sorri amplamente.

"Você está muito bonito hoje."

— E você, minha menina, é mais linda de todas, não importa quantas mulheres estejam nesse bar. — Seguro seu rosto entre minhas mãos e a faço me olhar. — Aliás, tem algum plano para esse final de semana?

"Lavar roupas?" — ela diz meio sem jeito.

Rio baixo, puxando-a para mais perto. Sim, assumo as consequências.

— Não, Millicent. Acho que você precisará mudar de planos, porque nós vamos viajar — digo no ouvido dela.

Ela se afasta de mim, assustada.

"Viajar?"

Ah, sim... Minha garota está curiosa.

— Não me pergunte para aonde, e sim o que faremos quando chegarmos lá, porque você será só minha por um final de semana inteiro, Millicent.

"Eu mal posso esperar para isso."

Deus! Nem eu! Somente o pensamento do que planejo fazer com Millicent me deixa duro e terrivelmente consciente de que as coisas podem se tornar diferentes.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Monte Rainier

Depois de fechar o bar, naquela noite, levei Millicent para casa. Não resisti quando ela me convidou para entrar e nem mesmo quando permitiu beijá-la. Eu me surpreendi com como era fácil ser incendiado pelo calor daquela garota e também com a facilidade com que cedi ao desejo que rasgava minha pele. A essa altura, eu precisava admitir, minhas tentativas de não aprofundar o que eu sentia estavam se tornando inúteis, porque era óbvio que Millicent estava me envolvendo, e que eu caía em sua graça cada vez mais. Minha doce menina, com seus toques ainda inexperientes, conseguia fazer coisas, proporcionar-me sensações que eu ainda não tinha vivenciado com qualquer outra mulher, por mais experiente que fosse.

Durante muito tempo, conheci mulheres que procuravam exatamente o mesmo que eu; prazer físico sem compromisso algum, e não posso negar o quanto era bom esse arranjo. Nada saía do meu controle e, quando eu percebia que a situação pedia mais do que eu podia oferecer, simplesmente esclarecia minha falta de interesse. Não me orgulho de dizer quantas mulheres deixei de coração partido e só tenho consciência disso agora que tenho Millicent em meus braços.

Deus do céu! Esta mulher tem me feito repensar toda minha maldita vida, e sou consciente o suficiente para admitir o quanto isso me afeta. Ao tê-la sob mim naquela noite, enquanto eu a fodia com força, beijando seus seios e provocando-a com minha língua, percebi como estava sendo diferente e o quanto ela estava se entregando completamente. E inferno, eu também! A cada vez que fazíamos sexo, algo mudava em um nível alto e sei que ela também sabia disso. Naquela noite, desejei que ela gritasse meu nome quando gozou cravando as unhas em minhas costas, seu olhar colado ao meu. Não me contentei em tê-la apenas uma vez e, mesmo sendo tarde, eu a levei para a sala. Depois de usar um de seus chás exóticos e algumas torradas de sementes que ela tinha no armário, eu a alimentei e a envolvi em uma manta quente, conduzindo-a novamente para o quarto. Eu precisava ir, precisava encontrar Evan, mas, mesmo lutando com todas minhas forças, sabendo que Millicent precisava descansar, beijei novamente cada parte de seu corpo e a possuí outra vez, agora lentamente, construindo seu prazer devagar.

Eu a mantive em meus braços, até que ela adormeceu e, depois de reunir minhas forças, vesti-me e voltei para casa. Conduzi minha moto pela madrugada fresca e não me admirou encontrar Evan me esperando na porta de meu apartamento com uma sacola de bebidas nas mãos.

— Espero que a desculpa seja que você estava comendo sua garota, Savi, porque foi a única coisa que consegui imaginar nessas horas em que estive sentado aqui, encarando essas cervejas e

pensando no quanto seria bom se eu pudesse bebê-las, coisa que não fiz por apreciar sua amizade, cara — ele diz rapidamente, e eu contendo o riso, espantado por seu desabafo.

— Estou admirado por seu discurso, Evan. Você usou todas essas horas para decorá-lo? — pergunto arqueando as sobrancelhas, enquanto puxo a chave do bolso e destranco a porta.

Evan passa ao meu lado e entra, indo direto para ao balcão da cozinha, colocando a sacola sobre ele. Ele se vira para mim e move os ombros, debochado.

— Eu poderia ter arrombado a porta e entrado, mas reconsiderarei ao me lembrar de há quantos anos somos amigos — comenta com um sorriso idiota.

Solto uma gargalhada, pensando que sim, ele poderia ter feito isso. Apesar de sua conduta, agora exemplar, Evan podia facilmente ter arrombado a porta e entrado em meu apartamento, como em qualquer outro que possua uma fechadura tão simples quanto essa.

— Eu preciso tomar um banho. A comida está na geladeira, você precisa abri-la, e depois usar aquele objeto, que se chama micro-ondas, preso à parede. Acha que consegue? — pergunto sorrindo.

Evan revira os olhos e aponta para mim.

— Vá lavar suas bolas, cara. Eu cuido disso aqui — e dando as costas para mim, ele segue atrás da preciosa fonte de alimentação moderna, ou seja, geladeira.

Levei poucos minutos para tomar um banho e voltar do quarto, para encontrar Evan sentado no sofá, com os pés espalhados na pequena mesa de centro, a TV ligada no jogo dos Souders contra os Eagles.

— Você está de quatro pela garota, não é?! — pergunta oferecendo-me uma cerveja. Aceito e sento ao lado dele.

— E você, não está conseguindo transar, não é?! — retruco sorrindo.

Evan me ignora e pega um punhado de nachos com queijo.

— Meu pau é aceito em vários lugares, Savi. Ele não está acostumado a visitar o mesmo buraco mais de uma vez — responde debochado.

Eu sei o que ele está tentando dizer.

Como um pouco de nachos, refletindo sobre a evidente falta de pimenta.

— Millicent é diferente — confesso distraído olhando para o jogo.

— Todas são.

Encaro Evan.

— Você não entende. Millicent é diferente de todas as outras mulheres. Ela... — Movo-me incômodo no sofá, pensando no quanto estou revelando a ele. — É difícil defini-la, porque realmente nunca havia encontrado alguém como ela.

Evan me olha, de repente, com uma expressão chocada.

— Porra, Savi! Você se apaixonou pela garota? — grita assustado.

Inclino-me para trás, mais assustado ainda. Aperto a garrafa de cerveja na mão e engulo em seco.

— É claro que não — afirmo convicto. — Apenas é diferente com ela. — É claro que não estou apaixonado por Millicent, caso contrário eu saberia disso. O que sinto por ela é... diferente. Algo que jamais senti por outra mulher. — Eu a levarei para um fim de semana comigo; passaremos um tempo isolados de tudo — completo.

Meu amigo bebe um gole de sua cerveja e volta a me olhar, agora parecendo confuso.

— Eu não entendo você, Savi. Primeiro me diz que não está apaixonado pela garota e, na frase seguinte, afirma que passará um fim de semana romântico com ela. Qual o seu problema, cara?

Problema? Se Evan soubesse que Millicent é a solução de tudo...

— Apenas assista a merda do jogo, Evan — falo, apontando para a TV. — E me conte o que aconteceu nos dias em que esteve sumido.

Quando mudo de assunto, Evan fica mais relaxado (e eu também). Em uma série de descrições estranhas, ele começa a contar como conheceu uma ruiva de peitos grandes e, em detalhes mais estranhos ainda, revela como conseguiu conquistá-la. Antes de conhecer Millicent, nossas conversas baseavam-se apenas nisso; falar sobre as mulheres que conquistávamos. Agora, isso me parece tão vago e, enquanto ele descreve tudo o que fez, imagino o que gostaria de estar fazendo neste momento com Millie.

Perto das três da madrugada, depois de ver os Eagles perderem vergonhosamente e de os nachos acabarem, Evan diz que precisa ir para casa. Assim que ele fecha a porta, eu me arrasto para minha cama e mal tenho forças para remover minhas roupas.

No dia seguinte, eu sei que preciso fazer algo que odeio, mas que é necessário; organizar meu apartamento. Levo toda a manhã para fazer isso, enquanto me pergunto a todo momento pelo motivo de não ter uma empregada atualmente. Reúno todas as roupas que precisam ser lavadas e ligo para a lavanderia, que aparece pouco depois para recolhê-las. Sim, há, com a graça dos céus, uma lavanderia em Seattle que faz esse tipo de serviço.

À noite busco Millicent em sua casa — acabamos concordando que eu a buscaria e a levaria para casa toda noite, isso depois de eu mostrar a ela os gráficos assustadores dos crimes cometidos em Seattle durante a noite.

O bar não está tão lotado quanto imaginamos, mas a quantidade de pessoas é suficiente para que todos, inclusive Millicent, esteja correndo de um lado para o outro. No final da noite, eu a levo para casa e, dessa vez, obrigo-me a simplesmente beijá-la e voltar para meu apartamento, ainda morto de desejo.

Tudo se repetiu ontem, Millie demonstrando estar feliz e ansiosa. À noite não resisti e acabei agradando-a, fazendo-a gozar em minha boca. Hoje é sábado e, depois de organizar minhas próprias coisas, surpreendo Millicent logo cedo, encontrando-a ainda na cama.

— Preciso que se levante, Millicent — sussurro, debruçado sobre ela, beijando seu rosto e seu pescoço. Ela está usando um pijama azul-claro, e eu não resisto, acabo deslizando minha mão para dentro, acolhendo seu seio e o beliscando de leve. Ela geme de olhos fechados, mas ainda me ignora. — Podemos fazer isso da maneira mais fácil ou, então, eu posso torturá-la até que se renda a minha vontade.

Sua boca se move devagar, formando palavras manhosas.

"Castigue-me, oh, poderoso senhor."

Assim que consigo entender o que ela diz, franzo a testa, achando interessante a escolha de palavras.

— O poderoso senhor aqui irá dar algumas palmadas em sua bunda gostosa se você não levantar dessa cama dentro de um minuto, menina mimada — brinco, apertando sua bunda com força.

Ela abre os olhos de repente e me surpreende ao se jogar sobre mim.

"Em um minuto muitas coisas podem ser feitas."

Senhor! Como eu discordaria dela?

No final, Millicent provou que sim, muitas coisas realmente podem ser feitas em um minuto.

"Aqui é frio." — Millie diz com os dentes batendo.

Deixo as duas malas dentro do quarto e vou até ela, abraçando-a.

— Não se engane, Millicent. São apenas alguns graus de diferença — afago seus braços, tentando esquentá-la.

Levamos apenas uma hora para chegar ao pequeno chalé nos pés do monte Rainier. Enquanto eu arrastava nossas malas de Melody para dentro (a moto tem duas malas laterais acopláveis), Millicent ficou tentando encontrar o botão que acendia a lareira central, inutilmente, porque depois constatamos que era acesa por um procedimento bem arcaico; lenha.

Finalmente estamos instalados no chalé onde passaremos os próximos dois dias. Millicent e eu decidimos subir até o quarto, porque obviamente ela está um pouco cansada e merece descansar.

— Abra a janela — digo atrás dela. Com cuidado, Millie puxa a trava da janela e a abre, levando a mão aos lábios ante a paisagem. Ela se vira para mim e aponta para fora. — Gostou?

"Oh, Savi... Parece uma pintura." — Olha novamente para fora e se apoia ao guarda-corpo da sacada, fascinada pela miscelânea de cores em tons azulados.

— Fico feliz que tenha gostado.

Ela se volta novamente para mim e me abraça com uma força diferente, seus braços me apertando. Beijo o topo de sua cabeça e suspiro, feliz por tê-la feito feliz.

— Millicent — chamo-a, fazendo com que me olhe. — Está tudo bem? — pergunto ao ver sua expressão mudar de repente.

Ela lambe os lábios e olha para fora, desviando o olhar.

— Olhe para mim — peço segurando seu rosto.

"Estou com medo."

— Por quê?

"Porque quero fazer coisas com você que nunca fiz antes."

Um sorriso nasce devagar em meus lábios.

Ah... Minha Millicent... Penso exatamente o mesmo.

Respiro fundo e me acalmo, porque não quero assustá-la.

— Não tenha medo, minha menina. Prometo que farei com que esses dias sejam inesquecíveis para você. — Beijo seu pulso e continuo a olhando, querendo que ela compreenda o que estou dizendo.

"Isso inclui sexo selvagem e quente?"

Eu rio, abraçando-a.

— Inclui muito mais do que isso, Millicent. Eu garanto.

É provável que apenas um terço do que tenho em mente a assuste, mas quando ela experimentar, tenho certeza de que se renderá ao prazer.

Dois dias são suficientes para fazê-la feliz.

Millicent está descansando sobre a enorme cama no centro do quarto. Após longos minutos admirando a vista privilegiada que temos da sacada, ela finalmente havia se rendido ao cansaço. Ao notar que seus olhos estavam decaídos, eu tinha sugerido que ela descansasse algum tempo. Minha garota sorria timidamente e deslizou entre os travesseiros macios da cama de casal.

Agora aqui estou eu, sentado em uma cadeira, ao lado da janela, não pensando exatamente em algo, mas me sentindo diferente em relação a esta situação, Millicent, eu, juntos, sozinhos. Ela se move em seu sono, o cabelo loiro caindo sobre seu rosto, e eu sorrio pensando no quanto ela é doce e gentil. Completamente diferente de mim.

Pego o celular em meu bolso e vejo se há alguma mensagem de Ethan, de Evan ou, quem sabe, de Eva. Estou preocupado com ela. Não a vejo há dias e seu sumiço me inquieta. Eu esperava que, depois de me ajudar, minha amiga ao menos ficasse mais um tempo ou tivesse a decência de se despedir. Pergunto-me se devo ligar para ela e descobrir se está tudo bem, mas então me recordo do

quanto Evangeline é livre e não gosta desse tipo de coisa. É melhor esperar.

Meus olhos recaem sobre Millicent e a encontro me fitando com curiosidade. Saio de onde estou e vou até ela, sentando ao seu lado na cama. Afasto os fios de cabelo de seu rosto e contorno sua bochecha com o dorso da minha mão. Ela fecha os olhos e ofega, reagindo a meu toque.

— Vamos almoçar? — pergunto ainda a acariciando.

Millicent sorri e concorda com a cabeça, sentando na cama, próximo a mim. Ela move os lábios rapidamente, mas eu me perco e não consigo compreendê-la.

— Devagar, Millicent. Ainda não sou perfeito nisso — digo segurando seu rosto, para que olhe para mim. Se ela soubesse das noites em que estive estudando para entendê-la melhor, procurando na internet as formas como os lábios se movem em cada sílaba. Sim, eu fiz isso. Fiz por ela, por mim, porque eu desejava desesperadamente compreender o que minha garota dizia.

"Espere alguns minutos para que eu me arrume."

— Vou esperar você lá embaixo. — Dou um beijo em sua bochecha e saio do quarto, dando-lhe privacidade.

Millicent leva pouco menos de dez minutos para me encontrar na sala. Ela trocou de roupa, está usando calça jeans e camisa de manga comprida, o que me faz lembrar o motivo para isso. Ao perceber meu olhar sobre seus braços, acaba ficando corada, constrangida pelo meu óbvio entendimento.

— Vamos a um restaurante próximo daqui. Pensei em caminharmos um pouco. — falo conduzindo-a para fora.

Percorremos a pequena trilha juntos, Millicent fascinada por cada detalhe do lugar. Há vários outros chalés como o nosso nos arredores, alguns maiores e outros pequenos, propícios para um casal. Algumas pessoas passam por nós, na maioria famílias, com crianças correndo próximo a uma pequena ponte que fica à direita. Um homem calvo e alto, ao passar por nós, não consegue disfarçar o olhar de curiosidade.

Eu sorrio.

Sim, olhe para mim, essa garota ao meu lado é minha.

O restaurante tem o mesmo estilo dos chalés, só que em tamanho gigante. Próximo à entrada, há uma garota de salto alto e vestido curto servindo biscoitos aos que passam em frente, uma forma um tanto estranha de buscar clientela. Eu a ignoro e abro a porta para que Millicent entre. Logo localizo uma mesa ao fundo, ao lado de uma lareira acesa, e a conduzo para lá.

Assim que estamos acomodados, o garçom vem até nossa mesa. Millie olha para mim e sorri, movendo os ombros. É sutil, mas entendo o que ela quer dizer.

— Nós não vamos escolher digo para o garçom, que está pronto para anotar nosso pedido. —
Surpreenda-nos.

Franzindo a testa, o garçom recolhe os cardápios e marcha de volta para o balcão. Eu encaro Millicent, esperando alguma reação dela.

"Gosto desse lugar."

Sinto-me aliviado, porque, ao que parece, tudo que tenho feito nesses últimos dias tem sido em função de Millicent, o que claramente me assusta. Mas há algo forte e potente que não me deixa agir diferente e que cada vez mais me faz querer tê-la por perto, protegê-la.

Pouco depois, o garçom volta empurrando um carrinho com várias bandejas de comida. Millicent sorri, ansiosa por provar, e eu tenho certeza de que é por causa do bolo de chocolate.

Assim que deixamos o restaurante — depois de Millie provar o bolo de chocolate duas vezes, voltamos a caminhar pela trilha, agora com mais calma, admirando a beleza exótica que se curva sobre nós. Estamos praticamente no pé do Monte Rainier, nesta época com seu pico coberto por gelo, e vê-lo tão de perto é, pelo menos para mim, algo fantástico.

Vejo Millicent se encolher, movendo as mãos sobre os braços e mordendo o lábio.

— Está com frio? — pergunto a segurando em meus braços.

Ela encosta a cabeça em meu ombro e suspira concordando.

— Vamos voltar — falo no ouvido dela. Seguro sua pequena mão e a levo de volta para o chalé.

— Vá para a cama, eu vou logo — digo a Millicent, enquanto tento compreender como se acende uma maldita lareira, parado em frente à estrutura de pedra, sentindo-me um homem das cavernas.

Levo dez minutos para descobrir que a lareira é a gás e que eu realmente não precisava ter tido ideias idiotas para acendê-la. Satisfeito, fecho a janela para o quarto aquecer mais rápido. Não consigo entender como Millicent sente tanto frio, sendo que a diferença é de apenas alguns graus.

Eu a encontro na cama, abraçada a um travesseiro, coberta com mantas. Deus! É impressão minha ou ela está tremendo?

Tiro meus sapatos e me deito ao lado dela, puxando as mantas para o lado para que eu possa ficar mais perto. Envolver a pela cintura e a puxo contra meu corpo, sua cabeça descansando em meu peito.

Merda. Sim, ela está tremendo e está gelada.

Sem saber direito o que fazer, começo a passar minhas mãos de cima para baixo em suas costas e em seus braços, tentando aquecê-la, porque, inferno, estamos apenas no começo da tarde e, se não estou louco, não está frio.

— Está tudo bem, Millicent? — pergunto baixinho próximo ao ouvido dela. Ela balança a

cabeça rapidamente, confirmando, mas sei que não está.

Abraço-a mais forte, suspeitando que ela possa estar pegando um resfriado, talvez o clima do lugar tenha lhe feito mal. Porra! Eu tinha planejado um final de semana cheio de trepadas sacanas e sexo selvagem com minha Millicent, e não vê-la adoecendo em meus braços. Meu pau incha contra minhas calças, somente com a ideia de como eu a foderia dentro da banheira do nosso quarto ou de seus seios me masturbando.

Respiro fundo, controlando minha ereção, sentindo-me sujo por estar pensando em sexo num momento como este. Mas o que inferno posso fazer? Desejo essa mulher em meus braços terrivelmente, e meus planos eram os melhores. Porém agora preciso revisar as prioridades, que não incluem meu pau sendo montado, não agora pelo menos.

Decido sair da cama, pensar em alguma coisa e, quem sabe, arejar minha cabeça, mas, quando vou me mover, percebo que Millicent adormeceu em meus braços. Sua respiração está tranquila, seus ombros subindo e descendo lentamente, suas mãos agarradas a minha camiseta como num anúncio de que não escaparei daqui. Sem opção, acabo decidindo que vou ficar com ela, pois odiaria acordá-la agora. Ajeito-me na cama, com ela sobre mim, e peço a Deus que a tortura não dure muito, porque meu pau é um desgraçado que não me compreende.

— *Oh, Savi, por favor! — Millicent fala de costas para mim, apoiada à parede, completamente nua, sua bunda gostosa sendo oferecida a mim.*

Eu a seguro pelo quadril e a empurro para frente, espremendo-a contra a parede, moendo meu pau em sua bunda, deixando que ela sinta minha dureza. Ela geme, rebolando, enlouquecendo-me.

— *Peça, Millicent — digo com a voz rouca. — Diga que você quer meu pau entre suas pernas.*

— *Sim, eu quero — quando ameaço penetrá-la, ela choraminga e se inclina contra mim. — Me foda, Savi!*

Enrolo seu cabelo em minha mão e puxo levemente sua cabeça para trás, ordenando silenciosamente que ela se incline. Separo suas pernas e, sem hesitar, levo minha mão até sua boceta molhada, fazendo círculos entre suas dobras, movimentando meus dedos ao redor de seu clitóris, torturando-a exatamente como ela me fez.

— *Eu não aguento, Savi. Por favor... — sua voz... Fecho os olhos e me perco em sua voz. Tão doce quanto ela, melodiosa, perfeita.*

Sei que deveria ser delicado, mas o desejo e a necessidade me fazem furioso. Eu a penetro com força, batendo minhas bolas em sua bunda, empurrando seu quadril para a frente, fazendo-a gritar, suas mãos ficando brancas, agarradas à parede de madeira.

Movo-me dentro dela, sentindo a plenitude de seu corpo me envolvendo, apertando meu pau e me permitindo um prazer inimaginável. Debruço-me sobre suas costas, fazendo-a se contorcer. Sei

que a cena deve chocar minha doce menina, porque agora parecemos como dois animais. Mas é assim que quero. Quero chocá-la, quero tocar cada parte desta mulher e a fazê-la compreender que sou esse idiota fodido que precisa dela urgentemente.

Minha mão encontra seu clitóris, enquanto continuo fodendo sua boceta apertada, e, quando aumento o ritmo, ela engasga e se contrai ao meu redor.

— É assim que você gosta, Millicent? Sujo e selvagem? — Meto dentro dela com força, indo até o final, puxando seu cabelo com mais força. Eu me perco nela, meu corpo batendo contra o seu, e sinto quando seu orgasmo começa a se construir. Aperto sua bunda com força. — Grite bem alto para que todos saibam que estou comendo você, Millicent, grite!

Ela joga a cabeça para trás, com os olhos fechados, gotas de suor escorrendo de suas costas.

— Sim, sim, Savi! — seus gritos me estimulam e em poucas estocadas eu me liberto, gozando dentro dela, minhas mãos apertadas em sua pele, marcando-a como minha.

Sinto algo se movendo sobre mim e lentamente abro os olhos, sentindo o quarto girar. Levo a mão à cabeça e percebo a escuridão.

— Millicent? — eu a chamo, preocupado. Sento na cama e de repente sinto um desconforto, então me lembro do sonho. Oh, Senhor... Eu me dou conta da dor terrível em meu pau, minhas bolas apertadas. Inferno! Eu gozei dormindo?

A cama se mexe e vejo uma luz fraca se movendo. Millicent está usando o celular. Quanto nós dormimos? E como, por Deus, eu gozei em minhas calças?

Fico de pé e, sentindo-me muito estranho, caminho para o banheiro, batendo contra alguns móveis no caminho, porque definitivamente não quero acender a luz para que Millicent me veja. Seria humilhante demais.

Quando me volto, pouco depois de comprovar o desastre e me lavar, encontro a luz do quarto acesa. Millicent sentada sobre a cama, prestando atenção na tela do celular, às vezes, digitando rapidamente. Paro ao lado dela e a estudo por um momento.

— Está tudo bem?

Ela ergue o rosto para mim. Seus olhos estão inchados e vermelhos, seu nariz está escorrendo. Ela está chorando?

— Millie. — Fico de joelhos ao seu lado e seguro seu rosto com uma mão. — O que aconteceu? — pergunto assustado.

Ela funga, limpando os olhos na manga da blusa e, depois de tomar uma respiração longa, entrega seu celular para mim.

Desconfiado, olho para a tela, vendo uma caixa de mensagens aberta. Aperto nas mensagens recebidas e abro a primeira conversa.

Precisamos ver você, filha. É sobre ele.

Por favor, deixe-nos saber se está em segurança.

No final da mensagem está escrito “mãe” e há o desenho de um coração. Encaro o celular por um momento, tentando entender o que acabei de ler, e finalmente volto a fitar Millicent.

"Preciso ir para a casa dos meus pais, Savi. Agora."

Devolvo o celular a ela.

— Agora? Você sabe que horas são? — pergunto olhando para a hora no celular, que marca quase duas da manhã. Deus! Dormimos toda a tarde e mais parte da noite!

Millicent encolhe os ombros e volta a pegar o celular, apertando-o com força.

Dou-me conta de que acabei de ser um idiota. É claro que ela está com medo. Tentando me acalmar, eu envolvo sua cintura com minhas mãos e a puxo para meu colo, apertando seu corpo contra o meu. Ela ainda está gelada, e seu corpo está suado.

— Desculpe — falo devagar, passando o polegar em um ponto agradável atrás de sua orelha. — É madrugada, Millicent. Não podemos sair agora. — Ela tenta protestar me afastando, mas eu a mantenho no lugar. — Eu prometo que pela manhã levo você até lá. Eu irei com você.

Seus braços circulam meu corpo em um abraço apertado, e então eu percebo quão grande é o medo que ela está sentindo, o pavor que corre em suas veias.

Eu a protegerei, Millicent. Com minha alma se for necessário.

Os pais de Millicent moram em uma cidade chamada North Bend, relativamente perto de Seattle. Pela manhã, quando Millicent acordou — depois de horas rolando pela cama, ela finalmente dormiu perto do amanhecer —, nós arrumamos nossas malas e subimos em Melody, rumo à cidade em que ela nasceu.

No caminho, tento fazer com que Millicent coma alguma coisa, quando paramos em uma lanchonete, mas ela se nega, e eu acabo não insistindo.

A casa em que ela cresceu não é tão pequena como eu imaginava. Na realidade, é um lugar muito bonito, com árvores e flores ao redor da casa de tijolos vermelhos.

Estaciono a moto na rua e, antes que eu diga qualquer coisa, Millicent deixa o capacete de lado, desce e corre para a casa. A porta é aberta e um casal aparece, a mulher abraçando Millicent com força. É sua mãe.

Ela então olha para o pai e acena com a cabeça. Surpreendo-me por Millie não abraçá-lo. Há algo errado?

Millicent se vira para mim e acena, chamando-me.

Sem opção e um pouco nervoso, caminho para conhecer os pais de Millicent.

Estou sentado na sala de visitas ingerindo minha terceira dose de café, enquanto o pai de Millicent me encara dos pés à cabeça. Estamos sozinhos, porque a mãe de Millie, depois de dizer que precisava conversar com a filha em particular, levou-a daqui, restando-me apenas a tarefa de tentar interagir com o homem cujo nome não sei.

Eu tentei puxar assunto e cogitei falar sobre o tempo, mas ele simplesmente balançava a cabeça, ou fazia comentários sutis, então simplesmente desisti.

— Você namora a minha filha? — ele pergunta um tempo depois, quebrando o silêncio constrangedor.

Penso por um momento. Não no que vou responder, mas no fato de que sim, o pai de Millie se importa com ela.

— Sim — confirmo.

Ele acena novamente com a cabeça e então se inclina para frente, em minha direção.

— Millicent já sofreu muito, rapaz, e eu não hesitarei, sequer um segundo, caso perceba que você está fazendo mal a ela, em tomar minhas providências para defendê-la — Ele estreita os olhos, mostrando as rugas da idade. — Apesar de Millie não compreender, eu a amo e farei qualquer coisa por ela. Tudo bem. Isso foi inesperado.

— Garanto ao senhor que jamais farei mal algum a Millicent. Eu gosto muito da sua filha — falo convicto, querendo que ele realmente acredite em mim.

O homem olha dentro dos meus olhos e depois suspira, voltando a se apoiar no sofá.

— Tentei por muitos anos fazer com que ela voltasse a me amar. — Sua voz fica fraca e ele desvia o olhar. — Eu acabei tomando as atitudes erradas e depois foi tarde, ela já havia se afastado.

Não sei o que dizer a ele. Não imaginava ouvir tal coisa.

Sou salvo por Millicent, que aparece descendo a escada, vindo do andar de cima. Sua mãe se aproxima atrás dela.

Quando me vê, minha menina corre até mim e se joga em meus braços, desabando a chorar. Olho alarmado para a mãe dela, que também está chorando.

— Ei, o que houve? — murmuro contra seu cabelo, não esperando que ela me responda, mas demonstrando minha preocupação.

— Contei a ela. Contei que ele foi solto — a mãe de Millicent diz entre lágrimas, colocando a mão no rosto.

Não.

Eu acredito ter ouvido mal.

Meu coração dispara, e eu sinto que o chão está se abrindo sob meus pés.

— Como? — consigo perguntar.

O pai de Millicent se levanta e vai até a esposa, abraçando-a.

— Não conseguimos entender, apenas soubemos que os advogados dele conseguiram soltá-lo — ele diz balançando os ombros.

Aumento o aperto em Millicent, destruído por ela, por seu medo.

— Savi, nós pensamos que o melhor para Millicent é mudar de cidade. Ela precisa ficar longe...

— Não — eu interrompo a mãe de Millicent. — Eu cuidarei dela, não a deixarei ir embora.

Nunca, de forma alguma, permitirei que Millie fique longe. Enfrentarei o que for preciso para mantê-la junto de mim.

Capítulo Vinte e Nove

Millicent

Solte-me! Tire suas mãos de mim, por favor!

Não... Eu não quero.

Mamãe, ajude-me!

— Millicent, acorde! — Meus ombros são sacudidos, e eu abro os olhos, encontrando Savi em cima de mim. Ao reconhecê-lo, agarro seu pescoço e o puxo para cima de mim, enterrando meu rosto em seu peito. — Calma, meu amor, eu estou aqui. — ele diz em meu ouvido, e escutá-lo me chamar de um jeito tão carinhoso faz meu coração derreter. Quando me dou conta, estou chorando, meus olhos apertados, porque não quero que Savi veja. — Foi apenas um pesadelo. Nada é real.

Eu sei que nada é real, porque agora ele está aqui comigo e estou em seus braços, mas antes, quando aquele homem estava sobre mim..., sim, naquele instante, tudo era terrivelmente real.

Solto meus braços do pescoço de Savi e volto a me deitar na cama, enterrando meu rosto no travesseiro, ocultando-me. Não quero ter que lhe dizer sobre o que sonhei, mesmo sabendo que não preciso. Não quero falar sobre isso, só quero esquecer.

Mamãe insistiu que Savi e eu deveríamos dormir aqui esta noite e, mesmo que meu pai seja contra meu namorado dormir comigo em meu quarto, minha mãe pareceu compreender meu medo e convenceu o marido de que sou adulta o suficiente para isso. Acontece que Savi é meu primeiro namorado, primeiro homem que beijei, e eu me sinto segura ao seu lado. Gosto de seu jeito protetor, gosto quando ele me segura pela cintura e me beija daquela forma que faz meu estômago revirar. Bem, Savi foi o primeiro homem com quem fiz amor. Sempre, não importa o que aconteça, em minha mente, será ele o primeiro homem com quem estive, a quem realmente me entreguei. Nunca houve outro, nunca houve dor e nem medo. Apenas Savi, com seu cuidado e sua paixão. É estranho, mas ele é tão diferente de sua aparência exótica, é tão doce, carinhoso e, Deus, muito quente. Seus toques em minha pele agem como fogo, fazendo maravilhas, deixando que eu descubra prazeres inimagináveis.

— Está melhor? — ele pergunta, massageando meus ombros, acalmando-me.

Balanço minha cabeça confirmando, tentando acalmá-lo também. Seguro sua mão e deposito um beijo no dorso dela, sentindo seu toque morno e agradável.

— Você estava se debatendo, e eu fiquei apavorado — Savi confessa, e eu vejo preocupação em seus olhos. — Fiquei com medo de que você fosse para longe, que sua mente... Meu Deus, Millicent!

Ah... Meu menino.

Emocionada, eu envolvo sua cintura com meus braços e o abraço com força, beijando seu

pescoço e aproveito para envolvê-lo com minhas pernas também. Quero-o perto de mim.

— Não posso mais ficar longe de você, minha menina. — Savi se solta de mim e segura meu rosto, para que eu veja sua expressão. — Isso é ruim? Querer tê-la ao meu lado a todo momento, desejar sentir sua pele, seu perfume...?

Preciso dizer a ele que não é, porque sinto a mesma necessidade.

"Faça amor comigo, Savi." Movo meus lábios devagar, com medo de que ele não consiga compreender.

Oh, mas ele compreende. Nossos corpos estão em sintonia.

— Inferno, Millicent, estamos na casa dos seus pais, e eu suspeito que eles não ficarão muito contentes se descobrirem o que quero fazer com você — ele diz em arfadas, movendo o quadril contra o meu.

Por precaução, eu havia decidido me deitar usando meu antigo pijama de morangos que minha mãe guardou depois que fui embora, e Savi, bem, ele deitou-se completamente nu. Sim, desavergonhadamente nu, e eu gosto disso. Na verdade, agora estou muito agradecida por isso.

— Isso é tão errado — opina entre dentes, movendo o quadril agora bem entre minhas pernas. Eu começo a devolver o estímulo, tentando-o. — Mas é tão bom. Ah, foda-se!

E é assim que Savi Underwood, o homem que virou a minha vida de cabeça para baixo, perde o controle, entregando-se ao desejo que compartilhamos.

Ele faz amor comigo. Não, não sexo. É amor, eu sei disso. Sinto como ele me toca, acariciando meus seios, venerando-os como se observasse a joia mais perfeita, sua boca se movendo sobre eles, sua língua os acariciando tão ternamente.

— Realmente espero que eles não nos ouçam — fala, enquanto puxa minha calça de flanela por meus quadris, levando junto minha calcinha.

Sorrio pensando no quanto seria interessante e louco ver a reação de meus pais diante disso. Mas não, melhor não.

Contorço-me sentindo sua boca tecendo beijos por meu quadril, indo cada vez mais para baixo... Ah... Exatamente aí.

Savi me beija entre as pernas, provocando-me com sua língua, movendo-a sobre meu clitóris de uma forma alucinante, sua barba fazendo cócegas e me estimulando. Minha respiração acelera, e eu sei que estou perto. Arqueio meu quadril e agarro os lençóis, sentindo a onda arrebatadora de prazer sobre meu corpo. É o paraíso. E Savi não para, continua na mesma velocidade, e eu me pergunto até onde ele pode ir. Minha resposta vem logo em seguida, quando meu orgasmo cessa, aos poucos, dando lugar a um novo e crescente que começa a se formar, assustando-me, fazendo-me querer fugir, porque é demais... Eu não posso.

— Fantástica, Millicent. — Savi beija, pouco depois, minha coxa e sorri satisfeito. Estou completamente mole, mal consigo mover minhas pernas. — Eu poderia vê-la gozar por horas e seria pouco.

Eu não sei se aguentaria gozar por horas, mas fico feliz por ele dizer isso.

Sei que não acabou e, quando percebo, Savi está movendo a mão em seu pênis, os olhos vidrados em mim, excitando-me.

Fecho os olhos e empurro meu corpo contra o seu, esperando o momento.

Quando acontece, eu desejo mais que tudo ter minha voz para gritar seu nome. Cravo minhas unhas em suas costas e acompanho seu ritmo, agora lento e compassivo, incentivando-me a compartilhar o momento com ele. Meus olhos se abrem e, ao encontrá-lo me olhando com adoração, com paixão..., eu me dou conta de algo, percebo que amo este homem. Amo Savi.

Oh, Deus eu amo, Savi!

Seu ritmo aumenta, assim como sua respiração, e eu me perco nele, as lágrimas infelizes deslizando pelo meu rosto, revelando o que eu gostaria de manter em segredo. Savi se abaixa e beija minhas bochechas, passando a língua pelas lágrimas, secando-as.

Ele endurece dentro de mim, e eu o sinto gozando. Percebo que não usamos proteção e na realidade pouco me importo com isso, porque de toda forma não engravidarei, já que estou tomando pílulas.

Quando Savi coloca a cabeça em meu ombro, seu corpo suado no meu, eu aproveito para limpar as lágrimas e respirar fundo, frustrada por deixar as emoções me dominarem dessa forma.

— Desculpe. Eu... — Ele inspira profundamente. — Eu perdi o controle, achei que... Por favor, *me* perdoe. Não queria vê-la chorando. — Vejo dor em seu rosto, e fico tentada a contar o verdadeiro motivo das minhas lágrimas.

Em vez disso, acabo segurando seu rosto, fazendo com que olhe em meus lábios.

"Foi incrível. Obrigada." — Sorrio, para garantir que ele acredite em mim. Não posso lhe contar sobre meus sentimentos, não agora.

Savi parece ficar mais tranquilo quando me beija de leve e sai de dentro de mim, mas, então, sua testa franze e vejo alarme em seus olhos.

— Millicent... — sua voz sai fraca, quase um sussurro.

"Eu estou protegida." — falo simplesmente.

Ele concorda balançando a cabeça, sei que está aliviado. Eu também.

De repente estou cansada, e tudo em que consigo pensar é em dormir. Decido não me vestir, não tenho forças. Somente viro para o lado e me cubro, esperando Savi se colocar ao meu lado. Quando sinto seu corpo quente contra o meu, relaxo, e o sono me domina. As batidas de seu coração me

acalmam, e eu já estou quase adormecendo.

Depois de acordar com Savi ainda me abraçando, deixei a cama e fui para o banheiro, onde tomei um banho demorado. Encontrei-o novamente na cozinha, conversando com minha mãe, enquanto comia panquecas e tomava café. Eu o acompanhei solenemente e quando minha mãe perguntou como eu havia dormido, apenas sorri e movi os ombros, achando que era suficiente para que ela compreendesse.

Savi me avisou que voltaríamos para Seattle em poucos minutos, e isso foi um alívio, já que eu sabia que Ethan não havia ficado muito feliz quando decidimos viajar. Eu também quero voltar para casa, tentar esquecer e... viver.

Meu pai estava do lado de fora da casa, admirando a moto de Savi como se fosse um adolescente fascinado por algum brinquedo da moda. Por algum motivo, hoje me permiti abraçá-lo e, mesmo que ele não tenha dito nada, foi importante para mim. Minha mãe me beijou e chorou quando eu me despedi dela. Savi despediu-se dos dois com a promessa de que me manteria em segurança e eu confio nele.

Ainda era cedo quando estávamos de volta à Seattle, enfrentando um pouco de trânsito na entrada da cidade. Pensei que Savi me levaria para minha casa, mas ele foi diretamente para seu apartamento, sem nem mesmo me perguntar. Apesar de não aprovar a ideia, decidi não me posicionar contra, porque seria complicado ter uma discussão com ele.

— Vamos deixar suas coisas no meu quarto — diz, puxando minhas malas pelo corredor, entrando em uma porta à esquerda. Eu o sigo pacientemente, analisando a situação. — Mais tarde voltaremos a sua casa e pegaremos o que você precisar. — Savi aponta para o armário preto em um canto do quarto e depois para a mala. — Fique à vontade.

Quando ele sai do quarto e me deixa sozinha, eu preciso respirar fundo para colocar todos os pensamentos nos eixos. Tudo isso é realmente necessário? Eu estou com medo, é claro, tenho pavor de encontrar aquele homem e, se lembro bem, ele sempre deixou claro que nunca me deixaria em paz. Mas... Ficar no apartamento de Savi me parece algo... estranho.

Deixo a mala intacta no quarto e vou atrás de Savi, encontrando-o na cozinha, com a geladeira aberta e um bloco de papel nas mãos, anotando alguma coisa.

— Não tenho comida em casa, mas Ethan irá trazer. Estou anotando. — Ele confere a validade do leite e escreve no papel. — Ele está vindo ver você. Eu o chamei.

Encaro Savi me sentindo estúpida. Por que ele precisou chamar Ethan?

— Você gostaria de comer algo em especial? — Savi pergunta, chegando mais perto de mim, pronto para anotar.

Movo a cabeça negando e, quando ele ameaça sair de perto de mim, eu o seguro, fazendo com que me olhe.

"Não é necessário tudo isso."

— Eu sei que não, mas quero cuidar de você, Millicent. Deixe-me fazer isso, por favor — ele pede com uma expressão que é capaz de derreter meus ossos.

Sorrio de leve, concordando.

Ele volta ao trabalho, conferindo o que é necessário comprar. Eu me sento no sofá e respiro fundo, olhando para a grande TV de plasma, imaginando o que vai acontecer agora.

Ethan chega carregando uma dúzia de sacolas e entre elas estão minhas roupas, alguns livros, sapatos e coisas de higiene. Senhor, ele invadiu minha casa!

— Está tudo bem, irmãzinha? — Ele me abraça com força e me beija na bochecha, um sorriso tímido no rosto.

Eu corro, constrangida pela forma como Ethan me chamou, apesar de ficar feliz ao imaginar como ele me vê.

Enquanto Savi guarda a comida na geladeira, seu irmão e eu nos sentamos no sofá. Ele começa a me fazer perguntas, sobre como foi o passeio, mas não toca no tema que nos trouxe de volta. Eu sei que ele sabe sobre o homem, mas, aparentemente, parece tentar abafar o assunto.

— E o bar? — Savi pergunta quando se junta a nós.

Ethan fica sério de repente e suspira.

— Ontem, quando chegamos para trabalhar, encontramos um dos cadeados abertos.

— O quê? Levaram algo? — Savi fica assustado.

— O estranho é que não. Nada foi mexido. Tudo em seus lugares. E quando conferimos as câmeras de segurança, não havia nada gravado entre as quatro e seis da manhã. Chamei o técnico para averiguar — ele conta, apreensivo.

Seguro a mão de Savi, dizendo silenciosamente que estou ali com ele.

— Faça isso. — Ele olha para mim e depois para o irmão. — Millie ficará comigo aqui.

Abaixo o rosto, evitando ver a reação de Ethan.

— Eu concordo. É o melhor para ela, assim poderemos protegê-la — ouço Ethan dizer em voz baixa. Arrisco um olhar para ele e o vejo sorrindo para mim. — Confie em mim, Millie, você sabe que só quero ajudá-la. E Savi também, é claro.

"Eu agradeço."

— A única pessoa que você deve agradecer é Savi, Millie. — Ethan olha com respeito para o irmão mais velho, e eu fico feliz ao ver isso. — Bem, já que estou aqui, o que acham de eu ir para a

cozinha?

Olho para Ethan em uma pergunta óbvia. Ele sabe cozinhar?

Savi me olha e dá de ombros enquanto o irmão vai para a cozinha.

— É melhor do que nada.

Eu rio, recostando-me ao sofá macio.

Há alguns anos, criei uma lista de coisas que eu gostava, as quais eu não gostaria de esquecer. A comida que Ethan preparou obviamente não estava nessa lista, mas preciso admitir que estava ótima. Ele fez arroz, camarões e também um molho vermelho do qual gostei muito.

Savi e eu revezamos para lavar e secar a louça, meu menino fazendo a maior bagunça ao lavar os pratos, molhando toda a roupa. Eu apenas sorria e tentava ensiná-lo, o que realmente não ajudou muito.

No meio da tarde, Ethan sugeriu que jogássemos pôquer e quando eu disse que era ruim no jogo, ele insistiu em jogar assim mesmo. Savi decidiu me ajudar, e nós enfrentamos seu irmão, que se mostrou um excelente jogador, levando a maioria dos meus *pretzels*. Os rapazes beberam cervejas e eu me contentei com uma coca-cola gelada, porque definitivamente alguém precisava estar sóbrio ali.

Depois de perder quatro vezes seguidas e perceber que os dois irmãos estavam em um complô para me derrotar, decidi que era um ótimo momento para um banho. Juntei minha dignidade perdida no jogo e me movi para o banheiro, extremamente feliz por ter ao meu alcance meus cremes e sabonetes de erva-doce, que o irmão de Savi trouxe.

Quando voltei à sala, Ethan já havia ido embora, e Savi estava sozinho, deitado no sofá, com uma caixa repleta de DVD's nas mãos, procurando por algum filme em específico. Parecia que teríamos uma sessão de cinema.

— Terror ou drama? — perguntou erguendo os DVD's.

Apontei para o que tinha a figura de um demônio na capa. De drama já basta minha vida.

Sequei meu cabelo e me joguei no sofá junto com Savi, que me acolheu em seus braços e nos envolveu com uma manta quentinha. Não era necessário, mas ele teve o cuidado de preparar pipoca, e eu não pude resistir. Estava começando a acreditar que, quando voltasse para casa, talvez precisasse ficar alguns meses de dieta.

Precisei me agarrar no corpo de Savi quando as imagens de um exorcismo começaram a passar na TV, e eu fiquei com excesso de medo. Ele não protestou e nem riu de mim, apenas me apertou mais forte e sorriu.

Não me lembro exatamente do final do filme, porque quando acordei estava na cama de Savi, ele me abraçando enquanto dormia profundamente. Satisfeita, permiti que o sono me arrastasse, porque

eu sabia que estava a salvo de todos os monstros.

Savi me acorda bem cedo. O quarto está mal-iluminado, mas posso ver que ele se move com pressa, vestindo as roupas enquanto corre para fora do quarto. Sento-me na cama e passo a mão pelos olhos tentando ver melhor.

Passo o edredom em volta do meu corpo e caminho pelo corredor, à procura de Savi. Ele está no balcão da cozinha, segurando as chaves da moto e o capacete. Quando percebe minha presença, corre até mim.

— Eu preciso ir até o bar. Houve um incêndio, e Ethan me ligou. — Quando vê o pavor em meus olhos, ele segura meu rosto. — Você precisa ficar aqui, Millicent. É perigoso ir junto. Ainda é muito cedo, quero que você volte para a cama e durma novamente. Logo estarei de volta e a acordarei com beijos.

Mordo o lábio, pensando que não quero ficar sozinha. Mas confio em Savi e sei que se eu for junto só irei atrapalhar. Isso é com Ethan e ele.

"Vou ficar bem."

Eu o vejo hesitar.

— Vai, sim. Tranque a porta quando eu sair, ok?! — Ele me beija nos lábios, segurando ainda meu rosto. Fecho os olhos e inspiro seu cheiro.

Savi se afasta e sai pela porta, deixando-me sozinha. Eu corro e tranco a porta como ele mandou, aproveitando para acender as luzes.

Não tenho mais sono, mas eu poderia voltar para o quarto de Savi e ler um dos meus livros.

Aperto o edredom contra o corpo e volto para o quarto.

Savi

— Como diabos isso aconteceu, porra?! — grito para Ethan, chocado ao ver a fumaça preta saindo do bar.

Há um enorme caminhão de bombeiros estacionado na frente do que um dia foi o The Underwood's, uma dezena de bombeiros esguichando água sobre as chamas que se espalham pelo prédio. O calor é escaldante, mas Ethan e eu passamos a faixa de isolamento, porque é difícil acreditar no que está diante de nossos olhos.

Tenho vontade de gritar, socar... chorar.

— Os bombeiros ainda farão uma avaliação minuciosa — fala com a voz quebrada, seus olhos vermelhos pela fumaça. Meu irmão está com uma calça jeans surrada, um casaco e chinelos. Foi acordado pelo alarme dos bombeiros e veio em seguida.

Eu me coloco ao lado dele e apoio minha mão em seu ombro, dando o apoio que ele precisa e que preciso também.

A entrada do bar é agora apenas um amontoado de tijolos ao chão, e eu me pergunto o que restou lá dentro. Queria poder lutar contra as chamas e salvar tudo.

— Morgan já sabe? — pergunto baixinho.

— Ele está a caminho — responde desviando o olhar.

Eu sei o quanto esse lugar significava para meu irmão, sei que isso era sua vida. Vê-lo assim me quebra.

— Nós vamos reconstruí-lo, Ethan. Prometo a você. — Sim, eu prometo.

O celular vibra em meu bolso, e eu me afasto enquanto um dos bombeiros vai até Ethan.

Há uma mensagem de Millicent. Eu prometi que voltaria logo e provavelmente ela está com medo. Abro a mensagem e leio as poucas palavras rapidamente:

Me ajude!

— Ethan! — eu grito correndo até ele. — Millie — digo somente isso e corro para a moto.

Ele deixa o bombeiro de lado e, assustado, corre para seu carro.

Com as mãos tremendo, eu consigo colocar o capacete e conduzir a moto para a rua. Acelero o máximo que posso pelo trânsito, Ethan me seguindo. Meu coração está na garganta e estou gelado. O que aconteceu com ela? Eu disse para ela ficar trancada!

Nunca dirigi tão rápido e infringi tantas leis de trânsito em um único dia. Levo poucos minutos para chegar perto do prédio e mal estaciono a moto perto de um canteiro de flores. Ethan para logo atrás e desce do carro.

— Savi! — Ele aparece ao meu lado. — O que aconteceu?

Eu não respondo, apenas tento encontrar Millicent. Meu primeiro pensamento é subir para o apartamento, mas, quando vou dar o primeiro passo, vejo-a surgindo da garagem, do outro lado, correndo para mim. Está enrolada em um edredom, com os cabelos desarrumados.

Meu coração se enche de alívio. Ela está bem. Ela está aqui. Então eu ouço um som se aproximando e me viro para a direita, de onde um carro preto vem em alta velocidade, diretamente para Millicent. E ela não percebeu!

— Millie! — eu berro, tentando correr até ela.

Millicent para de repente, olhando para trás, exatamente no momento em que o carro a atinge, jogando-a no ar. O mundo para.

Assisto em câmera lenta à Millicent sendo arremessada, o edredom voando de seu corpo, e ela caindo no asfalto, enquanto o carro foge acelerando. Corro, corro o máximo que posso, querendo chegar rapidamente até ela, mas minhas pernas não seguem meu cérebro.

— Millie... — jogo-me ao lado de seu corpo imóvel, ficando de joelhos, pronto para pegá-la em meus braços, mas Ethan me impede, segurando meus braços. — Solte-me!

— Ela está ferida, cara! — Ethan grita, jogando-me para o lado.

Meus olhos estão embaçados, mas eu consigo ver as poças de sangue ao lado do corpo de Millicent. Sobre seu cabelo loiro há uma grande mancha de sangue, e seus braços estão tortos.

Estou desesperado. Preciso fazer algo. Preciso salvá-la!

Mas Ethan não deixa.

Sou consciente de algumas pessoas que chegam de repente, aglomerando-se ao redor, e pouco depois do som de sirenes se aproximando.

Millicent ainda está imóvel quando os paramédicos a atendem, colocando-a com cuidado na ambulância. A mancha de sangue em sua cabeça ainda está lá e agora posso ver o quanto seu rosto está inchado e roxo.

Empurro Ethan para longe e entro na ambulância, ficando ao lado dela. Um dos paramédicos pergunta quem sou e respondo que sou o namorado. Isso parece ser o suficiente para que eu possa ir com ela para o hospital, mas então me pedem para sair, porque Millicent está tendo uma parada cardíaca.

Olho assustado para os tubos sendo colocados em seu rosto e um homem massageando seu peito várias vezes.

Não... Não, Millicent, não. Por favor, não.

A porta da ambulância se fecha, e eu fico parado vendo o veículo se afastar. Estou estático, não me movo. Ethan me abraça, colocando meu rosto em seu ombro, mas mesmo assim eu não me mexo.

— Nós vamos para o hospital, Savi, e você precisará ser forte, irmão — ele diz em meu ouvido.

Olho por cima de seu ombro, encontrando as marcas de sangue no chão, ainda não acreditando no que acabou de acontecer diante de meus olhos.

Não, ela não pode... Deus, por favor, não.

Capítulo Trinta

Ethan

Caminho lentamente pela recepção do hospital, tentando me manter firme. É madrugada e há poucas pessoas por aqui, apenas alguns enfermeiros e médicos de plantão. O silêncio mórbido só é quebrado por alguns gritos nos quartos perto do corredor, o que só tem feito aumentar minha agonia.

Savi está no quarto vendo Millicent, e eu evito pensar nele, porque, a cada vez que faço, sinto meu coração se apertar. Nunca, em toda minha vida, tinha visto meu irmão nesse estado, tão completamente destruído, e não importa o que eu diga, não o ajudará.

Assim que consegui, coloquei Savi em meu carro e segui para o hospital. No caminho ele não disse absolutamente nada, manteve-se concentrado, olhando para fora, mas eu podia perceber o quanto ele estava abalado, com medo. Eu também estava. Ver o que aconteceu com Millie, estar tão próximo e saber o quão vulnerável ela estava, aterrorizou-me.

Quando chegamos ao hospital, Savi foi como louco até a recepcionista e exigiu saber sobre Millicent, mas a mulher disse que não poderia dar informações, pois a paciente estava sendo examinada e, pelo que parecia, seu estado era grave. Tive que ajudar meu irmão a se sentar e precisei de forças para dizer a ele que tínhamos que ligar para os pais de Millie.

— Eu não posso fazer isso, Ethan — ele sussurrou com os olhos arregalados, balançando a cabeça com veemência. — Por favor, irmão, eu não posso...

— Tudo bem, não se preocupe. — Apertei seu ombro e me afastei, indo para a entrada do hospital.

Procurei no celular o número do pai de Millie, eu o tinha guardado desde que eles tinham concordado com a mudança dela para Seattle. O que eu estava prestes a fazer era uma das coisas mais difíceis da minha vida, mas, se Savi precisava que eu fizesse isso, eu faria, por ele, por Millicent. Respirei fundo e iniciei a chamada, pedindo aos céus toda a coragem de que eu precisaria para contar-lhes sobre o estado da filha.

No segundo toque, a voz do pai de Millicent surgiu, e eu acabei ficando sem fala.

— Alô?

— Sou eu, Ethan — respondi hesitante.

— É bom ouvir sua voz, rapaz. Mas não acha que está muito cedo? Como está? E Millie, aconteceu algo? — ele perguntou.

— Eu... Preciso contar algo, Gregor — eu disse com a voz trêmula. Precisava manter a calma.

— Aconteceu alguma coisa, Ethan? É com Millicent? — a voz dele se tornou urgente, alta, e isso

me deixou mais nervoso ainda.

Fechei os olhos e suspirei profundamente.

— Sim, é ela. Millicent foi atropelada — soltei finalmente, revelando-lhe a tragédia. Havia uma maneira mais correta de dizer isso? Espero que não.

— Onde ela está? Ela... Conte tudo! — ordenou, agora gritando.

Com paciência e tentando parecer calmo, expliquei o acontecido e também informei o endereço do hospital. Ele garantiu que chegaria em pouco tempo e pediu que eu ficasse com Millie.

Quando desliguei, voltei até onde estava Savi e o encontrei do mesmo jeito que o havia deixado; sentado em uma das poltronas, seu olhar perdido nas paredes brancas do hospital, como se estivesse em alguma espécie de transe.

— Eles estão vindo — eu disse em voz baixa, e ele apenas chacoalhou a cabeça concordando. Não suportei isso, queria que ele reagisse, que falasse comigo. — Preciso que fale comigo, Savi.

— Eu a deixei sozinha — a voz dele saiu embargada e, quando olhei para seu rosto, vi as lágrimas escorrendo por sua bochecha. — Achei que ela ficaria segura.

— Você não tem culpa, Savi — rebati.

Ele limpou o rastro das lágrimas e soltou a respiração.

— É claro que eu tenho. — Encarou-me, sua expressão desolada. — Eu devia tê-la levado comigo e isso não teria acontecido. — Ele não me deixou responder e se levantou, indo até a recepcionista tentar obter mais alguma informação.

Algumas horas se passaram desde que Savi esteve com Millie e soube de seu estado. Os pais dela chegam ao hospital, e eu os encontro na entrada. Marta me vê, e corre para me abraçar; mal consigo dizer algo, tentando confortá-la, enquanto ela chora terrivelmente.

— Como ela está? — pergunta, passando um lenço branco pelos olhos.

— O médico ainda não deu muitas explicações.

— Preciso vê-la. — Ela olha para o marido e depois, agarrada em sua bolsa, segue para dentro do hospital.

O pai de Millie e eu ficamos sozinhos, e sei que ele quer todos os detalhes do que aconteceu. Também sei que não posso omitir nada, conheço aquele homem há alguns anos, conheço seu temperamento e sua relação com a filha, detalhe que não importa, porque de todas as formas ele é o pai dela.

Conto-lhe que levamos Millicent para ficar no apartamento de Savi e como nos colocamos à disposição para protegê-la. Tento convencê-lo do quanto meu irmão estava preocupado com a segurança de Millie e do quão arrasado está agora. Obviamente sou obrigado a contar que o acidente

aconteceu quando ela estava sozinha e a reação de Gregor é exatamente como eu esperava.

— A culpa é do Savi! Ele garantiu que cuidaria da minha filha, mas não cumpriu! — exclama, ameaçando entrar no hospital e socar meu irmão.

— Não, não é — eu o acalmo, colocando a mão em seus braços, mantendo-o no lugar. — Eu liguei para ele, eu pedi que ele fosse até o bar. Se acha que deve culpar alguém, culpe a mim, então. Não a meu irmão.

— Solte-me, eu preciso ver minha filha. — Ele dá um passo para o lado, desviando-se de mim, e eu o deixo passar, seguindo atrás dele.

Savi vê os pais de Millicent e fica pálido, claramente sentindo-se mais culpado ainda. Ele se levanta e caminha até eles. Eu sabia que Gregor estava irritado, mas não tinha ideia de qual seria a reação da mãe de Millie. Ela me surpreende indo até Savi e o cumprimentando amigavelmente, dando-lhe um abraço sofrido.

Marta e o marido seguem à procura de informações sobre a filha. A recepcionista afirma que o médico conversará com eles em poucos minutos e que devem aguardar.

Todos nos sentamos nas poltronas de couro e eu fico ao lado de Savi, preocupado com seu estado.

O médico, um senhor de cabelos brancos e óculos redondos, finalmente aparece. Todos ficamos rapidamente de pé e sinto que meu coração está a ponto de estourar, tamanho é meu medo. Sim, eu tenho medo do que o médico está prestes a dizer. Eu presenciei a situação de Millicent, vi também o acidente, e sei que foi grave. Mesmo assim, não estou preparado para ouvir o que ele dirá e sinto-me tentado a sair daqui, mas não posso deixar Savi sozinho, não agora.

— Vocês são parentes de Millicent? — o médico pergunta olhando o nome em um prontuário, fitando cada um de nós.

— Somos os pais — Marta responde depressa, agarrada ao braço do marido.

— Nós somos amigos — eu acrescento, de repente, já que Savi sequer se moveu.

O médico concorda e volta a olhar para os papéis, lendo alguma coisa importante.

— Sua filha sofreu um trauma no crânio e, pelos exames que fizemos, concluímos que é grave; ela precisará operar — declara olhando para a mãe de Millie. — Há um coágulo significativo, que se formou no lado direito e que precisamos retirar o quanto antes.

— Ela vai ficar bem, doutor? A cirurgia é perigosa? — Marta pergunta, à beira de lágrimas novamente.

O doutor move os ombros e encara a mulher.

— Eu prometo que faremos absolutamente tudo para que sua filha viva, senhora. Lutaremos por ela. — Olha para a recepcionista e novamente para os pais de Millie. — Preciso que assinem a

liberação da cirurgia. Vocês possuem plano de saúde?

Percebo quando Marta olha para o marido, sem saber o que dizer, e também quando ele aperta a mão dela. Savi também nota e dá um passo a frente, indo até o médico. Ele diz alguma coisa em particular, mas sei que está falando sobre o pagamento das despesas. Não interfiro porque sei que ele precisa fazer isso.

— Podem me acompanhar para a assinatura dos papéis? — o médico pergunta olhando para o casal.

Quando Savi e eu ficamos sozinhos, ele olha para mim e passa a mão pelos cabelos nervosamente.

— Eu pagarei, Ethan. Eu sei que pagarei. Apenas preciso que Millicent fique boa — afirma, procurando aprovação em mim.

— Nós iremos, irmão. Não se preocupe com isso — eu o tranquilizo, e ele nem imagina que já tenho uma ideia do que farei para conseguir o dinheiro. Preciso viajar novamente.

A cirurgia de Millicent durou um pouco mais de três horas, nas quais estive bem perto de surtar. Tentei convencer Savi a ir para casa, tomar um banho e descansar, pois já era noite, mas ele se negou e afirmou que ficaria aqui até que tudo acabasse. Eu acabei ficando também e ofereci minha casa para os pais de Millie, que acabaram aceitando. Dei as chaves e o endereço a eles, dizendo que poderiam ficar à vontade e que eu avisaria quando a cirurgia acabasse.

As horas demoraram uma eternidade infinita para passar, e eu já não conseguia mais me manter calmo. Havia muita coisa na cabeça, porque eu não conseguia esquecer também o que havia acontecido no bar. É claro que não poderia cuidar daquilo naquele momento, mas algo me dizia que o atropelamento de Millicent e o incêndio no bar estavam ligados de alguma forma.

Exatas três horas e meia depois que Millicent entrou no bloco cirúrgico, o médico reaparece na recepção, que, a essa hora acolhe algumas outras pessoas em busca de informação sobre parentes.

Savi é o primeiro a se levantar e ir até ele, perguntado como foi a cirurgia.

— Tudo ocorreu bem — o doutor confirma, ajeitando as hastes dos óculos. — Os pais da jovem, onde estão?

— Descansando um pouco. Logo voltarão — Savi responde ansioso.

— Eu deveria dizer apenas a eles, mas como encerrarei meu plantão e o outro médico assumirá, informarei a vocês.

Nós concordamos, e ele coloca as mãos nos bolsos antes de continuar, sua expressão séria, o que me deixa mais nervoso.

— A cirurgia correu bem. O coágulo não era tão grande e conseguimos retirá-lo sem mais

complicações, mas a jovem entrou em coma.

Eu sinto o chão se abrir sob meus pés e é como se eu fosse sugado para a escuridão. Meu irmão mal pisca, olhando para o médico sem conseguir absorver a notícia.

— Posso vê-la? — Savi consegue perguntar. — Só alguns minutos, por favor.

O doutor está relutante, mas parece compreender o sofrimento de Savi e, com um gesto, pede que ele o acompanhe.

Agora que Savi se foi e estou aqui sozinho, tudo se resume a nada, porque não sei o que fazer. Eu poderia me ajoelhar e pedir a Deus que cuide de Millicent, mas meus pecados são tão grandes que não me atreveria a tal coisa. Tenho vontade de voltar no tempo e evitar tudo isso, não somente o acidente, mas o encontro de Millie e Savi. Sei que soa egoísta, mas penso que assim não haveria tanto sofrimento, tanta dor.

Encosto-me à parede e coloco as mãos no rosto, permitindo-me deixar o controle ir. Savi não está aqui e não preciso mostrar-lhe que sou forte, que posso lidar com a situação. Eu não posso. Millie é como uma irmã e saber que ela está em coma, que não responderá quando Savi a chamar, destrói-me. Limpo bruscamente os olhos e volto à minha compostura. Preciso me manter forte e ficar ao lado do meu irmão. Ele precisará de mim e, mais que nunca, estarei ali para ampará-lo.

Passaremos por isso, e Millicent ficará bem. Ela não pode morrer, eu não consigo pensar nisso. Vejo seus pais entrando na recepção, vou devagar até eles sabendo que a notícia os deixará abalados.

Enquanto percorro o pequeno corredor branco e imaculado, reúno todas as forças, criando dentro de mim uma coragem que jamais tive.

Tudo dará certo.

Eu estou com você.

Você não está sozinha, irmãzinha.

Capítulo Trinta e Um

Savi

Minhas mãos pressionam o vidro com força, até que meus dedos ficam brancos. O som dos aparelhos é baixo, mas mesmo assim consigo ouvi-los, consigo ver as luzes azuis e verdes piscando compassadamente. Encosto minha cabeça contra o vidro frio e deixo que finalmente o choro tome conta de mim.

Achei que poderia fazer isso, achei que aguentaria, mas não posso. Não suporto vê-la assim.

Arrisco um olhar para Millie e, em meio a lágrimas, contemplo o quanto ela está diferente, imóvel sobre essa maldita cama, com uma faixa envolvendo a cabeça. Há vários tubos ao redor dela, alguns presos em seu pulso, e outro, em sua garganta. Quero tirá-la de lá, pegá-la em meus braços e carregá-la para longe, esperar que ela acorde e veja que tudo não passou de um pesadelo.

Mas não posso fazer isso.

Tomo coragem suficiente para deixar o lugar em que estou há mais de dez minutos e caminho até a porta do quarto, abrindo-a devagar.

Estou sozinho com Millicent, ela está tão perto de mim e não sei o que fazer. Sinto-me fora do chão, sem saber o que dizer, sem saber se ela pode me ouvir... Se sabe que sou eu.

Aproximo-me mais dela e toco sua mão, sentindo-a tão gelada.

— Millie — sussurro com a voz engasgada.

Seu rosto tem hematomas arroxeados, os olhos estão inchados, com coágulos de sangue, e em seus lábios há um corte que precisou de sutura. Mesmo com esta aparência, ela continua sendo a mulher mais linda que já encontrei. A única que conseguiu mudar algo dentro de mim, que fez com que eu enxergasse a vida de outra forma e descobrisse novos sentimentos.

— Você precisa acordar, meu amor — digo suavemente, enquanto acaricio a palma de sua mão, crendo que sim, que ela esteja me ouvindo. — Há muitas coisas que precisamos fazer e conversar. — Olho para seu rosto, esperando por alguma reação. Qualquer uma. — Por favor, Millicent, volte. Preciso de você. Seus pais precisam de você — digo tentando ser menos egoísta, mas a verdade é que somente penso nela, em ninguém mais, somente Millie. Abaixo-me e beijo o dorso de sua mão, tomando cuidado com as fitas e agulhas em seu braço. — Estou tentando ser forte e mostrar para todos que consigo suportar isso. Sei que preciso ser forte, por seus pais e por Ethan, mas a verdade é que estou apavorado — confesso. — Nunca senti tanto medo em minha vida como estou sentindo agora, Millicent. É por isso que você precisa acordar, para me ajudar, para voltar para mim. — Engulo o nó que se forma em minha garganta e deslizo meus dedos por seu rosto, acariciando-a de

leve, recordando quanto ela gostava quando eu fazia isso. Apalpo com cuidado seu lábio e uma onda de náusea me atinge; neste momento tenho certeza de que quem fez isso a ela não pode ficar impune. Preciso encontrá-lo.

O doutor abre a porta e vem até onde estou, colocando a mão em meu ombro e dando um sorriso gentil.

— Os pais da jovem querem vê-la — diz olhando para ela.

— Há algo que eu...

— Meu rapaz — o médico me interrompe. — Não há nada que você possa fazer. Millicent é jovem e está lutando pela vida. Olhe para essa tela. Está vendo? — pergunta e eu balanço a cabeça confirmando, encarando as escalas dos batimentos cardíacos. — Esse é o coração da garota batendo, lutando para que ela permaneça viva.

— Ela parece tão frágil — digo em voz baixa, vendo-a tão vulnerável quanto um cristal.

— Estou fazendo o possível para ajudá-la, mas ela também precisa de um motivo para lutar, rapaz, uma razão tão forte que a faça querer enfrentar a morte. — O médico fica em silêncio por um momento e depois suspira. — Preciso que saia.

Contrariado, despeço-me de Millicent, tocando sua pele mais uma vez, transmitindo calor.

Não olho para trás quando saio, não quero ter que fazer isso. Não é uma despedida, sei que logo ela estará bem, tenho certeza. Mas enquanto abro a porta e saio do quarto, o único desejo que tenho é voltar para ela e abraçá-la.

Ethan

— Savi. — Encontro meu irmão quando ele sai da visita à Millie. Ele levanta o rosto para mim, e eu estremeço ao vê-lo com os olhos vermelhos e o rosto abatido. — Vamos tomar um café. — Indico o caminho da lanchonete e o arrasto comigo.

Savi não diz nada enquanto compro dois cafés e nos sentamos em uma mesa ao lado da janela. Ele coloca as mãos sobre o rosto e seus ombros sobem e descem com a respiração acelerada.

— Ela ficará bem — falo tentando animá-lo. — Savi — chamo, fazendo com que ele olhe para mim. — Preciso de você forte, irmão.

Ele ergue os olhos para meu rosto e, com uma longa respiração, pega um dos copos de café de cima da mesa.

— Eu ficarei. Só preciso de um tempo — responde nervoso.

Nego com a cabeça.

— Não há tempo, Savi. Você precisa ser forte agora. Millicent ficará bem, nós sabemos disso. Preciso que você me ajude com outras coisas.

Ele franze a testa, entre um gole de café.

— É o bar?

— Os bombeiros confirmaram que o incêndio foi criminoso.

— Eu imaginava. E Morgan?

Ainda não consigo me acostumar ouvi-lo chamar nosso pai dessa forma. É como se não estivéssemos falando da mesma pessoa. Ignoro este sentimento estranho e volto a me concentrar no assunto, porque quero dar todos os detalhes a Savi. Ele precisa saber de tudo.

— Ele está arrasado. — Dou de ombros, tentando disfarçar meu incômodo. Ainda é difícil falar sobre isso. — Irei encontrá-lo amanhã. Planejaremos o que vamos fazer agora.

— Sei que precisa de mim, Ethan. Só me deixe cuidar de Millicent, e eu prometo...

— Não se preocupe — eu o interrompo. — Papai e eu cuidaremos disso. Pelo que pude ver, a reconstrução irá demorar.

— Não consigo acreditar em tudo que está acontecendo — desabafa, olhando para fora do prédio.

— Eu sei que provavelmente você não me ouvirá, Savi. Sou simplesmente seu irmão mais novo e não tenho muito a que comparar, mas confie em mim quando digo que sei que Millicent ficará bem. Eu realmente acredito nisso.

— Eu sempre ouvirei você, Ethan — ele me surpreende ao dizer. — Tantas vezes eu deveria ter feito isso. É muito tarde para que eu esteja arrependido? — sua voz está tão quebrada.

Forço um sorriso para ele.

— Nunca é tarde — respondo convicto. Nunca, jamais será tarde para que Savi e eu sejamos irmãos de verdade. — Eu preciso ir — digo, levantando.

— Vou voltar para a recepção. — Savi se levanta também, apoiando-se à cadeira. É evidente que está cansado.

— Você precisa ir para casa descansar. Eu levo você — ofereço.

Ele coloca as mãos nos bolsos e começa a caminhar pelo corredor. Eu o sigo lado a lado.

— Não posso deixá-la sozinha.

— Ela não ficará sozinha, Savi. Os pais dela estão aqui. Vá para casa, tome um banho e descanse. Amanhã você volta. — Quero que ele compreenda que não conseguirá ajudá-la se ficar doente também.

— Você está certo — concorda. É tão estranho ver Savi compreensivo, vê-lo tão coerente. Ele olha para trás, para a sala de espera, e depois do que parece ser um minuto de indecisão, rumo para fora.

Consegui deixar Savi em seu apartamento, mas somente me convenci de que ficaria bem quando, depois de minha insistência, ele concordou em ligar caso precise de algo, garantindo também que iria se alimentar e depois dormir um pouco.

Meu irmão tem me deixado extremamente preocupado. Já passamos por coisas ruins antes e mesmo não estando próximos, de certa forma, eu estava ao lado dele, sempre estive. Savi não sabe e provavelmente nunca saberá, mas fiz coisas por ele; coisas que envergonhariam qualquer pessoa com um mínimo de decência.

Eu me sinto mal por enganá-lo, por não dizer a verdade, como ele fez comigo. Muitas vezes considereei a hipótese de lhe contar todos os detalhes, dizer absolutamente tudo, mas o que aconteceria com nossa relação se ele soubesse? Savi não aceitaria jamais e, por esse motivo, por verdadeiro medo, tenho vivido todos esses anos sob a sombra de uma mentira que afeta não somente a mim, mas a todos. O pior de tudo é que não me importam as consequências, voltarei a usar esse método sujo para reconstruir o bar; mesmo que o remorso e o nojo me corroam, eu farei.

Não posso parar agora.

Quando chego a minha casa, acendo todas as luzes e tiro os sapatos, deixando-os perto do sofá, onde me deito de olhos fechados, tentando encontrar paz no silêncio tão perturbador. Minha mente não para nem por um segundo, e eu cogito tomar algum remédio para que isso cesse, quando a campainha toca.

Esforço-me para levantar, pensando que talvez seja Savi precisando de mim, mas surpreendo-me ao encontrar Eva parada na soleira da porta, olhando para os próprios pés.

— Olá.

Eu a encaro tentando entender por que motivo ela veio até aqui. Eva está usando uma calça de moletom, uma jaqueta cor-de-rosa, algo que nunca pensei vê-la usando.

— Entre. — Aponto para dentro e dou-lhe as costas, esperando que ela vá até o sofá.

— Obrigada. — Eva se senta ao meu lado, mas não me olha. O que há com ela? Como sabe onde moro?

— É um pouco tarde — comento sem saber o que dizer.

Ela me olha e dá de ombros.

— Eu estava sozinha e pensei em passar por aqui — diz simplesmente.

— É mesmo? — pergunto desconfiado. Não é somente por isso, não pode ser. Ela está diferente. Não usa maquiagem e ao redor de seus olhos há terríveis olheiras.

— Não. — Respira fundo, concentrada na TV à frente. — Na realidade, estou aqui porque soube do que aconteceu com Millicent. Pensei em ir ao hospital, mas eu... Não me dou bem com esses lugares. — Morde o lábio, distraída, e, Deus, admito que me causa um efeito estranho. — Queria

poder estar ao lado do Savi, ajudá-lo, mas não sei o que dizer a ele.

— Não seria necessário dizer qualquer coisa — provoco, mesmo sem motivo.

— Sim, seria. Eu sei o quanto é preciso que uma pessoa que nos apoie. — Ela olha para mim, e eu juro poder ver algo transparecer em seus olhos. — Savi está apaixonado por aquela garota, Ethan.

Movo-me incomodado no sofá, ouvindo-a, como nunca fez antes, chamar-me pelo meu nome. Uma sensação diferente percorre meu estômago. O que diabos sou? Estou aqui imaginando o quanto a voz dela é sexy dizendo meu nome!

— Savi nunca se apaixonou por ninguém — afirmo, porque é a verdade.

— Bem, agora ele está. — Eva sorri sem jeito, mas logo fica séria. — Eu também soube sobre o bar. Sinto muito.

— Vamos reconstruí-lo — repito o mantra.

— Sim, irmão. É por isso que estou aqui, Ethan. Quero ajudá-los.

— Como é?

Eva se vira em minha direção, sentando sobre as pernas, ficando quase sobre mim.

— Eu quero ajudar a reconstruir o The Underwood's. Quero investir nele, recomeçar do zero — ela diz séria. — Eu gosto daquele lugar, Ethan. Acredito no potencial dele e sei o quanto vocês o amam.

— Por que você iria querer investir em um bar incendiado? — Isso é loucura, penso comigo.

— Eu decidi ficar em Seattle — responde ela. — Estou procurando uma casa e quero criar raízes nesta cidade.

— Pensei que fosse tatuadora — falo olhando para seus braços, recordando as tatuagens coloridas.

— Eu sou. E pretendo abrir meu próprio estúdio, mas primeiro quero tentar algo diferente, quero me arriscar, você entende?

— Não — admito. — Não posso decidir sem falar com Savi.

— Ele está ao lado de Millicent, Ethan. Não poderá tomar qualquer decisão agora.

— Espero que ela melhore, então.

Eva desvia o olhar e limpa a garganta.

— Você sabe que ela pode demorar um tempo para acordar ou, talvez...

— Millicent ficará bem — eu a corto, sentindo raiva do modo como ela insinua tal coisa.

— É claro que irá. Só estou dizendo que preciso saber se posso ou não investir, Ethan.

— Falarei com Savi — digo por fim.

— Está bem. Como quiser.

Ficamos em silêncio, e Eva olha para os lados, parecendo não saber o que dizer. Está

constrangida. Está com vergonha de mim? Sorrio com o pensamento de que a deixo nervosa. Não consigo controlar o desejo de provocá-la novamente.

— Quer transar? — pergunto sorrindo feito um bobo.

Eu estava preparado para tudo, menos para o que aconteceria a seguir. Eva se jogou sobre mim e me beijou, empurrando sua língua dentro da minha boca, assustando-me. Quando tentei corresponder o beijo, ela me empurrou e estapeou meu rosto. Depois se levantou e correu para a porta.

— Não será comigo que você perderá a virgindade, Ethan.

Ela fecha a porta e eu me sinto um grande idiota, tendo pensamentos pecaminosos com aquela mulher.

Inferno! O que acabou de acontecer aqui?

Savi

— *Você não pode ir.*

— *Eu preciso* — *ela responde com um leve sorriso.*

Olho para ela, vendo sua roupa branca brilhando com uma luz que faz arder meus olhos. Seus cabelos loiros parecem ouro, e seus olhos azuis estão tão perfeitos como nunca antes. Minha garota está tão linda. Quero tocá-la.

— *Eu esperei por você* — *eu falo.*

— *Não posso ficar, meu amor. Estão me chamando. Eu preciso ir. Você ficará bem.*

— *Não, eu não vou suportar ficar sem você. Por favor, fique comigo* — *insisto, aproximando-me mais.*

Ela se afasta, impedindo que eu a toque.

— *Você me fez tão feliz. Tudo que vivi, toda dor e todo medo foi apagado por seu amor* — *ela sussurra.* — *Eu me senti livre em seus braços, conheci o que todos dizem ser a plenitude.*

— *Não... Você não pode* — *tento chegar mais perto novamente, mas ela continua se afastando de mim.*

— *Eu viveria todo aquele passado ruim novamente, se isso significasse encontrar você no futuro, Savi.* — *Ela fica de costas para mim e começa a caminhar.*

— *Não!* — *grito correndo atrás de Millicent, mas ela não está mais em minha frente.* — *Não!* — *Olho para todos os lados à procura dela, mas tudo que existe é um campo verde e estou sozinho nele.*

— *Millicent!*

Acordo assustado, batendo a cabeça na cabeceira da cama, a pancada me fazendo quase vomitar de dor. Sento-me na cama e tomo várias respirações, sentindo o suor gelado descendo por minhas

costas. O quarto está escuro, quente, e eu corro para acender a luz.

Tento organizar os pensamentos, apavorado com o que acabei de ver.

Um pesadelo... Foi um pesadelo.

Volto para a cama e me apoio, agora mais calmo, mas ainda com medo. Fecho os olhos e franzo a testa.

Não, ela não pode morrer. Volte para mim, Millicent...

Capítulo Trinta e Dois

Nunca imaginei que temeria o futuro como temo agora. Sempre pensei que a única coisa com o que eu deveria me preocupar fosse o presente, o que eu estava vivendo. Agia e pensava assim, vivendo cada dia como se fosse o único, porque não havia ninguém comigo e, portanto, nada do que viesse acontecer importaria. Mas agora as coisas são tão diferentes. Eu me importo com o futuro, porque há alguém, uma pessoa tão especial, que foi capaz de mudar minha mente e que agora me faz querer um futuro. Não sou mais apenas Savi. Não estou mais sozinho, desde que Millicent entrou em minha vida, e sou capaz de jurar que farei tudo por conta dela.

Vê-la daquela forma, presa naquela maldita cama, faz com que eu sinta o quanto realmente sou mais fraco do que imaginava. Sou vulnerável por Millicent. Os últimos cinco dias têm sido um verdadeiro inferno e a maior parte deles passo no hospital, sentado perto da minha garota, definhando ao seu lado, enquanto me apego a um fio de esperança de que ela volte para mim a qualquer momento. Depois, fico algumas poucas horas em casa, e este é o momento em que sinto que as paredes vão desabar sobre mim. Ethan insiste que eu descanse, enquanto ele próprio está enterrado no trabalho, curiosamente ajudado por Eva, que parece interessada em contribuir para a reparação do bar. Quando ela me contou, no dia em que veio ao hospital visitar Millie, junto de Ethan, fiquei surpreso, mas ao mesmo tempo aliviado, porque sei o quanto minha velha amiga é capaz de nos ajudar. O único problema será meu irmão junto dela, porque ainda consigo perceber o desconforto que ele sente ao seu lado.

Há dois dias, minha mãe foi visitar Millicent no hospital e, como eu esperava, Morgan não estava junto. É claro que eu não deveria imaginar que meu pai iria, mas em certo momento me rendi à esperança de que ele estaria lá. Minha mãe, adorável como sempre, tentou fazer amizade com os pais de Millie, o que no começo me deixou nervoso, com medo da reação deles, porque é óbvio que, por mim, que sou o namorado da filha deles, não há qualquer tipo de aprovação. Mas, ao contrário do que cheguei imaginar, eles ficaram muito felizes com a visita dela e com suas palavras doces cheias de confiança de que Millie sairia daquele hospital em breve.

No final da visita, minha mãe foi até onde eu estava, na já tão conhecida sala de espera, e me abraçou emocionada, dizendo que estava ao meu lado e que me apoiaria.

— Obrigado, mãe — agradei com a voz embargada, segurando-a em meus braços.

Desde o dia do acidente, quando vi diante de mim Millicent ser atropelada, vivo em um estado emocional que nunca sequer imaginei estar. A vontade de chorar, gritar e pedir a Deus que me ajude é constante, mas me controlo, porque sei que não sou digno da piedade de Deus nem posso demonstrar

minha fraqueza diante de todos, não neste momento quando todos esperam que eu seja forte.

— Seu pai... — minha mãe começou a dizer, seus olhos vermelhos de chorar, mas eu a silencieei, trazendo-a novamente para meus braços e a apertando contra meu peito. Seu calor me confortava.

— Tudo bem, mãe. Eu estou bem — garanti, evitando falar sobre ele, sobre ele não ter aparecido.

Falar sobre Morgan ainda é um assunto que me desestabiliza e, agora, já tenho coragem suficiente para dizer o quanto sinto a falta dele. Eu realmente queria tê-lo ao meu lado neste momento. Somente eu, ninguém mais, sei o quanto dói ter que admitir isso, dar-se conta do quanto todos aqueles anos sem sua presença fizeram-me falta. Começo a sentir que, talvez, em algum momento, eu devesse considerar a possibilidade de procurá-lo, de tentar apenas conversar com ele.

Forcei para dentro o sentimento que se abatia sobre mim e continuei a conversar com minha mãe, respondendo suas perguntas sobre Millicent. Ela ficou comigo até o final da tarde e depois pegou um táxi de volta para casa.

Agora continuo aqui, mais uma vez sentado ao lado de Millie, com sua mão tão pálida sobre a minha, contando-lhe cada detalhe sobre o bar e o quanto Ethan está trabalhando duro. Eu fico mudo, de repente, nenhuma palavra sai da minha boca, perguntando-me se realmente ela pode me ouvir. Ela pode? Millicent sabe que eu estou aqui ao seu lado? Quero acreditar que sim, que todas as minhas palavras não foram em vão e que de certa forma eu a estou ajudando.

Aproximo-me dela, afastando para o lado um dos vários tubos presos ao seu corpo e beijo seu rosto, sentindo o quanto está fria.

Acorde, meu amor. Volte para mim.

Olho para sua cabeça, agora enfaixada com uma atadura branca, escondendo o que eu temo ser um motivo de vergonha para ela. Os lindos cabelos dourados de Millicent não existem mais. Foram raspados para a cirurgia e somente pensar nisso me dilacera por dentro. Sei o quanto ela ama cuidar dos cabelos e como ficava linda quando andávamos de moto e o sol se refletia neles, pareciam fios de ouro, ou quando eu a tinha em meus braços e inalava o perfume doce que despendia deles.

Nada mudou. Continua linda.

Eu não me importo com seus cabelos. Eu a terei ao meu lado novamente e sua aparência não importa.

Deus! Quando foi que sequer cheguei a imaginar que poderia desejar uma mulher sem me importar com a aparência?

O que você fez comigo, Millicent?

Beijo o dorso de sua mão e me apoio à cadeira, respirando fundo e pensando no que devo fazer de agora em diante. Faz cinco dias que Millie está assim e não mostra qualquer sinal de melhora. O

que eu devo fazer? Desesperado, cogito procurar um médico melhor, um hospital ou, talvez... eu não sei. Só quero tirá-la daqui, levá-la em meus braços e vê-la abrir os olhos, sorrindo para mim, como sempre fazia quando acordava ao meu lado.

O doutor aparece e me pede para sair do quarto, porque irá fazer algumas avaliações em Millie. Eu não argumento; estou cansado e preciso de um banho. Hora de ir para casa.

A tarde chega e permaneço no hospital. Vim para cá assim que acordei, sem perda de tempo. Surpreendo-me ao encontrar Evan aqui. Assim que me vê, meu amigo me abraça em silêncio.

— Como você está? — pergunta.

— Bem, na medida do possível, respondo, enquanto caminhamos para a lanchonete do hospital.

Nós nos sentamos junto a uma mesa, ele a minha frente, e eu tomo minha quarta dose de cafeína da tarde. Pela primeira vez, desde que conheci Evan, ele não está fazendo piadinhas ou tentando ser engraçado. Meu amigo está aqui para me dar apoio.

— Liguei para sua mãe ontem. Ela me disse que eu deveria aparecer aqui. Nunca gostei de hospitais, você sabe, mas eu precisava te ver, Savi.

— Eu sei. Obrigado, Evan — acabo agradecendo, tentando forçar um sorriso.

— Eu soube do bar e realmente sinto muito. Não entendo como alguém teve coragem de fazer isso — diz sério.

Bebo um gole do meu café e olho para ele.

— Eva está ajudando Ethan. Eu estou esperando Millicent... — Calo-me, porque mal sei o que estou esperando. Parece tão vago dizer isso.

— Savi, você precisa ir para casa. — Evan me olha com uma cara de preocupação.

— Eu estou bem. Estou bem — garanto, mas é claro que não estou.

— Precisa de algo?

— Não. Ficarei bem, Evan. — Não há como dizer o quanto estou satisfeito em ter meu amigo aqui, não encontro forças.

Faz uma hora que Evan está aqui e agora ele diz adeus, garantindo que voltará, pedindo que eu não hesite em ligar caso precise.

É curioso como as pessoas se mostram mais afetuosas quando algo ruim acontece. Será a compaixão ou o sentido de dever em fazer isso? Eu não sei, porque nunca tive qualquer relação afetuosa, exceto com minha mãe. Conforta-me saber que há pessoas ao meu lado, e que elas não me abandonaram, porque tenho certeza de uma coisa; todos, absolutamente todos, precisamos estar rodeados de sentimentos, não adianta fugir, esconder-se em uma bolha própria e negar que é capaz de sentir alguma coisa. Eu tenho sorte e não nego o que a vida me deu, aceito de bom grado o apoio que

estou recebendo.

Já é fim de noite, recebo uma notícia que me abala completamente.

Antes disso, percebi a agitação dos pais de Millicent quando esperavam o médico aparecer, mas permaneci de lado apenas observando enquanto o doutor explicava algo. A mãe de Millie agarrou-se ao marido e começou a chorar descontroladamente. Foi o momento em que vi que havia algo errado.

Eu me aproximei, mas o pai de Millie entrou em minha frente.

— Deixe-nos... — disse, empurrando-me.

Desviei do braço dele e fui até o médico, confrontando-o.

— O que aconteceu? — perguntei com a voz alarmada, morrendo de medo de sua resposta.

Senti uma mão tocar meu ombro e percebi que era a mãe de Millie tentando chamar minha atenção.

— Ela piorou, Savi — esclareceu entre lágrimas.

Olho para ela, tentando compreender suas palavras, absorver esta notícia. Meu corpo todo se retesou, e eu começo a sentir que estou flutuando para longe.

— Ela sofreu uma nova parada cardíaca — o médico se interpõe, explicando. Ao ver minha expressão de alarme, eleva a mão, pedindo calma. — Conseguimos agir a tempo, mas agora o estado dela é mais crítico. Peço desculpas, mas meu trabalho pede que eu seja sincero.

— Preciso vê-la — digo desesperado. — Preciso ver Millicent.

— Não pode — o doutor suspira, olhando-me com pena. Noto que os pais de Millie estão abraçados, mais ao longe, confortando um ao outro. — Ninguém pode entrar no quarto por enquanto, rapaz. Aceite meu conselho; saia do hospital um pouco e respire, percebi que está aqui desde o dia em que ela chegou. Não há nada a se fazer agora.

Pouco ouvi do que o médico disse e já estou caminhando para a saída, trombando em algumas pessoas que passam em minha frente.

Chego a minha casa, depois de pilotar minha moto pelas ruas de Seattle, como se fosse um zumbi, e mal sei como não aconteceu algo comigo. Podia ter acontecido, pois assim eu não estaria sentindo toda esta dor.

Entro em meu apartamento transtornado. A fúria e o medo tomam conta de mim, e eu acabo perdendo o controle. Jogo as chaves da moto contra a TV a empurro para o chão, da mesma forma que os porta-retratos, garrafas de bebidas e todos os outros objetos que encontro pela frente. Eu pareço um louco e estou à beira de me tornar um. Apesar de destruir meu apartamento inteiro, nenhuma palavra sai da minha boca, nenhum grito desesperado. Eu estou vazio por dentro, cansado de tudo isso. Cambaleio para meu quarto e caio em cima da cama meio sem jeito. Está tudo escuro e

eu não me dou ao trabalho de acender as luzes. Só percebo que há algo quente e úmido escorrendo em meu rosto quando estou adormecendo.

— Millicent...

Acordo ouvindo barulhos ao meu redor e não faço ideia de que horas são. Confuso, eu me sento na cama, sentindo minha cabeça latejar terrivelmente. Parece que eu bebi ou me droguei, pois nem consigo assimilar meus pensamentos. Encosto-me à cama e respiro fundo tentando levantar.

Apoiando-me às paredes do corredor, consigo chegar até a sala, mas preciso forçar os olhos para ver o que está acontecendo aqui. Quando finalmente vejo, acho que estou sonhando.

Morgan está aqui, com uma vassoura nas mãos, empilhando os cacos de vidro dos objetos que quebrei. Ele está de costas para mim e não percebeu minha presença. Estou confuso, sem entender o que está acontecendo. O que ele faz aqui? Como entrou? E por quê?

— Tem café em cima do balcão — diz de repente, mas não se vira para mim.

Sem saber o que dizer, caminho até o balcão e sirvo uma xícara do café quente. Bebo enquanto ainda olho o trabalho que Morgan faz. Ele recolheu a TV quebrada e a colocou em uma caixa de papelão grande. Olho para os outros cantos do apartamento e não encontro mais vestígios do meu ataque de loucura.

Deixo a xícara sobre o balcão e me viro para voltar para o quarto.

— Vou voltar para ao hospital — aviso, porque não sei se ele continuará aqui.

— Não, não vai — sua voz surge áspera e me faz parar no meio do caminho.

— Como é? — Viro-me lentamente para ele, encarando-o e encontro seu olhar.

— Você não irá para o hospital hoje. Esteve lá a semana toda e...

— Sim, eu vou. Preciso ver Millicent — interrompo-o.

Morgan aperta o cabo da vassoura com força e sua mandíbula de contrai.

— Millicent não precisa de você agora — fala baixo.

Meus músculos se enrijeceram e eu dou um passo para frente, confrontando-o.

— O que está dizendo? Como tem coragem de sequer dizer o nome dela? — cuspo, apontando para ele. — Você... Você... O que está fazendo aqui?

— Eu preciso conversar com você — informa simplesmente, movendo os ombros.

Eu não posso acreditar. Não há nada para conversarmos.

— Não tenho tempo para falar. Se for sobre o bar, eu já falei que...

— Não, Savi. Não é sobre o bar — corta-me, deixando a vassoura de lado. — É sobre você.

— Não há nada que precise me dizer. — Se antes considerei a hipótese de ir até ele e conversar, agora isso já não passa por minha cabeça. Como eu posso conversar com ele? Quando ele me trataria

como um filho?

Viro-me novamente para ir para o quarto, tenho planos de tomar um banho e voltar correndo para o hospital, mas sou impedido quando Morgan volta a falar.

— Não dê as costas para mim, Savi. Ouça o que estou dizendo! — adverte, quase gritando.

Aperto meus punhos e minha respiração se torna descompassada. Viro-me rapidamente e não hesito em ir para cima dele.

— Esta é minha casa, e eu faço o que achar certo. O que quer aqui? O que aconteceu para me procurar depois de tanto tempo? Precisa de dinheiro? Porque se for isso, sinto dizer que não tenho nada. Seu filho pródigo não se deu bem na vida desonesta que levava. — Enquanto grito, ele se encolhe contra a parede e, quando percebo que estou a ponto de perder a razão, afasto-me.

Olho para o outro lado e tento me acalmar. O silêncio recai sobre o cômodo e só minha respiração pode ser ouvida.

— Não quero nenhum maldito dinheiro, Savi — Morgan fala depois de um tempo e sua voz está diferente. — Estou aqui por você, maldito seja! Não consegue entender? Sou seu pai! Você é meu filho, Savi!

— Não — sussurro ainda sem olhá-lo.

— Sim, você é e, não importa o quanto negue, continuará sendo.

— Depois de tanto tempo, por que está me dizendo isso? — consigo perguntar com a voz embargada.

— Eu não sei — responde. — Há anos, tento fazer isso, mas havia algo que me impedia. Eu tentei... Eu tentei pedir perdão a você antes, mas não consegui. Meu orgulho não deixou. Eu...

— Vá embora. — Eu não quero mais ouvi-lo, porque tenho medo de não ser real, de que seja apenas um sonho.

— Não — protesta. — Olhe para mim, Savi. Olhe para seu pai.

Abaixo a cabeça, apertando os olhos com força. Um nó sobe por minha garganta e meus ouvidos doem.

Morgan espera, não sei por quanto tempo, mas, quando eu não me movo, ele percebe que foi derrotado e, com um suspiro cansado, abre a porta para sair.

Ele está prestes a ir embora, e eu tenho consciência de que dessa vez será para sempre. É minha última chance de ter um pai novamente. Ter meu pai de volta. E é o que eu tenho desejado, não é?!

— Pai — eu o chamo baixinho, voltando-me para ele. — Espere — peço e, quando ele me vê, seus olhos marejados se arregalaram. Eu finalmente faço o que tenho vontade há tantos anos; abraço meu pai.

É um abraço duro, cheio de incertezas e medos, mas ainda um abraço, e somente ele e eu

sabemos o quanto isso significa. Eu sou maior que meu pai, sua cabeça bate em meu ombro e, enquanto o abraço, noto como seus cabelos estão brancos. Assim que ele se afasta, percebo como as rugas marcam seu rosto cansado. Há quanto tempo eu não o olhava realmente? Meu pai está velho e parece cansado.

— Perdão, filho. — Creio que é a primeira vez em minha vida que vejo meu pai chorar e confesso que está sendo como lavar minha alma, porque não há como negar sua sinceridade.

Volto a abraçá-lo, agora com mais força.

Peço para Morgan, meu pai, sentar-se no sofá ao meu lado, e então ele começa a me contar tudo o que aconteceu. Minha mãe lhe contou sobre Millie, e ele percebeu que era o momento de me procurar. Ele se mostra arrependido e eu também não hesito em pedir desculpas.

— Sinto muito, pai. Eu não fiz aquilo, eu não... Consegue me perdoar? —pergunto emocionado.

— Esqueceremos o passado, Savi. Não quero mais viver longe do meu filho — e assim fazemos as pazes.

Eu e meu pai passamos duas horas seguidas conversando, agora não há mais aquela tensão de antes. Ele me ouviu falar sobre Millicent e no final me garantiu que ela ficaria bem e que ele me apoiará. Sobre o bar, mostra-se tranquilo, embora eu suspeite que seja apenas a aparência.

— A polícia entrou em contato comigo. Há um suspeito — ele conta nervoso.

Isso me desperta.

— Alguém que conhecemos?

— Hernandez Caballero. Parece familiar para você?

Penso um pouco, tentando recordar de onde conheço esse nome. Forço a memória. Pode... Espere!

— É o ex-marido da Teresa, a ajudante do bar — afirmo assustado. Meu pai também parece surpreso. — Ela me contou que estava com problemas, que ele estava tentando uma reconciliação e que às vezes se tornava agressivo.

— Direi isso à polícia. Acha que Teresa pode depor?

— Sim, falarei com Ethan e pedirei que converse com ela.

— E o acidente de Millicent, soube de algo? — perguntou.

Nego com a cabeça.

— Não. Foi tudo tão rápido, que ninguém conseguiu anotar a placa, e as câmeras de segurança do prédio não filmaram nada. — Eu espero dia após dia descobrir quem é o tal sujeito, porque jurei que colocaria minhas próprias mãos nele.

— Deixe-me informado sobre tudo.

Eu assinto.

Meu pai diz que precisa voltar para casa, porque minha mãe provavelmente está preocupada. Ele se despede oferecendo um aperto de mão, mas eu acabo o abraçando novamente.

Estou sozinho novamente e então mais uma vez mergulho no abismo em que me encontrava mais cedo. Já é tarde e eu sei que não adianta ir ao hospital agora. Penso em Ethan, mas ele tem uma vida e não quero incomodá-lo nem Evan ou Eva.

Decido voltar para a cama, já que é a única coisa para qual ainda tenho forças. Não tenho fome nem vontade de qualquer outra coisa.

Deitado em minha cama, passo a maior parte da noite acordado, olhando para o teto escuro, minha mente vagando para os momentos junto de Millicent. Seu sorriso vem à minha mente, seus lábios se movendo, tentando me dizer algo. Seus beijos inocentes e doces, sua ousadia e medo ao se entregar a mim pela primeira vez. Começo a me lembrar de sua expressão quando chegava ao orgasmo, tão entregue ao prazer, seus olhos brilhando, a respiração alterada, tudo por meu toque.

Vejo-me então com um medo enorme, porque nunca ouvi a voz de Millicent e agora não sei se algum dia ouvirei realmente.

Você precisa voltar para mim, Millie.

Não sei se minha garota conseguirá. Eu estou a ponto de quebrar e sinto que morrerei se ela não voltar.

Meu Deus, eu me dou conta neste momento tão terrível do quanto amo Millicent. Sim, eu amo.

Perceber isso me deixou pior. Por que eu não soube disso antes? Será que ela também me ama? E a pior das dúvidas; eu poderei algum dia dizer isso a ela?

Millicent não pode morrer. Não pode me deixar. Não agora, nunca.

Acordo com o som do meu celular tocando e percebo que já é dia.

Corro para atender, jogando-me sobre o sofá.

— Savi? Sou eu, a mãe da Millie.

Meu coração dispara quando ela se identifica. Procuro minha voz para responder, e eu tenho medo do que irei ouvir em seguida.

— O que houve?

Fecho meus olhos, esperando ouvir o pior. Minhas pernas fraquejam e começo a ver embaçado. A mãe de Millicent não me ligaria por qualquer coisa. Eu quero correr e não ter que ouvir o que ela irá dizer.

Não, não, não... Por favor, não.

Ela respira fundo e finalmente fala:

— Millicent acordou.

Capítulo Trinta e Três

Pela primeira vez em muitos dias, eu me sinto como se fosse a pena que tenho tatuada em meu peito. Sinto que agora finalmente Millicent e eu poderemos ficar juntos, e eu poderei dizer a ela tudo que estou sentindo.

Porra! Eu estou apaixonado! E agora, sabendo que enfim minha garota acordou e está voltando para mim, vejo-me em um estado de euforia maior ainda. Assim eu saio e dirijo a toda velocidade para o hospital, ansioso para vê-la. Eu não quero silêncio, não agora. Desejo tirar toda esta dor acumulada em meu peito, porque meu tormento acabou. Quero agradecer aos céus por ter me livrado de meu desespero, por ter me devolvido a vida.

Sim, neste momento eu já admito completamente que ela é minha vida.

Millicent fodeu minha mente. Ela me transformou no tipo de homem que sempre abominei, mas é a verdade; estou completamente apaixonado por essa garota.

Chego ao hospital em poucos minutos e, assim que deixo minha moto no estacionamento, corro para a recepção, assustando provavelmente a mulher atrás do balcão, que já me viu muitas vezes aqui neste lugar.

Ela me olha de canto de olho enquanto digita no computador e, mesmo com pressa, sou obrigado a me apresentar, como todos os dias, e dizer que sou visitante.

— Obrigado — agradeço quando ela me entrega o crachá e permite minha entrada. Normalmente não me fixo em boas maneiras e gentileza, mas pouco percebi o gesto, tamanha minha alegria.

Percorro a sala de espera do hospital rapidamente, encontrando os pais de Millicent sentados nas últimas cadeiras no final do corredor. Assim que me veem eles ficam de pé, e a mãe da minha garota caminha até mim. Ela está emocionada, eu consigo perceber pela forma como aperta o lenço contra o peito, seus ombros chacoalhando. É estranho, mas eu quero abraçá-la, porque sei que ela também se sente como eu. Pouco a conheço, porém, e não sei como seria sua reação, então apenas enfio minhas mãos no bolso e fico esperando que ela diga algo.

Ficamos parados, olhando um para o outro em silêncio, mas eu consigo notar quantas coisas ela quer me dizer. A mãe de Millicent olha para trás, para o marido, depois para mim novamente e sorri.

— Eu queria poder dizer algo, mas eu... — ela gagueja, apertando o lenço entre os dedos.

— Eu preciso vê-la — é a única coisa em que consigo pensar e tudo que consigo dizer.

— O médico virá em alguns minutos. Estávamos esperando quando você chegou.

Faço um gesto concordando e meu olhar vai para seu marido, que está me encarando com uma expressão de poucos amigos. Ignoro seu gesto, porque não me importo com o que ele ainda pensa de

mim. Sei que lhe prometi que cuidaria de Millicent e não cumpri. Sei disso e me sinto terrivelmente mal, mas não posso, simplesmente não consigo ser honrado o suficiente para me afastar dela. Já ouvi muitas pessoas dizendo que nessa coisa de amor verdadeiro, às vezes, é necessário fazer uma escolha unilateral, que talvez signifique se afastar de quem se ama. Mas acontece que não sou tão nobre assim e não tenho a mínima intenção de me tornar agora. Sempre deixarei bem claro a todos que se colocarem em meu caminho; minha garota é somente minha e de ninguém mais. Eu a terei ao meu lado e dessa vez a protegerei com minha vida.

Nunca fui bom com juramentos, porque sempre os achei inúteis quando uma pessoa é tempestuosa como eu, mas estou certo de que a promessa que faço a mim, agora mesmo, será cumprida. Eu encontrarei o homem que fez aquilo com Millicent e Deus será testemunha do que eu farei a ele. Não terei dó e nem pena, porque quando colocar minhas mãos em seu pescoço a única imagem que virá em minha cabeça será a do corpo de Millie caindo contra o chão e do sangue espalhando-se ao lado de sua cabeça. Tal cena jamais sairá da minha mente e de certa forma isso é bom, porque me ajudará a manter o foco para encontrar o tal homem.

— Pode se sentar comigo se quiser — a mãe de Millie oferece, apontando para uma cadeira próximo de onde está sentada.

Eu faço um gesto com a mão, mas nego o oferecimento. Não quero ter que confrontar o pai de Millicent agora. Sei que conversaremos, mas não neste momento. Não aqui.

Acabo sentando em uma cadeira mais afastada, sentindo meus ombros e pescoço tensos pelo nervosismo. Os minutos se estendem transformando-se em horas e eu me pego novamente recordando alguns momentos ao lado da minha garota, algo que se tornou tão comum quando estou sozinho. Decido que, assim que ela sair do hospital, eu a levarei para morar comigo. E dessa vez em definitivo. Sei que Millie provavelmente estará com medo de voltar para meu apartamento, mas poderemos encontrar outro lugar para ficar. Farei isso por ela se necessário. Não hesitarei um minuto em fazer o que for necessário para que minha garota fique bem.

Nem mesmo tenho noção de há quanto tempo estou esperando e o médico aparece na sala de espera, indo diretamente até os pais de Millie. Eu rapidamente me levanto e vou até ele.

— Ela está se saindo bem. Tem progredido a cada momento — o médico explica sorrindo, claramente mais aliviado.

Toco seu ombro, chamando-lhe a atenção.

— Eu preciso vê-la. Apenas alguns minutos, por favor — peço quase em tom de desespero.

— Não. Nós devemos vê-la primeiro — o pai de Millicent se coloca em minha frente, bloqueando-me com o braço.

Eu o encaro, sentindo minha respiração acelerar.

— Acalmem-se, por favor. — O doutor se coloca entre nós dois e me afasta para trás. — Infelizmente ninguém poderá vê-la por enquanto. Ainda estamos fazendo alguns exames e testes; ela está um pouco agitada.

— Mas, doutor... — a mãe de Millie começa a chorar novamente e recebe o apoio do marido, que a abraça delicadamente.

— Sinto muito, senhora. Preciso que entenda que esta não é a hora, mas que sua filha está bem — garante, apertando de leve o ombro da mulher. — Peço que me deem licença, pois preciso falar com outras famílias.

Enquanto o médico se distancia rumo ao outro lado da sala, eu volto para minha cadeira, exasperado por não poder ver Millicent. Passarei a noite esperando caso seja preciso.

— A culpa de tudo isso é sua! — Ouço de repente a voz do pai dela e ergo o rosto para encontrá-lo em minha frente, com o dedo apontado para mim e aquela já conhecida expressão de ódio estampada no rosto.

Eu apenas o olho, já cansado de tudo isso. É claro que desejo arrastá-lo para fora do hospital e socá-lo até que feche essa maldita boca, mas não posso por dois motivos; ele é o pai da mulher que eu amo, com quem desejo passar a vida. Se eu perder o controle e ceder ao imenso desejo que tenho de ferrá-lo, tenho certeza de que depois me arrependerei. Fixando-me nisso, consigo encontrar paciência suficiente para simplesmente olhá-lo, vendo o quanto seus olhos estão vermelhos e bordeados por manchas roxas, revelando todo o cansaço devido a essa rotina mórbida, então sinto pena dele. Sim, pena do pai de Millicent, porque em um segundo, no qual tive a sensação de viajar para outra dimensão, eu me vi no lugar deste homem, com uma filha sofrendo tudo que Millie passou. A sensação de apenas me imaginar ali é tão nauseante, que preciso levantar e me afastar, dando conta de que na realidade não o odeio. Claro que não. Ele, apesar de tudo, cuidou da minha garota. Ele é seu pai e isso já diz tudo.

— Sei que tem raiva de mim, mas quero que entenda que esse não é o ambiente para resolvermos nossas diferenças — falo de costas para ele.

— Você me prometeu que cuidaria dela, que minha filha ficaria segura ao seu lado. Eu sabia que Millie deveria ter ficado conosco em nossa casa, mas confiei em você. Você me deu sua palavra, mas nem isso foi capaz de cumprir — diz secamente. Fecho meus olhos, sentindo a verdade no que ele acaba de dizer.

— Estou aqui por ela. Não vou deixá-la — afirmo, virando-me para ele e deixando claro que falei sério.

Ele passa a mão pelos ralos cabelos e suspira contrariado. Eu sei que isso não vai terminar aqui.

— Minha filha não precisa de você aqui. Vá embora, deixe-a. — É provável que eu esteja

alucinando ou algo assim, porque não quero acreditar que ele disse isso. Só que sim, ele falou.

Tomo fôlego, querendo acabar com esta cena. A mãe de Millie está se aproximando, vindo da área dos banheiros, e eu não desejo que ela veja o que está acontecendo.

— Não farei isso. — É a única resposta que dou antes de passar por ele e sair da sala.

— Precisa de um café? — A mãe de Millie pergunta quando me encontra. Sorrio para ela, tentando parecer tranquilo.

— Não, obrigado. Estou bem.

— Vou falar com Gregor, então — diz Marta, ao apontar para frente e sorrir para mim.

Espero que ela chegue até o marido para ter certeza de que ninguém verá o que estou prestes a fazer. Caminho lentamente em direção ao corredor que leva aos quartos onde ficam os pacientes.

Eu sei, é errado o que estou fazendo e, se me pegarem, não será nada bom, mas o desejo de ver Millicent é maior que minha consciência neste momento. Por isso não hesito nenhum segundo enquanto me esgueiro pelo corredor até o quarto 084. Para minha sorte, não encontro nenhum médico ou enfermeiro até chegar ao quarto, em uma área isolada das outras, onde há uma placa bem significativa que diz que somente pessoas com autorização podem estar ali.

Ao lado da porta do quarto de Millie, há uma janela de vidro, pela qual os médicos e visitantes podem ver o paciente. Espio por ali antes de entrar e meu coração dispara ao vê-la.

Millicent ainda está deitada na cama, mas parece diferente, melhor. Ela permanece ligada a vários aparelhos, mas não tem mais todos aqueles tubos em sua boca. É como se estivesse dormindo serenamente, e eu preciso engolir o nó que se forma em minha garganta. Coloco a mão contra o vidro e imagino poder tocá-la. Ela parece tão frágil ali, atrás daquele vidro, sem que eu possa alcançá-la.

Penso em como ela reagirá quando me vir. Deixará que eu a abrace? Permitirá que eu segure sua mão enquanto lhe digo o quanto estou feliz por tê-la de volta? Eu não sei e estou morrendo de medo agora. Temo também que ela me culpe ou não queira mais estar ao meu lado.

Não, isso não vai acontecer.

Millicent se move devagar, virando o rosto para o outro lado. Está acordando.

— Senhor, o que está fazendo aqui? — Uma enfermeira aparece ao meu lado, surpreendendo-me. — Não pode ficar nesta área, preciso que se retire agora mesmo.

— Desculpe, estou indo. — Olho mais uma vez minha garota, então saio rapidamente. Caminho a passos largos para fora do corredor, depois para fora do hospital.

Preciso de um cigarro. Apenas um.

Vou até o estacionamento do hospital onde está minha moto e me apoio nela enquanto deixo que a fumaça do cigarro me envolva e me tranquilize. Eu precisava disso.

Meu celular toca e quando vejo que é Ethan, não me demoro a atender.

— Savi? Está tudo bem? — ele pergunta assim que a chamada inicia.

Sorrio ironicamente, pensando como meu irmão nunca muda.

— Millicent acordou — digo a ele.

Ethan fica em silêncio por um momento e eu me vejo surpreso por conseguir calá-lo.

— Isso é muito bom! Conseguiu vê-la? Como ela está? — dispara, falando pelos cotovelos.

Levo o cigarro aos lábios e aproveito mais uma tragada antes de pensar em responder.

— Você está fumando de novo, cara? Achei que tivesse largado essa merda. — Ouço Ethan dizer em tom de reprimenda.

Reviro os olhos, sentindo-me como se fosse o irmão mais novo na história.

— Está tudo bem com Millicent — confirmo antes de continuar. — Sabe, Ethan, um dos motivos de você continuar virgem é seu jeito — acuso sorrrateiramente.

— Meu jeito? — ele pergunta confuso.

Sorrio para mim mesmo.

— Você parece ter oitenta anos, cara. Por falar nisso, você já viu uma mulher nua alguma vez na vida? — Eu estou provocando-o, e sei como ele irá reagir.

— Savi...

— As mulheres que viu nas revistas não contam — aviso, não conseguindo segurar o riso. É claro que eu estou brincando, ajudei Ethan com sua primeira garota.

Ethan ri também. Eu me sinto bem por isso.

— Você está realmente bem, irmão? — pergunta em tom sério.

Suspiro, jogando o que sobrou do cigarro no chão.

— Sim, estou. Millie ficará bem, Ethan. Quando ela sair desse hospital, vou levá-la para casa, e a mantereí ao meu lado.

— Sim, você vai, e eu estarei lá para ajudar no que você precisar. — Percebo que ele está sendo sincero, isso me deixa mais feliz ainda. — Savi, tenho notícias sobre o bar.

— O que houve?

— A polícia descobriu que não foi o ex-marido da Teresa que incendiou o bar. O cara tem um álibi. Na hora do incêndio, ele estava fora da cidade, depois de se desentender com a Teresa. Ela mesma confirmou que eles estiveram juntos. Ele a procurou no bar, depois foi até a casa dela, onde tentou uma reconciliação, mas ela não aceitou — conta, nervoso.

— Há outro suspeito?

— Não, mas, seja quem for, nós o encontraremos, Savi.

— Tenho certeza disso, irmão — confirmo ansioso.

— Tentarei ir ao hospital amanhã. Eva está me ajudando com os documentos para o início da

reforma do bar.

— Eva está sendo incrível — falo, esperando pelo que ele dirá.

— Sim, Savi, ela está.

Assim que minha ligação com Ethan termina, decido ir até a lanchonete do hospital e tomar uma boa dose de cafeína. Não quero voltar para meu apartamento agora.

Enquanto espero a mulher entregar meu café, um homem alto e de cabelos ruivos passa por mim, distraído, e acaba esbarrando no meu ombro.

— Desculpe — ele diz de cabeça baixa, sem me olhar, caminhando para a saída.

— Aqui está seu café. — Vou para a fila do caixa para pagar, pensando que deveria ligar para minha mãe.

Enquanto descanso na mesa mais afastada da lanchonete e tomo meu café, ligo para minha mãe e lhe conto que Millicent acordou, que eu a vi de longe. Como sempre, ela é doce e gentil, dizendo que ficará tudo bem, garantindo que no dia seguinte estará no hospital para vê-la. Antes de encerrar a ligação, meu pai pega o celular somente para perguntar como eu estou. Isso me deixa assustado e feliz ao mesmo tempo.

Deixo a lanchonete e vou para fora do hospital novamente. Odeio admitir, mas preciso de outro cigarro. Sento-me em um canteiro de flores à direita da entrada e fico algum tempo olhando para o movimento de pessoas que passam na rua. Acho estranho quando, de repente, o mesmo homem da lanchonete passa em minha frente, dessa vez olhando-me nos olhos. Sinto algo estranho e fico em alerta.

Quem é ele? Tenho a impressão de que o conheço... Mas não.

Continuo sentado no mesmo lugar, remoendo a estranha sensação que me dominava. Há algo errado.

Capítulo Trinta e Quatro

Marta, a mãe de Millicent, acaba me mandando para casa, quando percebe o quanto eu estou cansado. Tento argumentar, dizendo que estou bem e ficarei até que possa ver Millie, mas na verdade estou realmente exausto, e uma das poucas coisas em que consigo pensar é em minha cama.

— Você precisa dormir e descansar, Savi. Só assim estará bem o suficiente para dar a atenção que Millie precisa.

No final, acabo concordando com ela. Abusar de mim mesmo, até que eu fique doente, não ajudará em nada.

Eu passei o dia vagando pelo hospital, que agora conheço como a palma da minha mão, de tanto perambular feito um louco, tentando arejar a cabeça até que o tempo passasse. Praticamente, marquei uma mesa na lanchonete, perto da janela, onde eu passei pelo menos duas horas do meu dia consumindo café suficiente para que aguentasse firme. A sala de espera era quase minha segunda casa.

Estou aqui todos os dias e, mesmo sabendo que não sou de muita ajuda, não há nada que me tire deste lugar, a não ser a mãe de Millicent, é claro.

É noite quando chego ao meu apartamento. Não me surpreendo ao ver alguns potes de comida sobre a bancada ao entrar, é óbvio que minha mãe passou aqui à tarde e deixou alguma coisa pronta e fácil para que eu possa comer. Ela sabe da minha limitada desenvoltura na cozinha e que vivo à base de comida pronta, o que garante que faz muito mal à minha saúde.

Vasculho os potes e encontro, além de frango e macarrão, um pouco de batatas e legumes; típico dela esperar que eu coma esse tipo de comida mesmo morando sozinho. Sorrio diante de sua atenção e carinho. É engraçado, porque antes não percebia o quanto minha mãe era prestativa comigo. Eu realmente devo estar mudando ou, quem sabe, apenas abrindo os olhos para algo que sempre esteve diante de mim.

Preciso tomar um banho demorado para me sentir melhor. Deixo que a água quente relaxe meu corpo endurecido enquanto lavo meu cabelo. Eu deveria cortá-lo, nunca esteve tão comprido e não sei se gosto dessa maneira. Minha barba também. Sim, eu posso mudar.

Com uma toalha enrolada em minha cintura e o cabelo úmido nos meus ombros, saio do banheiro direto para a cozinha. Estou morto de fome e tenho certeza de que seria capaz de comer um animal com o dobro do meu peso. É algo comum para mim comer sozinho, mas esta noite simplesmente não quero estar só. É claro que desejo minha garota aqui comigo... Eu a alimentaria e depois a levaria para minha cama, onde finalmente a envolveria em meus braços e a faria se perder. Porém isso ainda

não é possível. Falta pouco para Millicent estar de volta. Eu já consigo imaginar como será tê-la morando comigo, ela sorrindo enquanto se movimenta pelo apartamento, sempre tímida e curiosa a respeito de tudo. Sei que rejeitará no começo, mas serei vitorioso ao seduzi-la e lhe mostrar as vantagens de estar comigo.

Não quero Millicent junto de mim somente por sexo. Claro, por parte é, sim, já que ela me enlouquece terrivelmente apenas com seus gestos inocentes e gemidos contidos. Só que há também este sentimento horrível me consumindo dia após dia, o pensamento que martela em minha cabeça dizendo que ela só estará segura comigo, ao meu lado. É provável que parte do meu medo seja apenas algo da minha mente, que, na verdade, não seja necessário tudo isso. Sempre me orgulhei de ser um homem racional, que nunca, absolutamente nunca, deixou se levar por sentimentos, já que os considerava como uma lenda. O problema é que (sim, admito isso) eu não sou mais o mesmo homem de meses atrás e não sei até que ponto isso é bom; nem se realmente é algo bom.

Misturo um pouco de cada coisa em um prato e esquento no micro-ondas enquanto reflito se devo ou não ligar para Ethan. Preciso conversar com alguém.

Mais cedo, Evan deixou uma mensagem dizendo que estava saindo da cidade. Eva me ouviria, mas eu não estaria confortável com ela em meu apartamento enquanto minha garota estivesse longe de mim, apesar de que minha amiga diz apoiar meu envolvimento com Millicent. Mesmo tendo um passado amistoso com Eva, e de depois de tudo ainda sermos bons amigos, não é ela quem preciso que esteja aqui.

No final, acabo ligando para Ethan, que fica surpreso ao ver que sou eu. Pergunto se ele está livre e se pode vir até meu apartamento. Ele demora a responder, provavelmente pensando na enorme quantidade de trabalho que tem no bar — mesmo à noite, mesmo com tudo destruído —, mas, com uma risada e um palavrão, acaba concordando, dizendo que logo chega com cervejas.

Enquanto não chega, corro para vestir uma roupa decente — calça e camiseta — e depois separo um pouco da comida para ele, porque sei que também sente falta da comida da nossa mãe. Ethan, apesar de frequentar nossa antiga casa quase toda a semana, nunca conseguiu desligar-se completamente do laço familiar.

Ele chega menos de meia-hora depois e, quando abro a porta, cumprimenta-me com um soco no ombro e um abraço. Meio sem jeito, retribuo rindo.

— Cerveja. — Ele ergue a sacola com as latas.

Pego-as da sua mão e sorrio.

— Mamãe trouxe comida — falo ao colocar as bebidas na geladeira e aponto para a bancada onde há dois pratos.

— Frango e legumes? — pergunta franzindo a testa, fazendo graça, já que essa é a comida que

nossa mãe faz melhor.

— Eu estava me perguntando se atrapalhei você. Não me diga que iria sair com alguma mulher e eu estraguei seu encontro?! — Faço uma expressão de preocupado e depois caio na risada.

Ethan revira os olhos enquanto coloca seu prato para esquentar no micro-ondas.

— Suas piadas nunca melhoram, Savi.

Ergo uma sobrancelha, curioso com o jeito dele.

— Não foi uma piada, e você sabe — provoco.

Ethan tira o prato do micro-ondas e coloca de volta na bancada, pegando o garfo, pronto para comer.

— Eu não sou virgem, Savi — fala de cabeça baixa. Abro a boca para dizer algo, mas ele me impede ao olhar para mim. — Muito menos gay.

— Obrigado por esclarecer essa dúvida — falo, segurando o riso.

— Agora cale a boca e venha comer! Você sabe muito bem que não sou virgem, já que foi você quem arranjou uma mulher para cuidar disso anos atrás. — Ethan se fez de sério, mas eu sei que ele também estava se divertindo.

Sento ao lado dele e começo a comer também. Acabamos ficando em silêncio, porque não consigo dizer nada, tão feliz estou por, depois de tanto tempo, comer esta comida.

— *Me* dá um pouco das suas batatas? — Ethan pergunta me cutucando com o cotovelo, apontando seu garfo para meu prato.

— Você sempre fez isso — eu o repreendo ao dar para ele uma das batatas.

— Não lembro. — Dá de ombros, ainda comendo.

— É porque você ainda era um bebê, mas já roubava minhas batatas. Nossa mãe sempre colocava você sentado perto de mim e você, depois que jogava tudo no chão e na mesa, chorava pedindo para sentar no meu colo e comer minha comida. — Mordo um pedaço de frango e o encaro, entrecerrando os olhos. — Eu era uma criança, precisava de alimentos, mas você era um bebê mau e roubava minhas batatas, Ethan.

Meu irmão deixa de comer e me encara, seus olhos arregalados para mim. Eu já estava pensando que havia exagerado, e que ele tinha se ofendido, mas então de repente ele joga a cabeça para trás e solta uma risada alta.

Fico olhando para ele feito um bobo, porque não me lembrava de tê-lo visto tão descontraído e feliz perto de mim.

— Desculpe por roubar suas batatas, Savi. — Ergue as mãos, como se estivesse se desculpando.

Eu apenas sorrio e não digo nada. Não diria a ele, mas Ethan, ao nascer, deixou-me muito feliz. Eu era criança e fiquei maravilhado quando minha mãe voltou do hospital com aquele bebê de cara

inchada e feio. O problema foi que, com o passar do tempo, fui me tornando difícil, e o que antes era admiração se tornou ciúmes.

Nós terminamos de comer e depois nos sentamos no sofá, olhando para a parede vazia — eu ainda me sinto mal por ter destruído a TV —, enquanto bebemos as cervejas. A conversa gira sobre o bar e o que está sendo feito para sua reconstrução. Ethan me fala sobre os gastos, tudo o que precisa ser reparado, sobre o que não tem salvação. Conta que Eva o está ajudando e que, apesar de não falar muito, entende do que está fazendo.

— Eva pode parecer difícil no começo, mas garanto que depois você percebe o quanto ela é...

— Irritante. — Ethan conclui por mim.

Olho com a cara feia para ele.

— Ela me apoiou com Millicent — conto.

— Pode ser, mas é fato que ela queria que vocês tivessem algo.

Bebo um gole da cerveja e inclino a cabeça contra o sofá.

— Eva e eu nunca tivemos nada, Ethan — admito.

Ele me olha desconfiado e depois disfarça.

— Não sei se te dou os parabéns ou digo algo pior — brinca ao pegar mais uma cerveja e abrir.

— Ainda descobrirei seu passado, irmão; e quando isso acontecer, tenho certeza de que haverá algo que o envergonha... Então estaremos quites. — Faço um brinde a ele e volto a beber.

Percebo que meu irmão fica desconcertado, olhando para mim sem saber o que dizer. Ele fica branco, e não consegue disfarçar o nervosismo.

— Eu estava brincando, Ethan. — Apresso-me para desfazer o clima ruim.

— Eu sei. É claro que sei. — Ele se ajeita no sofá e limpa a garganta, constrangido. — Vai me contar como foi com nosso pai?

Acabo cedendo e contando tudo a ele: o quanto tinha ficado assustado ao encontrá-lo aqui, a breve discussão que tivemos e, por fim, é claro, a forma como desisti de ser o cara mau e me rendi ao que tanto minha consciência pedia.

— Vocês fizeram bem em se entenderem. Isso tem destruído nossa mãe durante anos, Savi.

— Eu sei disso, Ethan. É difícil explicar, mas só agora percebi que isso já deveria ter acabado há muito tempo — bufo, jogando a lata vazia no chão.

— Eu só posso dizer o que todo mundo já sabe, irmão: você mudou. Voltou a ser quem era — Ethan fala sem me olhar.

— Sim, eu mudei — concordo. — Estou me sentindo um pouco estranho sobre isso. Não é como se eu tivesse simplesmente acordado diferente.

Ele agora me olha sem entender.

— Não seja idiota, Savi. Isso não é sobre ser sentimental, apesar de que você deveria ser homem o suficiente para confessar o que sente. Estou tentando dizer que você evoluiu, cresceu. Antes agia como um adolescente rebelde, tentando chamar a atenção, pronto para desafiar quem quer que fosse. Agora tem responsabilidades, sabe o que é certo, e ainda há a Millie... — Ethan para de repente e se levanta em um pulo. — Merda! Quer saber? Eu acho que a responsável por isso é Millicent. Você se apaixonou tanto por aquela garota, Savi, que mal percebeu o quanto ela fez bem a você.

Fico em choque, olhando para Ethan de pé em minha frente. Eu deveria dizer algo, mas minhas opções são bem pequenas neste instante.

— Inferno! Preciso mijar — xinga, indo a passos largos para o corredor.

Permaneço sozinho, ainda parecendo um bobo, pensando em como ele chegou àquela conclusão. É claro que ele está certo, mas como soube?

— Você está certo. Eu amo Millicent — confesso quando ele volta minutos depois, abotoando a calça.

— É claro que ama. — Senta novamente no sofá e solta um suspiro. — Já disse isso a ela?

— Não tive tempo. — Na realidade, antes de tudo acontecer, eu não sabia que a amava.

Ethan bate no meu braço e me encara.

— Você irá dizer a ela amanhã.

Junto as sobrancelhas e fixo o olhar nele.

— Eu sou o irmão mais velho, Ethan. Não preciso de seus conselhos.

Ele move os ombros, incômodo.

— Achei que precisasse. Nunca tive nenhum.

Engulo em seco, compreendendo o que ele está dizendo.

— Desculpe, cara. Estou um pouco bêbado e dizendo coisas sem sentido — falo rapidamente, sem jeito.

— Não, Ethan. Você está certo. Eu nunca aconselhei você. Mas como eu poderia, sendo que mal sabia o que fazer da minha própria vida? — Começo a me sentir um pedaço de merda nesta hora.

Ethan fica em silêncio por um momento, mas logo depois reage:

— Eu queria que você estivesse ao meu lado quando alguns dos garotos do colégio me batiam — assume com a voz falha. — Eu tentava afastá-los dizendo que meu irmão mais velho era forte e mau, e que acabaria com eles sozinho. Eu até os provoquei, dizendo que você arrebentaria com a cara de cada um em uma tarde na frente da escola. — Ethan abaixa a cabeça e depois ri, engasgado. — Quando eu fui dizer a você o que estava acontecendo, você me disse que eu deveria ser homem e me defender sozinho. Eu estava morto de medo, mas sabia que precisava aparecer para enfrentar os

garotos e, bem... fiquei alguns dias dolorido depois daquela tarde.

Se pudesse, eu me jogava pela janela, tamanha a minha vergonha e decepção bem aqui neste momento.

— Quantos anos você tinha? — consigo perguntar.

— Oito.

Fecho os olhos e volto a sentir um nó em minha garganta. Ethan era uma criança, apanhava na escola e, mesmo sabendo, eu não havia feito nada. O pior de tudo é que não me lembro de nada disso.

— Sinto muito — murmuro sem olhá-lo.

Ethan ri baixo.

— Não sinta. Eu estou bêbado e já não consigo nem me lembrar do que falei há alguns minutos. Será que posso passar a noite aqui? Quero ir com você ao hospital amanhã — pede sorrindo, sonolento.

— É claro.

— Levanto e vou para o quarto pegar um cobertor e um travesseiro. Quando volto, Ethan já está esticado no sofá, sem os sapatos e o casaco. Está quase cochilando. Lembro-me de quando ele era bebê e seu berço ficava no meu quarto; às vezes, à noite, eu levantava para cobri-lo.

— Ethan, eu queria pedir desculpas por...

— Você foi o melhor irmão que eu poderia ter, Savi — fala me cortando, virando de costas enquanto eu o cubro.

— Obrigado — sussurro ao desligar a luz e sair para meu quarto.

Pela manhã bem cedo, Ethan e eu saímos em direção ao hospital no carro dele. Eu estou dirigindo, porque ele está com muita dor de cabeça por ter bebido na noite passada. Sim, meu irmão tem ressaca só por beber algumas poucas cervejas.

Estou animado e feliz porque tenho certeza de que enfim verei Millicent. Ethan deve ter percebido meu estado, já que, apesar da dor, tenta se manter alegre.

Nós entramos no hospital, ou melhor, eu entro no hospital sorrindo, e até cumprimento a recepcionista quando ela nos entrega os crachás de visitantes.

Na sala de espera, diferente dos outros dias, há muitas pessoas espalhadas pelas cadeiras e poltronas vermelhas. Observo a todos e demoro até localizar os pais de Millicent. O primeiro que vejo é Gregor, que, quando percebe minha presença, fecha a cara. Marta, diferente do marido, abre um amplo sorriso ao me ver e vem até onde estou.

— Você parece bem — ela comenta ao me abraçar. — Olá, Ethan. Você e seu irmão estão tão

parecidos!

É a primeira vez que alguém diz isso, e fico me perguntando como ela encontrou qualquer semelhança entre nós. Nem nossa mãe conseguiu.

— Como vai, Marta? — Meu irmão a abraça. Quando vê o pai de Millie, pede licença e vai até ele.

— Savi, eu quero pedir desculpas a você por causa do meu marido. — Ela sorri sem jeito. — Gregor é um homem difícil e às vezes perde o controle. Ele ama tanto a filha e está tão desesperado...

— Eu entendo. — Sim, entendo perfeitamente. Como já mencionei, no lugar dele eu agiria da mesma forma.

Marta segura meu rosto e sorri mais ainda, parecendo empolgada.

— Agora vamos falar sobre nossa Millie.

— Eu quero vê-la — falo rapidamente, com medo de que tentem me impedir novamente. Se acontecer, dessa vez eu serei preso.

— Você irá, mas antes há algumas coisas que precisa saber, Savi. — Ela pega minha mão e me conduz até algumas cadeiras vazias. Nós nos sentamos lado a lado. — O doutor nos deu a notícia ontem à noite depois que você saiu, e eu não liguei para você porque fiquei com medo de que voltasse correndo para cá.

— O que houve com ela? — quase grito e Marta bate de leve na minha mão.

— Acalme-se, homem. É algo bom. — Novamente sorri, e desta vez foi diferente. — Millie está voltando a falar, Savi.

— Como é? — Talvez eu não tenha escutado bem ou esteja ficando louco.

— É verdade. O doutor explicou que o trauma sofrido na cabeça a fez acionar a parte do cérebro que havia sido afetada quando criança, e que isso é relativamente comum de acontecer.

— Millicent está falando? — pergunto ansioso.

— Está balbuciando algumas palavras. Passaram-se muitos anos e, mesmo movendo os lábios, ela acabou se esquecendo de como articular as palavras em sua voz. O médico nos informou que levará certo tempo até que ela volte a falar perfeitamente — explica.

Eu quero gritar de alegria. Minha garota está voltando a falar. Minha Millicent. Eu poderei ouvi-la.

Aperto as mãos de Marta nas minhas e me levanto.

— Eu vou vê-la — aviso já me dirigindo para o corredor. É o horário de visita e nem mesmo os médicos me impedirão desta vez.

— Irei com você. — Marta vem atrás de mim e não a impeço.

A cada passo que dou em direção ao quarto, meu coração parece que arrebentará em meu peito.

Minha garota. Poderei ouvir sua voz.

Estou à beira de um ataque de nervos e por um ótimo motivo, então não me preocupo se acontecer. Neste instante, estou finalmente rendido, agradecendo aos céus por ter concedido tal graça. Sim, estou fazendo uma oração depois de muitos anos.

— Deixe que eu entre primeiro para falar com ela. — Marta pede, passando por mim.

Eu concordo. Fico do lado de fora do quarto esperando, olhando pelo vidro enquanto ela está ao lado de Millicent e, segurando sua mão, diz algo. Millie olha para a mãe e balança de leve a cabeça, concordando. Está usando aquela faixa na cabeça; gostaria saber se já sabe o que aconteceu com seus cabelos e qual foi sua reação. Quero lhe dizer que não me importo, porque ela ainda está linda, mesmo deitada naquela cama, com machas roxas e sem seu belo cabelo.

— Pode entrar. — Marta abre a porta devagar e permite que eu passe.

Caminho lentamente, entrando sem pressa, agora me sentindo mais leve.

Millicent me olha dos pés a cabeça e depois foca no meu rosto, franzindo a testa, parecendo perdida. Aproximo-me mais, até ficar ao lado da sua cama. Preciso apertar minhas mãos contra a calça para evitar abraçá-la.

— Meu amor... — murmuro emocionado. Aí está minha Millicent, viva. Ela voltou para mim. Deus me devolveu a mulher que eu amo. — Senti sua falta.

Encosto minha mão na dela, sentindo agora seu calor morno, mas então ela se afasta, olhando-me assustada. Viro-me para Marta atrás de mim, e ela também parece confusa.

— Sou eu, meu amor. — Tento tocá-la novamente, mas ela volta a se afastar, dessa vez mais apavorada ainda. Millicent olha para a mãe em pânico, e Marta corre para o lado dela. — Você não se lembra de mim? — pergunto em um fio de voz.

Millie se agarra com esforço ao braço da mãe e olha para mim sem entender nada. O que está acontecendo com ela? Por que está fugindo de mim?

Minha garota abre a boca e começa a soltar grunhidos, sons estranhos. Noto que ela está tentando formar palavras, dizer algo. Eu ouvirei a voz dela, depois de tanto tempo imaginando como seria.

Respiro fundo, esperando pelo que ela dirá. Esta mulher a qual já considerei tão diferente de mim tornou-se parte da minha vida, tornou-se minha vida, e eu não permitirei que ela me deixe jamais. Millicent é minha, nada seria real sem ela.

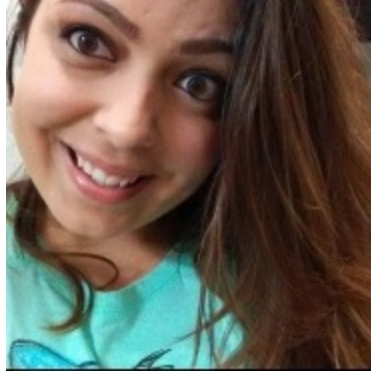
Por fim, ela consegue pronunciar as palavras e, mesmo que saiam distorcidas e um pouco erradas, consigo compreender perfeitamente. É neste momento que meu mundo desaba.

— Quem é ele?

Continua...

AS AUTORAS

ANA SÓH



Ana Paula Santos Weigert, mais conhecida como Ana Sólh, é do interior do Paraná, mas vive em Curitiba com seu marido.

Escreve poesias e letras de músicas desde os treze anos, e há alguns anos descobriu a sua paixão por romances e literatura erótica.

Ama escrever, ler, cantar e assistir séries. Também é uma apaixonada pela natureza e por animais.

Acredita nas coisas simples da vida e no amor. Ana Sólh é uma eterna sonhadora!

OBRAS DE ANA SÓH

LUZ NA ESCURIDÃO



Carolyne é uma mulher ferida, que passou por muitas quedas depois de pegar seu namorado, Robert, na cama com sua melhor amiga Débora. Até então, Carol era uma menina sensível, doce e inocente, que acreditava no amor, e principalmente no amor de Robert. A desilusão de Carolyne é grande pela traição de seu até então namorado, mas a maior de todas ficou por conta da mulher que ela considerava como melhor amiga, aquela a quem contava todos os seus segredos. Ela não foi capaz de amar novamente, até que um dia encontrou um moreno sedutor e envolvente.

Carolyne mal sabia que seu coração seria dominado para sempre.

JOGOS ARDENTES

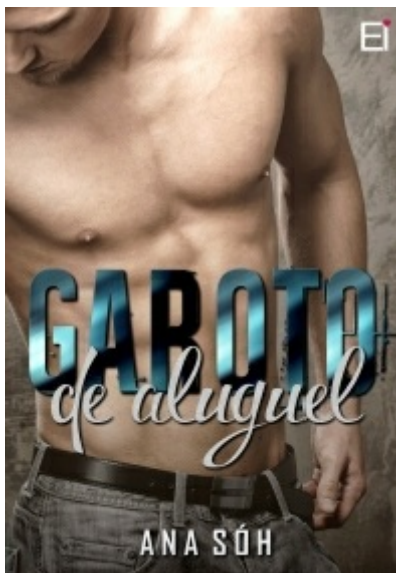


Isadora é uma menina do interior forte e determinada, pronta para qualquer desafio e valente para enfrentar os problemas, sozinha. Mas todo mundo tem seu ponto fraco e com ela não é diferente. Ela não tem medo de dizer o que pensa e sente. Isa é uma menina/mulher como poucas, e que sabe o que quer. Isso fica mais evidente quando decide ir embora de sua pacata cidade, para viver na capital, junto com sua prima e melhor amiga, Bruna.

Ricardo é responsável e controlador, gosta de tudo sob seu controle e alguns dizem que ele não tem coração. Para ele, o mundo é um jogo onde só existem dois tipos de competidores: o que ganha e o que perde. Ele com certeza é um vencedor que cuida de um império, a empresa de sua família. Mas ele carrega dentro de si um sonho, que parece estar muito distante da sua realidade.

O que eles têm em comum? Nada. Mas realmente os opostos se atraem e eles descobrirão que o mundo realmente é um jogo. Um jogo perigoso e ardente. Muito ardente. E a química entre os dois será fatal, porém difícil demais.

GAROTO DE ALUGUEL



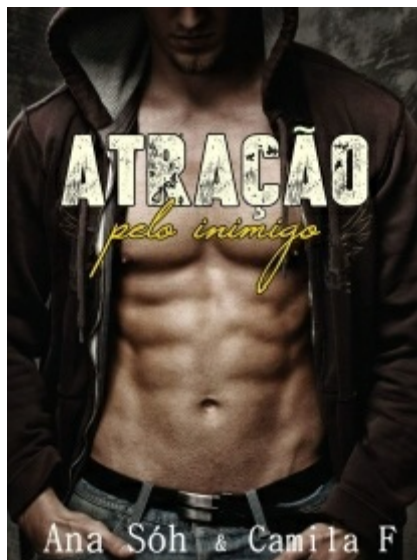
Ana Beatrice tem o vizinho dos sonhos: Lindo, querido, atencioso e sexy. Ela pagaria até o último centavo do bolso, para tê-lo em sua cama, isso porque Greg cobra para dar prazer às mulheres. Mas Ana não se importa, ela até fez algumas economias para conseguir uma noite com o garoto de aluguel.

Porém ele a rejeitou e a colocou na “desconfortável zona de conforto”: A friendzone.

Greg gosta da vida que leva. Sexo sem compromisso acompanhado de dinheiro e presentes caros. O que poderia ser melhor que isso? A amizade com Ana, talvez?

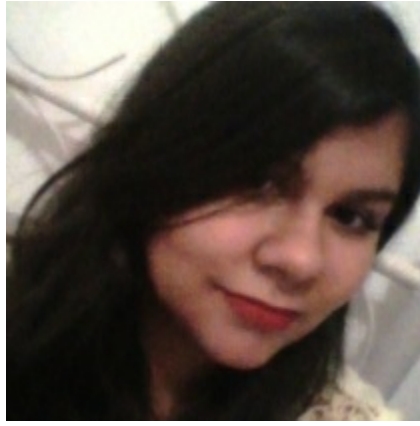
Mas e os sentimentos que ela desperta nele, mesmo quando acredita que ele não a deseja como mulher, nem que ela fizesse questão de ser uma cliente? Ana não faz ideia, mas Greg jamais cobraria para tê-la em seus braços, porém, não estava pronto para assumir o que seu coração insistia que era o certo a fazer.

ATRAÇÃO PELO INIMIGO



Um sequestro, um erro e duas vidas que colidem de forma inesperada. Para Natasha, ir contra os seus princípios era a única resposta para as suas perguntas. Para Marcelo, princípios nunca existiram, confiança era algo que ele não tinha nas pessoas. Mas agora, ele tem que aprender a confiar e Natasha terá que colocar sua vida nas mãos daquele que foi designado para matá-la.

ELISSANDE TENEBRARH



Elissande Tenebrarh é uma jovem autora do interior do Paraná. Descobriu na leitura uma maneira de viajar para todos os cantos do mundo apenas abrindo as páginas de um livro. De seus pequenos poemas nos tempos de escola, para os dias atuais com seus livros de romance, como uma criança sonhadora, Elissande deseja encantar as pessoas com seu trabalho em cada parte do mundo.

O ANJO E A FERA



"Ela o amou mesmo conhecendo seu pior lado."

França, 1820.

Stephen tem marcas na pele e na alma. O belo lorde que lutou bravamente durante a guerra, agora é motivo de pavor entre a sociedade francesa. É por esse motivo que viveu durante anos enclausurado em sua própria casa, longe de qualquer pessoa que pudesse encontrá-lo, vivendo sob a sombra de seus próprios demônios. Isso, porém, muda quando encontra uma jovem jogada em frente sua porta, machucada e corrompida.

Seu único instinto foi salvá-la.

E ele o fez.

Ao acordar em uma cama de lençóis macios e quentes, Rosaleen percebeu que não fora um sonho. Tudo realmente havia acontecido. Desorientada, a jovem sabia que não poderia ficar lamentando-se e, mesmo que estivesse protegida naquela imensa casa, não estava a salvo. Deveria partir.

Deveria, mas seu salvador, o homem que lhe acolheu, não concordava exatamente com esse pensamento. Misterioso e sedutor, o homem com o rosto coberto por uma máscara revela à Rosaleen quais são seus planos para ela, que assim quando os compreende, percebe que está com grandes problemas.

E, quando a consequência de uma noite terrível acontece, os dois se veem envolvidos em uma situação incomum, que testará os limites de cada, colocando-os em prova, assim como a chama de desejo e paixão que surge em ambos.

Com sua docilidade e bom humor, Rosaleen fará de tudo para provar a Stephen que está disposta a salvá-lo, se ele aceitar entregar seu coração a ela.

A TENTAÇÃO DO LOBO



A cidade de Harvest Moon apesar de pacífica sempre foi envolta em mistérios.

A última coisa que Samantha pensava ao viajar até a pequena cidade para ajudar sua avó foi encontrar Henry Wolff, um homem que a salvou.

Henry jamais imaginaria encontrar a linda mulher de cabelos negros naquela estrada no meio da noite. Logo que seus dedos a tocaram algo primitivo rugiu dentro dele a ponto de desejar ter aquela mulher para si. Mas algo escuro começa a assombrar a vida de Samantha, e Henry terá que lutar não apenas pelas pessoas que ama, mas também pela companheira que seu Lobo escolheu.

A Tentação do Lobo mostra os desejos mais primitivos de um homem e uma mulher e uma maldição que tanto pode uni-los quanto separá-los.

Uma releitura moderna do Conto de Fadas A Chapeuzinho Vermelho, repleto de mistério, humor, romance e altas doses de erotismo.

"Ser devorada pelo Lobo Mau nunca foi tão bom “

A REDENÇÃO DE UM LORDE LIBERTINO



Lorde Matthew Cheeven tinha tudo milimetricamente arquitetado.

Nada daria errado.

Iria raptar a noiva de seu pior inimigo bem no dia do casamento.

Ele tinha a situação sob controle.

Deixaria a jovem em uma casa abandonada sob seus cuidados até que sua vingança estivesse completa, e então a libertaria.

A estratégia era boa, porém, o que o nobre cavaleiro não esperava era que sua cativa não se opusesse tanto ao rapto, muito menos que fosse tão terrivelmente bela, doce e sedutora, e que lhe causaria efeitos tão impróprios.

Entre a vingança e o desejo, o que o bom lorde deve escolher?

O PECADO DE EMERLLY



Eu sabia. Eu sentia que era errado, mas sem ele nada parecia certo.

Eu não podia fazer isso com ela, mas não foi minha escolha me apaixonar.

Emerlly viveu grande parte da vida enclausurada em um convento, longe de qualquer experiência que uma garota normal poderia ter. Porém, anos depois, logo após a morte do pai, ela é forçada a ficar um ano junto ao tutor citado no testamento.

Lorenzo é um libertino, sempre viveu sem impedimentos ou preocupações, e agora seria obrigado a cuidar da filha de um velho amigo.

Ao se encontrarem pela primeira vez, percebem que não são o que imaginavam um do outro, e terão que lutar por um intenso sentimento, que tanto pode separá-los, quanto uni-los, e eles devem ser rápidos, antes que o pecado os consuma.